

**ANTONIA VALTÉRIA MELO ALVARENGA
JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO
JOÃO BATISTA VALE JÚNIOR
(ORGs.)**

MOSTRA DE PESQUISA CIENTÍFICA

**Explorações e descobertas
Vol. 1**



2024

 **Editora
Uema**

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

**Antonia Valtéria Melo Alvarenga
Jakson dos Santos Ribeiro
João Batista Vale Júnior
(Orgs.)**

**MOSTRA DE PESQUISA
CIENTÍFICA: EXPLORAÇÕES E
DESCOBERTAS
Vol.1**



2024

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

© *copyright* 2024 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas -Vol.1

EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho
Ana Lucia Abreu Silva
Ana Lúcia Cunha Duarte
Cynthia Carvalho Martins
Eduardo Aurélio Barros Aguiar
Emanoel Cesar Pires de Assis
Emanoel Gomes de Moura
Fabiola Hesketh de Oliveira
Helciane de Fátima Abreu Araújo
Helidacy Maria Muniz Corrêa

Jackson Ronie Sá da Silva
José Roberto Pereira de Sousa
José Sampaio de Mattos Jr
Luiz Carlos Araújo dos Santos
Marcos Aurélio Saquet
Maria Medianeira de Souza
Maria Claudene Barros
Rosa Elizabeth Acevedo Marin
Wilma Peres Costa

Editoração: Antonia Valtéria Melo Alvarenga/Lucimeire
Rodrigues Barbosa

Revisão: Autores

ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo; RIBEIRO, Jakson dos Santos (Orgs.).
Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas -Vol.1. Antonia
Valtéria Melo Alvarenga; Jakson dos Santos Ribeiro e João Batista Vale Júnior.
São Luís, Eduema, 2024.

P. 282

ISBN: 978-85-8227-430-9

I. Antonia Valtéria Melo Alvarenga; II. Jakson dos Santos Ribeiro; III. João
Batista Vale Júnior.

1. Mostra. 2. Pesquisa. 3. Científica.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

SUMÁRIO

PARTE I

PROCESSO HISTÓRICOS E OUTRAS TEMÁTICAS

BELEZA E OUTRAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS: ENUNCIÇÕES DO FEMININO NAS PEÇAS PUBLICITÁRIAS DA EMPRESA NATURA.....11

Carolina Vasconcelos Pitanga
Maria Juliana Pereira Sous

AS MANIFESTAÇÕES DOS RECURSOS LINGÜÍSTICO-EXPRESSIVOS NA POESIA DE SILVANA MENESES: UMA PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA 28

Max Mateus Moura da Silva
Ruan Carlos Moura Costa
Marinalva Aguiar Teixeira Rocha

REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE LGBTQIAP+ EM UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES (2018), DE VITOR MARTINS46

Maria Jéssica Lopes Santos
Maria do Socorro Rios Magalhães

A QUESTÃO FEMININA NOS MANUAIS SEXUAIS DO SÉCULO XX75

Jessiane Almeida Pereira
Fernando Bagiotto Botton

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

"DAS COISAS NOVAS": AÇÃO SOCIAL NO CENTRO SOCIAL LEÃO XIII, BAIRRO VILA OPERÁRIA - THE/PI.....109

Celio Roberto de Sousa Rubim
Antonia Valtéria Melo Alvarenga

POLÍTICAS PÚBLICAS DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DO CÂNCER NO MARANHÃO (1930 -1950)134

Antônia Valtéria Melo Alvarenga
Vitor dos Santos Silva

ESTUDO SOBRE SAÚDE ANIMAL E BIOSSEGURIDADE ZOOTÉCNICA NO PIAUÍ167

Jyslaine Pereira da Silva
Francisco Marques Cardozo Júnior

PARTE II

PESQUISA E ENSINO: UMA PARCERIA NECESSÁRIA

ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA COM A INTERFACE DO LIVRO DIDÁTICO E OFICINAS DE JOGOS NA SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO 181

Flávia de Sousa Lima

“DIAMANTE NEGRO”: O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA. 205

Thiago Nunes Soares
Warley Alves Gomes
Francisco Barbosa de Oliveira

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE E DE ESTUDO DISCENTE NO RETORNO PRESENCIAL: O CASO DO CURSO DE PEDAGOGIA NO CAMPUS UEMA/TIMON233

Magda Núcia Albuquerque Dias
Josenildo Sousa da Silva

ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DO/A LICENCIANDO/A DE CIÊNCIAS SOCIAIS:DOS SABERES AOS FAZERES DOCENTES257

Giovanna Moraes de Jesus
Shirlane Maria Batista da Silva Miranda

Apresentação

A Coletânea “Mostra de Pesquisa Científica na Universidade Pública”, organizada pelos professores Antonia Valéria Melo Alvarenga (UESPI /UEMA), Jakson dos Santos Ribeiro (UEMA) e João Batista Vale Júnior (UESPI) tem como finalidade registrar e compartilhar os resultados dos desafios e interesses de pesquisadores/as e orientandos/as em História, Direito, Letras, Pedagogia, Sociologia e outras áreas, com a Iniciação Científica, os Trabalhos de Conclusão de Cursos –TCC de graduação e em outras modalidades de pesquisa realizadas nas universidades públicas, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre as pesquisas desenvolvidas pelos docentes e seus orientandos e o despertar da vocação científica em estudantes de graduação e pós-graduação.

A coletânea não apresenta uma temática específica, tendo dela participado pesquisadores e orientandos /as de diferentes áreas e instituições de ensino, pesquisa e extensão, que estudam variados objetos. Por essa razão, os leitores, pesquisadores e futuros pesquisadores poderão encontrar nos volumes I e II, textos diversificados, com uma riqueza de debates que deixam evidente a ampliação não apenas quantitativa desse segmento do tripé universitário, mas também qualitativa, como uma amostra da diversidade de saberes que vem sendo produzida na universidade pública.

No Volume I optou-se por organizar os textos em duas partes. A primeira tratou dos processos históricos e de temáticas fora dessa área de conhecimento, que agregam para a compreensão da realidade social. Nela encontram-se textos que discutem as questões de gênero, de identidade, Políticas Públicas de Saúde e um estudo sobre Saúde animal e biosseguridade zootécnica no Piauí. Na segunda parte, foram organizados os textos de pesquisadores que trabalham com ensino, seja investigando metodologias ou instrumentos pedagógicos, como fizeram

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

os pesquisadores de História, ou tratando das condições de trabalho docente durante a Pandemia da Covid-19, ou ainda refletindo a respeito do Estágio Supervisionado na docência.

No Volume II, a estratégia utilizada na organização dos textos foi a disponibilização de todas as discussões em uma única seção, por não haver entre os textos definidos para esse volume semelhanças que justificasse sua organização de maneira compartimentada em seções. Assim, no Volume II foram publicados textos que discutem gênero, o uso de plantas medicinais por religiões de matriz-africana, debates sobre a luta pela terra no Estado do Maranhão, a aplicação dos parâmetros de aposentadoria por tempo de contribuição e de aposentadoria por idade para pessoas não binárias, História e memória das doenças, hábitos e costumes de alimentação no Maranhão, uso de tecnologias de baixa emissão de carbono na pecuária e produção da aquicultura em cidades do estado piauiense.

Entende-se que publicações com essa natureza são importantes por diversas razões: estimulam autores a buscarem maior visibilidade para seus estudos; desafiam pesquisadores a conhecerem diferentes aspectos das realidades sociais, com seus sujeitos, lugares, valores e coisas, permitem diálogos entre pesquisadores em estágios de formação e áreas diferentes, amplia relações entre profissionais de diversas instituições, favorecendo a consolidação de uma cultura acadêmica forte e comprometida com o bom e com o bem. Convidamos os leitores a fazerem uso desse material.

Os Organizadores.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

No homem (como única criatura racional sobre a terra), as disposições naturais que visam o uso da sua razão devem desenvolver-se integralmente só na espécie, e não no indivíduo (Kant).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

PARTE I

PROCESSOS HISTÓRICOS

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

BELEZA E OUTRAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS: ENUNCIÇÕES DO FEMININO NAS PEÇAS PUBLICITÁRIAS DA EMPRESA NATURA

Carolina Vasconcelos Pitanga¹

Maria Juliana Pereira Sousa²

Introdução

Este estudo é parte dos resultados do projeto de pesquisa “Que beleza é essa? Produção de gênero e ethos pedagógico no discurso publicitário”, coordenado pela Profa. Dra. Carolina Vasconcelos Pitanga. O objetivo principal é compreender como a beleza é construída nas peças publicitárias enquanto um atributo supostamente feminino, resultando em um processo de naturalização da ordem heteronormativa.

O entendimento sobre as desigualdades nas relações de gênero vivenciadas a partir das distintas funções ocupadas por mulheres e homens na sociedade inicia-se nas Ciências Humanas, primeiramente, pelo afastamento epistemológico das explicações biológicas e em seguida pelo desenvolvimento de uma análise sobre o gênero enquanto

¹ Professora Adjunta II do Departamento de Letras e Pedagogia e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI da Universidade Estadual do Maranhão. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero, Mídia e Discurso. E-mail: carolinapitanga@professor.uema.br

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica nos ciclos 2020/2021/2022. E-mail: mariajulianaps567@gmail.com

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

categoria histórica e socialmente construída, considerando o processo de controle implementado pelas instituições sociais.

A partir do desenvolvimento dos estudos de gênero, feministas e queer, no campo acadêmico, o conceito de gênero foi adotado como forma de definir uma produção de conhecimento que observa e analisa as relações de poder e desigualdades que caracterizam mulheres e homens em posições sociais diferentes, nas sociedades ocidentais. Joan Scott, historiadora estadunidense, define que “[...] o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (Scott, 1990, p.16).

Para este estudo, alguns excertos encontrados nos livros de Michel Foucault (2007, 1980) sobre o discurso e suas estratégias de enunciação são tomados como referência, com vistas a identificar a aparição de corpos femininos no discurso publicitário e o seu contexto enunciativo, destacando seus modos de ser, agir e de aparentar. A análise de discursos de inspiração foucaultiana é tomada aqui na medida em que se avança na investigação acerca dos enunciados veiculados pelas campanhas publicitárias da empresa Natura sobre o feminino e suas formas de expressão.

Os questionamentos envolvidos na produção deste estudo partiram de ponderações sobre o modo como as produções audiovisuais que se desenrolam diante dos nossos olhos cotidianamente. Nota-se, em grande parte, que das mulheres, espera-se que sejam ligadas aos cuidados com a aparência, almeja-se que estejam conscientes em relação aos parâmetros de “beleza” socialmente desejáveis e que demonstrem certa fragilidade perante os homens. O conjunto de características socialmente valorizadas são atribuídas por um esquema binário que se evidencia quando se observa o descompasso/complementariedade entre as características femininas e masculinas produzidas discursivamente.

Metodologia

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e de cunho exploratório. O ponto de partida das atividades deste estudo foi a revisão bibliográfica sobre o tema gênero e mídia, seguido de uma revisão sobre os trabalhos acadêmicos publicados que tratam sobre o tema gênero e publicidade. Além destes procedimentos teóricos, foi feita uma investigação sobre as peças publicitárias por meio de um procedimento de pesquisa que foi iniciado por um primeiro momento de contato com a tela (do computador, da televisão e do celular) na busca pelas campanhas que serão posteriormente selecionadas e analisadas. Após o processo de afastamento das pré-noções, foi feita (a) observação do campo e (b) registro no caderno de campo das campanhas publicitárias que serão analisadas, (c) descrição das campanhas e (d) transcrição dos enunciados publicitários. Todas estas atividades foram feitas por meio da técnica de pesquisa chamada de etnografia de tela.

Foram selecionadas três peças da empresa Natura cujas etapas que envolvem observação, descrição e transcrição foram especialmente orientadas a selecionar e escolher as cenas de interação entre as personagens e a relação que estes possuem com seu corpo e com o cuidado de si.

O processo de análise das peças publicitárias se desenvolveu com a observação e análise de três peças da empresa Natura, da campanha Natura todo dia que mostram as mulheres de diferentes modos, cenários e contextos e, diante o tema selecionado, as peças se encaixam quanto ao tema proposto a análise.

Carmem Rial define a etnografia de tela como “uma metodologia que transporta para o estudo de texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo, a observação sistemática, registro em caderno de campo etc.” (Rial, 2004, p. 120-121). Nesse sentido, a realização da etnografia de tela pressupõe uma aproximação com as ferramentas da crítica

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

cinematográfica, tendo em vista que, como foi dito, a análise será atravessada por uma compreensão aprofundada sobre os tipos de movimentos de câmera, planos, montagem, enunciados etc.

A partir dessa técnica, foi feita a observação das peças disponibilizadas no site/aplicativo YouTube. Em seguida, foi feita a transcrição dos conteúdos discursivos e o registro das cenas. Com base nesses dados e nos referenciais teóricos estudados, foi possível analisar como o feminino é enunciado pelas peças publicitárias e a partir de quais estratégias discursivas.

Resultados e discussões

Neste estudo, as peças publicitárias são compreendidas como um tipo de artefato cultural (Sabat, 2003), que fabrica sentidos, práticas e concepções que não são fixos. Contudo, seu conteúdo oferece referência de modos de ser e agir, considerando que instrui o sujeito valorizando o que é adequado e aceito, bem como determinando o que deve ser evitado, por meio de silêncios e não-ditos, como nos diz Foucault (2007, p.9).

Michel Foucault, em *História da Sexualidade*, destaca que embora a sexualidade seja vista como um tabu, muitos dos discursos proferidos sobre sexualidade tiveram visibilidade por ser proferidos por sujeitos ligados às instituições sociais. A medicina e a psiquiatria enquanto campo de produção de verdades juntamente com os preceitos religiosos e morais, proferidos no contexto eclesiástico, desenvolveram-se em torno da necessidade de saber e controlar o corpo, por meio de proibições, forma efetiva de exercício do poder.

[...] segundo círculos cada vez mais estreitos, o projeto de uma ciência do sujeito começou a gravitar em torno da questão do sexo. A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

que sabe, o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso foi possível desenrolar-se no discurso do sexo. Contudo, não devido a alguma propriedade natural, inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder imanescentes a tal discurso (Foucault, 1980, p. 68-69).

Para Foucault, nesse sentido, o corpo se configura enquanto um campo de articulação de saber e poder, onde a sexualidade não é tida como uma força da natureza e sim como dispositivo histórico de controle e de produção de verdades. A partir deste entendimento sobre corpo e saber, uma série de estudos são produzidos por pensadoras feministas com o intuito de ampliar a análise sobre o controle dos corpos femininos por meio de interdições impostas pela família, instituições escolares e religiosas, Estado etc.

Em *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir destaca de forma reflexiva uma preocupação de que o corpo das mulheres seja visto como a essência do “ser feminino”. Assim, em 1949, Beauvoir acrescenta ao debate teórico que “[...] o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir” (1961, p. 57).

Em 1990, autoras como Naomi Wolf destacam como a necessidade de normatização do feminino, realizada por meio das instituições sociais, se desenvolveu por meio da definição de padrões estéticos de beleza e de comportamento que restringem a agência feminina. Aqui coube, sobretudo, pensar em como as mulheres são alvo do que poderia ser chamado como o “mito da beleza” por meio da valorização da juventude e da beleza como atributos a serem valorizados no que se refere ao processo social de produção da identidade feminina, garantindo assim a continuidade das relações de dominação. Wolf destaca como a partir de 1840 um novo código de beleza passou a ser veiculado como padrão a ser seguido e conquistado pelas mulheres:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Na década de 1840, foram tiradas as primeiras fotografias de prostitutas nuas. Anúncios com imagens de ‘belas’ mulheres apareceram pela primeira vez em meados do século. Reproduções de obras de arte clássicas, cartões-postais com belezas de sociedade e amantes dos reis, gravuras de Currier e Ives e bibelôs de porcelana invadiram a esfera isolada à qual estavam confinadas as mulheres da classe média (Wolf, 1992, p.18).

No contexto mais atual, Pierre Bourdieu, no livro *A dominação masculina*, afirma a produção social do corpo feminino como um corpo-para-o-outro:

Tudo, na gênese do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros. (Bourdieu, 2007, p. 79)

Os discursos a respeito dos padrões de beleza vêm ganhando mais destaque na mídia recentemente, segundo Lana e Souza (2018) por conta do revigoreamento do discurso feminista e de empoderamento feminino sendo apropriado pela publicidade. Autoras/es como Sarmento (2022), Camargo (2021), Hamlin e Peter (2018) e Rossi (2017) apresentam, sob perspectivas diversas, como este é um recurso para conquistar a atenção de potenciais consumidoras.

Com isso, pode-se perceber que a publicidade desenvolve estratégias discursivas específicas voltadas para esse novo estímulo às vendas: o discurso de empoderamento feminino. A presença de discursos sobre imposição de padrões, sobre a liberdade como um valor a ser exercido pelas mulheres, a aparição de corpos de pessoas negras ou

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

com deficiências passou a ser visto com uma frequência muito maior e, desse modo, as peças publicitárias passaram a visibilizar também novas formas de configuração familiar e de relacionamentos amorosos.

Para realização deste estudo a empresa de cosméticos e perfumaria Natura foi selecionada por trabalhar com a venda de produtos destinados ao público feminino, mas também com produtos destinados ao público masculino e por ter suas propagandas exibidas em todos os meios de comunicação como televisão, rádio, redes sociais e youtube, o que vai de encontro com a metodologia de análise etnográfica de tela.

Nas peças da campanha intitulada Natura Todo Dia na qual mostram produtos de cuidados corporais, mas especificamente cremes hidratantes, iremos analisar três delas intituladas como Natura Tododia Flor de Liz (2018), Natura Tododia Rótulos (2020) e Natura Tododia Sinta Seu Corpo Inteiro (2021). Nessas peças selecionadas, buscamos analisar de que maneira a empresa mostra o feminino a partir de seus enunciados.

Tabela 1 **Peças publicitárias analisadas**

Título	Ano	Produto	Link da peça
Flor de Lis	2018	Natura Todo Dia	https://www.youtube.com/watch?v=xTl4Py7NhWw&feature=youtu.be
Rótulos	2020	Natura Todo Dia	https://youtu.be/WUyJ5Oc3pL
Sinta seu corpo inteiro	2021	Natura Todo Dia	https://www.youtu.be/bQG7aMztDnI

Fonte: Elaborada pelas autoras

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

- Natura Tododia Flor de Liz

A propaganda Natura Tododia Flor de Liz do ano de 2018³ possui um minuto e cinquenta e três de duração, vê-se primeiramente a imagem de uma mulher de cabelos longos e pele clara em um ambiente bem iluminado refletida em dois espelhos passando em seus braços o produto a ser anunciado: o creme hidratante Natura Flor de Lis e na imagem é exibido o logo da campanha cujo nome é “natura Tododia.

Logo em seguida ela se levanta e continua os movimentos de uso do produto e começa uma coreografia é nesse momento onde podemos perceber que ela está usando apenas uma blusa na parte de cima e na parte de baixo uma peça de roupa íntima, as duas peças de roupa têm a cor azul. Logo em seguida ela sai de cena e dá lugar a uma mulher com vestimentas parecidas quanto a cor e ela também faz a mesma coreografia, mas seu perfil é diferente em relação ao da primeira mulher pois essa nova personagem é uma mulher negra e possui os cabelos bem curtos e quanto sua vestimenta ela usa um vestido na mesma tonalidade de azul da blusa da primeira personagem.

Em seguida, ela sai de cena e vemos surgir no ambiente três mulheres dançando a mesma coreografia: primeiramente uma mulher branca de cabelo curto usando uma peça de roupa chamada de macaquinho, ela é branca e tem cabelo liso e curto e junto a ela mais duas mulheres: uma delas com a mesma roupa e tonalidade de azul e em meio a essas duas há mais uma mulher também branca usando assim como a primeira mulher da propaganda apenas uma blusa na parte de cima e uma peça íntima na parte de baixo. Logo após, elas saem de cena e foca em apenas uma mulher fazendo a mesma coreografia das demais rapidamente dá lugar a cena uma dupla de mulheres realizando a mesma coreografia e com roupas semelhantes a todas as outras

³ Disponível em <https://youtu.be/xTl4Py7NhWw>

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

personagens anteriores e em seguida muda para a cena de mais duas mulheres com as mesmas características de vestimentas das anteriores.

Figura I: Imagem de campanha Natura Tododia Flor de Lis



Fonte: Youtube

Após isso vemos várias mulheres dançando a mesma coreografia, depois mais uma dupla dessas mulheres realizando a mesma dança, alternando em closes delas em duplas, em trios ou sozinhas onde pôr fim todas entram em cena juntas dançando e a narradora fala em *off* “Vista sua pele com a leveza do novo Todo Dia Flor de Lis... Natura Todo Dia, vista sua pele” nesse momento há um close na mulher da primeira cena e finaliza com o produto sendo colocado, por uma dessas mulheres, em cima de um móvel que não fui capaz de identificar. A coreografia feita no clipe foi criada pela coreógrafa artista Cassi Abranches, ex-bailarina do Grupo Corpo.

Segundo reportagem do site PROPMARK⁴, na campanha criada pela África, o conceito dá continuidade ao estudo feito pela Natura em parceria com a antropóloga Paula Pinto, que vê o autoconhecimento do corpo feminino como essencial para a construção de uma relação mais prazerosa da mulher consigo mesma.

⁴ Disponível em: <https://propmark.com.br/natura-explora-danca-e-musica-em-campanha-desenvolvida-pela-africa/>

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

- Natura Todo dia Rótulos

A peça Natura Todo dia Rótulos⁵, lançada no ano de 2020, conta com trinta segundos de duração, começa com a imagem do que parece ser areia em uma praia com uma sombra e o logo da campanha, que com já sabemos é “Natura Tododia”, em seguida vemos uma mulher negra de cabelo cacheado, em sequência um adesivo com a palavra “tímida” que, pela cor da pele em que ele está inserido, dá a entender que é na pele da mulher da primeira imagem.

Figura II: Imagem da campanha Natura Tododia Rótulos



Fonte: Youtube

Após isso, vemos uma mulher branca de cabelo curto e em seguida um adesivo com a palavra “princesinha” que, seguindo o entendimento da cena anterior, está colado no ombro desta mulher. Em sequência a imagem do colo de uma mulher com o adesivo escrito “frágil”, depois o close no rosto de uma mulher de olhos azuis, (a partir desse momento a narradora começa a falar, em off, “rótulos não me servem... porque eu não sou uma só... mudo o tempo todo, como a

⁵ Disponível em <https://youtu.be/WUyJ5Oc3pL>

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

minha pele: ela tem micro-organismos vivos que reagem a tudo que acontece comigo. Natura todo dia sabe disso e agora tem nutrição prébiótica, uma fórmula inteligente que se adapta ao que minha pele precisa. Vista sua pele, viva seu corpo".) onde ela tira esse 'rótulo' dela, seguida com as imagens da narração já descrita.

Após isso, no que parece ser um estádio de futebol uma mulher levanta um pneu grande, seguida da cena na qual a primeira mulher do clipe, que possui os cabelos cacheados, tirando o casaco e jogando em direção a câmera enquanto sorri, ficando vestida apenas em peças de roupa íntima de cor verde. Após isso, mais uma mulher retira de si um rótulo com olhar fixo a câmera, depois ela levanta os braços mostrando suas axilas não depiladas e as cenas seguem com as costas de uma mulher, depois uma mulher retirando um rótulo onde está escrita a palavra "seca", depois uma retira um rótulo com um nome "normal" e por fim , em um vestiário vemos uma mulher usando em seu corpo o hidratante apresentado na propaganda, seguida de uma animação computadorizada do que seria a forma como o produto age na pele durante o uso.

Depois disso, a mulher de cena anterior cheira seu pulso onde ela indica ter passado o produto, sorri olhando para a câmera e finaliza com a imagem de vários produtos da linha Natura todo dia.

Nesta propaganda podemos identificar o uso do recurso de mensagem linguística, que segundo Roland Barthes (1990, p. 32) sua função é exatamente a fixação do sentido das imagens. Desse modo, a utilização de adesivos, ou rótulos, se encaixam na proposta da peça fazendo com o entendimento seja literal para fixar a intencionalidade do significado a ser passado.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

- Natura Tododia Sinta Seu Corpo Inteiro

A peça publicitária Natura Tododia Sinta Seu Corpo Inteiro⁶ possui 16 segundos de duração, a cena inicial é de uma mulher sentada em sua cama e pegando na sua mesa de cabeceira o hidratante da propaganda, onde na tela surge a frase: “Seu corpo só precisa de um convite para sentir”.

Ainda mesma cena ainda no canto esquerdo do vídeo há escrito o logo da empresa junto ao nome da campanha e o nome do produto “Natura Tododia Tâmara e Canela” e a mulher passa-o em seu corpo, ao fundo o trecho da música “Abra suas asas” compostas por Nelson Motta e na peça é interpretada pela cantora Duda Beat. Nas cenas da sequência há uma mulher considerada fora do padrão fazendo o uso do produto enquanto se olha no espelho e em seguida parece que está levemente flutuando num corredor e na tela a frase “celebre seu corpo” e “Natura Tododia Flor de Lis” escrito em letras menores à esquerda. Na cena seguinte uma mulher negra de cabelos bem curtos está sentada em um tapete e também faz uso de um produto hidratante, dando ideia de satisfação e leveza com a frase complementando a anterior que diz “com as fragrâncias surpreendentes de Natura Todo dia que deixam” e a frase “Natura Tododia Noz Pecã e Cacau” escrita a esquerda em letras menores.

⁶ Disponível em <https://youtu.be/bQG7aMztDnI>

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Figura III: Imagem da campanha Natura Tododia Sinta seu corpo inteiro



Fonte: Youtube

Em seguida cenas alternadas dessas três mulheres se acariciando e demonstrando satisfação ao usar o produto com a frase “sua pele firme e ultra macia” com “nutrição prébiótica” escrito à esquerda em letras menores. Finalizando, em off a narradora diz “a cada fragrância um novo jeito de sentir o seu corpo” frase que está escrita na tela também e finaliza com a imagem de vários hidratantes corporais da empresa.

Considerações finais

Partindo do pressuposto de que aprendemos a recorrer as identidades como forma de reconhecimento pelo olhar do outro, Guacira Lopes Louro (2010) afirma que somos educados para caber dentro do que é considerado pela sociedade como “normal”. O discurso publicitário tem o objetivo de estimular o consumo e faz isso por meio das mais diversas estratégias.

Lançando mão de apresentar pessoas em estado de felicidade, comportando-se de maneira adequado e satisfeitas com a exibição de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

suas formas corporais, historicamente, o discurso publicitário centralizou sua estratégia na reiteração da ordem social vigente, por meio da repetição de enunciados que apresentam corpos, comportamentos e ideias ditos como “normais” e “adequados”. Contudo, a problematização das relações de poder e a objetificação do corpo feminino, reivindicações oriundas em grande parte do movimento de mulheres e do movimento feminista, produziu a necessidade de novas estratégias discursivas a serem desenvolvidas pela publicidade.

No contexto atual, foram apontados alguns estudos que vêm demonstrando que os enunciados publicitários têm se apropriado de determinadas estratégias com o intuito de alcançar públicos até então pouco visibilizados. A inserção de mulheres negras, gordas, idosas, casais homossexuais são algumas dessas estratégias, como foi visto nas peças “Natura Tododia Flor de Liz” e “Sinta seu corpo inteiro”. Além disso, no caso da peça “Natura Tododia Rótulos”, é possível notar uma problematização em relação à padrões corporais e modos de ser e de se comportar.

Notoriamente, ainda predomina a apresentação de mulheres atrelada a uma perspectiva normativa, considerando que as peças tendem prestigiar a exibição de um certo padrão de beleza: mulheres de pele de cor branca com corpos esbeltos e magros, cabelos lisos e loiros, jovens e envolvidas em relações heteronormativas. Porém, a aparição de minorias étnicas e sexuais nos enunciados publicitários e o questionamento em relação ao que Wolf chama de “mito da beleza” são as duas principais estratégias desenvolvidas pelo discurso publicitário.

Nas peças da campanha Natura Tododia, pode-se observar a presença de corpos femininos variados: mulheres negras, brancas, com sardas e ou vários tipos de cabelos, o que de certa forma contrapõem a tese da ditadura da beleza defendida por Wolf. Porém, constata-se ainda a predominância da mulher branca de corpo magro, posto que, a sociedade ainda age com estranheza quanto a presença de corpos considerados fora do padrão de beleza quando são apresentados em

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

peças de publicidade. Foi observado também a presença constante da exposição do corpo feminino seminú, pois nas três propagandas as mulheres são apresentadas em peças de roupas íntimas ou de tamanhos menores, as quais deixam seus corpos mais expostos à observação.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In ID: **o óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Karina de. Transforme-se em você: práticas de significação em torno da diferença na publicidade de cosméticos para cabelos crespos e cacheados veiculada por mídias digitais. 2021. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14716>. Acessado em: 10/03/2022.

HAMLIN, C.; PETERS, G. Consumindo como uma garota: subjetivação e empoderamento na publicidade voltada para mulheres. **Lua Nova**, São Paulo, 103: 167-202, 2018.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira; SOUZA, Carla Basílio de. A consumidora empoderada: publicidade, gênero e feminismo. **Intexto**, n. 42, p. 114-134, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

GILL, Rosalind. **Advertising and Postfeminism**. In: GILL, Crosland. Gender and media. Cambridge: Polity, 2007. p. 73-112.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 9 ed. – Petrópolis RJ : Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade** In: LOURO, Guacira. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

NATURA EXPLORA DANÇA E MÚSICA EM CAMPANHA PUBLICITÁRIA. GOOGLE. disponível em >>><https://propmark.com.br/anunciantes/natura-explora-danca-e-musica-em-campanha-desenvolvida-pela-africa>. Acessada em: 30/08/2021.

RIAL, Carmen. Antropologia e Mídia: breve panorama das teorias de comunicação. In: ____ **Antropologia em Primeira Mão** / Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Nº 1. Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/74.%20carmen-midia.pdf>> Acessado em: 30/12/2020.

ROSSI, Túlio Cunha. Feminilidade e suas imagens em mídias digitais: questões para pensar gênero e visualidade no século XXI. **Tempo Social**, v. 29, p. 234-255, 2017.

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para consumo. IN: LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo.** Petrópolis/RJ: Ed. Vozes. 2003.

SARMENTO, R. Popularização do feminismo, neoliberalismo e discursos midiáticos. **Lumina**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 166–183, 2022. DOI: 10.34019/1981-4070.2022.v16.34413. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/34413>. Acesso em: 30 set. 2023.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica.* **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, p. 5-22, 1990.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Vídeos

NATURABROFICIAL. Novo Natura Tododia Flor de Lis. YouTube. 5 de mar. de 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xTl4Py7NhWw> Acessado em: 20/04/2021.

NATURABROFICIAL. Natura Tododia Rótulos. YouTube. 10 abril de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/WUyJ5Oc3pL> Acessado em: 20/04/2021.

NATURABROFICIAL. Natura Tododia | Sinta de corpo inteiro com as fragrâncias de Natura Tododia. Youtube. 18 de jan. de 2021 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bQG7aMztDnI> Acessado em: 20/04/2021.

**AS MANIFESTAÇÕES DOS RECURSOS LINGUÍSTICO-
EXPRESSIVOS NA POESIA DE SILVANA MENESES:
UMA PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA**

Max Mateus Moura da Silva¹

Ruan Carlos Moura Costa²

Marinalva Aguiar Teixeira Rocha³

“[...] Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave? [...]”

(Trecho do poema Procura da poesia, de Carlos Drummond de Andrade)

Introdução

O acesso ao texto literário configura-se como uma necessidade, visto que a literatura fornece aos leitores contato com distintas realidades e favorece a formação do pensamento crítico. Nota-se, contudo, que são limitadas as atividades de incentivo à leitura operadas no espaço familiar, pesando sobre a escola a responsabilidade de mediar

1 Acadêmico do Curso de Letras – Português, Inglês e suas Respectivas Literaturas – CESC/UEMA. Bolsista do PIBIC/UEMA. E-mail: max.uemaletras@gmail.com.

2 Acadêmico do Curso de Letras – Português e Literaturas – CESC/UEMA. Bolsista do PIBIC/UEMA. E-mail: ruanc237@gmail.com.

3 Professora Adjunta do Departamento de Letras do CESC/UEMA. Doutora em História – UNISINOS/RS; Mestre em Letras - UERJ.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

o contato entre os alunos e a literatura. A esse respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais preconizam, quanto ao ensino de língua materna, o texto como objeto central de estudo, no objetivo de favorecer o desenvolvimento da competência discursivo-textual: a questão da produção/leitura (BRASIL, 1998).

Portanto, cumpre à escola o papel de tornar os alunos capazes de ler e produzir textos de maneira a satisfazer suas necessidades comunicativas e de fruição artística. Além disso, preza-se pelo uso sociointeracional da linguagem. Como consequência, existe uma oposição ao ensino que reduz o texto a uma plataforma para o repasse de pautas gramaticais. Desse modo, o texto é visto como espaço de contato entre um produtor e um leitor/ouvinte. Porém, a recepção mencionada não se dá de forma passiva, mas o leitor/ouvinte é também convidado a dar sentido ao texto, por meio de uma interpretação do contexto de produção e recepção (BRASIL, 1998).

Por seu turno, a Base Nacional Comum Curricular afirma, na sua quinta competência específica na área de linguagem do ensino fundamental, que a escola deve possibilitar ao discente “**desenvolver o senso estético** para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais” (BRASIL, 2018, p. 65, grifo nosso). Evidencia-se a responsabilidade de realizar um trabalho a contento com o texto no espaço escolar. A esse respeito, Rocha (2014, p. 33) aponta que “a linguagem estabelecida nos textos lidos, muitas vezes na escola, em determinado momento ocorre de forma apenas utilitária, com o intuito de comunicar”.

Há, então, um descompasso entre o que determinam os documentos oficiais e a prática levada a cabo por alguns docentes. Não fortuitamente, o texto literário é espoliado do lugar que lhe é devido, servindo para analisar normas gramaticais. É preciso considerar o texto em sua completude, em seus aspectos de construção e elaboração de sentidos. O domínio pleno da leitura e da escrita exige conhecimentos claros de diversos aspectos da linguagem e supõe uma tomada de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

consciência de suas características. A língua, em suas variadas formas, é repleta de recursos linguísticos-expressivos que valem para torná-la rica.

Um texto torna-se convidativo à medida que se vale dos recursos ofertados pela língua. Além disso, um autor consegue tornar o texto atrativo ao lapidar, em uma perspectiva estética, os recursos linguísticos em sua pluralidade de formas. Em sala de aula, é oportuno que sejam explorados e discutidos os mecanismos que o literato insere no texto, de modo a atender as normativas legais.

Tendo em vista o cenário apontado, o presente estudo tem como objetivo analisar o uso feito dos recursos linguístico-expressivos como artifícios para incentivar a leitura. Para tanto, será considerada a produção literária da escritora maranhense Silvana Meneses. A poeta, no seu labor criativo, brinda os leitores com os variados recursos de expressividade que a língua disponibiliza, promovendo uma fluidez na leitura. Embora fundadora da Academia Caxiense de Letras e ocupante da cadeira de número dezesseis, nota-se, ainda, poucos estudos acadêmicos sobre a obra da escritora.

O emprego dos recursos linguístico-expressivos é fundamental para a produção de uma obra ou de qualquer texto que tenha como objetivo promover a atração do leitor. A produção literária de Silvana Meneses é construída com uma linguagem permeada de recursos para enfatizar o que é narrado. Desfrutando da língua como suporte para expressão do lirismo, a obra *Embarcação* (1988) é repleta de significação linguística. Portanto, optou-se por realizar breve análise de alguns dos poemas que integram a coletânea. Neste estudo, serão trabalhados, especificamente, os aspectos léxico-semânticos e morfossintáticos presentes na poesia de Silvana Meneses como estímulo à leitura.

É válido apontar que a análise feita ancora-se na corrente teórica da estilística, resultando, principalmente, dos estudos empreendidos por Guiraud (1970), Lapa (1998), Monteiro (2009) e Rocha (2014). Ressalta-se que o presente artigo é um recorte do projeto 'Abordagem dos recursos linguístico-expressivos na obra da escritora Silvana Meneses' (2021-

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

2022), vinculado ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Tendo como escopo de discussão a produção de Silvana, a proposta pretende verificar o uso feito da língua na produção literária.

Referencial Teórico

A linguística, no campo poético, revela-se na expressividade, levando o leitor a um contato prazeroso com o texto literário. Escritores, ao se preocuparem apenas com o uso de uma linguagem rebuscada, não evidenciando os recursos linguístico-expressivos, acabam não seduzindo o leitor para explorar seus textos. A esse respeito, Fiorin (2002) afirma o seguinte:

de um lado, um literato não pode voltar as costas para os estudos linguísticos, porque a literatura é um fato de linguagem; de outro, não pode o linguista ignorar a literatura, porque ela é a arte de se expressar pela palavra; é ela que trabalha a língua em todas as suas possibilidades” (FIORIN, 2002, p. 07)

Na intersecção entre o linguístico e o literário, emerge a estilística. Para Câmara Júnior (1981, p.110), “a estilística é uma disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido estrito de expressividade da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugerir”. Desse modo, a estilística encontra-se alicerçada no plano linguístico, explicitando-se nas operações formuladas com a língua. O conceito formulado por Câmara Júnior (1981) também ressalta o valor expressivo da linguagem. Isto é, para além de um uso da língua em um viés utilitário, a estilística centra-se no teor estético.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Compreende-se que é na literatura que a língua realiza o seu potencial artístico. O literário apropria-se dos elementos estilísticos ao compor um texto para tornar uma obra mais atrativa ao leitor. Recorrendo aos estudos de Guiraud (1970, p. 17), cumpre dizer que;

é só à língua literária que interessa a estilo, especialmente no seu rendimento expressivo, ‘colorido’, como se dizia, próprio para convencer, agradá-lo, manter vivo seu interesse, impressionar-lhe a imaginação mediante formas vivas, pitorescas, elegantes e estéticas (GUIRAUD, 1970, p. 17).

Como se observa, necessariamente, ao falar em estilística, é evocado o conceito de estilo. Resumidamente, “o estilo é o aspecto do enunciado que resulta da escolha dos meios de expressão determinada pela natureza e as intenções do indivíduo que fala ou escreve” (GUIRAUD, 1970, p. 163). Em paralelo ao conceito apontado pelo estudioso, percebe-se que a discussão literária em um viés estilístico contempla o que propõem os documentos nacionais sobre o ensino de língua portuguesa nos pontos antes mencionados. Ao se abordar o estilo, o professor tornará possível que o educando se aproprie da dimensão estética da língua (como determina a BNCC). Doutro modo, ao questionar as escolhas feitas por um escritor, o discente exercerá a compreensão da língua como prática sociointeracional (como determinam os PCNs).

A princípio, faz-se necessário um olhar sobre o texto como unidade semântica e estrutural. Com esse intento, é imprescindível uma leitura identificadora, com foco nas estruturas linguísticas que formam a poética literária. Nesse sentido, a poesia torna-se instrumento de identificação da intensidade da língua. Isto, contudo, não significa dizer que o texto deva ser considerado para análise linguística. O que se pretende, ao contrário, é depreender os sentidos de uma composição a partir do plano linguístico.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Potencializando a escrita, a expressividade morfossintática dá-se a partir da utilização dos benefícios que o recurso oferece para o desenvolvimento expressivo e estrutural de um texto. Assim, os recursos morfossintáticos são utilizados na construção das ideias, com o intuito de deixar o texto mais lógico e coerente. É oportuno salientar que o código literário,

além de comunicativo, é uma linguagem expressiva, justamente porque criativa, ou seja, carregada de potencial estético, ela não é apenas veiculadora de uma realidade ou irrealidade, mas a constrói, a maneja, a conduz, dando-lhe vida, a ponto de o leitor entrar nela, participar dos acontecimentos, vibrar ou se angustiar com eles, etc. (BRAGATTO FILHO, 1995, p. 18).

A utilização dos recursos morfossintáticos na escrita poética propicia ao leitor a identificação das aplicações que tornam a língua rica e expressiva. Conhecer a importância da expressividade morfossintática dentro das estruturas de um texto literário, facilita o domínio da leitura, promovendo a identificação dos recursos utilizados pelo escritor para tornar a produção mais atraente, evidenciando a importância linguística para a organização estrutural do fazer poético.

Por sua vez, a expressividade léxico-semântica realiza-se no enlace entre o vocabulário e os sentidos que este adquire no contexto em que se encontra inserido. Por este motivo, convém discutir léxico e aspecto semântico como interdependentes. Enquanto o léxico reporta ao conjunto de palavras que o usuário da língua dispõe para se comunicar, o aspecto semântico pode ser tratado na realização do significado. Ou seja, quando se fala em semântica, a grosso modo, deve-se pensar na compreensão legada ao signo linguístico, o que só é possível em uma análise contextual embasada em uma perspectiva sociointeracional da linguagem (ROCHA, 2014).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Partindo desses pressupostos teóricos, a seguir, serão discutidos os elementos de caráter linguístico-expressivos presentes em alguns poemas de Silvana Meneses. Paralelamente, serão apontadas, de forma sumarizada, possibilidades de discussão em torno da expressividade linguística que podem ser empreendidas em sala de aula para que se atinja o objetivo de incentivar a leitura. A escolha dos poemas para a análise se justifica pelo modo como eles ancoram-se nos recursos linguísticos para construírem significações.

Análise dos Poemas⁴

✓ Recursos Morfossintáticos

A poesia de Silvana Meneses é repleta de características morfossintáticas e proporciona aos usuários da língua ter contato com variadas possibilidades de construção e de combinação das palavras num processo de atividade de criação. “Bons escritores conhecem e respeitam as normas da língua, entretanto, em determinadas situações, se permitem quebrá-las, tendo um objetivo claro e de plena consciência dos seus atos” (PARENTE, 2008. p 101). Discorrendo sobre o assunto, Coseriu (1987, apud MONTEIRO, 2009), afirma que,

para comunicar os conteúdos provenientes da sensibilidade, o falante ou escritor, se conhece a norma, tem duas opções: ou a respeita, dentro dos limites mais ou menos modestos de expressividade, ou deliberadamente decide transgredi-la e ultrapassá-

⁴ Por todos os poemas selecionados pertencerem à coletânea *Embarcação*, foi feita a opção por mencionar somente as páginas das quais os trechos foram extraídos. Os poemas analisados no artigo se encontram, integralmente, anexos.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

la, aproveitando as possibilidades que o sistema põe à sua disposição. A criatividade então se manifesta, com tudo o que dela deriva: o estranhamento, o prazer estético, a multivalência significativa (COSERIU, 1987, apud MONTEIRO, 2009, p. 59).

Assíndeto é uma palavra derivada do termo grego “asyndeton”, que significa “desconectado” ou “sem união”. É um recurso de expressão usado na literatura para eliminar intencionalmente as conjunções entre as frases, mas mantendo a precisão gramatical. “O assíndeto é a típica modalidade de um elenco sem conjunções entre os membros de uma frase” [...] (ECO, 2009. p. 137). Portanto, no lugar dos conectivos, são colocadas vírgulas ou ponto e vírgula. Assim, no poema “Paradeiro” (p. 10), de Silvana Meneses, a poetisa faz a utilização do recurso para tornar a escrita mais expressiva, como se observa a seguir.

Sol, lua
alegria, fantasia
onde foram parar?
[...]
Corpos, pegadas, rastros
diluíram-se no tempo.
[...] (p. 10)

A anáfora é uma figura de linguagem que está intimamente relacionada a com a construção sintática de um texto. Nesse sentido, dá-se pela repetição das palavras no início das frases ou versos. É um recurso muito utilizado por poetas para impor certa cadência aos textos. Para Rocha (2014, p. 109), “pode causar estranhamento quando resultar em falta de imaginação para evitar repetição de termos ou expressões, mas quando utilizada de forma

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

criativa, intensifica a força expressiva”. Nota-se tal recurso nos poemas “Paciência” (p. 08) e “Ausência” (p. 23).

No balanço das ondas
o vai e vem.
No balanço das ondas
tu que vais
e não vens. (p. 08)

Abro as janelas
para que o vento leve
o teu olhar imensamente verde.
Abro as portas
para que saia o teu ar.
[...] (p. 23)

A repetição é um recurso estilístico que consiste em repetir algumas palavras, expressões ou frases para dar destaque a uma ideia. Para Santos (2005, p. 76), “a repetição pode ocorrer no ritmo, na métrica, na estrofação e nos recursos sonoros”. Sabe-se que não é viável a repetição de algumas palavras ou expressões na dissertação de um texto científico, mas se tratando de poesia, o ato de repetir causa uma sonoridade nos versos e estrofes. No poema “Meia vida” (p. 06), a autora utiliza da forma com o intuito de dar destaque ao efeito sonoro que a poesia transmite ao leitor.

O poema está por aí
correndo do dia
[...]
O poema morre no mundo, em mim
Como uma pálida inspiração. (p. 06)

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

A autora utiliza das frases interrogativas para propor um diálogo e questionamento com o leitor. Buscando a reflexão do sujeito, a poesia composta de interrogações promove uma interação do sujeito com a obra. A utilização desse recurso da língua em “Paradeiro” (p. 10) seduz o leitor, garante uma autonomia de pensamento, potencializa a obra e contribui para uma leitura dinâmica e rica de observações.

Sol, lua
alegria, fantasia
onde foram parar?
As noites foram embora
os dias aonde vão dar?
[...]
Ah, minha terra, meu chão
o que será da emoção? (p. 10)

A concatenação consiste na repetição de um termo ou expressões que já foram utilizados no fim da frase antecedida, não havendo o uso de pronomes, conectivos ou expressões que estabeleçam a conexão com o item relatado anteriormente (ROCHA, 2014). A repetição de uma palavra em um texto poético torna-o mais expressivo. Em “Meia Vida” (p. 06), o termo é formado pela repetição da palavra noite sem o uso de conectivos. A aplicação da forma na poesia garante uma significância expressiva.

[...]
rondando a noite
noite mágica
[...] (p. 06)

✓ Recursos léxico-semânticos

No que é concernente ao nível léxico-semântico, o texto de Silvana Meneses evidencia a sua expressividade ao brindar os leitores com os

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

jogos verbais de sentido lapidados pela escritora. Repousa sobre o aspecto lexical e semântico a responsabilidade de estabelecer uma relação harmônica entre os demais níveis linguístico-expressivos (ROCHA, 2014). Meneses brinca com o vocabulário ao ligar palavras que, quando isoladas, assumiriam um sentido distinto do observado quando juntas a outros termos.

Assim, a escritora propõe uma reorganização do sistema semântico ao combinar vocábulos de modo inusitado. Por exemplo, ao dizer “fragmentos de gente”, o eu lírico reporta a possibilidade de o poema resguardar em si parcelas da individualidade do ser humano.

[...]
noite mágica
de fragmentos de gente
que fazem vida.
[...] (p.06)

Outro recurso muito significativo é a sinestesia. Este artifício é caracterizado por vincular habilidades sensoriais diferentes em uma mesma sentença. Ao lançar mão de tal recurso, a poeta registra a ambiguidade de sensações que permeiam o texto. No poema “Ausência”, Silvana apropria-se da sinestesia nos seguintes versos:

o teu olhar imensamente verde.
[...]
Fecho os olhos
para te respirar melhor. (p. 23)

De modo similar, a escolha dos títulos dos poemas funciona como mecanismo estilístico ao tornar-se fundamental para a produção de sentidos na poesia de Meneses (ROCHA, 2014). Por vezes, os nomes dados aos poemas servem para condensar o conteúdo dos versos. “Paradeiro” e “Ausência” ilustram como a poeta lapida o texto.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Enquanto no primeiro são feitos questionamentos, como se estivesse em uma procura (paradeiro), no segundo, o uso de verbos como “abrir”, “levar” e “sair” reforçam a ideia de uma ausência.

Sol, lua
alegria, fantasia
onde foram parar?
As noites foram embora
os dias ande vão dar?
Corpos, pegadas, rastros
Diluíram-se no tempo.
ah minha terra, meu chão
o que será da emoção? (p. 10)

Abro as janelas
para que o vento **leve**
o teu olhar imensamente verde.
Abro as portas
para que **saia** o teu ar.
Fecho os olhos
para te respirar melhor. (p. 23, grifos
nosso)

Seria ainda possível apontar outros tantos recursos aplicados na poesia de Silvana Meneses. Todavia, para os propósitos desse estudo, acredita-se que o exposto serviu para ilustrar o uso feito pela autora dos recursos linguístico-expressivos na construção da sua produção literária. Desse modo, a seguir, será feita uma sucinta sugestão de prática docente voltada para a expressividade do texto que pode ser aplicada em sala como motivação à leitura.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

✓ Sugestão de prática

Para uma leitura rica e significativa, é necessário incentivar o público leitor a (re)conhecer os recursos linguísticos disponíveis na escrita e como a sua utilização em uma poesia potencializa todas as suas estruturas. Tal iniciativa torna-se necessária ao considerar que “ensinar a língua é levar o aluno a uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem, a utilizar os recursos linguísticos que resultam na produção de sentido” (ROCHA, 2014, p. 27). É oportuno apontar que a atividade sugerida não tem o propósito de substituir as atividades realizadas no espaço escolar, mas acrescer a estas outros modos de trabalhar o texto.

A esse respeito, Rocha (2014) apresenta uma proposta metodológica centrada no texto em seu vigor criativo. A pesquisadora enfatiza a necessidade de escolher para as atividades textos que detenham caráter criativo, lúdico e que privilegie a sedução do leitor, atendendo sempre o nível de cada público. A título de ilustração, escolheu-se o poema “Fertilidade” para exemplificar a proposta. De maneira preliminar, o docente deve escolher o texto observando suas ideias, a sintaxe aplicada, o uso feito do léxico e outros elementos que o compõe (ROCHA, 2014).

Fertilidade

Chove chuva
Percorre todo teu caminho
Leva o mal
Lava os pecados
Limpa a vida
Lavra a terra
Alimenta o corpo com o pão do teu
espírito. (p. 18)

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Essa primeira etapa é centrada em conhecer o texto, buscando sensibilizar o aluno e levá-lo a ter curiosidade para se aprofundar no conteúdo. Nesse momento, podem ser desconsideradas terminologias mais técnicas ao abordar a construção do poema. É nesse momento que o docente precisa conduzir os alunos para além da superfície da obra. É importante dar abertura para que algum aluno, caso tenha interesse, leia o poema.

Em sequência, dá-se a leitura interpretativa. É fundamental que o aluno possa expressar os sentidos que conseguiu apreender do texto. Então, conduzido pelo professor, observará a presença dos artifícios linguísticos aplicados. O docente pode arguir a turma quanto ao sentido causado pela repetição da letra “l” nos versos do poema. O professor deve também chamar a atenção para o jogo verbal ocasionado pela similaridade existente entre as palavras “leva”, “lava” e “lavra” no poema. Dependendo do estágio da turma, são possíveis questionamentos como: Qual a relação entre o título e o conteúdo do poema? Você observou o jogo que a autora faz com as palavras “leva”, “lava” e “lavra” no poema?

Após a interpretação, o professor pode solicitar que os alunos listem outras palavras semelhantes à “leva”, “lava” e “lavra”. As palavras mencionadas pelos estudantes podem ser anotadas no quadro e discutidos os significados que cada uma expressa. Além disso, pode ser abordada a significação do termo “fecundidade” (título do poema) e qual a importância da palavra para a compreensão do poema. Quando se considera o contexto local em que a autora elabora o poema, marcado pela predominância, sobretudo na zona rural, da produção agrícola para autoconsumo, é justificável que a chuva seja vista como sinônimo de fecundidade.

Evidentemente, são possíveis interpretações distintas. Por isso, o professor precisa estar atento aos comentários dos alunos, auxiliando-os a perceberem quais as conclusões que são permitidas na plurissignificação do poema. Ao fim, o docente poderá solicitar que os

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

estudantes produzam poemas com as palavras apontadas na etapa anterior. Coletivamente, as produções podem ser lidas para que se observe a possibilidade de uso expressivo da língua. À medida que surgirem aliteraões, rimas, repetições de palavras ou outros recursos, o professor pode aproveitar para discutir esses conceitos, respeitando o nível de compreensão da turma.

Considerações Finais

Silvana Meneses, no exercício do seu fazer poético, utilizou os mecanismos linguísticos fornecidos pela língua portuguesa, tornando os seus textos mais expressivos. Com este trabalho, foi possível perceber o quanto relevante é discutir o texto literário em uma abordagem dos recursos linguístico-expressivos, de modo a convidar o estudante a conhecer as potencialidades da língua. A caracterização de cada recurso utilizado pela escritora nas poesias analisadas demonstrou como o mecanismo de expressividade linguística pode levar o leitor em formação ao contato direto com as potencialidades da língua na literatura.

As poesias são repletas de nuances e promovem um encantamento do público leitor com os estilos empregados nos versos e estrofes. Portanto, a escrita de Silvana Meneses é repleta de formas linguísticas que encantam e surpreendem, com isso, a língua é posta em foco, apresentada em uma noção sociointeracional. A obra da poeta, desse modo, configura-se um material ainda passível de diferentes leituras.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Referências

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Ministério da Educação. 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ECO, Umberto. **A vertigem das listas**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2002.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 17. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GUIRAUD, Pierre. **A Estilística**. Tradução de Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MENESES, Silvana Lourença de. **Embarcação**. [s.l.]: [s.n.], 1988.
- MONTEIRO, José Lemos. **A estilística: manual de análise e criação**. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.
- PARENTE, Maria Cláudia Martins. O domínio da estilística: num convite a pesquisas e criações autônomas. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**. Ano 2, v. 2., p. 89-104, 2008.
- ROCHA, Marinalva Aguiar Teixeira. **A expressividade em Ana Maria Machado e José Paulo Paes: uma proposta para motivar a leitura**. Curitiba: Appris, 2014.
- SANTOS, Neide Medeiros. **Guaritã: uma viagem mítica ao “país-paráiso”**. João Pessoa: Idéia, 2005.

ANEXO

PARADEIRO

Sol, lua
alegria, fantasia
onde foram parar?
As noites foram embora
os dias ande vão dar?
Corpos, pegadas, rastros
Diluíram-se no tempo.
ah minha terra, meu chão
o que será da emoção? (p. 10)

AUSÊNCIA

Abro as janelas
para que o vento leve
o teu olhar imensamente verde.
Abro as portas
para que saia o teu ar.
Fecho os olhos
para te respirar melhor. (p. 23)

PACIÊNCIA

No balanço das ondas
o vai e vem.
No balanço das ondas
tu que vais
e não vens. (p. 08)

MEIA VIDA

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O poema está aí
correndo do dia
rondando a noite
noite mágica
de fragmentos de gente
que fazem vida.
O poema morre no mundo, em mim
Como uma pálida inspiração. (p. 06)

FERTILIDADE

Chove chuva
Percorre todo teu caminho
Leva o mal
Lava os pecados
Limpa a vida
Lavra a terra
Alimenta o corpo com o pão do teu [espírito. (p. 18)

REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE LGBTQIAP+ EM UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES (2018), DE VITOR MARTINS¹

Maria Jéssica Lopes Santos²

Maria do Socorro Rios Magalhães³

Introdução

Nos últimos tempos vem surgindo um novo segmento de escritores brasileiros que se dedica a explorar o universo dos adolescentes com temas de interesse desse público que começa a se consolidar como importante fatia do mercado editorial. Como a literatura juvenil é uma das portas de entrada ao mundo da leitura e da literatura, nessa fase, o acesso a obras literárias garante ao leitor juvenil uma experiência que conduz ao processo crítico da leitura em níveis mais profundos. Este gênero é de fundamental importância para a formação leitora e para o olhar acerca de outras identidades, a fim de educar, instruir e debater questões que interessam às minorias.

¹ Originalmente apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, da aluna Maria Jéssica Lopes Santos, no Curso de Letras-Português, da Universidade Estadual do Piauí, em 2023, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Rios Magalhães.

² Aluna concludente do Curso de Letras-Português da UESPI.

³ Doutora em Letras pela PUCRS. Docente do Curso de Letras-Português da UESPI.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O presente estudo propõe-se a analisar a representatividade e identidade que envolvem a obra de Vitor Martins, *Um milhão de finais felizes* (2018), numa abordagem que leva em consideração se tratar de uma literatura destinada ao jovem leitor LGBTQIAP+, recorrendo a autores como Foucault (2005) e Butler (2003), entre outros que lidam com questões relacionadas a esse tema. Também estudiosos da literatura como Candido (1965) e mais especificamente da literatura juvenil como Souza (2015), Gregorin Filho (2014), Martha (2008) e Colomer (2003) constituem as bases teóricas da pesquisa. Para a análise da construção da identidade do protagonista da narrativa de Vitor Martins, o referencial teórico vem de Stuart Hall, na obra *A identidade cultural da pós-modernidade* (2006).

A Literatura Juvenil Contemporânea

As mudanças ocasionadas no contexto da contemporaneidade do século XXI e a visibilidade dada à fase da adolescência, marcada pela transição entre a infância e a idade adulta, bem como as preocupações com a formação identitária do jovem, contribuíram para o surgimento de uma produção literária especificamente voltada para esse público, provocando uma separação entre o que se designava como literatura infantil e o que passou a ser denominado como literatura juvenil. Nesse percurso, a literatura juvenil assume a condição de subsistema dentro do sistema literário, abarcando características estéticas próprias e com autores voltados ao público jovem.

A literatura juvenil surgiu no Brasil a partir dos anos 1970, com o intuito de direcionar a exploração de uma linguagem específica para dialogar com o jovem em formação, bem como para atender a uma exigência do mercado editorial, que almejava alcançar esse novo público. O objetivo era produzir um efeito artístico no leitor juvenil, mas antes era necessário adentrar o âmbito escolar para que esse público pudesse, desde cedo, conhecer essa literatura, que visava reproduzir as

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

características do contexto social dos seus eventuais leitores. A partir daí, essa produção passa a responder substancialmente por uma parcela do mercado editorial brasileiro, tornando-se a escola o principal lugar para se captar as expectativas para a criação de uma literatura adequada para adolescentes e jovens e conseqüentemente de interesse na divulgação e manutenção da ideologia vigente, mostrando que “sempre fora uma produção bastante mediada e, por isso bem medida” (SOUZA, 2001, p. 32).

Para Martha (2014), “a revisão da história da literatura brasileira para crianças e jovens revela a inexistência de preocupação com a especificidade do leitor ‘juvenil’” (p.12), considerando que as narrativas hoje consideradas apropriadas ao público jovem eram destinadas às crianças. A dinâmica dessa produção ocorreu na década de 1970 com obras destinadas aos adolescentes com temas atraentes e uma linguagem muito próxima à do uso cotidiano, denotando familiaridade ao jovem em contato com esse tipo de criação literária. Desse modo, aproxima obra e leitor, com uso de um vocabulário que dialoga, por vezes, com as experiências dos jovens, de modo geral, com vocábulos do contexto juvenil, bem como com suas vivências.

Os livros destinados a esse público apresentam uma abertura maior no que se refere a temas e ideologias dentro das narrativas, o que fez aumentar o interesse por parte dos leitores, que se aproximam cada vez mais da compreensão do mundo exterior ao livro, fazendo correlação com este e colaborando para o aumento de sua consciência crítica, aspecto relevante característico da literatura, de um modo geral, o que evidencia sua qualidade estética, conseqüentemente sua autonomia e valor literário. Segundo Cruvinel (2015), esse subsistema literário respeita princípios educativos sobre o caminho de um iniciante que experimenta um modelo de aprendizagem para a existência humana. As obras que são postas aos jovens leitores trazem a vivência e confrontos que são frequentes nessa fase da vida. Com efeito, Colomer (2003) assevera que a literatura amplia a natureza da aprendizagem,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

recebendo uma formulação decisiva com a criação de competência literária.

O pesquisador Gregorin Filho (2014), ao referir-se à produção literária para jovens, afirma que esses textos são reflexões que surgiram em consequência das transformações dentro da sociedade que impulsionaram novos padrões estéticos, bem como modificaram o olhar para o outro:

Em se tratando especificamente da literatura produzida para os jovens, é importante que esses leitores entendam o surgimento desses textos como reflexões ocasionadas por transformações ocorridas na própria dinâmica da vida em sociedade, grande promotora de mudanças nas formas de ver o outro e de dialogar esteticamente na e com a sociedade (GREGORIN FILHO, 2014, p. 26).

No final do século XX, despontam autores com produção de qualidade voltada para os leitores jovens. Esses autores são citados como criadores de textos que “circulam pelos espaços do campo literário, com obras premiadas. E constam inclusive de catálogos de editoras, lista de prêmios, indicações de programas de leituras, trabalhos acadêmicos e da crítica especializada” (MARTHA, 2014, p. 12). As produções advindas desse subsistema apresentam características que se aproximam dos leitores juvenis, além de marcas do contexto sociocultural em que vivem autores e leitores. Trazem técnicas mais complexas de narrar, tratando inclusive de temáticas, antes proibidas, culminando numa literatura diferenciada com requintes de recursos estéticos nunca antes vistos nesse campo literário no panorama brasileiro.

Com o aumento da população brasileira no início do novo milênio (2010), cerca de 29 milhões de crianças (até 9 anos de idade) e aproximadamente 45 milhões de jovens entre 10 e 19 anos,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

na sua grande maioria frequentam as escolas e estão aptos para a leitura, o que corresponde a leitores em potencial de livros, direcionando a editoração de uma literatura para suprir essa demanda, o que fez emergir, por conseguinte, um novo modo de escrever disposto a atrair esse público. Esta é a denominada literatura juvenil, um gênero com características próprias, entre as quais se destacam o protagonismo do jovem e a proximidade com os aspectos do mundo no qual esse jovem se encontra inserido. Para o pesquisador Gregorin Filho (2014, p. 27):

A literatura voltada para o público juvenil, promovendo o conhecimento do indivíduo envolvido nessa frágil condição humana, instaura diálogos com outras artes e formas de produção do conhecimento, pois a literatura é constantemente construída pelas relações dialógicas que mantém com variados discursos e saberes.

A literatura juvenil é relevante para a formação do leitor jovem, pois concede a esse público a facilidade em ampliar a competência leitora e a forma de comunicar-se em todos os âmbitos sociais, revelando seu papel social. Segundo Ramos e Navas (2016, p.16), a literatura juvenil é importante para a formação do leitor que ainda tem de desenvolver suas competências em termos do uso da língua e da capacidade interpretativa a partir da apropriação de uma linguagem rica e simbólica. Essa literatura apresenta características que favorecem ao público jovem despertar para a realidade e refletir sobre ela.

Essa produção, apesar de ainda gozar pouco prestígio no mundo acadêmico, vem se destacando e garantindo seu lugar no sistema literário brasileiro. Através de sua linguagem “simples”, contudo apropriada e voltada para o diálogo com o leitor, possibilita discussões de temas, antes não abordados, que tratam de questões existenciais do cotidiano da sociedade, além de dar voz aos silenciados por muito tempo

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

(negros, mulheres, crianças, jovens, homossexuais etc.), permitindo a entrada de textos não canônicos no seletivo campo literário.

Obras juvenis e protagonismo LGBTQIAP+

A noção de qualidade textual ou artística é um critério norteador daquilo que se convencionou chamar de Literatura. Apesar da existência dos limites semânticos do termo que foi forjado em contexto burguês, e direciona seu foco Interpretativo para as práticas, os valores, o tempo e a cultura burguesas, visão, hoje, facilmente contestada por propostas de abordagens do texto literário como a dos Estudos Culturais.

Com a redemocratização do país, a partir da Constituição de 1988, a educação vinha se consolidando não somente como espaço de instrumentalização, mas também para a percepção de injustiças sociais. A Constituição Federal de 1988, considerada a carta magna dos direitos civis, traz como eixo norteador a democracia e como desdobramentos ações que busquem a sua implementação (BRASIL, 1988). Nesse sentido, pensa-se na construção da identidade da população Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais (LGBTQIAP+), a partir do diálogo e o pertencimento. É relevante pensar de forma crítica, na busca de diálogo na perspectiva do pertencimento que o seu grau permitirá a construção da identidade por meio de ações que considerem o protagonismo dessa população na busca de sua própria identidade e da sua história.

Para além desse espaço, eles nos incitam a pensar, especialmente, dois pontos: primeiro, que a dinâmica dos gêneros e das sexualidades são sempre construídas e resultados de investimentos (estão nos discursos, nos artefatos, nos símbolos, nas ações etc.) e, em seguida, que elas dizem de uma relação com o saber, com aquilo que é possível conhecer numa determinada época. O ponto a se focar nas nessa análise é em não perder de vista a importância da educação nesse processo de desconstrução de discursos e imagens negativas das homossexualidades (CASTRO, FERRARI e SOUZA, 2017, p.146)

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O protagonismo é pensado a partir do saber (conhecimento) dos caminhos traçados de forma positiva a partir de experiências e/ou vivências, dando a devida visibilidade à população LGBTQIAP+, em especial, do saber que a partir dele possibilita a construção positiva da identidade. Desse modo, refletir sobre a questão da construção da identidade da população LGBTQIAP+, “ressignificando” seu pertencimento à sociedade, constitui questão de suma importância nesse movimento.

Olhares que vigiam, que investigam, que buscam classificar a partir de parâmetros de inteligibilidade de gênero que remetem ao binário exclusivamente masculino/exclusivamente feminino. Olhares que constituem corpos abjetos, ao enquadrá-los aparentemente, fora da norma, embora sempre em relação a ela. Olhares constituem identidades, forjadas com o outro, com aquilo que passamos a pensar sobre nós mesmos/as a partir do modo como o outro me define. Olhares que violentam, incomodam, machucam. Deixam rastros da inquietação. Olhares atentos e constantes, que funcionam como um dos tantos elementos de construção desses processos de identificação e diferenciação que se traduzem na não-binaridade de gênero (CASTRO e REIS, 2019, p.519).

O debate sobre humanização permite realizar uma ligação com a proposta de dar visibilidade à população LGBTQIAP+, tendo em vista que o ato de colonizar entendido por Paulo Freire (FREIRE, 2005, p. 197):

A literatura voltada para o público juvenil, promovendo o conhecimento do indivíduo envolvido nessa frágil condição humana, instaura diálogos com outras artes e formas de produção do conhecimento, pois a literatura é constantemente construída pelas relações dialógicas que mantém com variados discursos e saberes.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Aponta princípios de inferiorização da população LGBTQIAP+ pela sociedade heteronormativa, e desta forma, há um processo de violência contra os primeiros, pensado e realizado pelos outros.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-la como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas, (HALL, 2011, p.109).

O relacionamento entre a pessoa e o mundo permite a ela se conhecer a si mesmo e ao mundo, o que possibilita a construção de sua identidade social e pessoal. Quando se permitia a oportunidade de a criança ter experiências positivas em relação à sua identidade, ela teve sucesso na sua construção, e assim a uma elevada alta autoestima, possibilitando a visibilidade da população LGBTQIAP+ a partir de uma tessitura de reflexões, experiências e vivências sobre sexualidade e gênero.

Pessoas LGBTQIAP+ estão em todos os lugares, são de todas as etnias e de todas as idades. Portanto, não faz sentido não possuírem seus lugares nos livros. A literatura é um reflexo da sociedade e precisa explorar o maior número possível de histórias sobre pessoas no universo literário. Casais gays, lésbicos, bissexuais em relacionamentos, assim como transexuais e pansexuais. Livre de fetichismo, sexualização e estereótipos, porque representatividade, quando bem feita, importa, sim.

É certo que existe uma onda de livros que abordam a temática LGBTQIAP+ fazendo muito sucesso ultimamente. É o caso de Vitor Martins, autor muito querido pelos fãs, por tratar do tema de uma maneira tão delicada e relacionável. É possível notar isso como uma grande evolução na literatura contemporânea, que deve incluir personagens mais diversos, tanto quanto possível para que, dessa forma, mais leitores possam se envolver nas histórias. Entretanto, ainda é possível melhorar: personagens cujas histórias não giram em torno do

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

fato de serem gays, lésbicas, bi ou transexuais. Ainda que assumir-se LGBTQIAP+ seja um passo importantíssimo na vida das pessoas, faltam tramas nas quais a sexualidade da personagem não é o foco. Afinal não existe nenhum livro sobre alguém que se assume heterossexual para o mundo. É preciso tratar a comunidade LGBTQIAP+ com a mesma naturalidade, para representá-los fielmente: como algo absolutamente normal.

De acordo com Renan Quinalha, advogado, ativista e autor do livro *História do Movimento LGBT no Brasil*, a literatura é central para a comunidade. “Tem uma importância fundamental por ajudar a colocar referências e representatividade para quem esteja descobrindo a identidade possa se referenciar nesses modelos, personagens, autores”. (QUINALHA, 2018).

Vitor Martins é um dos autores da nova geração desse mercado. Ele completa a visão de Quinalha sobre a representatividade proporcionada pela literatura. “É de extrema importância para uma coisa que a gente busca que é essa percepção de que o LGBT tem conflitos como todo mundo em várias áreas da vida e, com isso, gerar empatia. Quando a gente lê sobre uma vivência que não é a nossa acaba sendo provocado a repensar o assunto” (MARTINS, 2020).

Assim como nos Estados Unidos, a literatura LGBTQIAP+ brasileira tinha mais protagonismo masculino, mas não eram só eles que estavam a fazer história. Cassandra Rios, pseudônimo de Odette Pérez Rios, escritora brasileira nascida em 1932 na cidade de São Paulo, publicou seu primeiro livro aos 16 anos já com a temática lésbica. *Volúpia do pecado* foi recusado por todas as editoras a que foi apresentado, mas foi publicado pela própria autora e teve grande sucesso, chegando a várias reimpressões.

A literatura LGBTQIAP+ contemporânea já não enfrenta tanta resistência quanto nas décadas passadas, apesar da constante tentativa de boicote por parte de grupos conservadores, autores e autoras LGBTQIAP+ sempre buscaram formas de enfrentar a luta contra o

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

preconceito através de sua arte. João Silvério Trevisan é um importante escritor, ensaísta, dramaturgo e jornalista da vanguarda e ainda está na ativa. Em uma viagem à Califórnia em 1973, após a censura de seu único longa-metragem *Orgia ou o Homem que deu Cria*, Trevisan entra em contato com o ainda jovem movimento gay organizado e só retorna ao Brasil em 1978, quando funda o grupo “Somos – Grupo de Afirmação Homossexual”, o primeiro grupo brasileiro em defesa dos direitos dos homossexuais, e se torna o editor do jornal *O Lampião da Esquina*.

Nos últimos anos mais escritores e escritoras LGBTQIAP+ têm tomado a cena literária. Angélica Freitas, com seu livro *Um Útero é de tamanho de um punho*, traz narrativa poética e conta com relatos de outras mulheres. Ryane Leão em *Tudo nela brilha e queima*, trata de temas como amor, dor, desapego e relações entre mulheres. Ryane é moradora de São Paulo e traduzia sua poesia em manifestações pela cidade através da técnica de lambe-lambe, obtendo bastante apelo na internet com a página “onde jazz meu coração” na rede social Instagram.

A literatura LGBTQIAP+ pode ser expressada em qualquer gênero literário e tem por característica autores e autoras da comunidade LGBTQIAP+ e/ou envolve personagens e temas da cultura gay. O primeiro prêmio literário a ser destinado exclusivamente a este nicho da literatura foi o “Stonewall Book Award” – patrocinado pela Comissão de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros da American Library Association. O prêmio, criado em 1971 sob o título de Gay Book Award, desde então sofreu algumas modificações em sua nomenclatura, até que em 2002 ficou definido como é hoje e se tornando assim mais abrangente. Ele é o primeiro e mais duradouro prêmio LGBTQIAP+ e anualmente premia trabalhos em língua inglesa nas categorias de ficção e não ficção. Os ganhadores recebem, além de uma placa, uma bolsa em dinheiro.

Em relação a prêmios no Brasil, em 2018, o livro *As coisas*, de Tobias Carvalho, foi o vencedor do Prêmio Sesc de Literatura, na categoria Contos. No livro, o autor de 23 anos – natural da cidade de Porto Alegre – narra o cotidiano de um jovem homossexual que viaja,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

estuda, namora e vive a solidão e os vazios em suas relações. Em 2019, houve a primeira edição do Prêmio Mix Literário que desenvolveu programação semanal à volta de autorias e conteúdos LGBTQIAP+, que além de evidenciar os melhores livros de 2018/2019, proporcionou debates em torno da produção literária LGBT em diferentes nichos da cadeia produtiva do livro e da leitura.

Cultura Pop: identidade e representatividade

Para a reflexão antropológica, a noção de cultura associada à noção de sociedade é uma base fundamental. Não se pode compreender os homens e o comportamento humano senão a partir do seu nicho sociocultural. Iniciando sua discussão sobre o conceito de cultura, o antropólogo J.L. dos Santos aponta:

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. (1993, p. 7).

A parte final desta citação oferece uma pista para entender alguns dos conflitos e também as trocas: modos diferentes de conceber a realidade e de expressá-la. Contém, principalmente, um elemento não só importante, como inquietante – e difícil de entender. Como é possível dizer que os homens concebem (isto é, criam, gestam, entendem) a realidade? Mas afinal a realidade não existe fora de nós e independente de nós? Os sentidos estão aí para vê-la, apalpá-la, cheirá-la, ouvi-la. Enviadas as mensagens ao cérebro, este deve “apenas” organizá-las de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

modo a que possamos entendê-las. Por outras palavras, não seria a realidade um dado empírico a ser captado, pelo menos na sua facticidade evidente? Não seria mais correto dizer que o que demanda esforço é de fato “desvendar as suas constâncias, estabelecer relações, buscar o que se oculta sob a superfície?”. Será disto, que o autor nos fala?

A resposta é sim e não. Ele nos fala disto e de muito mais. De fato, a realidade que percebemos é toda ela mediada pela cultura. Disto é difícil nos apercebermos. Um outro antropólogo, R. Linton, escreveu, em meados do século passado, que o peixe só se dá conta que vive na água quando é retirado dela. Nós também só nos damos conta de que vivemos imersos em uma cultura quando saímos dela para mergulhar em outra. Quanto mais essa outra for diferente da nossa, tanto mais estranhamos; podemos achar estranhos os seus costumes, exótica (ou até asquerosa) a sua comida, despropositais as suas emoções e, em alguns casos, o distanciamento e o estranhamento são tão grandes que podemos ter a impressão de estarmos mergulhados em uma “não humanidade”. Nunca nos ocorreria que este outro pudesse ter os mesmos sentimentos a nosso respeito. Nós somos o outro do outro. Não colocamos, porém, em dúvida a nossa “humanidade” nem a “essencialidade” do modo de vida que vivemos. Isto é o que se chama “naturalização” em antropologia: algo como – “somos assim, porque é assim que Os homens são”; “entendemos as coisas assim, porque é assim que as coisas são”, “somos assim, vivemos assim, porque é assim que as coisas devem ser”.

Esta avaliação centralizadora da nossa própria cultura em desabono das demais é o que se chama de etnocentrismo. O etnocentrismo não deixa de ser uma forma de preconceito. Cultura não é “natural”, embora dependa da capacidade natural do Homem (espécie). É essencialmente aprendida, é parte da chamada herança social.

O termo *Queer* surge na cultura através de Teresa de Laurentis, que o cunhou em uma conferência realizada na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, em fevereiro de 1990, com o fim de teorizar

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

sobre as sexualidades gays e lésbicas. Seus principais aspectos passam por um conceito de sexualidade que vê o poder sexual incorporado em diferentes níveis da vida social, expresso discursivamente e reforçado através de fronteiras e divisões binárias, assim como a problematização das categorias de sexo e gênero e de identidades em geral.

O termo *Queer* tem sido empregado como um marcador da instabilidade da identidade e, conforme observa Joshua Gamson: “[...] a teoria *Queer* e os estudos *Queer* propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução.” (GAMSON, 2006, p. 347). Na base das principais formulações *Queer* situa-se a teoria do poder de Michel Foucault que problematizou o binômio sexo/natureza, abordando o sexo de forma histórica. Neste sentido, a análise *Queer* é coerente com a proposta foucaultiana, sobretudo, na seguinte afirmação:

“Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos Silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os Discursos” (FOUCAULT, 2005, p. 30)

A fim de melhor compreendermos os princípios da análise foucaultiana a respeito do dispositivo da sexualidade e, assim, começarmos a nos familiarizar com o universo *Queer*, devemos considerar a relação entre poder e saber, assim como as variações que as relações de poder apresentam em diferentes contextos e a distribuição dos discursos, para Foucault, em diferentes campos do saber.

A partir de Foucault, diversos teóricos *Queer* propõem, tais como Sedgwick(1985), desconstruir, descentralizar e fazer leituras revisionistas de conceitos naturalizados como a sexualidade e mesmo o

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

gênero, da mesma forma que defendem uma política anti-assimilacionista, questionando áreas que normalmente não são vistas no terreno da sexualidade, conduzindo leituras *Queer* de textos ostensivamente heterossexuais ou não sexuais (STEIN & PLUMMER, 1997).

Já que, segundo Sedgwick (2007), cada sociedade define o que é sexual ou não, assim como avalia a aceitabilidade ou rejeição de certas relações, a partir de critérios próprios à sua estrutura de poder, o questionamento proposto por ser teoria *Queer* afirma ainda que as estratégias de grupos minoritários, como os homossexuais, reforçam um binarismo onde um dos polos sempre será normativo, deixando o centro deste cenário vazio (STEIN & PLUMMER, 1997). Com Isso, a proposta não seria abandonar, mas sim problematizar esses binarismos.

Não por acaso, Foucault relata que, no século XIX, sexualidade e doença mental se fundiram. As formações discursivas envolvendo saber, poder e prazer criaram todo o vocabulário De abominação, conduzindo às condenações jurídicas, a “irregularidade sexual” foi anexada à doença mental, foi definida a norma do desenvolvimento sexual em cada etapa da vida (da infância à velhice) e seus desvios possíveis foram caracterizados. Coube aos tribunais condenar tanto a infidelidade quanto os ‘comportamentos desviantes’ da sexualidade. Como ‘cura’ dos escapes à norma, foram definidos e organizados controles pedagógicos e tratamentos médicos. A partir disso, a modernidade despontou como a era da heterogeneização e multiplicação das Sexualidades e de suas perversões.

No que concerne ao dispositivo da sexualidade, Butler (2003) e Preciado (2008) concordam que as análises de Foucault foram criticamente precisas e, por vezes, excessivamente centradas na regulação dos corpos e prazeres por intermédio do sexo (órgão e prática sexual) construído discursivamente. Butler sustenta que pensar a sexualidade como efeito de práticas discursivas historicamente situadas

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

confere possibilidades de desorganizar qualquer coerência 'natural' entre sexo, corpo e desejo.

Além disso, as análises foucaultianas permitem questionar estratégias reguladoras que produzem os sujeitos a serem subjugados e, do mesmo modo, teorias da sexualidade que consideram culturalmente ininteligíveis outras sexualidades. No entanto, Butler coloca uma questão não identificada em Foucault (com base nos diários de Herculine Barbin, um hermafrodita francês do século XIX): se o sexo é a fonte das regulações da sexualidade, o que aconteceria com um corpo que não o possuísse ou o dispensasse? Ademais, ela destaca a limitação que estaria no aspecto coextensivo de sexualidade e poder proposta por Foucault, a qual refutaria qualquer possibilidade de emancipação. Nesse sentido, Preciado argumenta que o foco no funcionamento da sexualidade como dispositivo é insuficiente porque não direciona atenção necessária aos escapes dos aprisionamentos sociopolíticos. Afinal, toda prisão está sujeita às insurreições. Além disso, para o filósofo, as transformações tecno científicas mais recentes acerca da sexualidade passaram despercebidas por Foucault

Neste sentido, a filósofa Judith Butler, uma das principais teóricas *Queer*, afirma que não se deseja rejeitar as teorias representacionais de linguagem, mesmo porque não seria possível. O que se propõe, na verdade, é passar a explicar a dicotomia homo/heterossexualidade como sendo constructos sociais para garantir a hegemonia do grupo dominante (Butler, 2003), ampliando um pouco mais nossa discussão, quando falamos em *Queer*.

Em diálogo com a historiadora Joan Scott, Butler menciona que a noção de pessoa é deslocada em razão do contexto social e histórico. Trata-se de algo inconstante e relativo. Do mesmo modo, gênero também precisa ser apreendido como transitório, relacional e contextual. Em contraposição a essa fluidez, os discursos de gênero agem sobre o sujeito em busca de uma coerência culturalmente estabelecida para atribuir humanidade. Em nossas sociedades, por exemplo, um bebê torna-se ser

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

humano a partir do momento em que a pergunta ‘menino ou menina?’ é respondida. Sendo assim, gênero constitui-se como um qualificador dos corpos humanos.

Em suma, se gênero é um efeito que advém de práticas discursivas, então, está aberto a intervenções e ressignificações, portanto, “gênero é performativo”. Nas palavras da filósofa:

O gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas Reguladoras da coerência do gênero. Conseqüentemente, o gênero mostra ser performativo no Interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um Sujeito tido como preexistente à obra (BUTLER, 2003, p. 48, grifos da autora).

Segundo Jagose (2000), podemos descrever uma realidade na qual se compartilha um posicionamento antinormativo entre as diferentes orientações sexuais, desnaturalizando identidades como principal estratégia. Já segundo Namaste (1996), uma das principais apostas *Queer* é ainda abranger uma multiplicidade de identidades, repensando o binarismo hetero/homossexualidade, não apenas levando em conta minorias homossexuais, mas também identidades sexuais que não são tidas como transgressoras, tais como determinadas posições heterossexuais não legitimadas. Desta forma, ainda segundo esse autor, através do questionamento de binarismos, abriremos um espaço maior de construção individual na sociedade, uma vez que não se trabalha com a ideia de um sujeito inserido em grupos onde ele seja identificado como tendo uma identidade imutável.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Diante do exposto acerca dos conceitos da teoria *Queer*, é válido destacar como a cultura pop está relacionada com o direito da comunidade LGBTQIAP+ e como a essa cultura é explorada na obra *Um milhão de finais felizes* (2018). A priori, é importante destacar como essa cultura pop, gera identificação com os jovens leitores da obra apresenta características do realismo cotidiano (MARTHA, 2011). A cultura pop vem tomando espaço na vida das pessoas ao longo dos anos. Seja o novo filme dos *Vingadores*, a última temporada de *Game of Thrones* ou o mais novo quadrinho lançado pela Emil Ferris. A cultura pop, muitas vezes reconhecida como cultura nerd ou cultura geek, é bastante popular no Brasil.

Com o avanço crescente da luta das minorias, a pauta da diversidade vem crescendo neste tipo de mídia, que atinge cada vez mais pessoas. A abordagem de personagens da comunidade LGBTQIAP+ é um dos exemplos. Filmes à parte, dentro da literatura essa cultura tem muita representatividade e um enorme exemplo disso, é o professor Dumbledore, o famosíssimo mago da saga *Harry Potter*, que foi confirmado como gay pela autora J.K Rowling. Retomando ao livro de Vitor Martins, o autor faz menções a diversos meios midiáticos da cultura pop em seus livros, de divas pops do meio musical a jogos de videogames. Entre os nomes citados estão: *O pequeno príncipe*, *The Sims*(um jogo), *Johnny Depp*, *Mensagem para você* , *Beyoncé*, *Chistopher j.p*(autor de vingança biônica), *Ariana grande*, *Grey's anatomy*, *Jonas brothers*, *Claudia leite*, *Hora de aventura*, *Madonna*, *Taylor Swift*, *Tom Cruz*, *Jenifer Lopes*, *Thor*, *Kim Kardashian*, *Ed Sheera*, *High School musical*, *Frozen*, *Rupaul's drag Race*.

A representatividade e a identidade lgbtqiap+ em *Um milhão de finais felizes*

Vitor Martins é um escritor brasileiro, nascido em Nova Friburgo, no dia 23 de março de 1991. Sua primeira obra publicada, *Quinze dias* (2017) ganhou *status* de best-seller no Brasil, tendo sido traduzida para o inglês como *Here the Whole Time*. Suas obras são conhecidas pela representatividade LGBTQIAP+ e pelo direcionamento ao público jovem. Além da carreira como autor, Vitor também é tradutor de diversos livros de ficção jovem adulta publicados no Brasil, como: *Os dois morrem no final*, *Foi assim que tudo explodiu* e *Órbita de inverno*.

Na trama de *Um milhão de finais felizes* (2018), Jonas não sabe muito bem o que fazer da vida. Entre suas leituras e ideias para livros anotadas em um caderninho de bolso, ele precisa dar conta de seus turnos no Rocket Café e ainda lidar com o conservadorismo dos pais. Sua mãe alimenta a esperança de que ele volte a frequentar a igreja, e seu pai não faz muito por ele além de trazer problemas. Mas é quando conhece Arthur, um belo garoto de barba ruiva, que Jonas passa a questionar por quanto tempo conseguirá viver sob as expectativas de seus pais, fingindo ser uma pessoa diferente de quem é de verdade. Buscando conforto em seus amigos (e na sua história sobre dois piratas bonitões que se parecem muito com ele e Arthur), Jonas entenderá o verdadeiro significado de família e amizade, e descobrirá o poder de uma boa história.

Um milhão de finais felizes é uma história de amor, mas não como estamos acostumados a ler Jonas se sente uma fraude, um completo fracasso. No início da vida adulta, ele se vê perdido, sem saber o que fazer da vida, sem ter iniciado uma faculdade, sem conseguir contar, para a sua família, a verdade sobre si mesmo. Até então, sua maior vitória havia sido conseguir um emprego como atendente em um café gourmet chamado Rocket Café, no qual é obrigado a usar um avental holográfico e fingir que é feliz

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O ponto alto do seu dia é conversar com sua colega de trabalho, a maravilhosa Karina, enquanto finge que está tudo bem em apenas sobreviver aos dias, fingindo que não se sente morto por dentro sempre que chega em casa, e ser uma pessoa que nunca foi, por medo da rejeição dos pais extremamente conservadores e, principalmente, da mãe muito religiosa, que tenta a todo custo levá-lo novamente para dentro da igreja. Mas é no meio dessa infelicidade que Jonas conhece Arthur, um rapaz lindo, de barba ruiva e que vai fazer a sua vida tomar um novo rumo e, quem sabe, a um final muito feliz.

Falando assim, parece que *Um milhão de finais felizes* é apenas mais uma linda história de romance em que o mocinho encontra o amor da sua vida e passa a ser feliz. Na verdade, não é uma conclusão errada, apenas não é exatamente assim.

O livro é sobre amadurecimento. É sobre fazer escolhas difíceis, sobre ser empurrado aos poucos até a beira do penhasco e não ter opção a não ser pular. Nesse pulo, só há duas escolhas: ou cair ou voar.

Com grande sensibilidade, Vitor constrói as inseguranças, os medos, os sonhos, as confusões internas do jovem protagonista, envolvendo o leitor em sua história, de maneira certa.

Jonas é gente como a gente. É possível ver seus medos em relação aos pais conservadores, o medo de ser rejeitado simplesmente por amar fora das amarras da sociedade. E, como ser humano, sentir todas as suas dores quanto a se sentir perdido e desamparado, e sentir a sua alegria ao poder contar com o apoio de pessoas incríveis e amorosas para se reerguer.

Um milhão de finais felizes é sim uma história de amor, mas não como as que estamos acostumados a ler. É preciso acompanhar a jornada de Jonas durante o seu árduo caminho, que, no fim das contas, está apenas começando.

Como as narrativas infantis, as agora consideradas juvenis apresentam marcas formais e temáticas diversificadas, apropriadas à

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

faixa etária de seus leitores e inerentes ao contexto sociocultural em que transitam autores e receptores.

Com linguagem questionadora de convenções e normas, técnicas mais complexas de narrar, as obras contemporâneas tratam de assuntos anteriormente proibidos a leitores mais jovens – morte, separações, violência, crises de identidade, escolhas, relacionamentos, perdas, sexualidade e afetividades – temas que podem levar à sistematização, ainda que precária, das linhas mais evidentes na produção contemporânea: amorosa, fantasia, psicológica (introspectiva), suspense e/ou terror, policial, realismo cotidiano ou denúncia, folclore, histórica, entre outras.

Um milhão de finais felizes é um romance jovem adulto que aborda temas como amizade, amor, identidade e aceitação. A história acompanha a vida de Jonas, um jovem gay que mora em São Paulo e está começando a descobrir sua sexualidade. Ele tem uma vida tranquila, mas quer experimentar novas coisas e sair da rotina. Jonas tem um grupo de amigos inseparáveis, que o ajudam a enfrentar os desafios da vida. Karina e Danilo são os melhores amigos do Jonas desde a época da escola com ele, o Jonas podia falar sobre tudo sem medo de ser julgado. Jonas sabia que podia contar com o apoio de seus amigos em todos os momentos, e por isso se sentia grato e protegido. Com a chegada do fim de semana, Jonas sabia que já tinha um programa garantido: encontrar seus amigos para jogar videogame e rir sem parar.

Esses são apenas alguns exemplos de trechos do livro que mostram a amizade do Jonas com Karina e outros amigos. Através dessas passagens, o autor Vitor Martins destaca a importância da amizade e do apoio dos amigos na vida do Jonas e na jornada de autoconhecimento que ele enfrenta ao longo da história.

No decorrer do livro, Jonas conhece Arthur, um jovem de aparência misteriosa que acaba se tornando seu grande amor. A partir disso, eles passam por muitas aventuras juntos, incluindo a participação

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

em um festival de música, viagens para conhecer outras cidades e a superação de obstáculos pessoais.

Jonas se sentia atraído por Arthur desde antes mesmo de descobrir que ele era gay. Mas foi depois de conversar com ele no jardim da faculdade que ele percebeu que a atração ia muito além de uma simples admiração. Os olhos castanhos de Arthur brilharam e o sorriso que ele deu foi algo que Jonas nunca esqueceria. Foi aí que ele soube que queria passar muito mais tempo com ele. Jonas se perguntou se isso era algum tipo de sinal do destino. Será que ele finalmente encontrou alguém que o aceitaria do jeito que ele era?

O livro aborda de forma sensível e realista a descoberta do amor entre dois homens e todas as complexidades que envolvem essa jornada de autoconhecimento e aceitação. O romance entre Jonas e Arthur, outro personagem gay da trama, também, é um ponto importante da narrativa. Através do relacionamento dos dois, o autor mostra a importância de encontrar alguém que o aceite e ame pelo que você é, independente de qualquer preconceito ou opinião externa.

O autor também retrata de forma realista a grande cidade de São Paulo, mostrando diversas localidades e cenários característicos da cidade que dão uma maior riqueza narrativa à história. O protagonista relata que São Paulo é intensa. Que você pode ouvir mil histórias diferentes em um único dia. É uma cidade que pulsa, que respira, que vive. Ademais, fala que, a cidade é um caos organizado. As pessoas andam em ritmo acelerado, frenético, como se carregassem o mundo nas costas. Mas ao mesmo tempo, há lugares tranquilos, espaços verdes, oásis escondidos em meio ao concreto.

O ponto principal de *Um milhão de finais felizes*, de Vitor Martins, é a jornada de autoconhecimento e autodescoberta do protagonista Jonas, um jovem gay que está tentando encontrar seu lugar no mundo.

Ao longo da história, Jonas enfrenta diversos obstáculos em relação à sua sexualidade, incluindo a falta de aceitação da sociedade e até mesmo de sua própria família. Porém, ele conta com o apoio de seus

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

amigos, que também são parte da comunidade LGBTQIAP+, e que o ajudam a se sentir mais confiante para viver sua vida plenamente.

Além disso, o livro também aborda temas como amizade, lealdade, identidade e superação, fazendo com que o leitor se identifique com os personagens e se emocione com suas histórias. *Um milhão de finais felizes* é uma obra importante para a representatividade LGBTQIAP+ na literatura brasileira, trazendo à tona uma narrativa sensível e bem construída sobre o protagonismo de pessoas que muitas vezes são ignoradas pela sociedade.

Um milhão de finais felizes é uma história divertida e emocionante, que trata de temas importantes de forma leve e descontraída, cativando o público jovem adulto e contribuindo para a representatividade LGBTQIAP+ na literatura nacional.

No artigo A narrativa juvenil brasileira contemporânea, Alice Áurea Penteadó Martha (2011) fala sobre a compreensão da natureza e a função da narrativa juvenil que leva à abordagem de obras significativas na produção brasileira contemporânea, que configurem, tanto no plano temático como no formal, seu estatuto artístico e a pluralidade de enfoques que as constituem. A autora faz a classificação agrupando as obras de acordo com a temática predominante. As classificações são: linha psicológica, linha histórica, linha de realismo cotidiano ou de denúncia, linha de suspense e/ou terror e linha policial.

Um milhão de finais felizes vai se enquadrar de modo predominante na linha de realismo cotidiano ou de denúncia. Afinal, a obra não se trata de somente um romance adolescente, mas das descobertas da recém-chegada vida adulta, dos relacionamentos familiares, das crenças e descrenças, realçados pela trajetória do protagonista, das descobertas, da culpa que ele carrega, ao assumir ser uma pessoa LGBTQIAP+.

Houve uma curta fase na minha vida em que eu tentei mudar eu tentei não ser gay, não olhar para os meninos

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

bonitinhos da escola e pensar que beijá-los não seria má ideia. O esforço de tentar mudar a minha cabeça era tão exaustivo que num determinado ponto da adolescência, eu apenas aceitar que eu sou assim. (MARTINS, 2018, p. 29).

O pai de Jonas é um homem de comportamentos machistas e sua mãe é evangélica, suas crenças religiosas vão na contramão da orientação sexual de Jonas, mas o enredo demonstra o processo de autoaceitação para Jonas mediante suas próprias crenças e a busca de entendimento e acolhimento da sua mãe, diante da descoberta do filho. Os pais do protagonista possuem características comuns às famílias brasileiras de classe média, o ambiente familiar ali presente retrata o cotidiano de jovens que sofrem preconceito quanto à sua sexualidade, de modo que a obra faz com que o jovem leitor se identifique com as problemáticas do mocinho, como se pode observar nas citações:

Abro a porta e encontro meu pai estirado no sofá. A cara pálida, os olhos cansados, a barba por fazer e a camiseta justa revelando parte de uma barriga peluda. Lembro que saí de casa hoje de manhã com ódio dele, mas não consigo recordar o motivo. Tem dias em que discutimos feio sobre qualquer besteira, mas em outros só a sua presença já é o bastante para esgotar minha paciência. (MARTINS, 2018, p. 25).

Não importa quem está jogando, meu pai sempre está assistindo futebol. (MARTINS, 2018,p. 26).

[...] provavelmente já bebeu duas ou três cervejas (MARTINS, 2018,p. 26).

Houve um tempo em que estar ao lado da minha mãe era o bastante para me sentir seguro. Não me sinto

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

mais assim desde que me dei conta de que, mais cedo ou mais tarde, vou ter que decepcioná-la. (MARTINS, 2018, p.29).

Somado à classificação de Alice Martha (2011), é válido destacar que os autores contemporâneos de obras para a juventude questionam as convenções, os códigos e as normas que têm regido tradicionalmente o gênero. Tratam de assuntos anteriormente intocáveis e utilizam, por vezes com mais audácia que os autores que se colocam ao lado dos adultos, de técnicas narrativas complexas (polifocalização, discursos metafictícios, mistura de gêneros, ausência de fecho, intertextualidade, ironia, paródia) (BECKET, 2003, p.73.) Exemplificando esses aspectos que a escrita do Vitor Martins em *Um Milhão de finais felizes* apresenta de forma tão sensível, apontamos a trajetória do protagonista que entra na zona de convergência com o cotidiano e as questões presentes na sociedade atual e na vida dos adolescentes, em específico, dos adolescentes brasileiros, conforme se pode ver no trecho:

minha mãe se converteu para a igreja evangélica pouco antes de eu nascer. cresci tendo que ouvir milhares de vezes a história de como ela já tinha desistido de engravidar, mas que em um culto de domingo ela clamou a deus por um filho e no mês seguinte, tcharam grávida.

É muito difícil alinhar as expectativas das pessoas quando todo mundo acredita que você é um milagre. Por muito tempo eu mesmo acreditei que eu era um milagre. Por muito tempo eu mesmo acreditei que eu era um **milagre**. Mas quanto mais eu crescia e conhecia melhor a mim mesmo, mais certeza eu tinha de que, para a minha família, eu seria maldição. (MARTINS, 2018, p. 29).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

No quesito representatividade, o autor acerta bastante. Além de falar com sensibilidade da realidade de muitas pessoas que não são aceitas, por não se encaixarem na ideia distorcida dos pais de que filhos deveriam ser o fruto de suas expectativas, ele construiu as relações de maneira real, sem enfeitar as pessoas para parecerem melhores do que são. E, quando se trata de mulheres, não houve ofensas, nenhuma indicação de rixas estúpidas ou rivalidade feminina – no máximo um ciúme de amizade, que nada tem a ver com gênero. O autor não precisa levantar nenhuma bandeira e acenar, mas tudo o que precisa ser dito está ali.

Com base no que afirma Candido (2004), a literatura, ao percorrer um caminho que articula conteúdo e forma converte-se em uma manifestação artística capaz de gerar instantes de reflexão e identificação em determinadas parcelas de leitores. Ao entrar em contato com a linguagem literária, os pequenos e jovens leitores têm a oportunidade de apreciar o texto literário em sua dimensão estética e, como resultado, podem refletir também sobre a dimensão ética do texto, ao fomentar o debate sobre o amor, a morte, a solidão, a sexualidade, entre diversos outros temas inerentes à condição humana. E a identificação com essas questões se faz de forma constantemente presente na obra de Vitor Martins, como nos trechos abaixo:

Houve uma curta fase na minha vida em que eu tentei mudar eu tentei não ser gay, não olhar para os meninos bonitinhos da escola e pensar que beijá-los não seria má ideia. O esforço de tentar mudar a minha cabeça era tão exaustivo que num determinado ponto da adolescência, eu apenas aceitar que eu sou assim” (MARTINS, 2018, p. 29).

Aceitar que eu sou gay significou aceitar que eu vou para o inferno e viver constantemente com medo da morte. Esse tipo de pensamento não me assombra mais

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

com tanta frequência como antes, mas ainda existem noites em que, antes de dormir, eu olho para o teto e penso que, em algum lugar, existe um Deus que está extremamente desapontado comigo.” (MARTINS, 208, p. 30).

A discriminação na família dos LGBTQIAP+ representa a pior homofobia sofrida por essas pessoas, visto que é do convívio familiar que deveria vir o amor, o respeito e a confiança. A ajuda dos pais é fundamental para o crescimento do filho, mas no caso de Jonas, protagonista de *Um milhão de finais felizes*, isso não acontece. Ele encontra nos amigos uma nova família, pois é expulso de casa, quando é descoberto seu romance com Arthur. E para sua sorte é bem acolhido pelos amigos, que também têm experiências e vivências similares às suas. É aí que o conceito de “Comunidade” se torna algo ainda mais significativo no desenvolvimento do romance com um protagonista LGBTQIAP+.

O livro *Um milhão de finais felizes*, de Vitor Martins, aborda a questão da identidade como um dos principais temas da obra. O protagonista, Jonas, é um jovem gay que está em busca de sua identidade, lutando para se aceitar e ser aceito pela sociedade.

No decorrer do livro, Jonas passa por várias situações que o fazem questionar sua sexualidade e identidade de gênero, desde a falta de suporte de sua família às situações de preconceito que enfrenta na escola. Através dessas situações, ele começa a perceber que sua identidade não se resume apenas a sua orientação sexual, mas que há outras questões importantes que o definem como pessoa.

Ao longo da história, Martins mostra como Jonas vai superando esses obstáculos e desenvolvendo sua identidade de forma mais segura e confiante. Isso é retratado através de sua relação com seus amigos LGBTQIAP+, como também através do seu romance com Arthur, outro personagem gay da trama.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O livro também destaca a importância da aceitação da própria identidade, independentemente das expectativas impostas pela sociedade. Algumas cenas no livro mostram Jonas confrontando essas expectativas e se permitindo ser ele mesmo.

O livro mostra que talvez a única identidade que precisássemos ter é a de sermos nós mesmos, do jeito que somos, com todas as nossas diferenças, particularidades, manias e ideias.

Em resumo, *Um milhão de finais felizes* aborda a identidade como algo complexo e multifacetado, que a sociedade muitas vezes tenta encaixotar em estereótipos e preconceitos. A obra apresenta uma visão positiva sobre a descoberta e a expressão da identidade de cada indivíduo, independente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocomlado.htm > Acesso em: 17 abr, 2023.

BECKET, Sandra L. Romans pour tous? In: DOUGLAS, Virginie (Org.). **Perspectives Contemporaines du roman pour la jeunesse**. Paris: L'Harmattan, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CASTRO, RONEY POLATO DE; FERRARI, ANDERSON ; SOUZA, M. L. **'Medo da estigmatização?'** – A universidade, os processos formativos e a problematização das homossexualidades. TRAVESSIAS, 2017.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual/ Tradução aura Sandroni. – São Paulo: Global, 2003. FIRMINO, Flávio Henrique.; PORCHAT, Patrícia. **Feminismo, identidade e gênero**

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. Doxa: Ver. Bras. Psicol. Educ., araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./ jun. 2017. ISSN: 1413-2060.

FEIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48ª Reimpressão, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005, p. 197.

FREITAS, A. **Um útero é do tamanho de um punho**. Cosac Naify, 2012.
GREEN, James; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa; (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Alameda, 2018.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. A estética da periferia na literatura juvenil. In: AGUIAR, Vera Teixeira de. MARTHA, Alice Áurea Penteadó. **Literatura infantil e juvenil: leituras plurais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.25-35.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. SP: DP&A, 2006.
MARTHA, Alice Áurea Penteadó. **A literatura infantil e juvenil: produção brasileira contemporânea**. Letras de hoje. Porto Alegre, v. 43. Nº 02. Abr./Jun. 2008. p. 09-16.

MARTINS, Vitor. **Um milhão de finais felizes**. São Paulo: Globo Alt, 2018.

MARTINS, Victor. **Como escritores LGBTs veem na literatura uma forma de combate ao preconceito**. Entrevista concedida a Leopoldo Rosa. CNN, em São Paulo (2020).

PEREIRA, Rita Ribes. **Nossos comerciais, por favor! Infância, televisão e publicidade**. Tese (Doutorado em educação). PUC-RIO, Departamento de Educação. Rio de Janeiro: 2003.

PRECIADO, Paul B. **Testo yonqui**. Madrid: Espasa Calpe, 2008.

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. **Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico**. Lisboa: Tropelias & Companhia, 2016.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

REIS, N.;CASTRO, RONEY POLATO DE. Narrativas de experiências na não-binaridade: discutindo gênero, identidades e diferenças. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 4, p. 504-520, 2019.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução e notas de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte horizonte: Autêntica, 2017.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16.ed. SP: Brasiliense, 2006.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. In: **cadernos pagu**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SOUZA, Raquel Cristina de Souza e. **A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: a formação do campo e do leitor**. 2015.

SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) **Caminhos para a formação o leitor**. São Paulo, DCL, 2004.

STEIN, A. & PLUMMER, K. 'I can't even think Straight': 'Queer' Theory and the missing sexual revolution in sociology. In: S. SEIDMAN (Ed) *Queer theory/Sociology*. UK, Blackwell Publishers Ltd, p. 129-144, 1997.

WIKIPÉDIA. **Vitor Martins** (escritor). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vitor_Martins_\(escritor\)#](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vitor_Martins_(escritor)#) > Acesso em: 22 jun, 2023.

A QUESTÃO FEMININA NOS MANUAIS SEXUAIS DO SÉCULO XX

Jessiane Almeida Pereira¹
Fernando Bagiotto Botton²

Introdução

O presente trabalho tem por finalidade discutir e analisar obras publicadas no Brasil nos anos 1928, 1941 e 1951 do século XX e que contribuíram para a construção e fortalecimento do pensamento social e sexual da época. A prática teórica-metodológica se concentra na análise de três obras de orientação sexual traduzidas para o português e publicadas no Brasil, são elas: *Procreação racional*; *A questão sexual*; e *A intimidade sexual*. Tais livros, por mais que possuíssem uma linguagem médico-científica possuíam leitores de grande amplitude, com abordagem participativa nas discussões da época, em que é possível compará-las e destacar suas semelhanças e diferenças para compreender quais obras foram socialmente aceitas, tendo em vista, a tradição pensante do período. As bibliografias de pesquisa incluem livros e artigos, não só voltados à discussão das obras, como também de elementos que contribuíram para o entendimento e argumentação do problema da pesquisa.

Diante da observação foi possível perceber que um dos problemas que ganharam destaque nas novas discussões do século XX foi a mulher, dentro disso identificou-se o destaque de novas declarações

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí.

² Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná e Professor efetivo da Universidade Estadual do Piauí.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

em seu entorno, diante do seu corpo, comportamento e posicionamento, automaticamente concretizou-se uma dupla visão: como deveria ser a organização do homem e da mulher. Portanto, esta pesquisa identificou, com enfoque central, a problematização da mulher nos discursos das obras e, conseqüentemente, evidenciou quais foram, cujos elementos instituídos, refletiram o posicionamento da sociedade brasileira até meados do século XX.

A exemplo disso, temos a presença de três obras internacionais, que nos mostram sua adesão e influência pela sociedade brasileira. Em análise temos a obra de Augusto Forel, *A questão sexual*, publicada em 1941, no Brasil e que teve grande repercussão entre o público leitor pelo formato de sua abordagem em torno do corpo; Jules-Robert Bourdon, escritor do livro *A intimidade sexual*, obra publicada em 1951, voltada para a discussão em torno da prática e características do desejo sexual masculino e feminino; e, por último, Marie Stopes, autora de *Procriação racional*, de 1928, que diferentemente das outras obras não consegue se estabelecer e se tornar uma obra voltada à orientação sexual, consolidada no Brasil. O aproveitamento dessas obras em específico se dá, não somente pelo acesso e uso físico, como também pela singularidade que cada uma possui quando tratadas com o objetivo de compará-las enquanto documentos de abordagem sexual. Desses registros, seus posicionamentos possuem atributos que nos permitem uma análise histórica acerca do gênero dentro de uma perspectiva objetiva.

Nosso artigo está estruturado em quatro tópicos além da introdução e da conclusão. O primeiro tópico, “O projeto de modernidade sexual no Brasil no início do século XX”, discute a existência da preservação de conceitos como o patriarcado, modernização, dentre outros que circundam a preservação do corpo e que estão atrelados a moral pessoal; apresenta a introdução de trabalhos voltados à discussão em torno do conhecimento sexual e de como desenvolvê-lo para o benefício do casal, como também na identificação

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

do sujeito mulher nas relações, e como, de acordo com a obras, ela deveria se comportar.

O segundo tópico, “O gênero e suas propostas sociais”, enfatiza o gênero e o destaca como algo culturalmente construído, e como reflete na disparidade entre homem e mulher, problematizado como ferramenta de poder entre masculino e feminino.

No terceiro tópico, “Contextualizando manuais e autores”, discute-se sobre os manuais sexuais em circulação no Brasil que refletiram a tradição sexológica pré-existente. Destaca-se os autores dos manuais originais, Augusto Forel, Jules-Robert Bourdon e Marie Stopes, com destaque das obras dos dois primeiros, em que identificamos declarações que explicam o porquê dessas obras terem sido “aceitas” e outras, em particular, não.

O quarto tópico, “O discurso racional de Marie Stopes”, procura destacar Marie Stopes como uma autora que estabeleceu concepções um pouco modernas demais para a época, trazendo consigo explicações que asseguram apoio, não somente a mulher, como também informações que se voltam a defesa do planejamento familiar e que, por tais motivos, se tornou uma obra estranha aos leitores brasileiros.

1 O projeto de modernidade sexual no Brasil no início do século XX

As estruturas sociais do Brasil, não é de hoje, foram muito consolidadas sobre o conservadorismo moral e a preservação de seus ideais e tradições. A autoridade patriarcal teve imprescindível papel na organização e surgimento das instituições que, ao longo do tempo, usaram de sua influência e prestígio para legitimar o poder masculino nas relações (AGUIAR, 2000). A predominância masculina e, conseqüentemente patriarcal, nos círculos de poder e na influência de ideias socialmente instituídas põe em destaque o aspecto dominador masculino nas relações sociais.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Durante o início do século XX, o projeto modernizador de ideais, no qual consiste em apresentar costumes rompendo barreiras com o estilo tradicional, marcou presença no cenário brasileiro, e nesse aspecto de modernização daremos enfoque à questão do gênero, que se evidencia pelas disparidades socioculturais entre as esferas femininas e masculinas. Vale lembrar que o conceito modernizador de tais ideias é justificado a partir de influências e ideais europeus, sempre adaptando ao cenário brasileiro, mas nunca deixando de ter uma abordagem baseada em ideias internacionais (RAGO, 1998). Contudo, não é de toda forma correto afirmar que a adaptação de determinadas ideias europeias foi recebida de forma harmônica em todas as regiões do Brasil, de forma generalizada.

A necessidade do conhecimento sexual impulsionou a criação de trabalhos escritos que disponibilizassem orientações e dicas sobre como deve ser o casamento, o desejo e a prática sexual. São obras, tidas como manuais, de caráter persuasivo e que auxiliam na construção do conhecimento em torno da vida a dois e que participaram da construção histórica sexual no Brasil a partir do século XX (CECCHIN, 2010).

Tal abordagem gira em torno de concepções já existentes no Brasil e que reforçam as obrigações naturais de cada gênero, logo as obras que não foram rejeitadas pela sociedade são tidas como guias sexuais práticos, fundamentados na ideia de comportamento de ambos os sexos, embora apresente um aspecto modernizador, dando maior expressão ao sujeito feminino e suas particularidades, não deixa de legitimar o protagonismo masculino e reforçar o pensamento social da época, onde a mulher era vista como submissa às vontades masculinas. Assim como define Fontoura que:

O caráter de manual prometia oferecer soluções rápidas às angústias e incertezas ligadas ao comportamento sexual, e é justamente por isso que os títulos que melhor concordavam com as opiniões estabelecidas eram os que alcançavam vendagens

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

significativas. Os manuais críticos às tradicionais concepções de gênero e de sexualidade tendiam a ser repudiados (FONTOURA, 2019, p. 15).

Os manuscritos dialogam com a história cultural do corpo e a partir disso estabelecem vivências e orientações de como usá-lo e cuidá-lo (MARTINS, 2004). Os autores buscam fornecer ideias científicas em torno da natureza anatômica dos sexos e como adaptá-lo a vida conjugal para que fosse saudável.

A filosofia clássica, juntamente às outras esferas sociais (política, economia, discurso sanitário), propõe aquilo que é defendido na teoria Darwinista, embora ponha os seres no pilar da igualdade e liberdade também propõe as desigualdades ao declarar as diferenças naturais que distinguem o mais forte do mais fraco, ou seja, quem comanda e quem obedece (MARTINS, 2004). Para os autores que se voltaram à questão da mulher não havia limitações para afirmar sua inferioridade.

O discurso em torno da mulher, já desde o século XIX, buscou apresentá-la de acordo com exames médicos, que com o tempo se tornaram mais detalhados e meticulosos. As conclusões defenderam que corpo e moral se relacionam e eram voltados a cumprir determinada função, no caso das mulheres seria a maternidade. Sua imagem seria moralmente superior à do homem se estivesse de acordo com suas funções sociais, caso contrário estaria sujeita ao descontrole e às tentações (MARTINS, 2004).

Neste sentido, é importante ressaltar a aceitação do público leitor para com os manuais em circulação, além dos debates em torno da sexualidade promovidos por essas obras. Boa parte das publicações tiveram maior destaque editorial na época devido à sua abordagem, que atendia às expectativas e preconceitos dos leitores. No início do século XX, não eram muitas as pessoas que tinham o privilégio da leitura, o fato dos Estados possuírem autonomia para desenvolver projetos em prol da educação fez com que se tornasse um problema de responsabilidade

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

nacional, além de refletir um sistema desigual entre as regiões, sem contar a porcentagem de crianças e adultos analfabetos da época (FERREIRA; CARVALHO, 2014).

Desse modo, estudar e ter acesso à educação só era possível para as pessoas que possuíam recursos para esse investimento, portanto, as pessoas mais humildes não tinham esse privilégio. De acordo com Josetti e Araújo,

A nova Constituição enfatiza o ensino pré-vocacional e profissional. Por outro lado, propõe que a arte, a ciência e o ensino sejam livres à iniciativa individual e à associação ou pessoas coletivas públicas e particulares, tirando do Estado o dever da educação. [...] Esta época marca uma grande distinção entre o trabalho intelectual, para as classes mais favorecidas, e o trabalho manual, enfatizando o ensino profissional para as classes mais desfavorecidas (JOSETTI; ARAÚJO, 2012, p. 188).

Somente com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1930, que um projeto nacional de educação começou a ser discutido e, com isso, a defesa e estímulo da articulação da família com o poder público para um ensino a longo prazo, acompanhada da afirmação que o povo necessitava de escolarização para ajudar no progresso do país. A constituição de 1934 estabeleceu que o ensino e a prática de atividades voltadas à cultura e à ciência fossem tomados pela iniciativa e investimento pessoal, isso explica o fato de as obras literárias que falavam sobre sexualidade estivessem concentradas nas mãos das classes médias e superiores, o custo de compra e a possibilidade de reflexão em torno delas só era possível a quem pudesse arcar financeiramente com alfabetização e com tempo livre. Ademais, o ensino tradicional não estimulava o senso crítico e intelectual dos indivíduos,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

ao contrário, destinava aos mais humildes uma educação profissional voltada aos setores de produção (JOSETTI, ARAÚJO, 2012).

Segundo Fernando Botton, a legitimidade da liderança advém da classificação dos indivíduos pelas suas características naturais, tal prática hierarquizava os sexos. Reforçado pelo discurso médico, esse processo legitimava a figura masculina como representante da esfera social de influência, além de constituir a noção de caminho à ordem e civilização (BOTTON, 2017).

Em continuidade, o esquema desenvolvido pelos intelectuais médicos para explicar essa psicologia envolvia a forma como o indivíduo agia e se comportava a partir de seus sentimentos e escolha. Definir e hierarquizar eram atribuições da ciência médica, psicológica e eugênica. Tal esquema priorizava as características e qualidades da personalidade, que definiam aquele que manda e outros critérios de demanda se concentram na figura masculina, que desfrutava da racionalidade e das qualificações que o tornavam líder, como a genialidade, prestígio e foco, diferentemente da mulher, que era tida como irracional e emotiva, logo, de personalidade insuficiente, passional e medíocre.

Essa hierarquia de gênero justificava, com base na personalidade imposta, a liderança social/sexual/familiar masculina, pondo os ofícios naturais ao homem (política) e a mulher (lar), essa estrutura refletiu a noção de liderança da primeira metade do século XX (BOTTON, 2017). Dessa forma, podemos compreender que o gênero se constitui como elemento de poder naquele contexto histórico, o que iremos estudar em sequência.

2 O gênero e suas propostas sociais

A relação entre homens e mulheres, de maneira organizada, compreende que o conceito *gênero* se refere especificamente à cultura, e não se relaciona com as diferenças naturais dos corpos humanos, assim

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

afirma-se que as pessoas são produtos da própria construção social e não do determinismo biológico (BRASIL, 2014). A ideia de superioridade e inferioridade que foi construída ao longo da história pelos próprios homens e mulheres da sociedade não seria natural ou biológica, mas uma construção cultural, passível de desconstrução, esse produto sociocultural determinou a hierarquia de gênero, que para o Ministério da Educação:

Há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, amar, etc. Conforme o gênero, também há modos específicos de trabalhar, gerenciar outras pessoas, ensinar, dirigir carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas, dentre outras atividades (BRASIL, 2014, p. 40).

Isso é resultado do aprendizado que deriva do comportamento, pertencente aos convívios sociais em que a realidade propõe modos de vida e convivência para cada um dos sexos.

O gênero, da forma que podemos designar, reflete na criação social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres (SCOTT, 1990). Esse sistema de relações implica poder, este exercido pelo patriarcalismo e suas funções de subjugação feminina. Portanto, é insuficiente aceitar que o termo 'gênero' se torne uma ferramenta de exposição das diferenças sexuais e que o sistema patriarcal é um agente decisivo para esta realidade. Scott destaca que:

Embora se afirme algumas vezes que a "ideologia do gênero" "reflete" as estruturas econômicas e sociais, há também um reconhecimento crucial da necessidade de compreender o "vínculo" complexo

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

“entre a sociedade e uma estrutura psíquica persistente (SCOTT, 1990, p. 79).

Há o encontro de ideias entre estruturas sociais e psíquicas em torno do debate de gênero, o vínculo social ativo reflete, portanto, na construção ideológica da identidade dos gêneros e que promove a articulação e legitimação da hierarquia de gênero. Essa relação de poder reflete ainda mais a forma como o patriarcalismo interfere no comportamento social, pois segundo Cecchin,

A conduta racional dos homens adultos em uma moral sexual que ditava as artes de viver, estabelecia os critérios estéticos da existência que autorizavam um maior entendimento sobre o domínio de seus atos, na construção subjetiva que buscava intensificar relações sociais pelo comportamento ético dos indivíduos. A moralização sexual como estética da existência exigia, assim, uma inscrição da vida no estreitamento da conjugalidade, no compartilhar da vida conjugal no casamento que possibilitaria também a manutenção dos jogos políticos do matrimônio e suas funções sociais mais amplas (CECCHIN, 2010, p. 75).

O conteúdo das obras promove essa discussão em torno do que seria correto ou incorreto e, conseqüentemente, a reflexão do ser mulher nesse contexto. Logo após a sexualidade feminina ser problematizada pelos médicos, alguns deles difundiram esse discurso, prática não identificada antes, porém com ressalvas, pois a sexualidade feminina só era aceita com seu marido e dentro do casamento, ou seja, para o exercício da prática sexual, as mulheres deveriam obedecer às instruções que, por preservação, faria jus à sua integridade moral (MARTINS, 2004).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Dessa forma, a criação de textos voltados a discussão sobre sexo e casamento e que de certa forma contribuíram para a educação sexual tanto feminina quanto masculina, foi determinante para a naturalização dos debates em torno da vida sexual. Fontoura nos esclarece ao afirmar que:

Casamento e erotismo se aproximavam e o ato sexual passou a ser compreendido como a entrega entre duas pessoas apaixonadas, final feliz e esperado de uma narrativa romântica de amor. Homens e mulheres casados, sob este novo código, passaram a ser considerados dignos de desfrutar deste sentimento amoroso e também do prazer físico dele resultante e não com a tristeza do pecado (FONTOURA, 2019, p. 140).

Essa produção e sua consequente divulgação almejava, não somente garantir a consolidação das relações, como também diminuir o percentual de indivíduos na época considerados pejorativamente como sexualmente ignorantes.

3 Contextualizando manuais e autores

O início do século XX no Brasil, no campo literário, é marcado pelo surgimento de trabalhos feitos por formadores de opinião cujos perfis possuem real poder de verdade e convencimento. Esses trabalhos ficaram conhecidos como manuais sexuais, cujo objetivo é apresentar códigos linguísticos e mentais em torno da sexualidade, das relações matrimoniais, da maneira na qual homens e mulheres devem se relacionar, como também apresentar seu processo de construção a partir das discussões.

Em outras palavras são tidos como guias práticos para o alcance de informações em torno da temática sexual. A necessidade de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

modernização do comportamento das ideias em torno da sexualidade, matrimônio e comportamento da sociedade brasileira foi bastante evidente e influenciada. O intuito era o melhoramento da raça diante das novas proposições contidas nas obras, a isso dava-se o nome de Eugenia³. Fontoura destacou que:

A literatura médica passou a condenar os antigos modelos de relacionamento, inclusive em seus aspectos sexuais, bem como cresceu a legitimidade de uma expressão erótica considerada natural e necessária. A paixão deveria ser exercida com o único e exclusivo objeto de desejo, o cônjuge, sancionada pelo sacramento matrimonial: autorização social garantida tanto pela religião, quanto pela ciência (FONTOURA, 2019, p. 140).

Alguns autores e suas produções têm importante destaque nesse processo de construção e discussão em torno dessa temática. Devido ao projeto modernizador e à forma como apresenta sua introdução, as editoras brasileiras proporcionaram a difusão de novas concepções em torno do conhecimento sexual, algumas com certa influência do conservadorismo social e outras com um enredo um pouco mais ousado que a maioria.

A presença de obras escritas por Augusto Forel, *A questão sexual* (1941), Jules-Robert Bourdon, *A intimidade sexual* (1951) e Marie Stopes, *Procriação racional* (1928) possibilitaram novas perspectivas diante da relação homem e mulher e sancionaram novas práticas na construção de uma ideologia cultural. Antônio Fontoura nos possibilita uma maior compreensão a esse respeito ao falar que a maioria das obras foram de

³ A eugenia, biologicamente falando, se resume a teoria que busca selecionar as qualidades humanas genéticas e reproduzi-las para o conseqüentemente melhoramento da raça humana (FORMIGA; PAULA; MELO, 2019).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

autoria masculina e que a construção dessa ideologia consolidou a maior parte de seu embasamento a partir de conhecimentos advindos por homens que, de certa forma, possuíam algum tipo de autoridade para falar de assuntos que envolvessem a temática sexual com mais autonomia (FONTOURA, 2019), isso, com certeza, dotava as obras de credibilidade.

O uso dos conhecimentos médicos levou profissionais de diferentes áreas da medicina a exporem seus posicionamentos a respeito do seu conhecimento em torno da mulher neste campo, em que o corpo é o objeto de análise. A ginecologia e a obstetrícia desempenharam o papel de desenvolvimento desse novo objeto de pesquisa: a mulher, pois as transformações dos métodos de investigação possibilitaram um novo olhar, de interiorização e, conseqüentemente, maior objetivação do corpo feminino (MARTINS, 2004). Assim justifica Martins que:

Essa aura de segredo envolvendo os livros de ginecologia e obstetrícia contribuiu para a construção da imagem do médico como o ‘guardião’ dos segredos da feminilidade, o homem da ciência que podia explicar a mulher porque a conhecia no seu próprio território, já mapeado pela topografia das ginecológicas. Para os homens cultos do século XIX, o médico era o mais indicado para proteger a mulher de sua instável natureza, pois, pensava-se, nuances então, que ele havia descoberto sua verdade: a mulher era o seu corpo e sobre este se dirigiam os olhares e as práticas (MARTINS, 2004, p. 125).

Quanto mais científica se tornava a ginecologia mais objetivos eram seus resultados, pois era a detentora do conhecimento e dos instrumentos necessários para descrever e analisar suas conclusões, e com seu progresso contínuo conseguiu adquirir fidelidade e crença junto às mulheres. Desse modo, os manuais, que tinham médicos

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

ginecologistas como autores, possuíam análises específicas da anatomia feminina. A ginecologia, especificamente, tornou-se a fonte da racionalização e normalização das diferenças e características em torno do corpo feminino, justificando o seu conhecimento e valorização (MARTINS, 2004).

Isso nos revela um pouco do caráter literário predominante da época. Os manuais de maiores sucessos foram aqueles escritos por autores masculinos cujos fundamentos baseiam-se no aparato médico, além disso, eram dotados de prestígio social. Os médicos, em sua forma geral, eram tidos como participantes da elite pensante do país e do exterior, pois possuíam conhecimentos acadêmicos avançados. Por serem considerados doutores e bacharéis, os médicos estavam aptos a desenvolver assuntos e opinar além da sua área de atuação profissional, por esse motivo acreditava-se que estavam encarregados da missão de reorganizar e sanitizar a sociedade (MARTINS, 2004). Portanto, o autor supracitado estabelece também que:

O objetivo dos médicos era transformar as famílias em unidades morais, células saudáveis da sociedade, bem como fornecer aos pais novos modelos para preservar a vida de seus filhos. Para alcançar tais objetivos, tiveram de, pacientemente, introduzir seus valores e conhecimentos junto à clientela urbana e às classes elevadas, mais permeáveis às novidades e à autoridade do saber médico (MARTINS, 2004, p. 224).

Sua estrutura promove a dupla relação, onde cada indivíduo se relaciona na busca do progresso. O homem com o comando e a inteligência e a mulher com a submissão e a emoção. A missão familiar dentro da sociedade é desenvolver pessoas boas e saudáveis e ensiná-los suas funções dentro do cenário social (MARTINS, 2004).

Nesse aspecto familiar, é interessante destacar que é na mulher que se concentra a responsabilidade da educação das crianças. A

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

consciência do matrimônio traduz a reciprocidade e junto a isso a garantia do equilíbrio em prol da moderação e afeto mútuo, pois de acordo com Cecchin:

É na família que se constrói o amor em seu sentido extenso: o amor conjugal, hábil para manter a união perene dos companheiros, e o amor filial, incondicional aos olhos dos pais, gesto de gratidão no olhar dos filhos amados. Todo este amor é aglutinado por um sentimento de reciprocidade parental, que convence pelo apelo ao sangue, à ligação genética, hereditária, significada para justamente estabelecer a união desta família (CECCHIN, 2010, p. 79).

Por meio do argumento de “dom natural” de cuidar, pretensamente pertencente à mulher, era o seu papel criar crianças saudáveis para serem homens fortes e que levariam o progresso a nação (MARTINS, 2004). Além do argumento da superioridade moral que a mulher detinha sobre o homem, que deveria transmiti-la aos filhos e ensiná-los o caminho da virtude. Martins enfatiza que:

Mais do que responsáveis pela transmissão dos valores morais do catolicismo e da obediência à autoridade paterna, a mulher devia tomar para si a missão de criar os filhos, formar novos indivíduos, assumir integralmente sua função natural, empregando suas forças e todo seu tempo no exercício da maternidade (MARTINS, 2004, p. 225).

Essa singular função pretensamente a dignificava e provava a teoria da maternidade articulada à natureza, que se tornava ainda mais defensável diante do papel feminino dentro da família. Percebe-se que é através desta questão que a mulher passou a ser continuamente problematizada desde o século XIX através dos discursos científicos

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

(MARTINS, 2004). Além disso, é interessante destacar a discussão que os manuais oferecem, pois não estão somente fadados às especificidades em torno do homem e da mulher, mas também aos grupos sociais em que a família está inserida. Cristiane Cecchin nos esclarece que:

Além da finalidade de dirigir o casamento aos objetivos fundamentais da procriação, o investimento na educação sexual e psicologização da felicidade conjugal se pautavam com entusiasmo nas problematizações da moralização social através da estabilização da família. Um emergente imperativo da felicidade que deveria se resolver na família, através de uma completa, feliz e sadia vida conjugal plena na desenvoltura do amor e da sexualidade (CECCHIN, 2010, p. 25).

Esse foco nos permite analisar em quais esferas os autores procuravam evidenciar e estimular a felicidade dos casais, procurando promover assim a manutenção do matrimônio e evitar frustrações pessoais, que segundo eles estariam ligadas aos desejos às insatisfações mais profundas no seio de um lar (MARTINS, 2004). A estrutura textual das obras é mais descritiva que analítica e confirmavam as desigualdades e as inferioridades entre os sexos quando os autores se voltam à questão da mulher. Nesse contexto, Martins relaciona que:

Estas ideias e representações informam não somente sobre os autores e seu percurso intelectual, mas sobre a importância que a questão da mulher adquiriu naquele meio, bem como as propostas dos envolvidos no debate a respeito da melhor forma de amenizar os problemas sociais decorrentes das assimetrias entre os sexos (MARTINS, 2004, p. 224).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Nesse aspecto, a valorização da obra se dá muito mais ao tema do que a pessoa que o desenvolveu. No âmbito da ‘mulher’ percebe-se o intuito da naturalização dos papéis femininos na sociedade, como e onde elas devem permanecer, direcioná-las a sua missão que é ser mãe e mulher, longe dos espaços públicos. Para os homens, as obras serviriam para que ele conhecesse melhor a mulher e suas especificidades e, assim, saber como cuidar dela, pois o homem era tido como essencial para a mulher, como uma força produtiva e que garantiria o sustento do lar (MARTINS, 2004).

Além disso, havia o argumento de a mulher ser portadora de regras mensais (menstruação) e doenças mentais, em decorrência disso, fator que segundo eles a limitava e impedia de participar de atividades físicas e intelectuais, pois seu corpo não era preparado para isso. Para o saber médico, sua formação física era mais importante que sua formação intelectual (MARTINS, 2004). Assim destaca Martins que:

As publicações que defendiam a educação feminina não tinham em vista nenhum princípio igualitário, mas sim o de reforçar a segregação sexual ao apropriar-se dos saberes médico-científicos sobre o corpo feminino com a finalidade de dizer às mulheres que seu lugar era o lar, sob o controle amoroso de seu marido (MARTINS, 2004, p. 227).

Diante disso, muitos autores brasileiros, como Tito Lívio de Castro, defendiam a constatação e estudo do cérebro humano na busca de justificar as diferenças e parâmetros entre homem e mulher a partir do tamanho do cérebro de cada um. Eles consideravam que o cérebro masculino era maior que o cérebro feminino e que por isso a raça seguiria seu progresso de evolução mais rápido pelo fato de que o cérebro masculino seria mais pensante (CASTRO, 1893 apud MARTINS, 2004,). Fato que comprova a influência do Darwinismo na teoria de alguns autores e a defesa do poder do homem sobre a mulher. Ela, a mulher,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

seria artefato de amor e riqueza, menos inteligente que o homem, mas imprescindível em sua vida (MARTINS, 2004).

O cenário das relações, segundo os manuais em circulação da época, promovia o esquema da relação heterogênea entre homens e mulheres, no qual duela entre a permanência do homem no cenário público e social e a mulher ser a responsável pela família e formação de indivíduos de bem (MARTINS, 2004). Relação esta cujo uso dos artefatos naturalizaram as relações de poder e desigualdade que predominam entre os dois sexos.

A produção de obras em torno desta temática não é exatamente de caráter literário, porém, a repercussão das demonstrações e ideias contidas nelas foi o suficiente para que se tornassem sucesso editorial, pois continham aquilo que os leitores desejavam ler. Portanto, captavam o seu interesse e amplitude, é como a confirmação de uma perspectiva social tida como verdade (FONTOURA, 2019).

A origem das obras é genuinamente europeia, cuja temática era baseada em inovações acerca das questões sexuais e matrimoniais. Sua expansão aos países do ocidente também proporcionaram a flexibilização das discussões em torno do sexo, gênero, comportamento, etc., onde as informações voltam-se para o conhecimento do corpo e práticas sexuais, destacando maior expressão ao desejo e assim abarcando um processo de liberalização do ato sexual (FONTOURA, 2019).

Um dos escritores de manuais mais proeminente se chamava Jules-Robert Bourdon, ou melhor Bourdon. Devido à sua biografia ser desconhecida, é inviável o conhecimento dos interesses, ocupações e motivos que o levaram a produzir seu livro, porém, é fundamental reconhecer que ele teve grande prestígio entre o público leitor após sua publicação.

Em seu livro *A intimidade sexual*, publicado em quarto volume no Brasil, em 1951, pela editora Civilização Brasileira, ele abordou a vida íntima de ambos os sexos no que diz respeito às práticas que tal

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

intimidade possa oferecer. Ele, ao longo de suas palavras, mostra o quanto a intimidade sexual pode ser cheia de especificidades que se tornam desconhecidas, até estranhas quando não esclarecidas ou compartilhadas. A defesa da ordem natural dos sexos faz Bourdon voltar sua abordagem em torno da submissão da mulher ao homem, bem como em agradecer em diferentes ocasiões. De acordo com o autor:

O apetite sexual deve, por conseguinte, satisfazer-se normalmente; é necessário, porém, que esta satisfação se realize de acordo com a ordem fixada pela natureza, isto é, pela união simples do homem e da mulher, inteiramente desprovida de artifícios. Naturalmente, estas categorias têm uma infinidade de subdivisões; compete à mulher saber adivinhar o ponto sensível de seu companheiro (BOURDON, 1951, p. 9).

Bourdon declara que o aparelho sexual feminino é voltado unicamente à maternidade. A análise do autor é descritiva, mas deixa claro o papel passivo da mulher no coito, além de descrever que o maior desejo de uma jovem, ao se apaixonar é entregar-se a ele, amar e ser amada, ter seus filhos com ele e gozar da plena felicidade de ter o título de mãe e mulher (BOURDON, 1951).

O ano do lançamento do livro de Bourdon evidencia solo fértil entre leitores devido, não somente às novas discussões, mas também por manter comunicação com o pensamento ideológico social da época.

Outro conhecido escritor de manuais se chamava Augusto-Henri Forel, nascido em 1848, na Suíça, psiquiatra e entomologista, voltou grande parte da sua vida profissional à medicina. Em sua obra *A questão sexual*, publicada no Brasil em 1941 pela editora Civilização Brasileira, originalmente em 1928, trata da história e psicologia da vida sexual e de como seu papel interfere no modo de vida social, não à toa, ele compõe o quadro dos autores que mais ganharam destaque no período.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Assim como Bourdon, Forel deixa explícito a diferença de determinados aspectos entre o homem e a mulher, e apresenta a superioridade dele para com ela, conseqüentemente destina à mulher o papel de passiva e que necessita ser dominada e protegida, a inversão dos papéis causaria reprovação diante da sociedade. Assim delinea Forel que:

O predomínio da mulher não torna um casal verdadeiramente feliz, por que ali os papeis estão invertidos; a mulher reina por que o marido é fraco. Ora, o instinto normal da mulher é de reinar no coração do homem, mas não na sua inteligência, nem na sua vontade. O reinado nestes dois últimos domínios pode lisonjear a vaidade da mulher, mas nunca lhe satisfará o coração, e é por isso que quase toda a mulher que reina é infiel ao marido, senão de facto pelo menos nos sentimentos (FOREL, 1941, p. 129).

O que de novo Forel nos traz é o reconhecimento das suas ideias daquilo que seriam qualidades femininas, pontuando que sem elas a sociedade e/ou o próprio homem não seriam o que são. Em certas partes do livro ele menciona o aspecto do desejo sexual tanto do homem como da mulher, porém em relação à mulher transparece que seu desejo está voltado para as vontades maternas e matrimoniais, sendo, portanto, a satisfação e o prazer uma de suas últimas importâncias, sem generalizar. Sobre as funções femininas, Forel afirma que:

Em um número considerável de mulheres, o desejo sexual não existe. Para elas o coito é ato desagradável, às vezes repulsivo, ou pelo menos indiferente. Compreender-se-á melhor a coisa refletindo-se que os desejos adormecidos da mulher normalmente se dirigem muito menos para o coito e a volúpia do que

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

para o conjunto das conseqüências deste, muito importantes para a sua vida. Quando o aspecto de um certo homem desperta na moça desejos e transportes simpáticos, aspira ela a ter filhos só com este homem, a dar-se a ele como escrava, a receber suas carícias e ser amada por ele só a vida inteira. Trata-se aqui de sentimentos gerais de natureza indefinida, de um poderoso desejo de ser mãe e gozar a felicidade da família, de ver realizar-se um ideal poético e cavalheiresco, de satisfazer uma necessidade geral de sensualismo espalhada por todo o corpo e de modo algum concentrada nos órgãos sexuais ou no desejo de copula (FOREL, 1941, p. 89).

Isso nos mostra a forma pela qual Augusto Forel encara a realidade sexual feminina, ele a diminui fazendo parecer que o sexo não é importante para as mulheres e que somente seria necessário no momento da concepção, além de entregar-se ao seu marido. Sendo esposa e mãe a mulher estaria realizando suas funções de acordo com as leis da natureza. Isso difere as moças normais, que não distinguem o amor do desejo, das moças cujo desejo sexual volta-se mais para a sensualidade, abrindo oportunidade de um comportamento mais repulsivo, em que ela se torna fria, não tão inocente e insensível (FOREL, 1941).

De certa forma, Augusto Forel põe em questão as diferentes perspectivas e olhares diante da mulher, a influência, comportamento e moral são agentes que fazem parte desse cenário. Sobre esses aspectos moralizantes, Forel afirma que a moral é relativa, porém, dentro do contexto sexual, seria necessário que o homem juntasse desejo e amor para agir corretamente (FOREL, 1941), para que assim evitasse o mal e garantisse a felicidade mútua, não muito diferente de Bourdon, que canaliza esse olhar afirmando que a excessiva moralidade poderia se

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

tornar algo negativo para a vida, pois essa prática se reserva as celibatárias (BOURDON, 1951).

Podemos identificar então a tradicional forma de perspectiva de Forel, ele propõe sua abordagem enquanto psiquiatra e isso contribuiu para o sucesso e reafirmação dos discursos entre os leitores. A influência das obras era maior se o autor fosse um médico, psicanalista, ginecologista ou outro profissional cuja autoridade lhe desse poder de falar, Forel detinha essa vantagem.

Uma das mais interessantes e inovadoras redatoras de manuais sexuais da época era Marie Charlotte Carmichael Stopes, nascida em Edimburgo 1880, foi uma escritora defensora dos direitos femininos britânicos. Bióloga e feminista, não tinha, entretanto, nenhuma especialidade dentro da área médica que favorecesse seu discurso. Os trabalhos de sua autoria objetivavam melhorar a condição feminina, especialmente a partir do ponto de vista estritamente científico, visto que a falta de conhecimento sexual pelas mulheres não era um problema isolado (STOPES, 1928). Por esse fato muitos médicos discordavam de Stopes, porém, mesmo não sendo médica, ela continuava produzindo livros com conteúdo médico para mulheres. Livros esses que tinham muito sucesso na Inglaterra. As palavras de Stopes resumem que:

Convém, não obstante, acentuar que, maior que seja a perfeição de um me por todo, sua eficácia em mãos descuidadas ficará duvidosa e quem sofrerá mais as consequências desses descuidos será sem dúvida a mulher; e, por conseqüente, ela precisará ser a mais cautelosa e obter, por isso, os conhecimentos suficientes para saber se estão agindo com segurança (STOPES, 1928, p.79).

No começo do século XX, a mulher era vista como sendo destinada à maternidade pela natureza, ou seja, ser “mãe” era tudo que ela poderia desejar ser, algo bem identificado em Forel (1941) e Bourdon

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

(1951). Com suas obras, Stopes revolucionou esse paradigma ao dizer que mulheres devem ser mães, mas quando quiserem e de forma consciente. Um livro sobre os métodos contraceptivos, e ainda escrito por uma mulher, no início do século XX, não é apenas um livro de biologia, mas uma obra política, uma vez que contrapõe as ideias influentes de outras obras e instituições do período.

O ato conjugal, especificamente entre homem e mulher, era tido como uma obrigação perante a sociedade, dentro desta relação a função do homem e da mulher reflete no sentido de superioridade dele sob ela, seria de responsabilidade para o sucesso do matrimônio a boa conduta da mulher. Se em uma família o casamento é destruído a culpa é da mulher que não soube desempenhar seu papel, o seu dever está voltado a ser esposa e mãe e ao sucesso dentro do casamento. A mulher está em papel de agrado e desagrado, Forel expõe que muitos acreditavam que a participação da mulher na sociedade iria atrapalhar o progresso da nação devido as fraquezas femininas, seja ela na circunstância que for (FOREL, 1941).

O tradicionalismo patriarcal torna o conhecimento feminino um tanto limitado, devido a esse desenvolvimento em desconhecimento muitas mulheres acabam se envergonhando das coisas mais banais existentes, o sexo, falar sobre o sexo, desenvolver o sexo da maneira que lhe agrada, e assim por diante. Forel, algumas vezes, equivale os homens às práticas animais, no que se refere assimilação de costumes, sejam eles familiares, de dominação, cultura ou quaisquer. Entre as práticas que os tornam similares, Forel nos diz:

Entre a maioria dos mamíferos, o casamento, se é que se pode dar esse nome as suas uniões sexuais, tem durabilidade muito curta, dependente do tempo necessário; procriação de uma só ninhada de filhos. Depois do parto o macho em geral pouco se inquieta com a fêmea; protege-a, entretanto, durante um certo tempo [...]. O macho protege a fêmea e os filhos [...].

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Enquanto a fêmea e os filhos ficam no ninho, no alto das árvores, o macho vela perto pela segurança da família. Para Westermarck era assim também o homem primitivo. Composta de pai, mãe e filhos, a família foi, entre os homens primitivos, uma instituição geral que se apoiava sobre a monogamia, sobre a poligamia ou sobre a poliandria. A mulher cuidava dos filhos e o marido protegia a família (FOREL, 1941, p.141).

O autor problematiza essa comparação entre homens e animais para afirmar o segmento natural dos acontecimentos, o casamento e a relação entre homem e mulher, a procriação, a proteção e representação da família pelo macho, uma confirmação e comparação fiel entre a natureza e a sociedade. Além disso, também afirma que a satisfação masculina acarreta e influencia a participação de outros seres vivos, a relação, seja ela qual for, implica na formação de domínio social, logo o bem de todos não é o bem de cada um, por essa questão se torna tão difícil o direito da harmonia (FOREL, 1941). Há então diferentes interpretações que caem sobre essa discussão, a forma como põe suas ideias revela o caráter ideológico de cada obra, mas não somente isso prende a atenção de quem lê, os parâmetros sociais são determinantes neste processo e o reconhecimento deles nas obras foi fundamental para aceitação delas (FONTOURA, 2019).

Desse modo, percebe-se que o lugar da mulher na vida social não é, portanto, decorrente de suas ações, mas sim do significado que a sociedade dá para suas ações e no que isso resultou. Em suma, o florescimento das ideias em torno da temática sexual do século XIX, encontrou nos manuais sexuais, a maneira de apresentar soluções práticas em torno do comportamento e da ação para homens e mulheres (FONTOURA, 2019).

A abordagem de diferentes obras, tendo elas um enredo similar ou não, inegavelmente possibilitou diferentes percepções e valorização das ideias e declarações que estavam sendo investidas. São textos que

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

participam da construção da consciência social de um lugar e que, por ocasião, refletem a influência de ideias internacionais e que envolvem significados, preceitos, adequações, inovações e, com certeza, impacto.

4 O discurso racional de Marie Stopes

É possível compreender que os livros de Marie Stopes (1929) tiveram diferentes consequências nos diferentes locais em que foram publicados. Na Inglaterra, seu país de origem, suas obras foram criadas com o objetivo de auxiliar as mulheres inglesas, visto que o número de mulheres que tinham condições de adquirir seus produtos e técnicas era relativamente grande. No Brasil era um pouco diferente, sua obra foi publicada sem interesse específico, a não ser pela lucratividade da editora. Além disso, seu público brasileiro era consideravelmente menor que o público inglês.

A princípio, os manuais sobre sexualidade estavam limitados ao matrimônio, válidos diante do alcance da satisfação masculina e da passividade feminina. Autores cujo pensamento giram em torno do ato conjugal duelam com autores cuja defesa volta-se ao pré-conjugal, no fator relacionamento entre homem e mulher, a heterossexualidade apresenta-se como verdade natural aos acontecimentos. E é nesse aspecto, e em outros, que se manifesta as relações de dominação de sexo, a alienação sexual seria resultado da própria exploração entre si. Como forma de apresentar sua obra, Stopes defende:

Este meu trabalho parecia satisfazer uma necessidade urgente, pois, devido à notória falta de explicações claras e científicas, circulavam livremente livros com tendo orientações errôneas e, frequente mente, prejudiciais. E mesmo a Liga Malthusiana, a única associação britânica que em 1918 defendia a ideia da limitação da natalidade, distribuía aos interessados na matéria uns folhetos excessivamente resumidos,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

com instruções de valia contestável, entre as quais figuram, sem suficiente exame critico ou precauções fisiológicas, métodos tais como o dos coitos interruptos e o do emprego de lavagens (STOPES, 1928, p. 16).

O interesse da autora e bióloga é proporcionar melhores condições de informação do matrimônio e geração de filhos, pois, de acordo com ela, o problema da natalidade é proporcional ao desconhecimento em torno desses agentes, principalmente por parte das mulheres. O seu interesse é divulgar ainda mais essas ideias para que mulheres, e também homens, possam ter conhecimento disso. As palavras de Cristiane Cecchin combinam perfeitamente a abordagem de Marie Stopes ao afirmar que:

É no desenvolvimento de uma afetividade familiar absoluta que se incita também a responsabilização dos pais pela conservação filhos. A importância da estruturação da família na educação do caráter da criança vai se mostrar presente, também, nos textos divulgadores de conselhos para o bom andamento da vida conjugal. Pelo compromisso do casal com os filhos, ao substanciar o cuidado com a prole, a escolha do cônjuge como forma de manutenção de uma união duradoura e estável pressupunha sua importância na criação de bons filhos, com sua convivência num bom ambiente familiar, propiciado pelo bom casamento (CECCHIN, 2010, p. 81).

A boa criação dos filhos é dever do casal, ambos são responsáveis pelo crescimento e discernimento dos filhos. A otimização das forças dos pais coincide na harmonia e organização familiar.

A atenção de Stopes à natalidade dentro do casamento ganhou grande destaque pelo fato de defender que a concepção seria

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

imprescindível na vida do casal. É nesse aspecto que Stopes direciona suas atenções aos métodos anticoncepcionais, defendendo o uso de tais métodos para se ter maiores chances de evitar condições indesejáveis, tanto aos pais quanto aos filhos. Stopes relaciona que:

Os casos mais difíceis e, ao mesmo tempo, aqueles em que com maior urgência intervir a regularização voluntária da concepção, são os das mulheres esgotadas de forças e mergulhadas em sombria e indiferente apatia. Com frequência não quererão ou não poderão ter o cuidado de empregar métodos anticonceptivos para evitar alguma indesejável gravidez (STOPES, 1928, p. 107).

Esse posicionamento já fazia de Stopes uma autora que possuíam uma abordagem diferente dos demais, uma vez que dispõe de informações a respeito de métodos contraceptivos como também o uso deles pelas mulheres.

Stopes, em sua combinação de escritos, procurava apresentar novas perspectivas para o entendimento do saber científico em torno da questão sexual. Sexualmente, a mulher não aproveitava o prazer, e a naturalização dada ao “fato” de que homens são sexualmente mais ativos contribuiu para o fortalecimento dessa crença, ao mesmo que despertou o questionamento de pensadoras como Eleanor Marx e Alexandra Kollontain em torno da naturalização da inferioridade do desejo feminino, tidos como consequência da estrutura de desigualdade social e de gênero (FONTOURA, 2019). Isso nos revela e nos permite o contraste entre as diferentes perspectivas em torno do desejo sexual feminino, pois a defesa da atividade sexual masculina advém de concepções defendidas por especialistas e seus leitores, as quais não salientam espaço à atividade sexual feminina.

Outro fator importante que Marie Stopes destacou em suas obras foi a seriedade e responsabilidade no casamento. Ela apresenta, de forma

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

clara, o melhor modo de obter este resultado, pois a sociedade carece de tal esclarecimento. Muito mais que um contrato, o casamento é um pacto de compromisso, portanto, a necessidade de existir autoconhecimento para afirmar este contrato entre duas pessoas era imprescindível. Afirma a autora:

Os cônjuges são duas pessoas fundidas em uma só entidade, uma unidade superior cuja experiência e faculdades, neste planeta, dependem principalmente das condições físicas do corpo material de cada cônjuge, de seu intercâmbio de vida, de suas interações, que ficam entravadas se desconhecemos o melhor modo de regularizar a procriação (STOPES, 1928, p. 53).

Stopes defende a necessidade de frutos vindos do amor e não do prazer. Casais inteligentes, cuja educação sexual foi satisfatória, fazem isso. Filhos são melhores preparados para quaisquer dificuldades (financeira, social) quando são criados em um ambiente cuja racionalidade e existência dos pais não ficaram à mercê da natureza e o seu curso natural. Por esse lado o despreparo entre conjugues trariam frustrações à existência de novos filhos, o que também acarreta em consequências à mulher, ao corpo, à maternidade, à sobrecarga, à desorientação, ao puerpério, entre outros temas, são consequências que apenas quem gera um novo ser sabe o que significa. Por isso, Stopes direciona suas obras ao público feminino, o desejo de proporcionar maior informação a respeito do que as mulheres poderiam passar.

Na obra *Procriação racional*, da mesma autora, é interessante atentarmos à forma como ela usa seus argumentos para explicar, da maneira mais popular, a forma de fazer utilização dos métodos contraceptivos, ao mesmo que não deixa de sinalizar que o uso indevido os torna falhos, embora não apresentem 100% de eficácia, a autora afirma que

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Embora este método pareça às mulheres um tanto desasseado e complicado, descrito com todos estes pormenores, acham-no, depois de usá-lo uma vez, simples e rápido; e o ato sexual realiza-se como se o capacete não existisse, sendo, por isso, entre todos os métodos mecânicos preventivos, o único que não suprime nem interrompe a onda de emoção amo rosa que é elemento essencial para uma perfeita união, deixando, ao mesmo tempo, integrais os benefícios que resultam D'esta (STOPES, 1928, p. 100).

A falta de conhecimento destes métodos resulta em um cenário de total despreparo para ambos os pais, seja no sentido psíquico ou social. Nos manuais do início do século XX até meados da primeira metade, muitos autores buscaram apresentar métodos que iam além de camisinhas, capacetes, borrachas, etc. Diante da ineficácia dos métodos artificiais, autores e até clérigos ofereciam a “absoluta continência” como forma de controle da natalidade (STOPES, 1928), o que, segundo a autora, seria igualmente maléfica pelo fato de causar danos psicológicos ou excessos sexuais.

Dentro de sua abordagem, Stopes deixa claro que “[...] a estreita e segura trilha que devemos tomar para fugir a ambos é um cauteloso, racional e bem regulados uso das mais íntimas e sagradas funções corpórea” (STOPES, 1928, p. 43), o que nos mostra que além do conhecimento dos contraceptivos, era dever de ambos os sexos terem conhecimento do próprio corpo, e que poderia haver um anticoncepcional de elevada garantia, mas não significaria nada se o seu portador dispusesse de algo que impedisse a sua funcionalidade.

Diferentemente do Brasil, a repercussão das obras de Stopes na Europa foi considerável, suas considerações de como os casais deveriam agir se apresentavam esclarecidas para um tema tão delicado quanto este, ainda mais em uma sociedade cujo poder patriarcal era influente. Se no Brasil, país em que a desigualdade de gênero não acompanha a

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

modernização, pois o patriarcalismo é forte, o livro não teria sucesso tampouco reeditado. Além disso, as críticas foram em sua maioria negativas, salvo algumas poucas bastantes limitadas (FONTOURA, 2019). Stopes defende os métodos contraceptivos, além de apresentar a existência do desejo sexual feminino, para tal haveria de existir a adequação masculina a essa necessidade. Afirma a autora que:

Embora meu livro *Married Love* tenha sido publicado há apenas dezesseis anos, a tradição vitoriana era ainda tão prevalecente que as ideias principais do livro caíram sobre a sociedade inglesa como uma bomba. Seu tema principal, explosivamente contagioso – o de que a mulher, tal como o homem, apresenta a mesma reação fisiológica, uma recíproca necessidade de prazer e de benefício a partir de união sexual no casamento, distinto do exercício das funções maternas – fez com que os maridos vitorianos engasgassem (STOPES, 1928, 40-49).

Enquanto Marie Stopes defende as necessidades eróticas de homens e mulheres, ainda propõe a não-concepção, a política natalista e patriarcal no Brasil se encarregaram de impedir o livro, *Amor e casamento* (STOPES, 1929) de criar raízes dentro da sociedade brasileira, isso explica a diferença de repercussão entre Marie Stopes e outros autores, como Jules-Robert Bourdon, Augusto Forel, Fritz Khan, etc. Stopes reconhece o impacto que sua obra poderia causar. Antônio Fontoura nos diz que:

A própria Stopes considerava sua obra um complemento as outras que entendia serem mais completas nas discussões sobre temas ligados à questão sexual, especialmente há de Augusto Forel, que Stopes insistentemente referênciava. Mas ela tinha consciência de apresentar diferenças importantes,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

especialmente seu ponto de vista feminino sobre a questão sexual, algo absolutamente inédito a literatura do período (FONTOURA, 2019, p. 98).

A abordagem de Stopes era inovadora demais para as ideias sociais do início do século XX. O fato de informar “demais” as mulheres e advertir os homens configurava algo super inovador, e o que mais adiante influenciou outros autores. Portanto, defender a existência do desejo sexual feminino em atividade significava mais do que reconhecer o primalismo biológico ou refutar uma teoria médica confusa, significava apoiar um projeto social específico que estimulava a diversidade de gênero (FONTOURA, 2019). Antônio Fontoura nos confirma ao dizer que:

A obra de Marie Stopes confronta a situação social de gêneros no Brasil mais do que simplesmente pela defesa da autonomia feminina sobre os atos sexuais. Ao aproximar, como pressuposto, o nível dos desejos sexuais masculino e feminino, deixava de existir qualquer justificativa para que o ato sexual para ele fosse mais importante do que para ela. E se a esposa conseguia controlar o próprio desejo e, assim, os momentos adequados ao ato sexual, também o marido conseguiria (FONTOURA, 2019, p. 105).

Portanto, é perceptível a tentativa de Marie Stopes em legitimar e definir a igualdade entre homem e mulher nas relações e no desejo sexual. Seu investimento em problematizar a individualidade feminina dentro e fora do casamento incomodou, de forma singular, a sensibilidade cultural e social da maioria dos leitores. Entretanto, a redefinição das configurações em torno do ser feminino, que automaticamente implicava na participação do ser masculino, garantiu à autora o impacto de sua obra, porém, um impacto não tão positivo

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

quanto outras obras entre os leitores brasileiros, e não somente por isso, o mercado editorial era bastante restrito e o analfabetismo se tornava outro grande empecilho para uma maior recepção de suas obras no país. No entanto, se torna imprescindível reconhecer que Marie Stopes, mesmo diante do fracasso entre o público brasileiro, firmou obras cujos preceitos rompem a separação entre teoria e prática (FONTOURA, 2019).

Considerações finais

A ciência sexual desenvolvida pelos médicos autores, ou mesmo por aqueles que não gozassem do título de doutor, influenciou nas concepções sobre o corpo feminino como algo a ser preservado para funções específicas como reprodução e serventia do lar, esse determinismo mostrou a forma como a mulher foi refletida durante boa parte do século XX. O conhecimento em torno da sexualidade na época, e de como o corpo deveria desenvolvê-la, valoriza o discurso daqueles autores que tem o corpo como objeto de trabalho (médicos) ou que tinham ligação com a medicina.

Além disso, a valorização e preservação de valores sociais conservadores e misóginos dificultou a aceitação de algumas obras, como a de Stopes, diante do seu caráter um pouco “moderno demais”. As novas perspectivas progressistas como métodos contraceptivos, iam contra todo um ideário social. Porém, é inegável afirmar que todas as obras analisadas reconhecem a existência do prazer e do desejo sexual feminino, o que as problematizam se resume a como tratam essa existência, pois há a controvérsia entre obras que defendem a autonomia do corpo feminino e as que afirmam que seus corpos pertencem ao seu companheiro. A publicação desses manuais possibilitou e, mais uma vez, reforçou as diferenças entre homens e mulheres, principalmente diante das normas, restrições e julgamentos lançados principalmente ao corpo feminino. Tornam-se, ao mesmo tempo, obras disfarçadas de textos literários que apresentam e fazem parte da continuidade do

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

controle social do corpo e que discutem a posição e dever sexual da mulher, sempre colocando-a em disposição à objetificação e satisfação masculina.

A comparação feita entre Augusto Forel, Jules-Robert Bourdon e Marie Stopes reforça a distinta apresentação dos códigos linguísticos e sociais utilizados por cada um deles. O corpo feminino é, nesses e na maioria dos manuais publicados no período, submetido, mais do que o masculino, às normas, restrições e julgamentos. São obras que procuram encaminhar a mulher ao seu estilo de sexualidade perfeita, dentro e fora da conjugalidade, sempre lançando obrigações e deveres.

Referências

AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo**. *Soc. Estado*, vol.15, nº 2, Brasília, Editora UnB, 2000, p. 303-33.

BOTTON, Fernando Bagiotto. **Lideranças políticas e autoridade paterna: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vergas e Perón**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2017.

BOURDON, J. R. **A intimidade sexual**. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1951.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conceito de gênero**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://gdeufabc.files.wordpress.com/2014/01/mod2_unidade1_texto1.pdf. Acesso em: 11 dez. 2022.

CASTRO, Tito Lívio. **A Mulher e a Sociogenia**. Rio de Janeiro: Casa da Moeda, 1893.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

CECCHIN, Cristiane. **Literatura para uma vida em matrimônio**: a construção das sensibilidades conjugais em manuais de civilidade. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

FERREIRA, Ana Emília Cordeiro Souto; CARVALHO, Carlos Henrique de. Escolarização e analfabetismo no Brasil: estudo das mensagens dos presidentes dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Norte (1890-1930). In: Encontro de Pesquisa em Educação/Centro Oeste, 12, 2014, Goiânia. **Anais [...]**, Goiânia: UFG, 2014, p. 5 e 9. Disponível em:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Escolariza%C3%A7%C3%A3o+e+analfabetismo+no+Brasil%3A+estudo+das+mensagens+dos+presidentes+dos+estados+de+S%C3%A3o+Paulo%2C+Paran%C3%A1+e+Rio+Grande+do+Norte+%281890-1930%29.&btnG=#d=gs_qabs&t=1674152151747&u=%23p%3DuVEdANRzVSsJ. Acesso em: 09 nov. 2022.

FONTOURA, Antônio José Júnior. **Pedagogias da sexualidade e relações de gênero**: os manuais sexuais no Brasil (1865-1980). 2019. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 2019.

FOREL, Augusto. **A questão sexual**. 10. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1941.

FORMIGA, Dayana de Oliveira; PAULA, Ana Beatriz Rodrigues de; MELO, Charles Aparecido Silva. O Pensamento Eugênico e a Imigração no Brasil (1929-1930), **Intelligere, Revista de História Intelectual**, n. 7, p. 75-96, 2019. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em 10/09/23. Acesso em: 09 fev. 2023.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

JOSETTI, Celina Cassal; ARAÚJO, Rosi Valéri Corrêa. Educação nas décadas de 1920 a 1950 no Brasil: alfabetização de adultos em questão. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, n. 6, v. 12, p. 183-192, 2012.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

RAGO, Margareth. Modernizar para conservar: Relações de Gênero em São Paulo nas Décadas iniciais do século vinte. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 419-427, 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 1990.

STOPES, Marie Carmichael. **Procriação racional**. São Paulo: Editora Nacional, 1928.

STOPES, Marie. **Amor e casamento**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1929.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

"DAS COISAS NOVAS"¹: AÇÃO SOCIAL NO CENTRO SOCIAL LEÃO XIII, BAIRRO VILA OPERÁRIA - THE/PI²

Celio Roberto de Sousa Rubim³
Antonia Valtéria Melo Alvarenga⁴

Introdução

Esse estudo objetivou discutir aspectos da orientação produzida pela Doutrina Social da Igreja, pós Concílio Vaticano II, através da ação social desenvolvida no Centro Social Leão XIII, situado na Vila Operária, bairro da zona norte de Teresina, no contexto de atuação do arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela. Para a produção desse estudo buscou-se amparo na bibliografia geral à temática, a exemplo de Ribeiro, Carvalho e Oreiro (2019) ao afirmarem que desde longas datas a Igreja Católica era chamada a se manifestar diante das grandes transformações que o mundo moderno vivia, mas que só atendera oficialmente esse chamado com o Papa Leão XIII, através da publicação da Carta Encíclica *Rerum Novarum*. Também em Camacho

¹ Tradução para o português da expressão *Rerum Novarum*, encíclica publicada pelo Papa Leão XIII em 1891.

² Esse texto foi adaptado de um capítulo do Trabalho de Conclusão do Curso em Licenciatura em História, realizado no Campus Poeta Torquato Neto, Universidade Estadual do Piauí- UESPI.

³ Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí.

⁴ Professora Adjunta dos Cursos de História da UEMA e da UESP. E-mail: valterialvarenga@cchl.uespi.br.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

(1995) que afirmou ter a referida Carta confrontado a Igreja Católica com questões e desafios atuais, possibilitando a ampliação dos seus horizontes filosóficos e pastorais, favorecendo a instituição desenvolver uma “nova sensibilidade diante dos problemas sociais”.

A parte específica do objeto deste estudo fundamentou-se em pesquisas como a de Araújo (2008), Lima (2009) e a de Santos e Lima (2014). O Primeiro e o segundo autores, por realizarem pesquisas sobre Dom Avelar Brandão Vilela, o bairro Vila Operária, os Centros Sociais e outros projetos desenvolvidos pela arquidiocese de Teresina no período definido para estudo. Os últimos por oferecerem importante contribuição para a compreensão da formação do bairro Vila Operária, local onde foi instalado o Centro Social Leão XIII.

A pesquisa é de abordagem qualitativa por buscar compreender a atuação do Centro Social Leão XIII, em um contexto político-social bastante delicado para o País e para o Estado do Piauí. Analisar como a Igreja⁵, importante instituição mundial, comportou-se diante dos apelos realizados pelas vozes vitimadas pelo modelo econômico dominante internacionalmente, que colocava em situação desumana milhares de trabalhadores e seus familiares, em todo o mundo. Nesse sentido, buscou-se entender como os conflitos decorrentes desse cenário foram administrados no Piauí, por aqueles que representavam as diferentes formas de poder e, em especial, como a Igreja local se comportou nesse contexto.

Com finalidade de compreender os efeitos da atuação do Centro Social Leão XIII junto à comunidade do bairro Vila Operária, foram entrevistados dois sujeitos integrados aos trabalhos desenvolvidos no Centro, além da realização de conversas com vários outros sujeitos que puderam manifestar sua opinião, através de um

⁵ A partir desta página, sempre que o texto utilizar a palavra “Igreja”, a referência estará sendo feita à Igreja Católica.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

trabalho de memória das experiências do período. A pesquisa contou ainda, com uma parte documental, realizada através da leitura da Ata de criação da ASA e de matérias publicadas no Jornal do Brasil-RJ, que traziam como tema Dom Avelar Brandão Vilela.

A Igreja comprometida com a questão social

Uma agenda da Igreja Católica voltada para as questões sociais no século XX, passou a ter definição mais precisa a partir do Concílio Vaticano II, movimento de renovação ocorrido entre os anos 1962 e 1965. Antes desse período, setores dessa instituição milenar já vinham realizando diálogos com o mundo moderno, na tentativa de estabelecer uma articulação prático-teórica da dimensão social da fé. Ribeiro, Carvalho e Oreiro (2019, p.715) afirmam que desde longas datas a Igreja era chamada a se manifestar diante das grandes transformações que o mundo moderno vivia, porém, “sua formalização contemporânea se deu com o Papa Leão XIII, na Carta Encíclica *Rerum Novarum*”, documento produzido para o mundo e publicado em 15 de maio de 1891, através do qual, a referida autoridade eclesiástica manifestou-se sobre as difíceis condições enfrentadas pelos trabalhadores industriais do período, recomendando aos Estados-nação que adotassem políticas de proteção aos trabalhadores, diante dos excessos praticados pelo capitalismo liberal.

Foi um importante passo para a realização de um dos grandes desafios enfrentados pela Igreja católica nos tempos modernos: viver um processo de renovação eclesial, olhar a questões sociais, com os cuidados necessários para que a nova prática não abalasse os seus fundamentos. Desse movimento surgiu a Doutrina Social da Igreja (DSI) que, segundo Ribeiro, Carvalho e Oreiro (2019, p.715) caracterizou-se como um “corpo doutrinário da Igreja Católica, constituído de orientações filosóficas e teológicas que promovem diretrizes éticas para

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

a melhor organização econômica e política das sociedades humanas”, estando constituída de cinco princípios maiores, quais sejam: o da Destinação Universal dos Bens, o da Subsidiariedade, o da Solidariedade, o do Bem Comum e o da Dignidade da Pessoa Humana.

Assim, o Concílio Vaticano II, materializando , atualizando e desenvolvendo o pensamento contido na Doutrina Social da Igreja do século XIX, procurou ser uma resposta da Instituição às questões modernas do citado século. Setores da Igreja expressavam que era necessário uma renovação de sua missão evangelizadora, em face da sociedade contemporânea e das inúmeras mudanças sociais, culturais, políticas e religiosas da primeira metade daquele século. Com essa finalidade, no início da década de 1960, o Papa João XXIII publicou a encíclica *Mater et Magistra*, de cunho social, fomentando debates que abriram o pensamento das autoridades eclesiais para questões ligadas a um mundo em pleno desenvolvimento científico e tecnológico, mas que mantinha enormes desigualdades sociais. Neste contexto de instabilidade econômica e social , a encíclica *Mater et Magistra*, escrita após setenta anos da *Rerum Novarum*, ofereceu uma perspectiva orientadora sobre a evolução da doutrina social, confrontando a Igreja Católica do momento com questões e desafios atuais, e ampliando os horizontes filosóficos e pastorais da instituição religiosa, que foi chamada, mais uma vez, a desenvolver uma “nova sensibilidade diante dos problemas sociais” (CAMACHO, 1995, p. 183) .

A segunda metade do século XX teve que se confrontar com problemas de ordem socioeconômica que não decorreram apenas dos eventos políticos que caracterizaram essa centúria, a exemplo das duas grandes guerras mundiais, mas foram fortemente agravados por eles. Dessa forma, surgiu na Europa, no âmbito dos países mais desenvolvidos, a política do Estado de Bem- Estar Social, com programas de proteção e assistência social aos grupos que se encontravam em situação de vulnerabilidade. No Brasil, assistiu-se a

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

um crescimento da intervenção do Estado na esfera social, notadamente com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

A encíclica *Mater et Magistra* teve importante contribuição no envolvimento de governos e da sociedade civil com as questões sociais, pelo alcance atingido para o chamamento pastoral junto à comunidade leiga, ampliado a filantropia, o voluntarismo e a caridade entre membros desse grupo. Vejamos o que diz Alves a respeito do movimento religioso: “[...] fazendo a todos os fiéis um vivo chamado à ação, inclusive somando-se àqueles que não partilham de nossa fé, mas que, como nós, desejam um mundo mais justo e mais fraterno,[...]” (ALVES, 2020, p. 77)

Tem-se, então, um rápido panorama de uma época de grandes mudanças e de complexos problemas diagnosticados no mundo. Setores da Igreja Católica mais integrados às questões humanitárias, demonstraram a importância em relacionar o trabalho de evangelização à luta por melhores condições de vida para todos. O evangelho de João, 10:10 expressava com intensidade o propósito desse momento “ eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância”. Essa era a base dos princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI). Portanto, fazia-se necessário colocar a instituição no seio do povo, permitindo o surgimento de uma prática capaz de chamar os leigos para uma participação permanente e efetiva nas ações eclesiais e sociais.

O arcebispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela, com tal propósito, desenvolveu um conjunto de “obras sociais”, que visavam prestar atendimento às comunidades de áreas que apresentavam maior vulnerabilidade social, notadamente àqueles sujeitos que o braço do Estado não alcançava de maneira efetiva. A Ação Social Arquidiocesana – ASA, fundada em 13 de junho de 1956, ligada à Arquidiocese, mas criada com personalidade jurídica própria foi um importante equipamento para esses trabalhos. A criação dos Centros Sociais e de outros projetos e programas sociais e

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

religiosos, integraram os propósitos presentes na DSI. Esses Centros foram construídos em algumas paróquias estratégicas para viabilizar a ação pretendida, fornecendo serviços sociais, a exemplo da assistência médica e odontológica, educacional e lazer àqueles que não poderiam provê-los com seus próprios recursos. Fizeram parte desse projeto o Centro Social Leão XIII, localizado no bairro Vila Operária, o Centro Social de Nossa Senhora de Fátima, situado no bairro de Fátima e o Centro Social Cristo Rei, instalado para atender a população do bairro Cristo Rei e redondezas. Será sobre o Centro Social Leão XIII que trataremos a seguir.

Centro Social Leão XIII: ação social católica na Vila Operária

Os centros sociais criados pela Igreja Católica, significaram, até a criação dos Sistema Único de Saúde-SUS na década de 1990, uma das alternativas encontradas pela população carente, notadamente os trabalhadores que estavam fora do mercado de trabalho formal, para o usufruto dos serviços gratuitos de saúde, mas também de outros como educação e lazer necessários ao bem estar social. Nesse sentido, o Centro Social Leão XIII teve importante atuação no atendimento às demandas dos moradores do bairro Vila Operária e circunvizinhança, impactando na melhoria da prestação de serviços essenciais para essas comunidades. Carvalho (2006) informou que Dom Avelar em seu pastoreio realizou importante obra social na capital do Piauí, não apenas com a criação dos referidos centros, mas de projetos semelhantes nos bairros da Catarina, no Memore, além do posto de puericultura Santo Antônio.

Em relação ao espaço de instalação do Centro Social Leão XIII, Santos e Lima (2014) afirmam que a história do bairro Vila Operária de Teresina teve início em 1928, com a assinatura do decreto pela prefeitura, autorizando a concessão de um terreno para os operários. O mesmo documento previa a construção de posto médico, farmácia e

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

mercado público, mas apenas quando naquele local já tivessem sido assentadas pelo menos 25 casas de tijolo e telha. O terreno ficava localizado depois da linha férrea e do bairro Mafuá, na região centro-norte da cidade. Os pesquisadores destacam que apenas na década de 1930 foi iniciada a construção das primeiras casas na Vila, e que esta experiência assumiu algumas particularidades em relação à outras Vilas de operários no país:

ao contrário de várias vilas operárias que surgiram pelo Brasil a fora, a Vila Operária de Teresina não foi construída pela iniciativa privada de industriais, mas foi estimulada pelo poder público municipal. A segunda particularidade é que a prefeitura doou apenas o terreno e os próprios trabalhadores fizeram o resto, desde a abertura das ruas à construção das casas. Destaca-se ainda que a maioria das casas era de taipa e coberta de palha, ou seja, em condições precárias de moradia, diferente de muitas outras vilas operárias que foram construídas em outras partes do País. (Santos e Lima ,2014, p.23/24)

Desse modo, o modelo padrão de vila de trabalhadores adotado em várias cidades brasileiras, em que a iniciativa privada dotava-a de infraestrutura básica nas áreas da saúde, educação e transporte, não encontrou semelhança com o identificado para o bairro Vila Operária em Teresina. A maneira como procederam as autoridades públicas, deixando a cabo da iniciativa dos operários o estabelecimento de suas moradias, bem como a ausência de equipamentos públicos básicos no local, levam a crer que o sanitarismo, o higienismo urbano e o controle do cotidiano do operário, não foram as principais razões que motivaram o estabelecimento desse espaço social. Presume-se, que o mesmo esteve relacionado à tentativa de afastar a população pobre das áreas centrais da cidade, que passavam por um processo de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

valorização imobiliária, entre outras questões, que não encontram espaço na discussão definida para esse estudo.

Citando um depoimento de uma moradora da Vila por nome “Maria Rosa”, Santos e Lima (2014) nos permitem visualizar quem foram os primeiros habitantes do local, bem como as condições a que se submeteram como pioneiros dessa experiência. Os autores destacam a maneira como as lembranças foram acionadas pela moradora que chegou à Vila em meados de 1940, mais ou menos uma década após sua criação, ao anunciarem a riqueza de detalhes que escapa de sua memória, a exemplo da configuração espacial demonstrada no relato sobre os imóveis existentes, na identificação do material utilizado para a construção das primeiras habitações- casas de palha, na maneira como as residências estavam distribuídos na área- localizadas afastadas uma das outras e na ausência de luz elétrica e de água encanada. Interessante que essas lembranças confrontam-se com as informações apresentadas por Nascimento (2002) ao trazer o depoimentos do operário Antônio Sales, segundo o qual a configuração do bairro Vila Operária, mesmo sendo de casas simples, apareciam como geminadas, com a presença de uma Igreja, uma praça e o Centro Social. Claro está que os depoentes estão lembrando e falando de momentos diferentes, embora procurem significar a mesma experiência, considerando que a construção do Centro Social Leão XIII, acreditamos que a referência realizada por Antônio Sales foi feita a essa entidade, ocorreu no final da década de 1950.

Portanto, ainda que ambos estejam falando dos primórdios do bairro Vila Operária, os depoentes transportam-se para detalhes diferentes, confirmando o que Pierre Nora (1997) nos informa sobre as nuances da memória. Para esse historiador, por ser efetiva e mágica não podemos prender a memória a detalhes que a confortam. Ao contrário, ela se alimenta de lembranças vagas, fugazes, individuais e simbólicas, emergindo de um grupo que ela une e sendo, por natureza, múltipla, desacelerada, coletiva, plural e individual. Ela está sempre

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

aberta à dialética das lembranças e do esquecimento, suscetível às deformações e manipulações produzidas pelos sujeitos sociais.

Ao analisar documentos referentes à Vila Operária no período, um aspecto que chama a atenção é a fundação da “Ação Social Arquidiocesana de Teresina”-ASA, ocorrida com a chegada do arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela à capital do Estado do Piauí. Araújo (2008) informa que Dom Avelar foi nomeado como arcebispo da capital, em dezenove de novembro de 1955, mas só tomou posse em cinco de maio de 1956. Assim, tão logo assumiu a nova função, buscou conhecer como se encontrava Teresina e, para esse objetivo, fundou a “ASA”. A Ata de criação dessa entidade está datada de 13 de junho de 1956, demonstrando que sua criação ocorreu a pouco mais de um mês da posse de Dom Avelar.

Conforme assentado no documento de criação da “Ação Social”, o seu objetivo era examinar, através de pesquisas, quais eram os problemas mais graves e urgentes existentes naquele meio. Para isso, montou uma equipe com a participação de voluntários leigos e de religiosos, dentre esses últimos a Irmã Margarida Monteiro de Castro, assistente social, que exerceu a orientação técnica do grupo. Dom Avelar, em sua fala de orientação ao grupo de trabalho, afirmou ser “imperiosa a necessidade dos estudos sociais para melhor desenvolver um determinado plano de ação [...]”.

Araújo (2008) afirma que as impressões do arcebispos sobre a sociedade teresinense foram melhor conhecidas apenas em 1985⁶, quando o religioso esteve na capital do Piauí para comemorar o cinquentenário de seu sacerdócio, oportunidade em que proferiu a fala “Oração por um dia feliz”, na Rádio Pioneira, descrevendo a Teresina que encontrou ao assumir essa arquidiocese em 1956. Segundo Dom

⁶ Dom Avelar foi arcebispo metropolitano de Teresina entre os anos de 1955-1971, período que desenvolveu intensa atividade pastoral, social e política no Estado do Piauí.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Avelar, aquele era um momento difícil para o Piauí, um Estado marcado pela pobreza e pela falta de esperança.

Foi possível observar, através da Ata de criação da ASA, que não houve dificuldades na integração de leigos e religiosos aos trabalhos sociais organizados por Dom Avelar. Araújo (2008) ressalta que quando o arcebispo chegou em Teresina, as paróquias do Estado prestavam serviços às comunidades através da catequese e, em atividades de assistência a grupos em situação de vulnerabilidade. A criação da Ação Social Arquidiocesana – ASA objetivava ampliar o elo entre Igreja e comunidade, motivando e supervisionando os serviços de assistência social realizados nas paróquias.

Lima (2009) informa que o periódico eclesiástico “Dominical”, publicado pela diocese de Teresina, trouxe a notícia da construção do Centro Social Leão XIII, registrando tratar-se de uma vasta área destinada ao atendimento dos mais necessitados. A pesquisadora destacou, ainda, a constituição de grupos de Juventude, com carismas específicos, que contribuiram com as atividades de evangelização e humanização realizadas pela diocese: Juventude Agrária Católica [JAC] e Juventude Operária Católica [JOC].

[...] O prédio do centro Social “Leão XIII” já em avançado serviços cobre uma área de mais ou menos 3.500m, com dependências e amplitudes suficiente para pleno funcionamento dos órgãos assistenciais que manterá. Como o próprio nome indica, é importantíssima a finalidade desse Centro. No plano traçado por Dom Avelar, inspirado no lema “Evangelizar e Humanizar”, a assistência social às classes menos favorecidas é um fato, e importante, pois que a Ação Social Arquidiocesana [ASA], já se desenvolve em atividades realizadoras. (DOMINICAL, n.16, p. 5, de 20 abril 1958 *apud* Lima 2009).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Conforme a autora, o prédio do Centro Social Leão XIII foi construído com mais de 11 salas, onde funcionavam a parte administrativa e os serviços destinados à comunidade. As salas serviram aos cursos profissionalizantes, orações, espaços para lazer, a exemplo de um movimento de teatro que se desenvolveu naquele local. O prédio contou também com quadra de basquete e vôlei, favorecendo a prática esportiva entre os jovens e um lazer saudável. Conforme Lima, no aspecto educacional o Centro Leão XIII “mantinha os três turnos, sendo que à noite funcionavam as escolas radiofônicas do MEB 131” (2009, p.62).

A Ação Social Arquidiocesana levava médicos aos mais necessitados, através de parceria com a Secretaria Estadual de Saúde. Foram montadas salas de aulas em colaboração com as Secretarias de Educação estadual e municipal, e oferecido diversos cursos profissionalizantes de doces, comida em geral, costura, cabeleireiro, manicure e pedicure, bordados, pinturas em tecido e outros que contribuíram para a ampliação da renda de muitas famílias pobres de Teresina. Outro aspecto importante desses serviços era o lazer organizado pelos grupos de jovens e adultos vinculados à Igreja.

Corroborando com o que informou Araújo (2008), a pesquisadora destacou a ampla utilização do espaço, com atendimento às gestantes, criação do clube de mães, assistência médica nas especialidades de clínica médica e ginecologia e serviços odontológicos. A seguir, uma imagem de Dom Avelar com a Juventude Católica da Vila Operária, em atividade desenvolvida no Centro.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Fotografia 01: Dom Avelar prestigiando o Teatro da Villa Operária



Fonte: O Dominical, Teresina, ano XXX, 30 mai. 1965, n. 22, p.3, apud Lima (2009), p.63.

Importante destacar que o sucesso do trabalho realizado por Dom Avelar veio, em grande parte, do prestígio que o religioso gozava entre as autoridades políticas do período e da boa recepção que lhe foi dispensada pela sociedade civil. Apenas a título de exemplo, consta em vídeo disponível na Agência Nacional – Arquivo Nacional – Casa Civil – Presidência da República / Acervo digital, o registro, em 26 de maio de 1965, da visita do presidente Humberto de Alencar Castello Branco (1897-1967), acompanhado do governador Petrônio Portella, a Teresina. Na oportunidade, o chefe do executivo nacional participou da inauguração de órgãos públicos e realizou uma visita ao Centro Social Leão XIII, ficando demonstrada a importância dos trabalhos ali desenvolvidos para a sociedade local e, o prestígio do seu dirigente não só em nível estadual como nacional.

O episódio da visita do presidente militar ao Centro Social Leão XIII permite realizar outras reflexões, dentre elas, a respeito das funções de orientação político-social desenvolvidas no local. Os Centros Sociais

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

funcionavam como espaço de atração e acolhimento das camadas sociais mais pobres, notadamente as que se encontravam em situação de grande risco social. Atrair esses setores para os espaços coordenados pela Igreja, afastá-los das ruas e dos “perigos” que elas produziam, era uma maneira de reduzir as possibilidades de conflitos naquele contexto de forte tendência a explosões sociais e políticas. A Igreja renovada, a qual Dom Avelar estava vinculado com o trabalho de evangelização e humanização, cumpria bem esse propósito. Isso fica claro em matéria publicada no 1º Caderno do Jornal do Brasil-RJ, de 20 de outubro de 1961, p.03, quando o arcebispo posicionou-se sobre a tradução atribuída ao termo socialização que aparece na *Encíclica Mater et Magistra*, do Papa João XXIII:

Imagem 01 Tradução do termo socialização

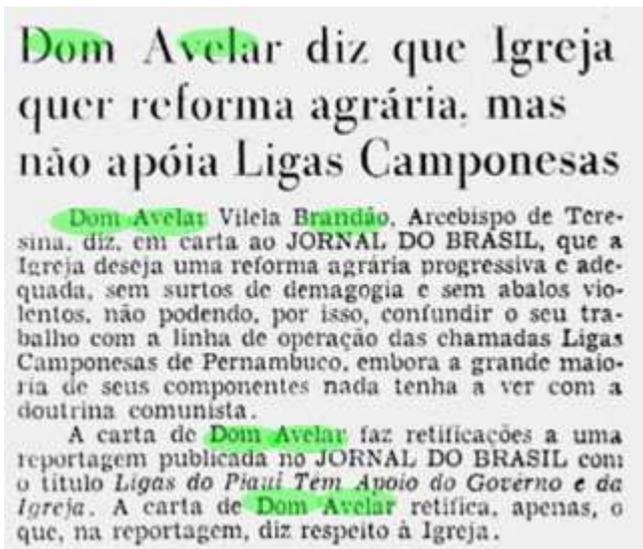


Fonte: Jornal do Brasil-RJ, 1961

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Observa-se na fala de Dom Avelar uma preocupação em chamar a atenção e motivar a Igreja e aos seus fiéis a comprometerem-se com a solução das questões sociais, o que considerava muito apropriado ao que a instituição havia proposto com a “Doutrina Social da Igreja”: “Evangelizar e Humanizar”. Os Centros Sociais e outros trabalhos realizados pela comunidade católica deveriam buscar atingir essas finalidades. No entanto, o religioso ressaltou o risco do uso de uma interpretação tradicional da expressão “socialização”, quando entendida com as orientações produzidas por aqueles que mostravam simpatia pelo socialismo puro, de “fundo estritamente estatal”. No extrato de matéria do Jornal do Brasil, publicada em 04 de novembro de 1961, p.08, a seguir, encontra-se mais um indicativo da forma como o arcebispo de Teresina entendia a atividade social praticada pela Igreja brasileira, junto aos mais necessitados.

Imagem 02 Carta de Dom Avelar ao Jornal do Brasil



Fonte: Jornal do Brasil-RJ, 1961.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

A matéria faz alusão a uma carta resposta escrita pelo arcebispo de Teresina, com finalidade de explicar uma publicação anterior realizada por este periódico, vinculava à Igreja e à gestão do então governador do Piauí, Chagas Rodrigues, às Ligas Camponesa⁷ de Pernambuco. Na carta o religioso justifica sua manifestação ao contexto que definiu como sendo uma “hora tão criativa de equívocos, contradições e veladas interpretações”, embora boa parte da matéria contemplasse o real sentido dos trabalhos que vinham sendo realizados pela Igreja brasileira, ao informar que coincidia com o pensamento do Episcopado Nacional, firmado pela Comissão Central da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, inclinado à cooperação com a solução dos problemas que atingiam as comunidades rurais do País.

Assim, ao tratar sobre a principal bandeira das Ligas Camponesas de Pernambuco, afirmou que a Igreja aceitava “ a justa reivindicação dos trabalhadores campesinos” (1961,p.08), porém, diferente do movimento político que tinha tomado corpo em Pernambuco, defendia uma reforma agrária “progressiva e adequada, sem surtos de demagogia e sem abalos violentos” (1961,p. 08). Dizia que a entidade estava de acordo com a necessidade de mudança na estrutura agrária nacional, desde que assegurada a manutenção da propriedade privada. Nesse sentido, mostrava existir grande diferença entre a vinculação entre os objetivos das Ligas Camponesas e o que a Igreja havia realizado no Piauí, quando apoiou a realização, nesse Estado, do I Congresso Sindical de Trabalhadores e Camponeses. Ainda reafirmando a posição da Igreja, e até mesmo duvidando da existência

⁷ Conforme o <https://atlas.fgv.br/verbete/7794#> , as ligas camponesas foram associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do Brasil, que exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

de segmentos do movimento político pernambucano no Piauí, destacou que o referido esclarecimento era necessário por ser:

Indispensável uma vigilância metódica nesta hora, sob pena de sermos tragados pelas manobras de envolvimento do comunismo que, inteligentemente, procura tirar partido de todas as situações delicadas desse delicadíssimo momento nacional. Essa vigilância e também, em profundidade, a visão dos problemas nacionais, e coragem de enfrentá-los, e o bom senso na aplicação dos métodos a serem adotados. Achamos que os homens do Brasil devem tomar uma decisão e provar que a democracia social dispõe de elementos de defesa e de ação, em ordem ao Bem Comum, capazes de vencer as dificuldades que sobrepairam nos horizontes de nossa Pátria (JORNAL DO BRASIL-RJ, 1961, p.8).

Desse modo, fica evidente o trabalho da Igreja local para evitar identificações e reduzir riscos de simpatia de membros da comunidade piauiense, especialmente dos setores jovens, com a radicalização da luta por melhores condições sociais, em um contexto em que o mundo encontrava-se em processo de mudanças, embalado pela crescente onda em defesa da ampliação dos direitos sociais e humanos. A Igreja renovada precisava travar luta em duas frentes: com as velhas metodologias vindas das determinações conciliares, que resultavam em uma liturgia que não chegava a tocar os leigos católicos e não católicos; e as ideologias políticas que pregavam a radicalização das mudanças sociais, a exemplo dos movimentos de inspiração socialista e comunistas.

Memórias sobre o Centro Social Leão XIII

No contexto abordado, Dom Avelar se encontrava inserido no desafio de buscar por mudanças sociais, mas ao mesmo tempo garantir a ordem e a defesa de princípios e valores da democracia liberal. Assumia a função de conciliador, construindo espaços para dialogar com os poderes constituídos, e atuando na defesa do atendimento às necessidades imediatas daqueles que se encontravam em situação vulnerável. A promoção de ações sociais, notadamente os chamamentos realizados aos governos federal, estaduais e municipais para esse propósito, era uma estratégia encontrada pela Igreja para afastar dos seus rebanhos o encanto produzido pelas ideologias políticas de superação das sociedades de classe, do desaparecimento das desigualdades sociais e da instalação de uma sociedade justa e igualitária para todos.

Assim, promoveu ações sociais que muito são lembradas e vividas na memória de vários teresinenses, notadamente daqueles que foram diretamente beneficiados por esses trabalhos. O Centro Social Leão XIII era o único posto de saúde da zona norte de Teresina, e estava localizado em uma posição muito estratégica, entre as ruas Sete de setembro e Vinte e quatro de janeiro, em frente a praça São José Operário. Para a educação escolar da juventude foi disponibilizada a Unidade Escolar Leão XIII, na qual se desenvolvia um ensino para a formação profissional. A grade curricular trazia no rol de matérias, as Técnicas Agrícolas, Técnicas Industriais, Técnicas Comerciais, Educação para o Lar, Técnico em Serralheria e outras habilidades consideradas importante à aprendizagem dos filhos da classe trabalhadora em uma sociedade que ainda era muito provincial.

É um espaço que ainda hoje, apesar do estado de abandono em que se encontra, mostra-se repleto de memórias, decorrentes das muitas vivências experimentadas por aqueles que o frequentaram em seus tempos de muitas atividades, ou sobre elas ouviram narrativas

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

contadas pelas gerações anteriores. Para Halbwachs (1990, p. 60) “a memória coletiva é sempre atribuída aos significados e as histórias de um determinado grupo e a mesma carrega muito valor na construção social dos mesmos.” Ressalta que essa memória pode ser transmitida através de tradições, contos populares, rituais e outros elementos culturais que são passados de uma geração para outra. Assim, esses meios explicam como as lembranças individuais se relacionam com as lembranças coletivas, como uma forma de identidade cultural, uma maneira de um grupo de sujeitos interpretar e valorar o seu passado.

Nesse sentido foram realizadas algumas entrevistas com pessoas que participaram dos trabalhos desenvolvidos no Centro Social Leão XIII, procurando identificar como as mesmas percebem hoje a importância desses trabalhos para a comunidade do bairro Vila Operária e de outras localidades próximas. Para tanto, esclarece-se que a análise foi realizada conforme orienta Ricoeur (1994), para quem “a memória é do passado” e tem em sua origem a suspeita como marca, ou seja, a memória é uma construção e pode ser influenciada por diferentes elementos tanto do passado, quanto do presente e do futuro. Sendo assim, os sujeitos da pesquisa motivados por diversas situações inseridas nos tempos, ativam suas lembranças sobre as experiências vivenciadas no Centro Social Leão XIII, sem que necessariamente as mesmas mantenham-se estritamente ligadas ao passado.

Para a interpelação referida, utilizou-se questionários que contribuíram com melhor sistematização da conversa. As entrevistas foram realizadas com dois professores que atuavam na Unidade Escolar Leão XIII, como era chamada a escola que fazia parte do Centro Social em análise. Além dos dois entrevistados foram realizadas algumas abordagens a outras pessoas que fizeram parte do Centro Social, mas por terem ocorrido de maneira informal, serviram para dar suporte às perguntas e favorecerem as compreensões das respostas dos entrevistados. Os entrevistados foram os senhores José Eptácio,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

professor de Marcenaria e Alberico Costa , professor de Técnicas Agrícolas.

Iniciamos indagando qual tinha sido a contribuição do Centro Social Leão XIII para a comunidade do bairro Vila Operária e moradores dos bairros da zona norte? Ambos os entrevistados afirmaram a importância do Centro Social para aquela comunidade, ressaltando os benefícios que as obras sociais organizadas por Dom Avelar produziram para os mais carentes e as oportunidades oferecidas aos jovens e adultos de realizarem formação profissional que melhoravam as chances de integrá-los ao mercado de trabalho.

Perguntou-se como era realizada a formação dos jovens que estudavam no Colégio vinculado ao Centro Social, e os entrevistados responderam que o currículo era formado por matérias teóricas e matérias práticas. Para ambos, esse formato produzia um resultado positivo para os alunos, pois permitia que os bons estudantes desenvolvessem conhecimentos sólidos que os habilitavam ao desenvolvimento de uma profissão. O Professor Aberico ao falar desse momento assim se posicionou:

“Eu tenho a dizer muita coisa, pra começar, pra começo de conversa, naquela época as crianças saíam da escola já com a noção de trabalho, certo? Além de aprender é com os conteúdos, saia com a parte prática, certo? Então pra mim eu acho que foi um grande prejuízo pra nação brasileira quando resolveram tirar, tirar à iniciação as profissões, certo? É muito diferente quando você faz é a teoria e a prática junto é muito diferente é muito diferente as pessoas já tem visão já sabe, por exemplo, mesmo que não sabe tudo sabe o rumo que ele quer, quer dizer ele tem o direito de opinar por aquilo que ele quer e tal ponto. A outra coisa que eu acho é que nosso

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

tempo o aluno não relaxava não, aluno tinha que saber mesmo se não ele não ia passar. Agora não, atualmente fazendo uma comparação com atualmente não tem profissão não tem nada a escola não tá preocupada com o aprendizado dos alunos e o mais é o seguinte, é que tem algumas entidades que passa a criança sabendo ou não vai levando pra frente, vai chutando. Entende? Eu acho uma grande falha. Pra mim tem é uma grande mentira o que tão fazendo hoje com a educação, entendeu?"

Esse tipo de análise é condizente com o proposto pelas ideologias de mercado, que desde os anos de 1930, assumiram importância primordial na organização dos trabalhadores nacionais urbanos. Formar para o trabalho era considerada a grande meta da educação nacional. Estimular a ampliação das riquezas, contribuir com a modernização e com o desenvolvimento da nação, formar mão-de-obra qualificada deveria constar no propósito de todo cidadão brasileiro. Para isso, era necessário afastar esses sujeitos de todas as formas de contestação e negação dos valores desse projeto oficial.

Perguntou-se aos professores se havia um acompanhamento do arcebispo aos trabalhos desenvolvidos no Centro. A resposta mais uma vez foi positiva, informando que havia uma coordenação dos trabalhos. No que diz respeito à educação, os alunos tinham total acompanhamento desde a pré-escola ao Ensino Médio, inclusive com atendimentos médicos prestados pelo centro. Nós (professores), tivemos apoio de todos os profissionais. Era uma equipe educacional que acreditava na perspectiva de autorrealização. Trabalhamos para fazer um diferencial na vida daqueles que procuravam o Centro Social.

Buscando compreender o tipo de interferência, caso existisse, na formação pedagógica dos alunos que realizavam curso naquele

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

local, realizou-se a seguinte indagação: Vocês atuaram durante um governo de regime militar , correto? Havia alguma influência da ideologia militar no modo como vocês desenvolviam suas práticas pedagógicas? Professor Aberico afirmou que:

“ Tinha! Tinha alguma disciplina que ainda hoje o pessoal faz, por exemplo, sociologia e psicologia, quer dizer essas disciplinas o pessoal não gosta porque leva, a psicologia leva a pessoa a pensar né? E a sociologia é ver a luz do povo. Então os políticos em si não tinham vontade nenhuma que isso aconteça porque sabe que se o povo se educar praticamente vai exigir daquilo que eles não estão fazendo, o medo de político é esse. Dá pra comparar o povo daqui com a França?

Infere-se da fala do entrevistado que a ação pedagógica não era realizada de forma totalmente autônoma. Ao chamar a atenção para as disciplinas de Sociologia e Psicologia , deixou evidente que existia controle para determinados tipos de análises que eram realizadas a respeito da sociedade e dos seus indivíduos. Quando o professor pergunta: “Dá pra comparar o povo daqui com a França?”, ele questiona a disposição para a luta apresentada pelo povo piauiense, seu nível de conscientização política para extrair o que havia de melhor nas dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldaram o mundo ao seu redor.

Para finalizar, perguntou-se aos professores o que eles achavam da desativação do Centro Social Leão XIII, se foi um grande prejuízo para a comunidade do bairro da Vila Operária e vizinhos? As respostas orientaram-se para uma avaliação negativa da decisão, afirmando que tinha sido uma grande perda para aquela comunidade.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Assim, através das memórias aqui apresentadas foi possível perceber os sentidos e significados atribuídos pela comunidade teresinense, especialmente a do bairro Vila Operária, aos trabalhos realizados pelos Centros Sociais fundados pela arquidiocese de Teresina, com o objetivo de implementar fundamentos da nova Doutrina Social da Igreja Católica, na segunda metade do século XX. O Centro Social Leão XIII foi um modelo desse tipo de trabalho, por diferentes razões: foi estrategicamente pensado por Dom Avelar Brandão Vilela, um dos representantes da Igreja que gozava de grande notoriedade no período, tanto em nível estadual, regional como nacional. Foi construído na capital do estado mais pobre da federação, portanto em uma sociedade com grandes problemas sociais e forte potencial para o desenvolvimento de movimentos políticos explosivos e, terceiro, a sua localização em um bairro de tradição operária, formado de maneira quase autônoma, a partir da ação individual ou coletiva dos trabalhadores da cidade.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho buscou-se analisar a ação social desenvolvida pela Igreja Católica, em uma agenda voltada para as questões sociais no século XX, que passaram a exercer maior apelo no interior da instituição, a partir do Concílio Vaticano II. Em Teresina, essa nova forma de praticar o trabalho de evangelização foi implementada com a chegada do arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela, que com esse propósito, desenvolveu diversas “obras sociais”, voltadas para a prestação de serviços às comunidades das regiões mais afetadas por questões sociais e econômicas.

Uma das primeiras atividades do religioso em Teresina foi a criação da Ação Social Arquidiocesana – ASA, com a finalidade de colocar em prática os projetos sociais necessários, dentre eles a criação dos Centros Sociais. Esses Centros foram construídos em

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

algumas paróquias para viabilizar a ação pretendida, fornecendo serviços sociais, a exemplo da assistência médica e odontológica, educação, formação profissionalizante e lazer, além de um trabalho de evangelização e , porque não, de formação política.

O Centro Social Leão XIII, criado no bairro Vila Operária , situado na zona norte de Teresina, ficou reconhecido como uma das principais instituições administradas pela ASA. A partir do lema “Evangelizar e Humanizar”, o Centro Social Leão XIII, assim como os outros instalados na capital do Piauí, visavam motivar mudanças na esfera social, contribuindo para a redução das desigualdades e superação da pobreza, sem, no entanto, favorecer a produção de movimentos e práticas políticas radicais, que afetavam a ordem social e os fundamentos e princípios da democracia liberal.

Dom Avelar se encontrava com o desafio de buscar por mudanças sociais e, ao mesmo tempo, garantir a ordem e a defesa de princípios e valores democráticos. Assumia a função de conciliador, buscando espaços para dialogar com os poderes constituídos, e atuando na defesa do atendimento das necessidades imediatas daqueles que se encontravam em situação vulnerável. A promoção de ações sociais, notadamente o chamamento dos governos federais, estaduais e municipais para esse propósito, era uma estratégia encontrada pela Igreja para afastar dos seus rebanhos o encanto produzido pelas ideologias políticas da superação das sociedades de classe, desaparecimento das desigualdades sociais e a instalação de uma sociedade justa e igualitária para todos.

Com tal propósito o arcebispo promoveu ações sociais que permanecem nas lembranças de muitos teresinenses, notadamente na de sujeitos que atuaram junto aos projetos mencionados. Nesse sentido, foram realizadas algumas entrevistas com pessoas que prestaram trabalho no Centro Social Leão XIII, especialmente com dois educadores, procurando identificar como estes avaliaram a importância das atividades sociais desenvolvidos naquele Centro. As

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

respostas mostraram muita nostalgia em relação a um passado que embora reconheçam difícil por razões históricas relacionadas à formação social do Estado, e pelo contexto político de implementação dessas ações, foi avaliado como tendo sido uma experiência positiva para a formação da comunidade da Vila, especialmente para os jovens, que receberam atenção de uma das instituições mundiais mais importantes da época: a Igreja Católica.

Referencias

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALVARENGA, Antônia Valtéria Melo e CARVALHO, Josiel Luis Franco de Andrade. **Ouvi o clamor desse povo**: Estado, Igreja e sociedade civil na efetivação das políticas públicas no Brasil. *Humanas Res*, v. 4, n. 6, 2022.

ALVES, Antônio Aparecido. **Doutrina Social da Igreja**: um guia prático para estudo. 2ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2020.

Araújo, Warrington Wallace Veras de. **Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto**: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971). Teresina, 2008. 211f. il. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí.

CAMACHO, Ildefonso. **Doutrina social da Igreja**: uma abordagem histórica. São Paulo: Loyola, 1995.

CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. **História e repressão**: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina. Dissertação (Mestrado) – História do Brasil – UFPI. Teresina, p. 229. 2006.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. **O bispo de todos os tempos**: uma biografia de Dom Avelar Brandão Vilela. 1ª ed. Editora e Gráfica Aliança LTDA, 2013.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos tribunais, 1990.

LIMA, Ana Cristina da Costa. **Práticas de devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Vila Operária**. Teresina - PI [manuscrito], 2009. 220 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí, 2009.

NASCIMENTO, F. A. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

Nora, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares . In: **Proj. História**, São Paulo, dezembro de 1997.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas – SP: Ed. Unicamp, 2007

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo I). São Paulo: Papirus, 1994

RIBEIRO Arthur Rizzi; CARVALHO Ricardo da Silva e OREIRO, José Luis. A Doutrina Social da Igreja Católica, o novo desenvolvimentismo e a economia social de mercado: diálogos possíveis?. In: **Revista de Economia Política**, vol. 39, nº 4 (157), pp. 710-735, outubro-dezembro/2019.

Documentos:

Ata de criação da Ação Social Arquidiocesana-ASA, de 13 de junho de 1956.

Jornal do Brasil-RJ de 20 de outubro de 1961.

Jornal do Brasil-RJ de 04 de novembro de 1961.

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE PREVENÇÃO E
TRATAMENTO DO CÂNCER NO MARANHÃO (1930 -1950)**

Antônia Valtéria Melo Alvarenga¹
Vitor dos Santos Silva²

Getúlio Vargas e um novo modelo de Estado

Pensar sobre as políticas públicas de combate e prevenção ao câncer, desenvolvidas pelo Estado brasileiro entre os anos de 1930-1950 e sua ressonância no sistema de saúde do Maranhão exige, pelo menos, uma rápida análise da estrutura do Estado nacional e dos entes locais, durante o período em estudo. Esse é o objetivo central deste tópico.

O ano de 1930 marca o início de uma nova era na história brasileira, tendo como evento gerador a instalação do governo Vargas. A Revolução de 1930 colocou o Brasil sob o governo provisório de Getúlio Vargas, governo que ao assumir o poder fez a promessa de retirar o país da situação de atraso em que se encontrava, modernizá-lo e inseri-lo na economia capitalista mundial. Até então, o Brasil era predominantemente agrícola, com a maioria da população vivendo no campo. Do ponto de vista político, social e sanitário, a literatura mostra um contexto marcado por surtos endêmicos e epidêmicos de doenças infecciosas em todo o território brasileiro, altos índices de

¹ Professora do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão e da Universidade Estadual do Piauí. Email:antoniaalvarenga@professor.uema.br; valterialvarenga@chhl.uespi.br.

² Vitor dos Santos Silva. Curso de Licenciatura em História/ Departamento de História e Geografia. Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: Vithors754@gmail.com .

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

analfabetismo, grande concentração de riqueza, boa parte da sociedade vivendo em condições miseráveis e um Estado descentralizado sob o comando de fortes oligarquias regionais. Segundo Hochman:

O movimento político-militar que, com apoios populares, levou Vargas ao poder, a Revolução de 30, congregou descontentes e descontentamentos de diversos tipos com um país governado por representantes das oligarquias estaduais, em particular pelos interesses agroexportadores dos estados do sudeste-sul do país. As críticas e insatisfações eram também as mais variadas e ganharam contornos mais graves com a crise de 1929. Em especial, a baixa incorporação política dos setores médios urbanos; as dificuldades de acesso ao poder de oligarquias não-centrais; a corrupção política e eleitoral; a fragilidade do poder público federal; a ausência de integração nacional; a repressão policial aos movimentos reivindicatórios de trabalhadores; o clientelismo e o patrimonialismo; o atraso econômico; a carência de políticas sociais e as precárias condições de vida da população. (HOCHMAN, 2005.P.128)

Dentre as políticas implementadas pelo Governo Vargas no período, o que nos interessa no presente tópico são os projetos e programas na área da saúde. O Estado Varguista tinha um caráter civilizador/modernizador, cujo objetivo era encaminhar o país e seus cidadãos em direção ao desenvolvimento. Neste aspecto, as condições sanitárias da nação e a salubridade da população assumiram importância primordial, tendo, pela primeira vez na agenda política de um governo, atenção especial. Mas como coloca Prost (2000), a história não se faz apenas pelas iniciativas e compromissos dos seus atores, ainda que sejam de fundamental

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

importância para o progresso social, faz-se necessário considerar “ a lógica das evoluções” , e “a força das coisas”. Nesse sentido era necessário agir sobre um cenário político e social que ameaçava o projeto político colocado em marcha.

O primeiro obstáculo a superar era a descentralização política. Foi nessa perspectiva que Vargas desenvolveu uma série de aparatos institucionais, cuja finalidade era ampliar a presença do governo federal nos estados e municípios. No bojo dessas ações foram criados Ministérios até então ausentes na organização política brasileira, a exemplo do Ministério da Educação e Saúde Pública-MESP, ainda no de 1930. A instalação desse órgão foi justificada como essencial ao melhor gerenciamento da saúde da população, assegurando, assim, uma força de trabalho de qualidade para a emergente economia capitalista nacional. Assim, saúde pública e desenvolvimento capitalista são concebidos como partes de um mesmo projeto político. Em suma, estabelecia-se a gênese da relação Estado/saúde no processo de modernização brasileiro. A esse respeito, o teórico italiano Norbert Elias em “Processo Civilizador”, oferece algumas chaves teóricas que nos permite compreender contextos como o brasileiro em estudo, ao refletir sobre a regulação estatal da saúde para a nova ordem social e econômica emergente – a ordem burguesa – centrada na reprodução da força de trabalho (ELIAS. 2004).

Foi sob a liderança de Gustavo Capanema que o MESP viveu seus melhores momentos. A gerência de Capanema é um marco na estruturação da saúde pública brasileira, com alguns dos seus aspectos sobrevivendo até os dias atuais. Ele realizou duas significativas reformas dentro do Ministério: a primeira de caráter administrativa, promovida no ano de 1937, que definiu os caminhos da saúde pública brasileira para aquele período. Com essa reforma o antigo Ministério de Educação e Saúde Pública passou a ser Ministério da Educação e Saúde (MES); a segunda realizada no ano

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

de 1941, que entre outras ações, criou os Serviços Nacionais, com a pretensão de verticalizar as políticas públicas de saúde (ALVARENGA, 2013)

Fizeram parte do conjunto de medidas promovidas pelo ministério Capanema, a criação das Delegacias Federais de Saúde em alguns territórios, as Conferências Nacionais de Saúde e a instalação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) resultante da assinatura de acordo de cooperação entre Brasil e os Estados Unidos, que buscava atender interesses na área de segurança sanitária, explorar reservas de matéria-prima e fortalecer objetivos políticos de ambos (CAMPOS, 2006). As principais doenças que foram alvo dessas iniciativas foram a malária, a febre amarela, a varíola, a tuberculose e a hanseníase. O MES tornou possível o que as gerações anteriores de sanitaristas haviam idealizado: levar as políticas de saúde pública para o interior do país. Segundo Hochman:

Interiorizar a saúde pública – agenda clássica do sanitarismo – parecia ser possível com o incremento da presença do MES nos Estados e o formato institucional escolhido foi verticalizar essas ações que seriam especializadas por enfermidade a ser enfrentada, coordenadas por um núcleo central que residiria no Ministério e implementadas de modo hierárquico nos estados e nos municípios. Com intervenções políticas nos Estados, autoritarismo e com crescentes limites constitucionais às autonomias estaduais, seriam removidos os obstáculos para a realização do ideal centralizador do movimento sanitarista da década de 1920. (HOCHMAN.2005. P.132)

A reforma de 1937 encabeçada por Capanema dividiu o território em oito regiões, cada uma contendo uma Delegacia Federal de Saúde.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

A divisão estava organizada da seguinte maneira: (1) Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro; (2) Território do Acre e Estados do Amazonas e Pará; (3) Estados do Maranhão, Piauí e Ceará; (4) Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; (5) Estados de Sergipe, Bahia e Espírito Santo; (6) Estados de São Paulo e Mato Grosso; (7) Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e (8) Estados de Minas Gerais e Goiás. Suas sedes foram estabelecidas nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte. Além de outras funções, as Delegacias ficavam encarregadas de supervisionar e implementar as ações de saúde pública em cada um dos oito territórios.

Cada delegacia federal de saúde funcionaria como um braço do Ministério em uma determinada região e estabelecia uma relação íntima com os serviços sanitários estaduais, inclusive com a nomeação dos seus chefes. A instauração da ditadura em 10 de novembro de 1937 facilitou a implementação de uma reforma que pretendia aumentar a presença dos serviços sanitários federais nos estados, reformulando a relação entre estes e a União. (HOCHMAN.2005. P.132)

Outra importante criação do MES foi o desenvolvimento das Conferências Nacionais de Saúde (CNS), que tinham como objetivo reunir as delegações estaduais em um fórum de caráter nacional e oficial, para debater sobre a saúde pública da população. As CNS constituíam um espaço de interação entre a administração do Estado e as federações. Nelas eram estabelecidas as ações técnicas e administrativas que todas as unidades administrativas deveriam seguir. A primeira Conferência Nacional de Saúde foi realizada entre os dias 10 e 16 de novembro de 1941, na cidade do Rio de Janeiro.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

No mesmo ano da primeira Conferência Nacional de Saúde, Capanema desenvolveu os Serviços Nacionais de Saúde com foco principal no combate às doenças infectocontagiosas. Esses serviços estavam sob a direção do Departamento Nacional de Saúde, responsável por supervisionar as atividades realizadas pelos Serviços Nacionais na área. Segundo Hochman(2005), eles estavam organizados da seguinte maneira: Serviço Nacional de Peste, Serviço Nacional de Tuberculose, Serviço Nacional de Febre Amarela, Serviço Nacional de Câncer, Serviço Nacional de Lepra, Serviço Nacional de Malária, Serviço Nacional de Doenças Mentais, Serviço Nacional de Educação Sanitária, Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina, Serviço Nacional de Saúde dos Portos, Serviço Federal de Bioestatística e Serviço Federal de Águas e Esgotos.

Exatamente nesse contexto de intensa centralização político-administrativa do país é que procuramos analisar como esses serviços de saúde, em especial, o serviço de combate ao câncer, integraram as políticas públicas de saúde no Maranhão.

O câncer é integrado às políticas nacionais de saúde pública

Por um longo período de tempo, mesmo fazendo parte de serviços nacionais, o câncer esteve à margem das ações da política de saúde pública, sendo visto pelas autoridades políticas e sanitárias e por diversos segmentos da sociedade como uma doença de pouca ou com nenhuma importância, em razão de considerarem que a mesma apresentava baixa incidência em relação a outras enfermidades. A posição era motivada por fatores como a intensidade das patologias infectocontagiosas que ocupavam a atenção das autoridades médicas, dos cientistas e do governo federal, dispondo de pouco tempo e recursos para o combate e a prevenção das patologias que não possuíam uma grande incidência entre a população. Segundo Hochman, as atividades de saúde pública deveriam se voltar

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

principalmente para a prevenção e o combate de doenças como a tuberculose, a malária, a febre amarela e a peste, tendo como foco a “coletividade” [...] (HOCHMAN, 2005, p. 136)

Portanto, durante esse período, apesar do reconhecimento de tratar-se de uma enfermidade de natureza grave, o câncer acabou sendo ofuscado pelas doenças infectocontagiosas. Outro fator que contribuiu para o câncer ficar à margem dessas ações foi o fato dele ser considerado uma doença das civilizações industrializadas, enquanto o Brasil ainda era predominantemente agrícola. Não havia de imediato um estímulo para a elaboração de políticas públicas de combate e prevenção do câncer de imediato.

À medida que as epidemias e doenças infectocontagiosas foram sendo erradicadas ou controladas, os interesses das autoridades médicas passaram a se orientar para outras doenças. Esses deslocamentos, juntamente com o processo de modernização pelo qual o Brasil estava passando nos anos de 1930, contribuíram para que o câncer recebesse maior atenção no meio médico e fora dele. O interesse da classe médica brasileira pela patologia foi um dos principais impulsionadores para que ela fosse reconhecida como um problema de saúde pública.

Entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial o interesse pelo câncer cresceu de forma exponencial ao redor do mundo, sendo prova desse crescimento o desenvolvimento de instituições de pesquisas voltadas para o estudo da patologia, a incorporação de novas tecnologias à área da saúde, além da ampliação das instituições filantrópicas com o objetivo de prestar assistência aos enfermos da doença. Sob as novas condições e impulsionada pelo interesse internacional a respeito do assunto, a comunidade médica brasileira passou a desenvolver estudos e pesquisas próprias sobre a patologia. A Europa e os Estados Unidos foram as principais fontes de inspirações para essa comunidade, tanto em relação ao

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

desenvolvimento de pesquisas, como no modelo de políticas públicas para o combate e prevenção da enfermidade.

Embora o câncer não ocupasse posições preocupantes em número de casos oficialmente registrados no início do século XX, a comunidade médica brasileira vinha notando um crescimento dos casos no território brasileiro. Médicos de renome tentaram chamar a atenção das autoridades públicas para a necessidade de se elaborar políticas públicas para conter o crescimento da doença. Segundo Fonseca e Teixeira (2007), as medidas direcionadas ao câncer foram elaboradas inicialmente pela Academia Nacional de Medicina, pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e pelos congressos médicos. Em síntese, nos primeiros anos do século XX, embora o câncer não aparecesse nas agendas governamentais como uma doença alarmante, chamava a atenção de setores importante da sociedade nacional:

Essas iniciativas mostram que, entre o final da década de 1920 e o início da seguinte, o câncer estava na ordem do dia. Tanto no que concerne à saúde pública, como em relação aos médicos e suas organizações profissionais, a doença assumia um caráter de centralidade. (FONSECA; TEIXEIRA, 2007, p.46)

Na década de 30 foi realizado o Primeiro Congresso Brasileiro de Câncer, organizado pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. De acordo com Araújo (2019), ao longo de sua realização, tanto pela participação de atores de diversos estados brasileiros quanto pela audiência de personagens importantes do campo político, o congresso ganhou maior projeção, com propostas sistematizadas de criação de uma campanha nacional contra o câncer. Nesse Congresso ocorreram discussões sobre os aspectos sociais do câncer, e também sobre a taxa de mortalidade que a doença vinha atingindo no território nacional.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Chamamos a atenção para a apresentação de João de Barros Barreto, médico sanitário e diretor do Departamento Nacional de Saúde nos períodos de 1937/1939/1942/1945), citada por Araújo (2019), intitulada “Projeto de Luta Anticancerosa no Brasil”. Nela, Barreto revelou quais seriam as diretrizes que as ações de Saúde Públicas deveriam seguir no combate ao câncer, pautadas principalmente na prevenção da doença..

A primeira proposta de campanha apresentada no congresso foi a de João de Barros Barreto, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública e ator fundamental na organização das políticas de saúde no período varguista. Em seu projeto, Barreto destaca que, à exceção do câncer profissional, “é muito mais limitada a possibilidade da utilização de medidas preventivas” (Barreto, 1936: 191), sendo necessário, portanto, o maior investimento possível em ações visando ao diagnóstico precoce da doença. [...] No caso dos cânceres profissionais, em que era possível evitar a exposição aos elementos irritativos, era possível realizar a “prevenção efetiva” da doença; enquanto nos demais casos deveria se operar com uma “prevenção possível”, o diagnóstico em estágios mais precoces. (ARAÚJO, 2019, p, 103)

Outro pioneiro na luta contra o câncer no Brasil foi o Dr. Mário Kroeff, com a criação de uma instituição destinada exclusivamente ao tratamento de pacientes oncológicos no Distrito Federal, conforme nos apontam Fonseca e Teixeira:

No que tange às iniciativas concretas em relação à criação de um local exclusivo para o tratamento

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

dos doentes no Distrito Federal, os primeiros passos foram dados por Mario Kroeff, que, em 1931, iniciou a construção de um pavilhão para o tratamento cirúrgico do câncer anexo ao Hospital da Triagem, depois chamado Hospital Estácio de Sá. (FONSECA; TEIXEIRA, 2007, p.45)

De acordo com Fonseca e Teixeira (2007), Kroeff era formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sua formação como cancerologista aconteceu principalmente em território europeu, onde aprendeu as principais técnicas cirúrgicas para tratar a doença, tornou-se especialista em eletrocirurgia, conhecia a importância da descoberta precoce do câncer e defendia que as políticas públicas eram fundamentais para deter o avanço da doença em um determinado território. Todos esses fatores contribuíram para que Kroeff se empenhasse em chamar a atenção das autoridades políticas para a questão do câncer no território brasileiro. Nesse sentido, o médico defendeu a construção de um hospital especializado em prestar tratamento aos cancerosos da cidade do Rio de Janeiro. Em 1937, o presidente Getúlio Vargas atendeu a reivindicação de Kroeff, observemos:

Depois de um intenso trabalho de convencimento das autoridades políticas e de diversos avanços e reveses, o então presidente Getúlio Vargas criou um centro de cancerologia no então Distrito Federal e convidou Kroeff para dirigi-lo em 1937. À frente do centro, Kroeff colocaria em marcha uma verdadeira cruzada contra o câncer baseada no atendimento aos doentes, na busca de amparo social aos incuráveis e principalmente na propaganda para o diagnóstico precoce da doença. (FONSECA; TEIXEIRA, 2007, p, 58)

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Em 1941 foi criado o Serviço Nacional do Câncer, órgão responsável por organizar as ações contra o câncer em nível nacional (FONSECA; TEIXEIRA, 2007). O Serviço Nacional de Câncer (SNC) constituiu-se em órgão central na política de controle à enfermidade, tornando-se responsável pela organização, orientação, fiscalização e execução, em todo o país, das atividades relacionadas à doença. O Serviço foi organizado em cinco ações principais, conforme pode-se observar no extrato de texto a seguir:

O Decreto que criou o Serviço Nacional de Câncer em seu artigo 2º dispunha que ele teria como objetivo orientar e controlar em todo o País a campanha contra o câncer, tendo suas ações centradas em cinco pontos principais: a investigação sobre a etiologia, a epidemiologia, a profilaxia, o diagnóstico e a terapêutica da doença; a execução de ações preventivas de natureza individual e coletiva; a propaganda das práticas dos exames periódicos de saúde para obtenção do diagnóstico precoce; o tratamento e vigilância dos recuperados; e o internamento dos cancerosos necessitados de amparo, (Brasil, 1941). (Fonseca; Teixeira, 2007, p, 74)

Todavia, a criação e instalação do Serviço Nacional do Câncer não assegurou que essas ações ocorressem na prática, devido ao confronto com vários fatores de ordem social, geográfica, política e cultural que dificultaram à proposta do serviço nacional , sua efetividade.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O câncer no território maranhense- 1930-1950

Diante do exposto, podemos perceber que o governo federal, especialmente após a criação do MESP, em conjunto com a classe médica, procurou criar uma estrutura e formular políticas públicas para tratar e prevenir o câncer, embora a enfermidade não tenha recebido a mesma atenção social que algumas doenças endêmicas alcançaram junto às populações dos Estados e municípios. Isso dito, uma pergunta torna-se necessária: Como essas ações públicas e particulares tiveram ressonância no território maranhense? Essa é a indagação que o presente tópico buscará responder.

O corpus documental utilizado para respondê-la é constituído das seguintes fontes: Jornais que estiveram em circulação no Maranhão entre 1930-1950; relatórios de procedimentos cirúrgicos realizados na Santa Casa de Misericórdia, referentes aos anos de 1930-1932; livro de estática geral do Maranhão e relatórios sobre o funcionamento da saúde pública apresentados pelos interventores ao presidente Getúlio Vargas. Todas essas fontes nos possibilitam enxergar que o câncer vitimizava os maranhenses, ainda que sua incidência não possa ser comparada com as doenças infectocontagiosas. Não fazendo distinção entre ricos e pobres, homens e mulheres, jovens e velhos, brancos e negros, qualquer indivíduo poderia ser atingido pela enfermidade e ter sua vida ceifada por ela.

Apenas tomando o Jornal maranhense “O Imparcial” para análise, foi possível perceber que: na edição de 27 de fevereiro de 1930 foi publicada uma notícia informando a morte de uma mulher de 48 anos, de nome Raymunda Amelia Soares, maranhense, vítima de um epiteloma da base da língua; em 3 de março de 1930, há a notícia da morte de uma mulher de 49 anos, de nome Maria Pereira Durand, maranhense, vítima de um neoplasma uterino; em 6 de março de 1930, há a notícia de um homem de 57 anos, maranhense, de nome Silvino Martins Monteiro, que morreu de um neoplasma no reto; em 6 de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

agosto de 1930, há a notícia de uma mulher de 96 anos, de nome Izabel Annuniação, maranhense, que morreu vítima de uma cachexia cancerosa; em 18 de setembro de 1930, o jornal o imparcial noticiou o óbito de uma maranhense de nome Maria Angelica Ferreira, idade de 57 anos, que morreu vítima de um câncer uterino, já em 26 de novembro de 1930, há duas notícias de óbitos por câncer, a primeira trata-se de uma mulher maranhense, Theodora Villa, 50 anos, vítima de carcinoma, a segunda é de uma mulher paraibana, 51 anos, vítima também do câncer uterino; em 17 de agosto de 1932 há a notícia de uma mulher de nome Josephina Fernandes da Silva, de 68 anos, maranhense, que morreu vítima de câncer.

Analisando essas notícias observamos o seguinte: chama a atenção o interesse do periódico em registrar as mortes causadas pela doença, ainda que as vítimas não apresentassem status social. Parece-nos que a finalidade era chamar a atenção para um fato que se tornava cada vez mais recorrente. Também permite perceber que os óbitos de mulheres por câncer estão em maioria, fazendo crer que esse gênero encontrava-se mais vulnerável e exposto aos fatores de manifestação da enfermidade, a exemplo de doenças relacionadas aos órgãos vinculados ao sistema reprodutor feminino. Embora não corresponda à realidade da época, observa-se que foi noticiado apenas um caso de óbitos masculino ocasionado pela mesma doença. Quando se analisa o fator etário, identifica-se que as vítimas encontram-se em diferentes fases da vida, sendo algumas ainda bastante jovens e outras em idade avançada. Nos primeiros casos, as consequências sociais era a morte precoce de cidadãos como Raymunda Amélia Soares, que faleceu aos 48 anos, Maria Pereira Durand, que morreu aos 49 anos, Silvino Martins Monteiro aos 57 anos, Maria Angelica Ferreira aos 57 anos, Theodora Villa, que morreu aos 50 anos.

Os relatórios de procedimentos cirúrgicos da Santa Casa de Misericórdia, referentes aos anos de 1930-1932, também nos possibilitam enxergar a presença da enfermidade na vida da população

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

do Estado. Das oitenta (80) cirurgias realizadas em mulheres no ano de 1930, 02 (duas) foram de amputação dos seios, enquanto o relatório do ano de 1931 mostra que das 294 cirurgias praticadas, 04 (quatro) foram para a amputação de neoplasma, 01 (uma) na região da língua e 03 (três) na região dos seios; no ano de 1932, foram realizadas 308 cirurgias das quais apenas 01 (uma) foi para a amputação de um neoplasma nos seios. Mais uma vez as mulheres são a maioria dos casos notificados. Já na estatística demógrafo-sanitária da cidade de São Luiz, onde consta óbitos por principais doenças transmissíveis, o câncer fez onze (11)vítimas.

Consoante com o que informamos no início deste tópico, todos esses dados são aqui postos para ilustrar a manifestação biológica do câncer em pessoas da população maranhense. Os dados confirmam os achados que se tem para a população nacional em termos numéricos, ao revelar uma baixa incidência em relação às doenças infectocontagiosas. Porém, embora o câncer não fosse uma doença de grande incidência havia um interesse em informar à comunidade sobre os progressos científicos realizados acerca da enfermidade, as terapêuticas que estavam sendo pesquisadas para tratá-la, as pesquisas sobre sua etiologia e as possíveis formas de prevenção, etc, pelo grau de letalidade que a mesma apresentava, notadamente quando não identificado de forma precoce. As informações prestadas provinham, em sua grande maioria, de estudos realizados em solo europeu e americano. Vejamos algumas dessas notícias.

No dia 23 de outubro do ano de 1936, O Imparcial publicou uma notícia que versava sobre um novo método para o tratamento do câncer de olho em crianças. A matéria foi produto de uma comunicação produzida pelo Hospital para o Tratamento do Câncer da cidade de New York, e no Brasil saiu com a manchete: Grande Triunfo Científico Dos Norte-Americanos: novo método para a cura do câncer visual. A notícia dizia:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

New York, 20 —O cancer da vista, tumor congênito, maligno, que causa a cegueira e abrevia a morte, a muitas crianças, é enfermidade, hoje, curável em muitos casos, segundo informa um comunicado fornecido pelo Hospital para Tratamento do Cancer, nesta cidade. [...] Segundo diz uma informação, o tumor se manifesta, primeiro, n'um olho, destruindo a vista, reaparecendo no outro, causando cegueira total, e, finalmente, a morte da criança. Antes, o unico remedio era arrancar os olhos, si continuavam sendo presos do terrivel mal e muitos paes preferiam ver mortos seus filhos, a condemnal-os, para sempre, a ser cegos. Recentemente, depois de varios e fracassados esforços, se tem chegado a curar essa enfermidade, na maioria dos casos que não estão em periodo muito avançado, dando ao enfermo pequena dose de Raios Equis, de intensa voltagem, limitando a acção dos raios ao olho, por meio de um cylindro de cobre. Em muitos casos o tratamento faz a completa destruição do tumor canceroso, salvando-se a vista e vida de paciente. Varias crianças têm sido completamente curadas ultimamente, mediante o uso de novo tratamento. (O IMPARCIAL, 23 de outubro do ano de 1936)

Além da notícia, “O Imparcial” publicou no ano de 1936 outra matéria sobre o câncer. No entanto, dessa vez, o conteúdo da mesma versava sobre a intensa campanha realizada na Grã-Bretanha contra a doença e os progressos ali realizados, vejamos:

Londres, British News— dezembro. (aéreo)— A campanha contra o cancer tem sido feita na Grã-

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Bretanha, e cada vez com mais intensidade, ha já alguns annos, porem os resultados positivos ainda são em escola modesta. De vez em quanto apparecem noticias na imprensa sobre descobertas effectuadas que possam permitir a cura d'esta terrivel doença, porem seria imprudente acreditar com demasiado opimismo tudo o que se escreve sobre esse assumpto. Todavia, a lucta continu' a, gradualmente se vai accumulando alguns conhecimentos sobre as causas e effeitos da doença sendo inegavel que neste campo de investigação a Grã-Bretanha occupa o lugar de destaque. [...] (O IMPARCIAL, 19 de dezembro de 1936)

Essas foram apenas algumas entre as várias notícias que “O Imparcial” publicou com o objetivo de deixar a população maranhense atualizada sobre os principais progressos científicos realizados no exterior acerca do câncer. Todavia, os jornais que circularam no Maranhão nesse período não se preocuparam somente em trazer informações do exterior, eles publicaram também notícias versando sobre as ações que as principais regiões do Brasil vinham adotando para enfrentar a referida doença. Em 1941, “O Imparcial” noticia a fundação da Liga Brasileira contra o Câncer: “Rio, 1- (Inter-americana) – Com a presença do secretário da assistência médica da Prefeitura, foi fundada ontem a Liga Brasileira contra o Câncer.” (O IMPARCIAL, 1 de setembro de 1941). Já no ano de 1942, o mesmo jornal informou aos maranhenses sobre a Liga Contra o Câncer da então cidade de São Salvador, com a seguinte notícia: “S. Salvador, 6 (Press Parga)–A Interventoria Federal baixou um decreto para a abertura do crédito de 250 contos de réis, em auxílio da Liga Contra o Câncer, tendo o ato sido aprovado pelo Departamento Administrativo do Estado.” (O IMPARCIAL, 7 de junho de 1942).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O jornal O Imparcial não foi o único periódico a publicar notícias tratando sobre as ações que as principais regiões do Brasil vinham adotando na luta contra essa doença. Com a manchete, “Bradou o especialista: O câncer mata mais do que a guerra!”, o jornal “Pacotilha”: O Globo em 1949, publicou uma notícia ao qual tratava sobre a conferência realizada na Sociedade Brasileira de Cancerologia, realizada pelo cancerologista Alberto Coutinho, na qual o conferencista discorreu sobre o problema do câncer no Brasil:

Rio, 11 (M)— Na Sociedade Brasileira de Cancerologia, em sessão presidida pelo professor Jorge Marsilac, o cancerologista Alberto Coutinho proferiu uma impressionante conferencia sobre o problema do cancer no Brasil. Tratou o conhecido cancerologista da necessidade da criação de uma cadeira de cancerologia nas Faculdades Federais de Medicina. Comunicou aos numerosos medicos já haver apresentado á Camara dos Deputados um estudo sugerindo a criação da cátedra, tendo justificando afirmado que a cancerologia, em nosso meio, somente é praticada dentro das normas certas por meia dúzia de especialistas. (PACOTILHA: O Globo, 11 de novembro de 1949)

Importante ressaltar que os jornais não tinham como único objetivo informar sobre as ações de combate ao câncer que as principais regiões de pais vinham adotando. Em parceria com o Ministério da Educação e Saúde, com instituições privadas e às vezes de forma independente, eles publicaram matérias as quais versavam acerca da importância do descobrimento e tratamento precoce, os principais sintomas da doença, suas possíveis causas, os órgãos mais comuns de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

serem afligidos, etc., cuja finalidade era educar a população para lidar com uma doença que a cada ano aumentava o número de vítimas. Com o título: A importância do diagnóstico precoce na luta contra o câncer," O Imparcial" publicou a respectiva notícia:

Rio, via-aérea (Press Parga). Os médicos modernos, dedicando-se ao estudo e ao combate do cancer, fazem uma interrogação: por que avança esse mal? Em resposta, atribui-se á Civilização o desenvolvimento dessa doença. A poeira, hulha, a gasolina e o resultado de sua combustão, constituem as causas geralmente apontadas. De um lado si a moléstia tende a se expandir, fazendo um numero crescente de vitimas, do outro lado, a ciência mobiliza todos os seus recursos para o combate á molestia. Procurando conhecer os principais aspectos da luta anti-cancerológica que se desenvolve em nosso país, fomos ouvir o dr. Amadeu Fialho,- que no "clichê" acima, aparece no seu laboratorio de pesquisas,- um dos nossos médicos que mais se têm destacado pelos estudos que vem realizando sobre o cancer, e que nos declarou: - **este grave problema exige a precocidade diagnóstica, porque dela depende o seu sucesso.** A vida humana vai se alongando rapidamente, graças á terapeutica e a higiene e, como os tumores malignos são mais frequentes da terceira década da nossa existência em diante, o maior numero de longevos deve compreender maior numero de casos de cancer. Este é o fenômeno que observamos, por exemplo, nos Estados Unidos, onde a média da vida humana, de inicio deste século até a presente data, alonga de mais ou menos 15 anos, o que representa uma das mais floridas vitórias da medicina. (O IMPARCIAL, 11 de abril de 1944)

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

A matéria classifica a enfermidade como pertencendo às sociedades modernas, notadamente ao crescimento das expectativas de vida da população com a ampliação das políticas sanitárias e o avanço da medicina. Chama a atenção para sua maior incidência em populações que integravam sociedades que atingiram melhores patamares de desenvolvimento social. Portanto, se o projeto Varguistas buscava alcançar o desenvolvimento econômico e a modernização da sociedade, fazia-se, também, necessário observar os desafios que essas condições haviam produzido para as pessoas que faziam parte das sociedades onde o capitalismo tinha triunfado. Em sua fala, o médico Amadeu Fialho alertou para a importância do diagnóstico precoce, como condição para que a patologia fosse tratada com sucesso. Resta claro que atribuir a responsabilidade do diagnóstico precoce ao cidadão não era uma prática efetiva, considerando que grande parte da população nacional encontrava-se desprovida das condições necessárias ao comportamento esperado.

Importante lembrar que as políticas de saúde mais bem sucedidas no período, foram aquelas desenvolvidas com metodologias que procuravam alcançar a população nos seus habitats, a exemplo das campanhas realizadas pelas brigadas que objetivavam eliminar agentes causadores de enfermidades infecto contagiosa. No Maranhão, estado com uma das maiores concentrações de pessoas vivendo na zona rural, esse desafio era ainda mais intenso. Assim, essas campanhas, mesmo sendo importantes, eram pouco eficazes em relação à população em geral, notadamente à parcela mais humilde, aquela que habitava fora dos centros urbanos. Esse grupo dificilmente tinha acesso aos jornais em que essas matérias eram publicadas, o que faz acreditar que as mesmas tinham como alvo as classes médias urbanas, tanto pelo meio de circulação, como pelo conteúdo que comportavam. É o que se observa periódico Maranhão: Semanário da União de Moços Catholicos:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

- O cancer não é moléstia local, é geral A lesão localizada, em forma de ulcera ou tumor, está em contacto direto com o resto do corpo, por meio de vasos sanguineo, linfáticos e por continuidade. Sob determinadas circunstâncias, uma célula torna-se maligna, e começa a digerir as que lhe estão próximas, crescendo à maneira de um caranguejo(e cancer significa caranguejo), vai estendendo as suas numerosas garras sobre tudo o que encontra até fazer um volume que aparece em forma de tumor(Maranhão: Semanario da União de Moços Catholicos, 21 de novembro de 1948)

A presente matéria informava aos leitores que o câncer não age no corpo humano de forma isolada, mas sim, de maneira geral, podendo atingir órgãos que de início não apresentavam a doença. As duas notícias postadas nesse tópico, foram publicadas de forma independente nos periódicos que as trouxeram a público. Todavia, havia aquelas que eram produtos da parceria entre periódicos e determinadas empresas farmacêuticas. Em 12 de setembro de 1948, a indústria farmacêutica Squibb publicou no jornal “O Diário de São Luiz”, um panfleto dedicado exclusivamente ao câncer, com o título: O que você ler abaixo sobre o câncer pode salvar sua vida!

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Hábeis especialistas em Raio-x aperfeiçoaram as técnicas para deter o câncer.

Logo abaixo das imagens observa-se três blocos, cada um contendo informações diferentes. O primeiro possui como título: **O CÂNCER É UM DOS MAIORES ASSASSINOS!** E expõe as seguintes informações:

No entanto, um rápido tratamento pode deter 3 em cada 4 casos de câncer do seio, 4 em cada 5 casos de câncer de boca, 9 em 10 casos de câncer da pele. Mas a sua vigilância é sua única proteção contra essa doença. A demora e o medo são os seus maiores perigos. O câncer não tratado é sempre fatal! Faça com que seu médico o examine agora- e não se preocupe. (DIARIO DE SÃO LUIZ, 12 de setembro de 1949)

Já o segundo bloco intitulado: **O QUE FAZER SÔBRE O CÂNCER.** Informava que:

- 1 Conhecer os sinais de perigo do câncer (mostrados acima).
- 2 Se você suspeita apresentar alguns desses sintomas, consulte seu médico imediatamente.
- 3 Faça um exame médico, pelo menos uma vez ao ano, porque o câncer não apresenta, às vezes sinais evidentes. (DIARIO DE SÃO LUIZ, 12 de setembro de 1949)

O terceiro e último bloco trazia o título: **O QUE NÃO FAZER SOBRE O CÂNCER,** e postulava o seguinte:

1. Não aceite conselhos de pessoa alguma, a não ser de um médico! A perda de tempo pode ser fatal.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

2. Não use roupas que irrite a pele.
3. As mulheres devem ser tratadas dos traumatismos do parto
4. Não tenha receio de apresentar um câncer em evolução. Mesmo que isso aconteça ele poderá ser tratado com sucesso se for verificado em tempo. Não se amofine, pois que a depressão pode causar dano ao organismo.
5. Não adie sua consulta. Veja o seu médico hoje!

Percebe-se que as informações expostas no panfleto tinham como objetivo informar os leitores acerca de como prevenir a doença, os seus principais sintomas, a importância do descobrimento e tratamento precoce, etc. Conforme dito, esses panfletos são de iniciativa privada, produtos de uma parceria entre o Diário de São Luiz e a indústria farmacêutica Squibb. Todavia, o Estado também firmou acordo com os jornais para que eles divulgassem as informações sobre a enfermidade produzidas inicialmente pelo Serviço de Propaganda e Educação Sanitária (SPES), órgão vinculado ao Ministério de Educação e Saúde que tinha como objetivo:

A base de atuação do SPES, que tinha como objetivo controlar os problemas sanitários, por meio da adoção, por parte da população, de medidas preventivas de cuidado com o corpo e a saúde, estava assentada sobre dois pilares – a propaganda e a educação higiênica. Dessa forma, buscava articular o diagnóstico precoce, e a prevenção por meio da divulgação das características das enfermidades e da informação sobre suas profilaxias. Os instrumentos de comunicação, que passaram a ser importantes ferramentas dos serviços de saúde, a partir da criação do SPES, foram fundamentais para o

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

convencimento da população sobre os conceitos higiênicos e a prevenção de doença. (SOUZA, 2012, p,27)

Consoante os objetivos acima expostos, o SPES publicou notícias em diferentes jornais maranhenses versando sobre o câncer. Em 1938, com o título: Conselho do Dia, “O Imparcial” divulgou, em parceria com referido órgão, a respectiva matéria:

Localizações frequentes do cancer são: os seios, o útero, o estomago, a língua, os labios e a face. Tudo o que de anormal aparecer nestes órgãos deve ser imediatamente levado ao conhecimento de um medico de confiança. Quando o mal está em inicio, o tratamento energico conduz quasi sempre á cura radical. A intervenção oportuna é a salvação. A protelação é a morte. 17-8-38- S.P.E.S. (O Imparcial, 3 de setembro de 1938)

A presente notícia discorria acerca dos órgãos mais frequentemente atingidos pelo câncer, e chamava a atenção dos leitores para que eles ficassem atentos a qualquer anormalidade nesses órgãos, informando-a com urgência aos médicos, visto que, quando descoberta em seu estágio inicial a doença tinha maior chance de cura, não sendo a mesma chance quando a patologia era diagnosticada em seu estágio mais avançado. Em outra propaganda exposta no jornal “Pacotilha” o serviço de propaganda e educação sanitária tematizava acerca do descobrimento precoce da doença, observemos:

Para curar-se o cancer é preciso descobri-lo cedo e trata-lo logo e por processos seguros (cirurgia, Raio X, etc.) O cancer no inicio, é uma doença

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

local, começa por um nódulo que pode durar muito tempo sem se alastrar. Reconhecido e extirpado a tempo esse nódulo, sobretudo quando elle se localisa na pele no labio ou na mama, o resultado é mais garantido. 11-8-38-S.P.E.S. (PACOTILHA, 30 de agosto de 1938)

Já em outra propaganda do SPES, publicada em 1939, no mesmo jornal, o tema central era o sol e o câncer, vejamos:

[...] Desde ha muito foi observada a frequencia com que o cancer se desenvolve nas regiões do corpo attingidas com mais insistencia pelo sol, os recentes resultados das experimentações de laboratorio, realizadas pelo professor Roffo com o intuito de conhecer até onde se podia responsabilizar a radiação ultra-violenta pela cacerização dos tecidos cutaneos, fizeram-no constatar a procedencia daquella suspeita pelos seus estudos, verificou elle de uma parte, que ha um real augmento de collesterina nos tecidos expostos ao sol, e, de outra parte que o colesterol, sob a acção dos raios ultra-vioeltas, se tranforma em uma substancia altamente cancerigena, que é encontrada em todos os corpos chimicos capazes de desenvolver tumores malignos. [...] De qualquer modo é uma razão a mais para se recommendar ás pessoas idosas cautela ao se exporem ao sol, mormente nos dias nublados, em que com mais intensidade se faz sentir o effeito da radiação ultravioleta. (O IMPARCIAL, 11 de junho de 1939)

Dessa vez o SPES chamava atenção dos leitores para os cuidados que eles deveriam ter com os raios de sol, visto que, a exposição prolongada poderia provocar um câncer de pele. Em outra matéria

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

publicado no ano de 1940, com o título: O câncer deve ser tratado no início, o SPES comunicou a respectiva notícia:

[...] Isto que dizer que os meios actues de tratamento do cancer só permitem esperança de exito, se esse tratamento é instituído no periodo primario, inicial, da doença. [...] A diferença do resultado do tratamento do cancer é tão grande, conforme seja elle instituído ainda no inicio da doença ou somente quando o mal já se disseminou no organismo que permite insistir, mormente para as pessoas de idade madura, na reconmendação do exame medico periodico, ou do exame medico logo que percebam quaisquer perturbações de saude, por insignificantes que pareçam. Esta pratica é o único meio de descobrir a doença a tempo de ser tratada. (O Imparcial, 16 de julho de 1940)

Percebemos mais uma matéria informando sobre a importância do tratamento precoce do câncer e as consequências positivas da mesma. O SPES continuou com as publicações até o ano de 1941. Com a reforma realizada no Departamento Nacional de Saúde, o serviço passou a ser denominado Serviço Nacional de Educação Sanitária, conforme Souza comunica:

O Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, do Ministério da Educação e Saúde, teve seu período de atuação entre os anos de 1937 e 1941, quando então, devido à reorganização do Departamento Nacional de Saúde, as ações voltadas para educação sanitária foram ampliadas na tentativa de dar a essas práticas uma dimensão nacional. Assim, o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária foi substituído

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

pele Serviço Nacional de Educação Sanitária, responsável por centralizar as práticas de educação sanitária de todo o país, conforme analisaremos no próximo capítulo. (SOUZA, 2012, p, 32)

Com o título: O Preceito do Dia, o Serviço Nacional de Educação Sanitária continuou publicando nos jornais que circulavam no Maranhão propagandas informando a população acerca do câncer, versando sobre os mesmos temas do abolido SPES, observemos:

Adiamento Fatal

As localizações mais freqüentes do câncer são: seios, úteros, estômago, língua, lábios e face. Qualquer ferida, caroço ou modificação de anormal aparecer nesses órgãos, deve ser imediatamente levado ao conhecimento do médico. Quando o mal esta em inicio, o tratamento conduz, seguramente, á cura. Á menor suspeita de câncer, procure, imediatamente o médico- SNES. (O COMBATE, 21 de agosto de 1946)

Todavia, os dois serviços apresentados anteriormente não foram os únicos responsáveis pelo desenvolvimento de políticas públicas para o combate e a prevenção do câncer. O Serviço Nacional do Câncer compartilhava desse mesmo objetivo. Desenvolvido em 1941, era seu dever gerir as campanhas de combate e prevenção ao câncer em nível nacional, conforme nos mostra a respectiva notícia, publicada no jornal “O Imparcial”:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O SERVIÇO NACIONAL DO CANCER

RIO, 24 (O Imparcial)— O Presidente da Republica assinou um decreto, creando o Serviço Nacional de Cancer, a que compele uma fiscalização racional de tôdas as campanhas contra o cancer. (O Imparcial, 25 de setembro de 1941)

Os jornais, a partir de então, passaram a informar os maranhenses sobre as ações que o SNC vinha desenvolvendo para combater e prevenir o câncer. Já em 1948, o “Diário de S. Luiz” publicou uma notícia comunicando os leitores sobre a campanha nacional contra o câncer que o SNC desenvolveu no mês de novembro:

RIO, 1 (AN) — Iniciou-se, hoje a campanha nacional contra o cancer, sob o patrocínio do professor Mario Kroeff, diretor do Serviço Nacional de Cancer. A campanha durará todo o mês de novembro o professor Mario Kroeff, fez, por êsse motivo, um apêlo ao povo brasileiro, solicitando a sua cooperação a fim de que o cancer, um dos mais terríveis flagelos da humanidade, possa ser combatido. (Diario de S. Luiz, 2 de novembro de 1948)

No ano de 1949, o mesmo jornal divulgou entre os maranhenses a entrevista que Mário Kroeff concederia ao programa de rádio “Tomando Chimarrão”:

Mario Kroeff— o notável cientista brasileiro será o hospede de honra do programa TOMANDO CHIMARRÃO, de AI Neto, na proxima sexta-feira, às 20,30 horas, pela Rádio Ministério da Educação.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

As pesquisas do professor Kroeff sôbre as modernas teorias do cancer são conhecidas em todo o mundo. Atualmente, grande numero de novas ideias estão sendo debatidas, com relação ao tratamento e profilaxia deste flagelo da humanidade. Nestas condições é interessante saber o que Kroeff tem a dizer sôbre o cancer e o estado atual da cancerologia. Kroeff é o diretor do Serviço Nacional do Cancer. (USIS). (Diario de S. Luiz, 8 de maio de 1949)

No que diz respeito às ações que o Estado do Maranhão adotou para tratar e prevenir o câncer, as fontes analisadas revelam uma atuação tímida por parte deste. Podemos perceber por meio dos livros de decretos-leis e relatórios que os interventores enviaram para o então presidente Getúlio Vargas, que o Estado concentrou sua atuação principalmente na prevenção e combate das doenças infecto contagiosas. Como nos mostra Lacroix (2015), elas foram as principais causas de morte entre a população maranhense. No decreto-lei nº 30 de 25 de janeiro de 1938, que trata sobre a organização dos serviços da Directoria de Saúde e Assistência, é notório a afirmação que postulamos anteriormente. Em todos os seus artigos e incisos, a referida lei prioriza as ações de combate e prevenção às patologias infecto contagiosas, não fazendo menção acerca do câncer. O relatório do ano de 1938, enviado ao presidente da república pelo Dr. Paulo Martins de Souza Ramos, interventor federal do Estado do Maranhão, não destoa da lei de 25 de janeiro de 1938. Ao relatar sobre as ações que o Dr. Tarquínio Lopes Filho, diretor da Directoria de Saúde e Assistência, adotou com o objetivo de assegurar uma saúde de qualidade para os maranhenses, o Dr. Paulo Martins destacou os respectivos serviços: criação do curso de Visitadoras de Saúde, especialização nos cargos técnicos (as referidas especializações eram realizadas na então Capital Federal e estavam dedicados a Saúde Pública, Malária e Tuberculose), campanha contra a tuberculose, Colônia do Bonfim (destinada ao

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

tratamento dos leprosos), Assistência aos Psicopatas, Assistência á Infância, etc. No decorrer de todo o relatório percebe-se a ausência de ações voltadas exclusivamente para o tratamento e prevenção do câncer, não sendo mencionado de forma explícita uma única vez. Só vamos observar um serviço dedicado ao câncer na lei de n° 297 de 1° de fevereiro de 1949, a qual reorganizou os Serviços de Saúde do Estado. A referida lei informou o Instituto Oswaldo Cruz do Maranhão como responsável pelo Serviço de Anatomia Patológica e Câncer.

Diante exposto, torna-se perceptível que o Maranhão estava integrado ao debate de prevenção ao câncer que o Estado brasileiro desenvolveu entre os anos de 1930-1950. Sendo os principais reflexos dessa integração, a circulação nos jornais maranhense de propagandas desenvolvidas para informá-los acerca do câncer, das suas formas de prevenção e a importância do tratamento precoce, da sintomatologia da doença, dos hábitos do cotidiano que poderiam contribuir para o aparecimento da patologia e dos tipos mais comuns da enfermidade. Embora se identifique a participação de organismos públicos em alguns desses eventos, a responsabilidade dos mesmos era na maioria das vezes de iniciativa da sociedade civil organizada: médicos, instituições filantrópicas, imprensa e outros. As ações públicas só tornaram-se mais frequentes a partir de 1949, com a reorganização dos Serviços de Saúde do Estado.

Considerações finais

Nessa perspectiva, podemos perceber que o governo de Getúlio Vargas inaugurou um novo momento na saúde pública brasileira, desenvolvendo por meio do Ministério da Educação e Saúde programas e instituições que prestaram assistência médica para toda a população, formulando, assim, um projeto de saúde pública de alcance nacional, ao integrar regiões que até então não eram por elas alcançadas.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Entre os anos de 1930-1950, a pauta do câncer ascendeu de forma exponencial no território nacional. O contato da classe médica brasileira com a academia estrangeira, principalmente durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, permitiu que eles enxergassem a incidência dos casos de câncer no Brasil por outras perspectivas. A partir de então, a discussão acerca da presente patologia cresceu no meio médico. Essa preocupação não ficou restrita a esse ambiente, pois logo esses especialistas passaram a chamar a atenção das autoridades públicas para a importância de tratar o câncer como um problema de saúde pública. Essa preocupação se refletiu nas ações de políticas públicas de saúde, elaboradas para combater e prevenir o câncer.

O ponto de flexão dessas políticas é a criação, em 1941, do Serviço Nacional do Câncer, o qual ficou encarregado de liderar as campanhas contra a doença em nível nacional. Todavia, em seu período inicial, sua atuação ocorreu com maior intensidade dentro da capital federal, mas, ele não era o único a produzir campanhas contra a referida patologia. Com a mesma pauta, outros dois serviços organizaram suas atuações, a saber, o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária e o Serviço Nacional de Educação Sanitária.

Em relação às políticas públicas de prevenção e tratamento do câncer no Maranhão, as pesquisas realizadas nos jornais da época mostram um interesse da sociedade e do governo maranhense com as formas de controle, tratamento e prevenção do câncer desenvolvidas no Brasil. Mesmo a patologia não sendo de grande incidência na região, eles buscavam deixar a sociedade local informada sobre os progressos que o meio científico nacional e internacional realizava sobre ela. Além de destacar esses progressos, também se preocupavam em publicar matérias alertando a população local para a importância do tratamento e descobrimento precoce da doença, colocando em circulação matérias que chamassem a atenção dos leitores para essa questão, mostrando alguns sintomas, os órgãos mais comuns de serem afligidos e hábitos que podem contribuir para o seu desenvolvimento. Conclui-se que as

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

campanhas desenvolvidas pelo governo federal para combater e prevenir o câncer alcançaram o Maranhão por meio dos jornais que aqui circulam.

Referências

- ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo. **Nação, país moderno e povo saudável: política de combate a lepra no Piauí**. Teresina: Edufpi, 2013.
- ARAÚJO NETO, Luiz Alves et al. **Prevenção do câncer no Brasil: mudança conceitual e continuidade institucional no século XX**. 2019. Tese de Doutorado.
- ARAÚJO, Luiz Alves; TEIXEIRA, Luiz Antonio. **De doença da civilização a problema de saúde pública: câncer, sociedade e medicina brasileira no século XX. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, p. 173-188, 2017.
- BARRETO, Eliana Maria Teixeira. **Acontecimentos que fizeram a história da oncologia no Brasil**: Instituto Nacional de Câncer (INCA). 2005.
- BARRETO, João de Barros. **Tratado de Higiene: doenças transmissíveis – epidemiologia e profilaxia**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.p. 562.
- CAMPOS, André Luís Vieira de. **Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 20.ed. 2006.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, 2 v.
- FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Saúde no governo Vargas (1930 -1945): dualidade institucional de um bem público**. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, 2007.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Saúde no governo Vargas (1930 -1945):** dualidade institucional de um bem público. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, 2007.

FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Trabalhando em saúde pública pelo interior do Brasil:** lembranças de uma geração de sanitaristas (1930-1970). *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 5, p. 393-411, 2000.

HOCHMAN, Gilberto. **Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945).** *Educar em revista*, n. 25, p. 127-141, 2005.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **História da Medicina em São Luís: médicos, enfermidades e instituições.** 2015.

MUKHERJEE, SIDDHARTHA. **O imperador de todos os males.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SONTAG, S. **A doença como metáfora.** Tradução de Márcio Ramalho. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1984. Trad. João Roberto Martins Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

SOUZA, Érica Mello de et al. **Educação sanitária: orientações e práticas federais desde o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária ao Serviço Nacional de Educação Sanitária (1920-1940).** 2012. Tese de Doutorado.

TEIXEIRA, Luiz Antonio e outros. **De doença desconhecida a problema de saúde pública: o INCA e o controle do câncer no Brasil.** 2007.

TEIXEIRA, Luiz Antonio e outros. **O câncer no Brasil: passado e presente /** Luiz Antonio Teixeira, Marco Antonio Porto, Claudio Pompeiano Noronha. - Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012

**ESTUDO SOBRE SAÚDE ANIMAL E BIOSSEGURIDADE
ZOOTÉCNICA NO PIAUÍ¹**

Jyslaine Pereira da Silva²
Francisco Marques Cardozo Júnior³

Introdução

Biosseguridade zootécnica compreende as práticas, medidas e procedimentos que objetivam reduzir, minimizar ou eliminar a ação de microrganismo ou agentes patogênicos zoonóticos que se desenvolvam em um ambiente de produção animal e que podem prejudicar a pecuária e a saúde pública, considerando os consumidores (Chauhan; Gordon, 2022; Sesti, 2004). A temática está relacionada diretamente com a saúde animal, os riscos assumidos, a prevenção e seguridade e a medicina veterinária preventiva, dentro outras. Preventivamente, busca-se extinguir os riscos de infecções, contaminações, preservando a segurança e a saúde em todas as fases ou etapas da criação, evitando que os animais contraíam doenças (Jiménez-Ruiz *et al.*, 2022).

Distintas medidas podem ser asseguradas no combate desde a entrada até a propagação propriamente dita de doenças no rebanho, tais como: isolamento e tratamento de animais acometidos por enfermidade,

¹ O texto é oriundo de pesquisa de iniciação científica – PIBIC-UESPI. Um resumo simples foi apresentado no Seminário/Simpósio de Produção e Iniciação Científica da UESPI.

² Graduanda em Zootecnia – Universidade Estadual do Piauí. Email: Email: jyslainesilva@aluno.uespi.br.

³ Doutor em Ciência Animal - UFPI, Professor Associado I – Universidade Estadual do Piauí - UESPI. E-mail: cardozo@cca.uespi.br

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

manutenção de distância segura, descobrir focos de vetores, cercamento da propriedade, sanitização, lavagem das instalações, restrição de visitas, seguir o programa de vacinações, utilização de água tratada, rigor na higiene, controle de qualidade alimentar, tratamento do efluentes, boas práticas de manejo, cuidado com o bem-estar animal, capacitação técnica profissional dos operários e seguir um programa permanente de gestão da qualidade etc. Fazendas com diferentes sistemas de produção intensiva, semi-intensivos com habitação ao ar livre e animais com criação extensiva, em quintais, com interação entre aves domésticas e selvagens também, quando submetidos a baixos cuidados de biosseguridade podem ser afetadas por questões de maneja tais como introdução de animais sem cumprir a quarentena ou a presença humana ou visita de açougueiros/compradores para adquirir animais para o abate (Sidi *et al.*, 2022).

A cadeia de fornecimento de carne precisa ser gerenciada para um fornecimento seguro de alimentos, pois patógenos transmitidos por carne, tais como *Salmonella*, *Campylobacter*, *Listeria monocytogenes* etc são perigos, sendo necessários monitoramento dos níveis sanguíneos de metabólitos, hormonal, proteico, trazem maior segurança e confiabilidade deste a inspeção veterinária até a garantia final (Nastasijevic *et al.*, 2021). Contudo, é necessário destacar que os bovinos são os principais hospedeiros do *M. bovis*, mas outros animais domésticos e mamíferos silvestres também podem ser infectados, o que requer um cuidado redobrado de vigilância.

Sanidade animal é uma definição que engloba a resistência que o ser vivo possui em meio às doenças ou agentes patogênicos, em determinada exploração pecuária nos diferentes ambientes, região ou país, bem como preocupa-se com o tratamento das causas, origem das doenças, prevenção objetivando o bem-estar, a saúde e o aumento da produtividade da exploração (Dias *et al.*, 2012). As medidas preventivas adotadas pela biosseguridade e na sanidade animal quando bem executadas, impedem ou controlam surtos e epidemias que podem

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

atingir até mesmo níveis globais de contaminação, tal como a gripe aviária ou H5N1. O vírus da gripe aviária é altamente patogênico, de caráter biogeográfico e epidemiológico de transmissões transfronteiriças, sendo responsáveis por vários surtos na Ásia que se espalhou por muitos outros países, requerendo uma vigilância genômica continuada tanto em aves silvestres quanto em aves de domesticadas (Kwon *et al.*, 2022). Neste sentido, os métodos aplicados pela biosseguridade envolvem medidas muito além do mercado alimentício e do agronegócio, podendo se estender à riscos de contaminação da população, sendo, portanto, considerada uma questão de saúde única entre animais e ser humano.

Outra manifestação de doença animal que tem se espalhado como múltiplas variantes (família *Asfarviridae*) epidêmicas na atualidade, sendo uma enfermidade hemorrágica viral característico em suínos domésticos e selvagens é a peste suína africana (Sidi *et al.*, 2022). Além de consideráveis perdas na população suína, sobre a biodiversidade, meios de subsistência dos agricultores, suinocultores, existem as consequências econômicas para a indústria em tempos recentes, afetando países, sendo que ainda não há uma vacina eficaz (Oie, 2022). Muitos países dependem da produção de suínos, sendo a principal fonte de consumo entre as carnes de animal atingindo cerca de 30% em todo o mundo, onde a União Europeia é o principal exportador mundial de carne suína (Fao, 2020; Augère-Granier, 2020). Neste cenário, a presença da Educação Sanitária no Campo passa é ser um dos ramos mais necessários quando o assunto é a promoção de hábitos saudáveis, prevenção de zoonoses e doenças à partir da educação da população sobre o correto manejo e criação de animais da fazenda. Sobre este tema Pimont (1977, p.17) já havia destacado que:

A educação em saúde se liga aos objetivos gerais da saúde pública: prevenção de doenças, proteção e promoção da saúde do indivíduo, da família e da

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

comunidade. A prevenção é realizada pelo desenvolvimento do saneamento básico e pelos programas de imunização em massa; a proteção, pelos serviços de saúde existentes; e a promoção, através da elevação do nível de saúde. Dentro deste contexto, a educação em saúde torna-se instrumento para a realização desses objetivos (Pimont, 1977, p.17)

Contudo, percebe-se que a definição de Educação Sanitária no campo tendia, inicialmente, a cuidados médicos, chegando à adoção de hábitos higiênicos, utilização e manutenção adequadas das instalações sanitárias; e melhorias da higiene pessoal, doméstica, dos alimentos. Hoje, já concebe-se como uma atividade estratégica e poderosa ferramenta de defesa agropecuária, considerando que auxiliar à promover o comprometimento dos integrantes da cadeia produtiva e da sociedade em geral, além de educar e desenvolver consciência crítica em um processo ativo e contínuo sobre a criação animal, construindo conhecimento técnico essencial associado às atividades agropecuárias, saúde animal, sanidade vegetal e qualidade dos produtos, subprodutos e insumos agropecuários (PNESA, 2008). Nesta mesma linha, Improta (2008), complementa que para ocorrer a promoção da Defesa dos setores agrícolas e pecuários na Educação Sanitária é imprescindível promover a (des) construção e a (re) construção cognitiva da população diante dos problemas sanitários que envolvem a saúde destes setores.

No serviço de Educação Sanitária Agropecuária importa um trabalho amplo de educação em conjunto com os profissionais multidisciplinares deste a área da saúde, agricultura, meio ambiente, zootecnia, pedagogia, dentre outras, que prepare esta mesma sociedade a conhecer, aceitar e praticar as ações normatizadas e preconizadas. Desta maneira é necessário conhecer a ocorrência de doenças em animais (suínos, bovinos, aves, caprinos, ovinos, etc), planejar esforços para prevenir e controlar, pois causam profundas devastações na no bem-estar do animal e na cadeia produtiva. Desta forma, propomos pesquisar

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

bases de dados de fontes oficiais de coleta e disponibilização de informações sobre a biossegurança de animais que são foco de estudo da Zootecnia no Estado do Piauí, especialmente. O objetivo desta pesquisa foi apresentar informações de biossegurança e sanidade sobre animais de interesse zootécnico no Estado do Piauí, entre os anos de 2020 – 2022.

Metodologia

Para a execução desta investigação científica, adotou-se a pesquisa documental com abordagem qualitativa e de caráter exploratório-interpretativo (Godoy, 1995). Analisaremos a base de Dados quantitativos disponibilizados no Painel do Sistema Nacional de Informação Zoossanitária - SIZ, gerenciados pela Coordenação de Informação e Epidemiologia – CIEP (CIEP/CGPZ/DSA/SDA) e que reporta focos e casos confirmados das doenças listadas nas categorias 1, 2 e 3 da Instrução Normativa MAPA nº 50/2013 (que requerem notificação imediata e investigação pelo Serviço Veterinário Oficial – SVO), registrados oficialmente no Brasil (<https://indicadores.agricultura.gov.br>).

Os supracitados dados são obtidos de Formulários de Investigação oficial de doenças e consolidados nos Informes Epidemiológicos Mensais, de responsabilidade do Serviço Veterinário Oficial - SVO dos Estados por meio dos seus respectivos Órgãos Estaduais de Saúde Animal, os quais notificam e compartilham as informações com as Superintendências Federais de Agricultura - SFA e Departamento de Saúde Animal - DSA, seguindo os procedimentos de vigilância e fluxos de informação do SIZ - MAPA. Discutiu-se as principais informações epidemiológicas relacionadas às doenças em animais que são objeto de estudo na Zootecnia: anemia infecciosa equina, brucelose, mormo, peste suína clássica e raiva.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

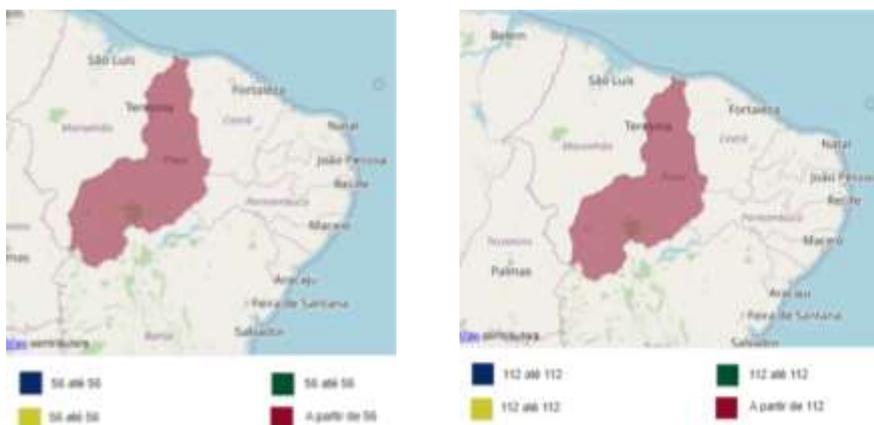
Os dados foram plotados em gráficos e tabelas que serviram de base para discussão exploratória dos mesmos, fundamentadas em artigos científicos indexados à Plataforma da Capes e tendo como ferramenta de estudo a base *Gale Academic OneFile*. Nesta, identificaremos temas correlacionada a biosseguridade e sanidade animal em pesquisas originais nacionais e internacionais os quais serão agrupados no formato de mosaico e círculos amostrais e estatísticos, através de localizador de tópicos e filtros de diagramas e artigos publicados (Unach, 2022)

Anemia Infeciosa Equina

Nos anos de 2020 e 2021 foram registrados 56 e 112 casos de Anemia Infeciosa Equina, respectivamente (**Figura I**) somente no Estado do Piauí. A Anemia Infeciosa Equina (AIE) é uma doença infecto-contagiosa crônica de etiologia viral, limitada a equinos, asininos e muares, caracterizada por episódios periódicos de febre, anemia hemolítica, icterícia, depressão, edema e perda de peso crônica. A AIE é, hoje, um grande obstáculo para o desenvolvimento da equideocultura, por ser uma doença transmissível e incurável, acarretando prejuízos aos proprietários que necessitam do trabalho desses animais e aos criadores interessados na melhoria das raças, além de impedir o acesso ao mercado internacional. A transmissão da doença ocorre principalmente pela transferência de sangue e seus derivados de equídeos infectados para animais saudáveis, sendo que outras formas menos frequentes incluem as transmissões transplacentária, pelo colostro e sêmen (Nociti *et al.* 2008).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Figura I. Número de casos registrados de Anemia Infecciosa Equina no Estado do Piauí nos anos de 2020-2021



Fonte: <https://indicadores.agricultura.gov.br/saudeanimal/index.htm>

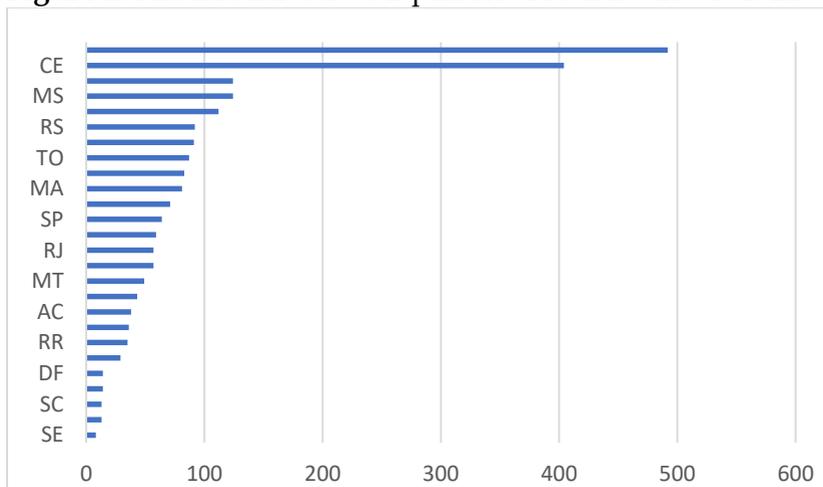
A Equideocultura é uma atividade de grande importância na economia, pois está relacionada a eventos equestres, atividades esportivas, trabalho especializado, lazer e também como elemento terapêutico, esses animais devem ser bem manejados para diminuir as perdas e devem ficar em quarentena até 45 dias para a realização do teste de AIE. (Mcconnico *et al.*, 2000). Devido sua grande importância na economia, os equídeos devem ser bem manejados para evitar a propagação da Anemia Infecciosa Equina (AIE) e devem ser feitos estudos um melhor entendimento dessa doença.

Considerando todo o território nacional no ano de 2021 foram registrados cerca de 2.290 casos de Anemia Infecciosa Equina (**Figura II**). Os equinos são animais com comportamento social bastante ativo, com convivência social marcada por importantes comportamentos entre os

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

integrantes da tropa. A domesticação pelo homem possibilitou seu uso para diversas atividades, entre as mais básicas destacam-se o transporte e a força motriz. Encontrou utilização mais ampla na sociedade moderna, com destaque para eventos equestres, atividades esportivas, trabalho especializado, lazer e também como elemento terapêutico. Mcconnico *et al.* (2000) relataram que via colostro há a transmissão passiva de anticorpos contra AIE resultando em testes falso positivos nos potros filhos de éguas positivas. Devido a isso sugerem que após o desmame esses animais sejam mantidos em quarentena por pelo menos 45 dias antes de serem submetidos ao teste.

Figura II. Anemia Infecciosa Equina no Brasil no ano de 2021



Fonte: <https://indicadores.agricultura.gov.br/saudeanimal/index.htm>

O objetivo pelo qual o cavalo é mantido determina as atividades e as práticas de manejo aos quais ele está submetido. Desta forma, seu uso pode influenciar diretamente o seu grau de bem-estar (Leme *et al.*, 2014). A medicina de equinos atravessa um período de modernização, incentivada pelo aumento das atividades econômicas envolvendo essa espécie, decorrente da valorização comercial dos animais. Atualmente,

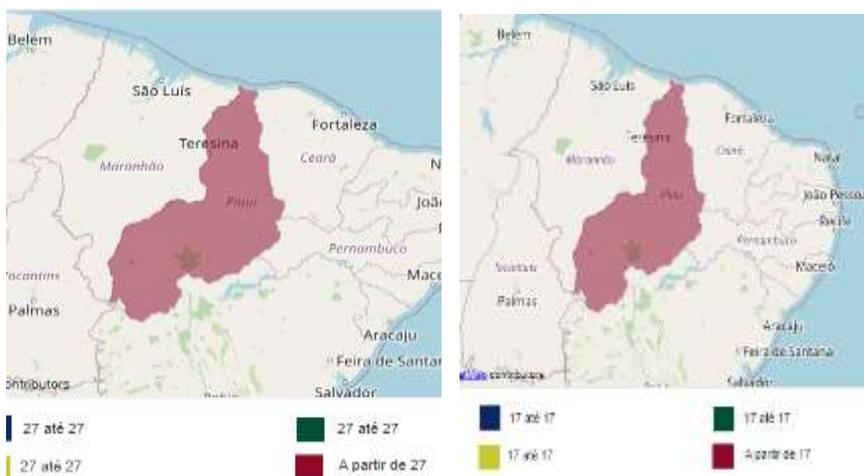
Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

os sistemas de criação de equinos estão se intensificando e, conseqüentemente, a quantidade de animais por propriedade está aumentando, acompanhada pelo incremento dos métodos de manejo e nutrição. Outra preocupação é a redução das perdas, tanto diretas, por mortes, como indiretas, associados à queda no desempenho e problemas de saúde dos animais.

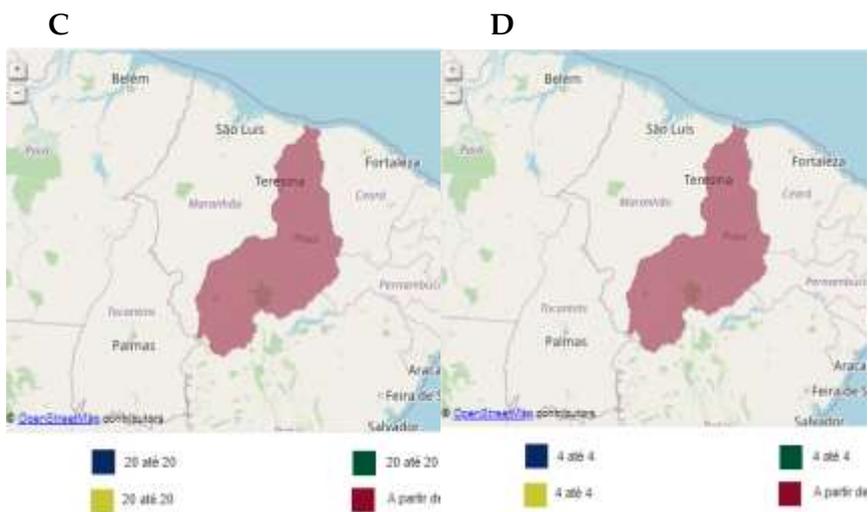
Brucelose, Mormo, Peste Suína Clássica, Raiva

A brucelose é uma enfermidade infectocontagiosa, causada por bactérias do gênero *Brucella*. O último caso registrado de brucelose no Estado foi em 2018, com 27 casos apenas na espécie Bovina (**Figura III-A**). Entretanto, pode ser transmitida para os ser humano de diferentes maneiras tais como alimentação com carnes contaminadas, ingestão de leite sem processamento térmico adequado ou no contato com animais infectados nos abatedouros.

Figura III. Principais doenças registradas em espécies domésticas e fauna silvestre no Estado do Piauí nos anos de 2018 – 2022. Onde A = brucelose; B= Mormo; C = peste suína clássica; D = raiva



Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1



Fonte: <https://indicadores.agricultura.gov.br/saudeanimal/index.htm>

Sobre a enfermidade conhecida como Mormo, acomete equídeos, o ser humano, demais carnívoros e ruminantes. É causada por uma bactéria do gênero *Burkholderia*. Nos anos de 2020 e 2021 foram registrados 17 e 7 casos de Mormo, respectivamente, somente no estado do Piauí (**Figura III-B**). Já no ano de 2022 foram registrados 13 casos de mormo no Estado. Em se tratando de outra doença chamada de Peste Suína Clássica (PSC), nos anos de 2020 e 2021 registrou-se cerca de 20 e 83 casos de PSC, respectivamente, somente no Estado piauiense.

O caso mais recente da PSC foi em 2022 com 20 casos registrados (**Figura III-C**). É caracterizada como uma doença de origem viral, altamente contagiosa que apresenta grave quadro hemorrágico. Por enquanto, ainda não existem vacinas inativadas eficazes contra PSC, sendo que as produzidas no merca mundial são vacinas vivas atenuadas.

Considerando a Raiva, no Piauí em 2020 foram registrados 4 casos de Raiva nas espécies canina, Bovina e Equina (**Figura III-D**) e no

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

segundo semestre de 2021 foram registrados 2 casos de Raiva em Cães. Um dos objetivos essenciais de controle da Raiva nos animais domésticos e selvagens, além do bem-estar destes é a redução ou a eliminação da Raiva humana. Neste sentido, a Organização Mundial da Saúde recomenda que seja realizada a imunização de indivíduos antes da exposição, como veterinários que estão mais expostos.

Conclusões

O Piauí tem forte potencial na produção animal considerando o mercado nacional deste a bovinocultura, ovinocaprino cultura, avicultura, etc. sendo destaque na região nordeste brasileira, o que é importante para o fortalecimento dos esteios da nossa economia. Porém, ainda existem condições a serem superadas quando se trata da sanidade animal, podendo melhorar Programas de controle e combate a doenças em animais silvestres ou domésticos, desde investimentos em pesquisa em áreas tecnológicas de vacinação e prevenção.

Nota-se que cuidados devem ser permanentes, por exemplo no combate à enfermidades detectadas em anos recentes no nosso Estado, tais como Brucelose, Mormo, Anemia Infecciosa Equina, Peste Suína Clássica e Raiva. As estratégias de combate fortalecidas por um conjunto de medidas sanitárias que presem pela redução na prevalência e na incidência, no fortalecimento da vacinação, certificação de propriedades livres por rotinas de testes indiretos, controle da movimentação de animais e sistema de vigilância específico são importantes, pois podem afetar diferentes animais de produção, como ruminantes (Bovinos, Ovinos e Caprinos), Suínos e até mesmo animais de companhia como os Cães, o que fortalecerá a biosseguridade e sanidade sobre animais de interesse zootécnico no Estado do Piauí.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Referências

- AUGÈRE-GRANIER ML. The EU pig meat sector. In: **European Parliamentary Research Service**. 2020.
- CHAUHAN, RAVENDRA P.; GORDON, MICHELLE L. A systematic review of influenza A virus prevalence and transmission dynamics in backyard swine populations globally. **Porcine Health Management**, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2022.
- DIAS, ANTÔNIO & PEREIRA, CARLOS & COSTA, ISABEL & SANTOS, JOAQUIM & CONCEIÇÃO, MARIA ANTÔNIA & SOARES, MICAELA. (2012). **Manual de Higiene e Sanidade Animal**.
- FAO. Food Outlook. Biannual Report on global food markets. 2020. <http://www.fao.org/3/ca9509en/ca9509en.pdf>. Acessado em 04 maio de 2022.
- GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 mai. / jun. 1995.
- IMPROTA, Clóvis Thadeu Rabello. Módulo de Educação Sanitária. Curso de Especialização em Epidemiologia com ênfase em defesa sanitária animal, **SMVBA/UNIME**. Salvador, 2008.
- JIMÉNEZ-RUIZ, S., LAGUNA, E., VICENTE, J. *et al*. Characterization and management of interaction risks between livestock and wild ungulates on outdoor pig farms in Spain. **Porc Health Manag** 8, 2 (2022). <https://doi-org.ez17.periodicos.capes.gov.br/10.1186/s40813-021-00246-7>
- LEME, D. P. et al. Management, health, and abnormal behaviors of horses: A survey in small equestrian centers in Brazil. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 9, p. 114- 118, 2014.
- MCCONNICO R.S., ISSEL C.J., COOK S.J., COOK R.F., FLOYD C. & BISSON H. 2000. Predictive methods to define infection with equine infectious anemia virus in foals out of reactor mares. **J. Equine Vet. Sci.** 20(6):387-392

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

NOCITI R.P., NOCITI D.L.P., ROCHA T.G., AVILA M.O. & SILVA G.C.P. 2008. **Prevalência da anemia infecciosa equina no estado do Mato Grosso de 2004 a 2007.** Disponível em Acesso em 24 nov. 2022.

NASTASIJEVIC, Ivan; MITROVIC, Radmila; JANKOVIC, Sasa. Biosensors for animal health and meat safety monitoring: farm-to-slaughterhouse continuum. In: **IOP Conference Series: Earth and Environmental Science.** IOP Publishing, 2021. p. 012063.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE ANIMAL.
[Https://www.oie.int/](https://www.oie.int/). Acesso em 04 de maio de 2022.

PIMONT, Rosa Pavone. A educação em saúde: conceitos, definições e objetivos. **Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana (OSP); 82 (1), ene. 1977, 1977.**

SESTI, L. Biosseguridade em granjas de frangos de corte: conceitos e princípios gerais. In: SIMPÓSIO BRASIL SUL DE AVICULTURA, 2004, Chapecó. **Anais...** Chapecó, 2004. p. 55-72.

SIDI, Moctar et al. Molecular characterization of African swine fever viruses from Burkina Faso, 2018. **BMC Veterinary Research**, v. 18, n. 1, p. 1-11, 2022.

UNACH,2022.https://www.unach.edu.ec/wpontent/uploads/2020/05/Unach_gui%CC%81a_GALE_onfile.pdf. Acesso: 02 de maio de 2022.

PARTE II

**PESQUISA E ENSINO: UMA PARCERIA
NECESSÁRIA**

ENSINO DE HISTÓRIA ANTIGA COM A INTERFACE DO LIVRO DIDÁTICO E OFICINAS DE JOGOS NA SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO

Flávia de Sousa Lima¹

Introdução

O professor que trabalha com História Antiga, na prática, conhece as dificuldades de se encontrar recursos didáticos para o ensino da disciplina, pois depara-se na maioria das vezes, com algo tradicional para os estudos historiográficos, que desde o século XIX foi incorporado nos manuais didáticos. Portanto, estudar a Antiguidade atualmente é muito mais do que decorar datas e fatos longínquos. Diante desse cenário, pareceu-nos oportuno criar métodos de trabalho com os alunos do curso de História da instituição *CESC/UEMA*, com o intuito de criar oficinas e elaborar materiais didáticos que contemple discussões novas em torno da historiografia do mundo antigo.

No mundo globalizado, assim como no nosso cotidiano, referências sobre a Antiguidade Clássica, ganham lugar, difundido em diversos discursos sociais, seja na mídia ou em conversas corriqueiras (FUNARI, 1988). E o professor de História Antiga na sala de aula, tem uma relação direta com a transmissão do conhecimento acadêmico, ao mesmo tempo que com sua prática, pode efetivar várias atividades significativas, incluindo os seus alunos como autores do processo de

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Substituta do Centro de Estudos Superiores de Caxias (*CESC*) da Universidade Estadual do Maranhão (*UEMA*). E-mail: flavia.slima78@gmail.com

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

aprendizagem sobre a historiografia que trata sobre o tema proposto neste artigo.

Desse modo, a escolha da temática justifica-se pelo mérito de demonstrar que o estudo de História Antiga ainda é capaz de provocar curiosidade nos alunos, quando o professor procura ligar o conteúdo com uma perspectiva voltada para a realidade dos estudantes, despertando neles a vontade de conhecer mais os temas propostos em sala.

Logo, quais estratégias o professor acadêmico pode utilizar para não reproduzir o mero conhecimento tradicional sobre a Antiguidade na sala de aula? Como o aluno da graduação, enquanto futuro educador/historiador pode produzir materiais pedagógicos, além do conteúdo publicado no livro didático, para o aprendizado de História Antiga nas escolas de ensino fundamental e médio?

A maneira de despertar o interesse pelo estudo da História Antiga é através da educação, do desenvolvimento da autoconsciência do aluno, enquanto indivíduo crítico, produtor de conhecimento, assim como sujeito da aprendizagem e é a isto que a experiência relatada no presente trabalho se propôs.

O objetivo deste artigo é fazer uma abordagem sobre o ensino de História Antiga, a partir de atividades aplicadas pelos alunos na sala de aula, fazendo uma interface com o conteúdo dos livros didáticos e a elaboração de oficinas sobre a temática. Com isso, é possível pensar como o estudo de acontecimentos históricos da Antiguidade desperta no discente o gosto pela aprendizagem histórica e o ajuda a criar meios didáticos para futuros planejamentos.

Optou-se pelo método de estudo, com base na análise de livros didáticos do ensino fundamental e médio selecionados pelos alunos da disciplina, dentre eles, as obras - *Historiar e História Global: Brasil e Geral* volume único de Gilberto Cotrim (2018), voltados para o ensino médio; *História em movimento: dos primeiros humanos ao estado moderno* de Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi (2010), *Olhares da História do Brasil e do*

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

mundo, de Claudio Vicentino e Bruno Vicentino (2017) e o livro *História, Sociedade e Cidadania*, de Alfredo Boulos (2013); a revisão de literatura sobre o ensino de História Antiga, com os seguintes artigos - *Poder, posição, imposição no ensino de História Antiga: da passividade forçada à produção de conhecimento* do historiador Pedro Paulo Funari (1988), *História Antiga na sala de aula*, dos autores Pedro Funari e Renata Garrafoli (2004), *Simplificações e Livro didático: um estudo a partir dos conteúdos de História Antiga*, do professor Gilvan Ventura Silva, *Os conteúdos de História Antiga nos Livros didáticos brasileiros*, da historiadora Ana Teresa Gonçalves (2001) e o relato de experiência, procurando enfatizar a importância das fontes históricas produzidas a partir das oficinas realizadas no espaço da Universidade.

O artigo está delimitado, a partir do *Relato de experiência*, onde são apresentadas, a descrição das regras da atividade, a seleção e análise dos livros didáticos, a escrita do ensaio acadêmico e a aplicação das oficinas pelos alunos da disciplina. Em seguida, a seção *Os conteúdos de História Antiga nos livros didáticos: discussões e resultados*, trás as verificações e as conclusões dos ensaios, feitos pelos grupos, em relação aos problemas constatados nas coleções de livros didáticos e por último, consta *As oficinas de jogos: método de aprendizagem para o ensino de História Antiga*, onde se expõe os trabalhos e a criação de novos instrumentos pedagógicos pelo alunado, para o melhor aprendizado sobre a Antiguidade no espaço acadêmico e escolar.

1 Relato de experiência

A atividade foi realizada no primeiro semestre de 2023, com 28 alunos da disciplina de *História da Antiguidade*, da turma de 1º período do curso de História do CESC/UEMA- Caxias/MA. A terceira unidade - *O ensino de História Antiga: Fontes históricas para o ensino da História Antiga* - tinha como método avaliativo, a formação de seis grupos e a escolha de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

livros didáticos, do ensino fundamental e médio, que tratasse sobre o tema Antiguidade.

Após a seleção dos materiais, os grupos tinham que analisar os livros didáticos e observar problemáticas, quer pelas “simplificações” do conteúdo ou pelo material em questão, por apresentar uma quantidade de deficiências que por vezes impossibilitam a sua utilização em sala de aula. Entretanto, o objetivo da atividade foi proporcionar soluções, assim como converter o livro didático em instrumento pedagógico eficiente e envolver os discentes na formação de oficinas, seja de jogos ou brincadeiras. Lembrando que, a História pode ser ensinada a partir de práticas pedagógicas lúdicas e inovadoras (FONSECA, 2005), contribuindo para a compreensão dos processos históricos por parte dos alunos, no intento de contrapor à aula tradicional, com o fim de inverter sua lógica monótona de capitação passiva de conteúdos já prontos.

Depois da análise dos livros didáticos e composição das oficinas, os grupos tinham que escrever um ensaio acadêmico, críticas sobre o tema, além de expor ideias e pontos de vista com base em referências de autores que tratam sobre o ensino de História Antiga. Contudo, a começar pela próxima seção, é relevante divulgar os resultados das pesquisas dos alunos em relação às apreciações dos livros didáticos, assim como a organização das oficinas para o bom aprendizado na sala de aula.

1.1 Os conteúdos de História Antiga nos livros didáticos: discussões e resultados

O livro didático de História poderia ser uma fonte de consulta confiável, atualizada e também ser empregado como objeto de investigação, porém na maior parte das salas de aula brasileiras, esse material converte-se no único recurso teórico-metodológico e de conteúdo usado pelos profissionais da educação.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Como declara Bárbara Freitag, “o livro didático não é visto como um instrumento de trabalho auxiliar [...], mas sim como autoridade, a última instância, o critério absoluto de verdade, o padrão de excelência a ser adotado na aula” (FREITAG, 1989, p. 124). Todavia, tudo isto ainda seria proveitoso, mesmo visando a propagação do saber e não a sua construção, se este conteúdo fosse atualizado. Como os conteúdos de História Antiga se reiteram nas várias coleções, onde muitas vezes, ao se comporem buscam definições nos manuais antigos, as desatualizações são presentes através do tempo. Segundo a historiadora Ana Teresa Gonçalves

Uma leitura crítica realizada em alguns livros de História, publicados no país, é suficiente para demonstrar que eles estão, em sua grande maioria, defasados em termos das pesquisas e dos arcabouços teórico-metodológicos construídos e aplicados nas Universidades. [...] Como a maior parte dos professores de ensino fundamental encontram-se, por diversos motivos, afastados das instâncias universitárias, eles não conseguem detectar os problemas de defasagem de conteúdo que se repetem nos livros didáticos. (GONÇALVES, 2001, p. 10)

É importante notar que, a pesar dos problemas de defasagem de conteúdo, “muitos professores ainda se preocupam em procurar novas informações e novos exercícios para melhorarem suas aulas, mas utilizam para isso outros livros didáticos” (GONÇALVES, 2001, p.09). Entretanto, se o professor não possuir preparo, condições financeiras e exercício profissional pertinente, novos materiais ou linguagens poderão apresentar os mesmos impasses que o livro didático profissional (DAVIES, 1996). Com isso, tem-se que modificar concomitantemente os livros didáticos e a situação do educador.

Quase sempre, os conteúdos de História Antiga surgem nos volumes das coleções dedicados ao sexto ano do ensino fundamental. E

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

é prontamente claro, que nem sempre o pessoal responsável pela formulação dessas coleções, abrangem professores especializados em Antiguidade. Não envolvendo especialistas na temática, estes profissionais acabam escolhendo repetir informações, decorrentes de outras coleções de êxito editorial, e, assim, repetem deslizes de conteúdo e de conceituação de forma acrítica.

O objetivo desse trabalho, não é tirar a importância dos livros didáticos, mas compreender, conforme Circe Bittencourt (2012) que essa fonte é um produto dos conflitos e tensões entre agentes como, o Estado, a editora, o autor e a opinião pública, o que o torna um material que perpetua os discursos ideológicos de grupos específicos. Desse modo, os alunos, através de seus ensaios acadêmicos, denotam críticas e reflexões, sobre os conteúdos de História Antiga em algumas coleções, que vez ou outra apontam desatualizações, com base histórica ou arqueológica, dificultando o aprendizado de muitos estudantes brasileiros.

Os grupos apontaram problemas, dentre eles, a tendência dos livros didáticos de História Antiga, privilegiarem a parte ocidental, como se houvesse civilização no Ocidente e barbárie no Oriente. Isso foi perceptível, a partir da análise dos conteúdos, com um número superior de páginas para as temáticas sobre Grécia e Roma. Assim corrobora com a ideia de que, “o Egito e a Mesopotâmia têm passado, apenas, como iniciadores da civilização, que teria passado, como se fosse uma tocha, para gregos e romanos e, depois para a moderna civilização capitalista euro-americana” (FUNARI; GARRAFONI, 2004, p. 6).

Nessa perspectiva, o eurocentrismo, conceito que designa a centralidade e superioridade da cultura europeia sobre as outras visões de mundo, também aparece nas coleções examinadas pelos alunos. Portanto, esse aspecto é problemático na sociedade e o ensino de História deve se comprometer em

[...] romper com a visão eurocêntrica que, no contexto da expansão europeia, atribuiu a originalidade da

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

cultura “Ocidental” à Grécia e Roma, bem como, simplificou toda a cultura “Oriental” a uma base comum, localizada no Egito e Mesopotâmia. Dessa forma, devemos problematizar essas abordagens tradicionais apresentando as novas discussões sobre a História da antiguidade. (CARVALHO; CARVALHO, 2022, p.01)

É relevante mostrar aos estudantes, as intencionalidades dos discursos que denotam o Ocidente como uma entidade geográfica soberana, com determinada superioridade frente ao Oriente considerado inferior. Partindo do pressuposto de que tal atitude provém de um lugar particular, com intuítos específicos (SAID, 2007), tendo como exemplo a “escolha das fontes utilizadas no estudo da História Antiga, que com pouca disponibilidade de documentos, privilegia o material produzido pela elite e corrobora a visão do “Ocidente”, no qual reforça a perspectiva de ‘despotismo Oriental’” (CARVALHO; CARVALHO, 2022, p.01).

A partir disso, é necessário compreender que, o que se entende por Ocidente e Oriente são construções sociais e, por tal razão, não são de ordem natural. Posto isto, o historiador Guarinello (2013) aponta que o estado brasileiro criou um projeto político para a formação da identidade nacional do país, colaborando com a ocidentalização dos brasileiros, mesmo que o restante dos países não o considere como nação ocidental. Desse modo, a antiguidade grega e romana foi ferramenta utilizada para a origem da noção de herança ocidental, fazendo com que os brasileiros se enxerguem como herdeiros dessas civilizações. É nesse sentido que se estabelece o discurso intencional e muito bem articulado, que o professor precisa enfrentar e transmitir, a partir do conhecimento crítico e pedagógico em sala de aula.

O livro didático do ensino fundamental, *História em movimento: dos primeiros humanos ao estado moderno* (2010), apresenta o conteúdo sobre a civilização Egípcia, porém, a identidade dessa sociedade, enquanto povo

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

negro e africano não aparece e isso remete ao que Anderson Oliva (2017) chamou de “desafricanização” do Egito, ou seja, por muito tempo o fato da população egípcia estar localizada no continente africano foi preterido e sua africanidade negada. Em vista disso, as pesquisas do autor retrataram como a propícia introdução dos conteúdos de História da África pode ser considerada como um procedimento em curso, ainda distante da perspectiva adequada. Da mesma forma nas abordagens de História da África, no que concerne a reformulações, é provável constatar iniciativas mais ou menos tímidas em relação ao tema História Antiga, a pesar das tentativas de melhorias na área de estudo. Nesse sentido, Guilherme Moerbeck afirma que, “o diálogo entre a investigação acadêmica e a produção de manuais para a escola continua a ser insuficiente, o que tem reflexos nos quadros conceituais, em generalizações inapropriadas e na ausência de problematizações relativas aos temas da Antiguidade” (MOERBECK, 2021, p. 72).

No que tange ao estudo da Mesopotâmia, o livro acima exhibe apenas cinco páginas com informações direcionadas às Cidades-Estado e a escrita Mesopotâmica, conhecida como *cuneiforme*, que vem de *cumes* e significa cunha. Percebe-se, a partir da análise do ensaio elaborado pelos alunos, que a diversidade de povos que habitaram essa região Mesopotâmica, como os sumérios, babilônicos, hititas e assírios foi narrada de maneira breve. Em relação a esse tema, o professor pode explorar com os alunos o conceito de Cidade-Estado, que vai voltar ao conteúdo de Grécia Antiga, da civilização romana, e até mesmo no estudo das Cidades-Estados da modernidade, como Gênova, Florença e outras (CARDOSO, 1987). Por conseguinte, isso “é muito comum que os livros didáticos adotem explicações simplistas sobre fenômenos sociais bastante complexos, desqualificando a sua importância social” (SILVA, 2001, p. 21). Além disso, “autores e editores ao simplificarem questões complexas impedem que os textos dos livros provoquem reflexões ou possíveis discordâncias por parte dos leitores” (BITTENCOURT, 2012, p.73).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

No livro didático do ensino médio, *História Global* de Gilberto Cotrim (2016), na Unidade 2 do capítulo 4 – *Povos da Mesopotâmia*, especificamente na parte final, estão localizados os exercícios (*Vivenciar e refletir* e *De olho na Universidade*) e um espaço destinado ao *Diálogo Interdisciplinar*. Os alunos constataram, desde as suas pesquisas que, as atividades trazem poucos questionários, nos quais se avalia mais a memorização dos alunos e interpretação do conteúdo. Logo, “são raras as obras didáticas nas quais se encontram exercícios que estimulam a criatividade dos estudantes, nos quais se peçam, por exemplo, a sua opinião sobre os assuntos tratados” (GONÇALVES, 2001, p.12). Entretanto, “mesmo considerando o livro escolar [...] acompanhado de exercícios prescritivos, existem e existirão formas diversas de uso nas quais a atuação do professor é fundamental” (GONÇALVES, 2001, p. 12), principalmente quando ele não deixa omitir o seu poder na sala de aula, criando novos métodos de leitura e tarefas para um melhor desempenho pedagógico na escola.

A escassez de especialistas em História Antiga, nas equipes que elaboram as coleções de livros didáticos para o ensino fundamental, também se faz sentir no momento de se distinguir o uso de conceitos no próprio estudo das civilizações. Um exemplo comum é o termo “plebe” na sociedade romana, que é usada para denotar grupos sociais diversificados durante a República e o Império, com isso o aluno fica sem compreender a questão patrício-plebeia. É importante entender que, essa não era uma luta travada entre pobres e ricos, mas o que estava em discussão eram questões mais políticas do que econômicas (GONÇALVES, 2001).

Ainda sobre o conteúdo de Antiguidade grega e romana nos livros didáticos, os alunos também verificaram que, os plebeus, mulheres e escravos desse período, têm pouca visibilidade nos conteúdos e parece não interferirem na vida social do mundo antigo, sendo assim marginalizados e deixados fora da narrativa historiográfica. Sobre esse aspecto, Pedro Paulo Funari e Renata Garraffoni afirmam que:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O conceito de Romanização, como vem sendo aplicado nos estudos sobre a Antiguidade apresenta limitações, pois faz prevalecer os ideais da elite romana, cristalizados na oposição bárbaros/romanos. Nestas interpretações as camadas populares, quando aparecem nos argumentos, são consideradas prolongamentos da moral predominante entre membros da elite romana e, muitas vezes, apresentadas como volúveis ou sem vontade própria. [...] apostamos na necessidade de se pensar em alternativas menos deterministas, pois entre homens e mulheres de diferentes idades, etnias e condições sociais torna-se difícil imaginar que todos aceitassem passivamente a presença romana (FUNARI; GARRAFFONI, 2004, p. 2004).

Uma forma de verificar estas lutas é a partir do confronto de diferentes tipos de fontes, tais quais as escritas - como a cultural material criada naquela época. Portanto, mais uma vez, é importante destacar o papel dos especialistas na área, principalmente na elaboração de material didático atualizado, em que documentos e novas descobertas arqueológicas apareçam nos livros, pois favorece as discussões e o enriquecimento do conhecimento sobre as sociedades antigas na sala de aula. É interessante perceber que, nos Manuais do professor, que acompanham os livros didáticos, surgem sugestões para consulta por parte dos educadores e variados títulos atualizados de História Antiga. O mesmo ocorre na bibliografia do livro do aluno, “contudo estes títulos parecem apenas enfeitar a obra, visto que seu conteúdo dificilmente aparece expresso nos textos que interagem o livro didático” (GONÇALVES, 2001, p. 13).

Diante dos vários problemas aqui demonstrados, o que deveria ser feito a fim de que pudéssemos evitá-los, pelo menos em curto prazo? A forma mais imediata e segura seria extinguir o trabalho com o livro

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

didático? Essa solução, porém se apresentaria como uma boa partida? Acreditamos que não, pois os livros didáticos têm uma qualidade de constituir um conjunto de informações, mesmo que resumidas, que podem ser examinadas pelo aluno no momento oportuno, representando assim um relevante apoio para os conteúdos transmitidos em sala de aula. Os livros trazem ricas indicações de leituras complementares e sites de internet que auxiliam os estudantes e professores. Por outro lado, não se pode negar que, os nossos livros têm adquirido potencial, com benefícios gráficos e imagéticos, que os torna, em alguns casos atrativos para alunos do ensino fundamental e médio. Entretanto, é necessário que o educador seja partícipe do processo ensino/aprendizagem, não se deixando levar, nem tampouco balizar pelo livro didático. Como destaca Gilvan Silva,

[...] é necessário que o professor faça valer os seus anos de formação no sentido de dialogar com o Livro Didático, desafiá-lo, corrigir suas distorções, complementá-lo e, nesse processo envolver os seus alunos, pois somente assim se formam as bases do conhecimento científico e reflexão crítica” (SILVA, 2001, p. 12).

O processo de transmissão do conhecimento dos conteúdos de História Antiga exige que o professor tenha tido uma boa formação na área ou que tenha se esforçado no estudo da disciplina. Nesse sentido, a finalidade de trabalhar e envolver os alunos da disciplina de História da Antiguidade, na atividade proposta, foi justamente prepará-los para transitar nos conteúdos do mundo antigo, com competência, para não agirem como profissionais despreparados no futuro.

Não basta apenas que formemos um número maior de especialistas em História Antiga, mas que estes se dediquem a um cuidado especial à graduação, tendo em vista que, eles não retomarão a cursar tal disciplina e a oportunidade de aprendizado sobre estudos

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

antigos são primordiais para um licenciado. É essencial, o dever de nos preocupar com a formação de um sujeito pesquisador, historiador, levado “à compreensão das mudanças e permanências, das continuidades e descontinuidades” (SCHMIDT, 2012, p. 60), noções fundamentais para a educação histórica dos indivíduos no processo de mudança social. Além disso, serem capazes de repensar as aulas e estratégias de ensino, colocando-as em prática, seja através de oficinas ou outros métodos pedagógicos de aprendizado, que veremos a seguir.

1.2 As oficinas de jogos: método de aprendizagem para o ensino de História Antiga

O professor de História, durante as suas aulas, pode abrir possibilidades de uso de diferentes linguagens para tornar o conhecimento histórico mais considerável e significativo. A sala de aula não é um local apenas de transmissão de saberes, mas onde há uma relação de interlocutores que constroem sentidos. Refere-se a um espaço de discussões em que se torna inseparável o significado da conexão “teoria e prática, ensino e pesquisa” (SCHMIDT, 2012, p. 57).

Ensinar História decorre da possibilidade de dar condições aos alunos de “adquirir as ferramentas de trabalho necessárias: o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico” (SCHMIDT, 2012, 57) com o objetivo de construir a História. A partir desse pensamento, sugerimos aos estudantes do 1º período, a criação de oficinas (jogos), como instrumento metodológico de apoio ao livro didático, no intento de contrapor à aula tradicional, com o fim de inverter sua lógica monótona de captação passiva de conteúdos e a partir dessa prática, obter habilidade e experiência na sala de aula.

Com este cenário, ligeiramente traçado, é que pensamos no jogo como alternativa de trabalho no ensino de História. Se o jogo proporciona a ordem de pontos de vista e para definir táticas e vencer a partida, é indispensável incluir-se na posição de adversário, percebemos

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

que estas mesmas capacidades são instrumentos do ensino de História, como já dispomos, é importante discutir um fato, um conteúdo apontando-se a problematização, a construção de definições, de espaço-tempo, quer dizer, assumir outro prisma para compreender.

É preciso procurar entender o jogo enquanto instrumento de interação social de maneira cognitiva e, como tem sido executado na perspectiva de diversos educadores. Para Maria Fermiano (2022), a aplicação de jogos no espaço escolar, tem sido estudada por muitos educadores, como Dewey, Decroly, Claparède, Montessori e Fröebel, os quais consentem que seu uso seja “importante para o desenvolvimento físico, intelectual e social da criança” (BRENELLI, 1996, p. 208). De acordo com Rosely Palermo Brenelli

Charteu considera o jogo como uma atividade séria que nasce da vontade em que há um esforço e uma tarefa para se cumprir uma prova. Por meio dele, a criança aprende o que é uma tarefa, organiza-se, porque há um programa imperativo que a si mesma se impõe com um caráter lúdico com um contrato social implícito. (BRENELLI, 1996, p. 20-21)

Levando em conta estes panoramas, que têm intervenção em procedimentos pedagógicos, é comum acharmos motivações sobre a importância do emprego do jogo como objeto de solicitação para o progresso do raciocínio lógico-matemático e como atividade eficaz para trabalhos didáticos. Vemos, também, argumentos que realizam considerações a respeito dessa utilização e ressaltam a relevância para a demonstração da automotivação do sujeito que está atuando com situações de jogos.

Partindo das noções a respeito do jogo e a viabilidade de aplicá-lo a diferentes áreas, foi possível trabalhar com essa “nova linguagem” no ensino de História Antiga. Entretanto, é importante que quando observarmos o uso de “novas linguagens” - não só para aguçar os

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

alunos, mas ajudar no trabalho do aprendizado histórico, temos que ter consciência de que este exemplo de linguagem “não deve ser tomada como panaceia para salvar o ensino de História [...]. Muito menos ser vista como substituição dos conteúdos de aprendizado por atividades pedagógicas fechadas em si mesmas” (NAPOLITANO, 2012, p. 149).

Com base na obra *Ensinar a pensar- teoria e aplicação* de Louis Rath (1977), as atividades como, classificar, observar, criar, analisar, levantar hipóteses, introduzir fundamentos do que se estudou e outros feitos, podem ser considerados como possibilidades para “ensinar a pensar”. Segundo o autor, a escola não apresenta conteúdos voltados para excitar o pensamento, a partir disso, segue frisando a falta de liberdade do professor para sugerir atividades complementares, embora tenha que ficar enquadrado nos rigores dos planejamentos. Portanto, em se tratando da área de História:

Tais atividades devem ser estimuladas em nossos alunos, pois compreendemos que, colocando-se na posição de historiador, o aluno consegue ser agente da história e não ser passivo, quer na compreensão da construção da sua própria história, da sua identidade, quer na observação, levantamento de hipóteses, comparações e outras tantas “operações de pensamento” bem como da história que está ao seu redor”. (FERMIANO, 2022, p. 05)

É assim, com o propósito de sair da mesmice, que o professor deve lançar o desafio da construção do conhecimento. Tais atividades, utilizadas em sala de aula dependem muito da disposição do professor. Um jogo, por exemplo, pode ser um artifício para incitar a curiosidade do aluno, um tipo de estímulo para que ele faça questionamentos sobre a temática estudada, e levá-los a novas descobertas e reflexões para a produção de um pensamento crítico. Tal iniciativa nos proporciona

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

relatar a experiência com as oficinas de jogos, elaboradas pelos alunos, no espaço universitário (*Ver fotografia I*).

Fotografia I: Oficinas e grupos de alunos (as) da disciplina de História da Antiguidade



Fonte: autoria própria

É necessário explicar que a atividade com o jogo precisa atingir os objetivos pedagógicos propostos, ou seja, qual conteúdo ou temática será explanado no jogo; quais habilidades o professor pretende que os alunos desenvolvam; quais competências o jogo contempla, como os alunos serão avaliados e qual será a contribuição do jogo como material didático-pedagógico (DOMINGUES, 2022). Dessa maneira, “o jogo contempla diferentes formas de pensar e de articular o conhecimento. Possibilita ao aluno utilizar os conteúdos aprendidos, fazer inferências,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

perceber suas dificuldades [...] situações de aprendizagem que também atendem aos princípios da BNCC” (DOMINGUES, 2022, p. 01).

Os jogos apresentados pelos alunos foram: *Bingo da História* (Crescente Fértil), Jogos de “perguntas e respostas”, como (*Qual povo eu sou? Torta na cara e Dinâmica sobre as divindades da Mesopotâmia*) e o *Jogo da memória*. A partir da utilização de cada jogo, verifica-se uma possibilidade de trabalho na área da História, abordando alguns objetivos que lhe são particulares: “buscar diferentes informações para compreender um fato, identificar semelhanças e diferenças entre ações ou observações, atentar-se as permanências e mudanças que ocorreram á sua volta [...]” (FERMIANO, 2022, p. 09). Portanto, com o pressuposto de que as atividades lúdicas também desenvolvem o aprendizado do aluno, inclusive em relação ao ensino de História, analisamos o *Bingo da História*.

O *Bingo* é um jogo clássico que está presente em festas juninas, cassinos e diversão entre amigos (FERMIANO, 2022). O objetivo do “*Bingo da História*” é trocar os números por indagações e respostas, de maneira clara e objetiva. As perguntas foram criadas pelos alunos da *Oficina V*, de acordo com os critérios estabelecidos, ou seja, que contemplasse o conteúdo de História Antiga no livro didático pesquisado. Os alunos confeccionaram fichas de papel A4 (*Ver fotografia II*), com várias palavras, que remetem a temática Crescente Fértil e todas colocadas dentro de um quadro. Esse tipo de jogo se desenvolveu com a intenção de conhecer sobre as primeiras sociedades sedentárias, que passaram por mudanças, desde a revolução agrária até chegar à revolução urbana. Os alunos trabalharam definições de conceitos e a revisão de um período histórico da Antiguidade, principalmente localizada entre os rios Tigre, Eufrates, Jordão e Nilo.

Os jogos de pistas são muito pertinentes para a verificação do aprendizado e desenvolvimento dos estudantes. O jogo organizado pelos alunos da *Oficina I*, (*Qual povo eu sou?*) trouxe o desafio de perguntas e respostas sobre algumas sociedades antigas, como o povo

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Hebreu, que pouco foi citado no conteúdo do livro didático analisado pelo grupo. Consequentemente, esse jogo trabalhou a profundidade do tema, o raciocínio rápido, argumentação clara e precisa dos alunos.

A atividade lúdica, denominada *Torta na Cara*, foi organizada pela *Oficina VI*, com o propósito de discutir sobre o assunto Mesopotâmia e levar o aprendizado de maneira descontraída. O jogo tem como eixo as perguntas e respostas, onde para a execução do mesmo, era necessária a escolha de dois alunos de diferentes grupos para replicarem os questionamentos, e quem respondesse primeiro corretamente poderia dar uma “tortada” no colega. Os discentes foram muito participativos e aprendiam enquanto se divertiam.

É importante notar que, os jogos de “perguntas e respostas” e ao raciocínio histórico tem impacto no aumento da leitura, da escrita e da absorção dos processos históricos pelos alunos. Isso é perceptível, a partir da *Dinâmica sobre as divindades da Mesopotâmia*, realizada pela *Oficina III*, que expôs o formato de jogo de PowerPoint, sobre o tema *divindades*, muito pouco trabalhado nos livros didáticos, mas levou a curiosidade da pesquisa e a importância da leitura sobre os deuses da região mesopotâmica. Assim, os jogos trazem contribuições, “pois são compostos de regras e estratégias que proporcionam a interação entre os pares e a discussão dos assuntos abordados na composição do jogo. [...] estimulando o espírito de equipe [...]” (FERMIANO, 2022, p. 11).

O jogo de “perguntas e respostas” também foi o método utilizado pela *Oficina IV*, onde a dinâmica de aula contou com a participação de grupos, que formaram duplas para frente a frente serem desafiados com perguntas sobre a História dos povos antigos. O início da competição se deu pelo sorteio de números pares e ímpares, quem respondesse de forma correta acumularia maior pontuação para a sua equipe e seria o (a) vencedor (a), com direito a premiação. Podemos constatar que, as regras são importantes para a orientação e condução da prática do jogo (KISHIMOTO, 2017) e para recordar aquilo que os competidores precisariam executar para jogar em concordância. No decorrer do jogo

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

verificamos o quanto os participantes se fascinaram em responder as questões. O entusiasmo e alegria entre os estudantes indica que, a aprendizagem a contar pelos jogos, se dá de maneira prazerosa (CAMPOS *et. al* , 2021).

Outra atividade lúdica, aplicada pela *Oficina II*, foi o clássico *Jogo da memória*. Com base no site do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes (2023), o jogo foi criado na China no séc. XV e era composto por baralhos de cartas ilustradas e duplas. Cada figura se repete em duas peças diferentes. Contudo, para iniciar o jogo, as peças são postas com as imagens voltadas para baixo, para não serem vistas. Um ponto interessante da jogada é que, cada componente/aluno deve, na sua vez, virar duas peças que todos as visualize. Se as figuras forem iguais, o participante precisa tirar esse par e jogar novamente. No caso das peças serem diferentes, essas precisam ser viradas outra vez, e passada a vez para o próximo componente.

As cartas ilustradas pelos alunos da *Oficina II (Ver fotografia II)* são carregadas de personagens do período da Antiguidade, que habitaram regiões do mundo antigo, como os egípcios, mesopotâmicos, gregos e romanos, onde as características sociais, culturais, políticas e religiosas passam a fazer parte do debate, mostrando um ensino de História Antiga que foge do método tradicional de aprendizagem. A dinâmica, também evidencia o raciocínio histórico e rápido dos participantes, além da criatividade do grupo, no processo de escolha e fabricação do material didático- pedagógico utilizado no jogo.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Fotografia II: Materiais utilizados nas oficinas de jogos



Fonte: autoria própria

Assim sendo, quando nos dedicamos em atribuir um papel crítico em conjunto com nossos alunos, não devemos empregar as “novas linguagens” como instrumentos de trabalho somente para dar nova visibilidade às aulas, longe disso, não existe roupagem nova que resista o paradoxo de procedimentos e de carência de compromisso com o exercício da docência.

A experiência de sala de aula deve vir seguida de reflexão, que se torne prática e que possa ser investigada e discutida amplamente na tensão presente entre a teoria e a prática e, recordemos que, qualquer realização em sala de aula eclode de uma concepção teórica.

Não pretendemos exaurir as aulas de conteúdo, mas, o uso do jogo, como início da ação do pensamento, pode colaborar muito para apreensão de visões abstratas. É prazeroso aprender ofícios, lugares, instrumentos, quando estes conhecimentos são requisitados numa atividade que relaciona o aluno em toda a sua competência e com a probabilidade de sublime troca entre os pares. Trocas que surgem pelo

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

diálogo, pelas discussões, pelo entender, pelos confrontos e a mediação do professor na intenção de auxiliar os seus alunos na procura de uma liberdade moral e intelectual e não somente uma conformidade cega, sujeita ao que o docente profere.

Considerações finais

À luz das discussões teóricas proferidas neste artigo, é significativo que o aluno da graduação faça fazer valer os seus anos de formação e busque dialogar com o livro didático, na perspectiva de instigá-lo, reparar suas distorções, complementá-lo, com novos métodos pedagógicos e, nesse processo, o professor acadêmico tenha a função de empenhar os estudantes, pois apenas assim se formam os alicerces do conhecimento científico e pensamento crítico.

Realizar isso com os conteúdos de História Antiga, já é um tanto complexo, pois exige que o graduando/futuro professor-historiador tenha tido uma boa formação na área. A partir daí, o que nos faz refletir, é justamente a possibilidade de criar novas metodologias para serem aplicadas durante as aulas com o objetivo de capacitá-los como educadores especializados e eficazes no conhecimento sobre a Antiguidade.

No decorrer do trabalho, os alunos da disciplina mostraram as várias problemáticas em relação aos livros didáticos, que deveriam ser evitadas, precisamente pela falta de especialistas na área de História Antiga ou de integrantes das equipes que produzem os manuais didáticos. Porventura, se esses problemas fossem sanados, pelo governo brasileiro, os estudantes teriam um acesso maior às atualizações no campo de estudo sobre o mundo antigo.

Construir a História em sala de aula, juntamente com os alunos, não é uma missão fácil. Portanto, o que se espera é que o professor ao usar o livro didático tenha a evidência de ter em mãos uma ferramenta

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

minimamente adequada à sua incumbência de ensinar, concorrendo assim, para a genuína aprendizagem dos alunos.

Com o objetivo de direcionar o graduando, às “novas linguagens”, com métodos conectados com a realidade e o perfil dos estudantes atuais, pensamos as *Oficinas de jogos* como alternativas de atividade no ensino de História, contrapondo a aula tradicional, que muitos discentes consideram “decoreba” e monótona. Os jogos são recursos que podem colaborar- e muito- nos ensinamentos historiográficos, pois a aprendizagem se dá de modo atrativo e pode ampliar o raciocínio dos alunos, além de incentivá-los à pesquisa histórica, aspectos tão relevantes para o estudo dessa disciplina.

Para concluir, o jogo pode funcionar como meio didático nos estudos da História Antiga, entretanto é necessário que o professor estabeleça objetivos com ele, para que suas finalidades educacionais se sobrepujam em relação às lúdicas.

Por fim, com base no relato de experiência descrito aqui, o professor deve criar estratégias e levar os acadêmicos a exercitarem atividades teóricas e práticas, com a iniciativa de movê-los, por exemplo, nos trabalhos de confecção de materiais didáticos simples e com gastos mínimos, cuja intenção seja empregá-los não só para ensinar crianças e adolescentes, mas alcançar outras categorias de ensino.

Referências

AZEVEDO, Gislane Campos; SERIACOPI, Reinaldo. **História em movimento**: dos primeiros humanos ao estado moderno. São Paulo: Ática, 2010.

BARNABÉ, Luiz Ernesto. **De olho no presente**: História Antiga e livros didáticos no século XXI. OPSIS, Catalão-GO, v. 14, n. 2, p. 114-132 - jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/Opis/article/view/30829/18302>. Acesso em: 12 set. 2023.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. *In*: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BOULOS, Alfredo. **História, Sociedade e Cidadania**. 2. ed. São Paulo: FTB, 2013.

BRENELLI, Rosely Palermo. **O jogo como espaço para pensar**. Campinas: Papyrus, 1996.

CAMPOS, Mylena Simões et. al. O Jogo de perguntas e respostas na educação de Jovens e Adultos: Uma proposta para revisar números primos e compostos. **Revista Eletrônica Sala de Aula em Foco**, v.10, n. 1, p. 29 – p.. 41, 2021, ISSN 2316-7297. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/saladeaula/article/view/1172/752>. Acesso em: 16 set. 2023.

CARDOSO, Ciro F. S. **A cidade – Estado Antiga**. São Paulo: Ática, 1987.

CARVALHO, Keila dos Santos; CARVALHO, Alexandre Galvão. **Eurocentrismo nos livros didáticos do sexto ano: A História Antiga e BNCC**. Disponível em: https://www.encontro2022.bahia.anpuh.org/resources/anais/15/anpuh-baeeh2022/1659983947_ARQUIV.pdf. Acesso em 08 set. 2023.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2018a.

COTRIM, Gilberto. **Historiar**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2018b.

DAVIES, Nicholas. O Livro Didático: Apoio ao Professor ou Vilão do Ensino de História? **Cadernos de História**. Uberlândia, p. 81-85, 1996. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/364630588/Livro-Didatico-Apoio-Ao-Professor-Ou-Vilao-Do-Ensino-de-Historia>. Acesso em: 13 set. 2023.

DOMINGUES, Joelza Ester. Jogos para dinamizar suas aulas de História (ou outra disciplina). **Ensinar História**, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/jogos-para-dinamizar-aulas-de-historia/>. Acesso em: 12 set. 2023.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

FIRMIANO, Maria A. Belintane. O Jogo como um instrumento de trabalho no ensino de História? In: DOMINGUES, Joelza Ester. Jogos para dinamizar suas aulas de História (ou outra disciplina). **Ensinar História**, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/jogos-para-dinamizar-aulas-de-historia/>.

Acesso em: 12 set. 2023.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papyrus, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; GARRAFONI, Renata Senna. **História Antiga na Sala de Aula**. Campinas, IFCH/UNICAMP, Julho de 2004, Textos Didáticos n. 51, 90 pp., ISSN 1676-7055. Disponível em: https://www.academia.edu/13720437/Hist%C3%B3ria_Antiga_Unicamp_2009. Acesso em: 03 set. 2023.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Poder, posição, imposição no ensino de História Antiga: da passividade forçada à produção de conhecimento. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 8, n. 15, p. 257-264, set. 1987/ fev. 1988. Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=FUNARI%2C+Pedro+Paulo+Abreu.+Poder%2C+posi%C3%A7%C3%A3o+Antiga>. Acesso em: 12 set. 2023.

FREITAG, Bárbara, *et. al.* **O livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez, 1989.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Os Conteúdos de História Antiga nos Livros Didáticos Brasileiros. **Hélade Revista eletrônica de História Antiga**, 2001. Disponível em: http://www.helade.uff.br/Helade_2001_volume2_numero2_NE.pdf. Acesso em: 04 set. 2023.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo e brincadeira. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2017.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

MOERBEK, Guilherme Gomes. Em defesa do ensino da História Antiga nas escolas contemporâneas: Base Nacional Curricular Comum, usos do passado e pedagogia decolonial. Brathair, Grupo de Estudos Celtas e Germânicos, 2021. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2525/1901>.

Acesso em: 12 set. 2023.

MUSEU Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes. Jogos. Disponível em: museuprudentedemoraes.piracicaba.sp.gov.br/pt_BR/category/jogos/. Acesso em: 16 set. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. A televisão como documento. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Desafrikanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais de História no PNLD 2018. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 10, p. 26-63, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/18970/13018>. Acesso em: 05 set. 2023.

RATHS, Louis E. **Ensinar a pensar**: Teoria e aplicação. 2. ed. Tradução: Dante Moreira Leite. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1977.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. A Formação do professor de História e o cotidiano na sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Gilvan Ventura da. Simplificações e Livros Didáticos: Um estudo a partir dos conteúdos de História Antiga. **Hélade Revista eletrônica de História Antiga**, 2001. Disponível em: http://www.helade.uff.br/Helade_2001_volume2_numero2_NE.pdf.

Acesso em: 04 set. 2023.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

“DIAMANTE NEGRO”: O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA.

Thiago Nunes Soares¹

Warley Alves Gomes²

Francisco Barbosa de Oliveira³

Introdução

Este trabalho é resultante de um TCC desenvolvido no curso de Especialização em Docência – Ênfase em Educação Inclusiva pelo IFMG-Arcos em 2022 e analisa as práticas docentes relativas ao ensino de história e cultura afro-brasileira, à luz da experiência de uma educação inclusiva do projeto de intervenção *Diamante negro: a construção de uma educação antirracista* em uma escola pública municipal de tempo integral da cidade Olinda/PE, no segmento dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o período de novembro de 2020, período este em que se vivenciou a pandemia causada pelo vírus Covid-19.

A instituição foi nomeada pelos autores com o pseudônimo de Escola Municipal Clio, para preservar a sua identificação. A presente

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus Mata Norte*. E-mail: thiago.nsoares@upe.br.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da rede municipal de Juatuba/MG. E-mail: warleyalvesgomes@yahoo.com.br.

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Bolsista do Curso de Educação Física EAD do Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão (CAV/UFPE). E-mail: francisooliveira.ead@gmail.com.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

investigação utiliza a pesquisa bibliográfica, qualitativa, com análise documental e realização de entrevistas semiestruturadas, além de ser baseada em um estudo de caso (MARCONI; LAKATOS, 2010). A perspectiva de educação inclusiva⁴ é enfocada no combate ao racismo, definido pela pedagoga Nilma Lino Gomes da seguinte forma:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de idéias [sic] e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou crença particular como única e verdadeira (GOMES, 2005, p. 52).

Nesse sentido, verificamos o quanto os discursos e práticas racistas suscitam a exclusão social, potencializando uma série de pensamentos, representações, atitudes e sentimentos negativos, enquadrando os indivíduos de forma estereotipada e violenta, desvalorizando as diferenças sociais. Salientamos que, como outros conceitos, o de racismo não possui uma concepção uníssona, em face de sua complexidade e variedade de interpretações inseridas em campos

⁴ Um dos eixos basilares da educação inclusiva é o seu cunho interseccional afrocentrado, pois o Brasil tem em suas raízes uma população com identidades étnico-raciais plurais e um histórico de racismo, ocasionando a exclusão social e outras formas de violação de direitos humanos. Daí a relevância de destacar os (des)caminhos do processo de (ex)inclusão da pessoa negra, para valorizá-la e incluí-la socialmente enquanto protagonista. Isso para potencializar a sua formação crítica e consciente, sendo a escola uma instituição fundamental para a transformação da realidade (FREITAS; GROSSI; MELO, 2022).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

científicos interdisciplinares e multiprofissionais. A psicóloga Lia Vainer Schucman considera o racismo como:

[...] qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e

desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos, baseado na ideia de raça. Pois, mesmo que essa ideia não tenha nenhuma realidade biológica, o ato de atribuir, legitimar e perpetuar as desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à 'raça' significa legitimar diferenças sociais a partir da naturalização e essencialização da ideia falaciosa de diferenças biológicas que, dentro da lógica brasileira, se manifesta pelo fenótipo e aparência dos indivíduos de diferentes grupos sociais (2010, p. 44).

Dessa forma, verificamos outras marcas sociais do racismo, na medida em que, a partir do prisma de essência e naturalização da pseudoconcepção de superioridade biológica, ele serve como um instrumento de dominação e resistência cotidiana, danos psicológicos, hierarquizações, legitimação de desigualdades diversas e relações políticas. Todo esse cenário é resultante de uma construção temporal e social.

Segundo o historiador Diego Uchoa de Amorim (2013), sobretudo, na virada do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, teorias raciais europeias foram apropriadas, ressignificadas e difundidas por intelectuais e instituições científicas no Brasil, durante um contexto de busca por modernização do país e construção de projetos de "nação brasileira", mediante as marcas da escravidão, (pós)abolição e Proclamação da República. Nesse período, havia a crença de superioridade racial europeia e de que o "atraso" do país tinha como

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

uma das suas causas a mestiçagem e a negritude, temendo-se o futuro de uma nação predominantemente mestiça.

Daí a defesa do embranquecimento populacional do Brasil, da hierarquização social, da associação dos afrodescendentes a serem mais propícios à criminalidade, à amoralidade e a doenças, além da busca pelo extermínio desses sujeitos, em prol da “higienização” das cidades, ocasionando a ausência de políticas públicas para negros/as e pardos/as. Nos anos 1930, pensadores como Gilberto Freyre valorizaram as contribuições da população negra e indígena para a formação nacional, logrando abandonar a utilização das teorias raciais. Todavia, esse enfoque contribuiu significativamente para a construção do mito da “democracia racial”, que nega a existência do racismo no Brasil.

Sob essa ótica, não haveria discriminação e desrespeito das desigualdades sociais por motivações étnico-raciais, muito menos também uma estrutura educacional, cultural, política, histórica e econômica que privilegiasse pessoas brancas no país. Diante disso, ao longo do século XX, concomitantemente e em uma onda crescente, houve intelectuais e movimentos sociais que lutaram em defesa de uma visão positiva sobre os/as afrodescendentes e de um combate ao racismo, expressando o quanto o racismo e o antirracismo se constituem como concepções historicamente em disputa em nossa sociedade (AMORIM, 2013).

Nesse sentido, o antropólogo Kabengele Munanga (2004, p. 11) ressalta que, atualmente, ainda carregamos o saldo negativo do racismo formulado nos séculos anteriores. Todavia, ele reconhece que, tem sido ascendente a consciência política das vítimas de racismo, evidenciando a permanência dos discursos e atitudes racistas, sendo muito problemático como isso ocorre sob a prerrogativa das diferenças identitárias e culturais. Ao levarmos esse contexto em consideração, destacamos a relevância do ensino de História sedimentado em uma concepção de Educação Antirracista, sobre a qual destacamos oito características:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas.
4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os/as alunos/as.
5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do ‘eurocentrismo’ dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de ‘assuntos negros’.
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do auto-conceito [sic] de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados (FERREIRA, 2012, p. 279).

É nessa conjuntura que o projeto *Diamante Negro - A construção de uma educação antirracista* foi criado pela equipe gestora e por professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Clio. O projeto apontou como justificativa para a sua elaboração a necessidade de “[...] fomentar a discussão sobre o preconceito que permeia o cotidiano escolar, e refletir sobre como comportamentos racistas podem ser naturalizados e a partir daí forjar comportamentos que passam de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

agressivos à criminosos por sua reprodução histórica” (OLINDA, 2020, p. 3).

Dessa forma, na perspectiva desse documento educacional, esse é um tema que relaciona necessidades e conhecimentos teóricos e práticos, para intervenção na comunidade escolar e na sociedade como um todo, logrando promoção de cidadania, que historicamente tem sido ceifada, em face da naturalização do racismo no Brasil.

A construção identitária e a educação antirracista

O projeto nasceu de uma necessidade nossa de fazer nascer nos nossos alunos o amor pela raça e pela cor deles. Nós percebemos que eles tinham muito medo de dizer que eram negros, eles achavam que o outro chamá-lo de negro era algo pejorativo, era algo negativo. E nós, professores, tivemos que intervir várias vezes, dizendo a eles que eles eram negros, porque muitos têm a pele escura, mas, não se reconhecem como negros. Isso, em 2020, quando tudo começou, né?! Então, nós começamos a perceber isso e começamos a ver que não basta não ser racista, nós precisávamos ser antirracistas e começar a trabalhar isso com os nossos pequenos, que quando chamavam o outro de negro era para agredir e não para se referir à raça ou à cor da pele dele⁵.

Conforme vimos na Introdução do artigo e na entrevista realizada com a Diretora Pedagógica A, o racismo é histórico e tem forte

⁵ Entrevista realizada pelos autores com a Secretária Escolar A, em 06/06/2022, na Escola Clio. O nome da equipe gestora não foi identificado, conforme acordado durante a cessão dos depoimentos. A depoente é Pedagoga, especialista em Psicopedagogia, alfabetizadora há mais de trinta anos e professora concursada da rede municipal de Olinda há dez anos.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

conexão com a construção identitária. Na fala da depoente, identificamos como na Escola Clio (realidade estendida a outras instituições educacionais brasileiras) muitos estudantes têm dificuldade de se reconhecerem e conhecerem o “outro” como negros/as. Entre os motivos, destacamos que, isso ocorre em face das representações negativas socialmente construídas acerca desses sujeitos e dos diversos tipos de violências diárias que eles sofrem e cometem. Daí a necessidade de, em nossa sociedade, não sermos apenas racistas, precisamos ir além, devemos ser antirracistas.

No que tange a concepção sobre identidade, partilhamos da perspectiva do sociólogo Stuart Hall (2006, pp. 12-13), quando ele problematiza que esta não é algo unificado, biológico, coerente, pleno, seguro e que tem uma essência que torna algo comum a todos. A identidade está situada historicamente em contínuo processo de (re)construção, é aberta, situada espacialmente, em meio a tradições, representações, práticas culturais e relações sociais dialéticas entre sujeitos, instituições e sociedades.

Nesse sentido, Tomaz Tadeu da Silva (2000, pp. 74-83) salienta que a concepção de diferença está entrelaçada à noção de identidade, sendo a primeira derivada da segunda, pois a identidade serve como parâmetro para definir o que é tido como diferente. Assim, há uma tendência para as pessoas definirem o que são a partir da descrição e/ou avaliação sobre aquilo que não se é.

Nessa perspectiva, identidades e diferenças são também construções linguísticas, não é algo neutro e nem natural. Elas são estabelecidas a partir de sistemas discursivos e simbólicos, que definem e enquadram os indivíduos nas práticas sociais, configurando-se em relações de poder, saber, disputas, conflitos, hierarquizações, além de imposições, homogeneização e invisibilidade de papéis. Foi o que verificamos no depoimento da Diretora Pedagógica A citado anteriormente, quando ela relatou o cotidiano da escola e o que impulsionou a criação do projeto.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Ao refletir especificamente acerca da identidade negra, Nilma Lino Gomes ressalta que:

Geralmente, este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir de outras relações que o sujeito estabelece. [...] Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). [...] Para entender a construção da identidade negra no Brasil é importante também considerá-la não somente na sua dimensão subjetiva e simbólica [,] mas sobretudo no seu sentido político [...]. A identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como às outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma (2005, pp. 43-44).

Diante disso, vemos como a construção identitária é complexa, tendo esse percurso iniciado no âmbito familiar, desdobrando-se em relações que os indivíduos tecem no decorrer de suas vidas. Nesse percurso é desafiadora a construção positiva de uma identidade negra, em face de uma série de representações e entraves negativos ao longo da história da humanidade. Dentro desse cenário, a escola assume um papel emblemático, pela sua responsabilidade socioeducacional na formação humana, desde a infância.

Partindo dessa perspectiva, precisamos nos atentar para a necessidade de contribuir positivamente para construção da autoestima dos nossos estudantes, desde a infância, levando em consideração as singularidades de cada um. É necessário enfocarmos em estratégias

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

pedagógicas no ensino de história e cultura afro-brasileira que ajudem as crianças a valorizar sua cor, cabelo, corpo, cultura, jeito de ser e as formas como se relacionam com o mundo social, pois cada sujeito sente, age, pensa, convive e vive de uma maneira muito particular (SILVA; DIAS, 2018, pp. 130-131).

Tudo isso não precisa ser apenas respeitado, mas também valorizado no espaço escolar em uma perspectiva de educação inclusiva e cidadã, ao promover os direitos humanos. Isso, porque, quando a escola se exime ou nega o fato que existe um conjunto de representações negativas sobre os/as negros/as e práticas racistas na instituição, esse posicionamento coopera para que os alunos não se sintam pertencentes, reconhecidos e valorizados na esfera educacional. Essa contínua exclusão contribui para o fracasso escolar de discentes negros/as (BASTOS, 2015, p. 35).

Ainda quanto ao papel formativo da escola nesse processo, segundo a historiadora Marta Lima (2016, pp. 105-106), ela contribui para a criação de identidades com base nas relações de alteridade e nas estratégias pedagógicas que identificam e combatem práticas discriminatórias. As atitudes racistas potencializam a violência escolar, sendo muitas vezes invisibilizadas, negadas e apresentadas de forma sutil, por serem naturalizadas no cotidiano, mesmo sendo um espaço que congrega diversos universos étnico-raciais, culturais e sociais. Assim, a escola pode contribuir tanto para a (re)produção, quanto para o combate ao racismo institucional (BERNARDO; MACIEL, 2015, p. 197).

Dessa maneira, escolas públicas e privadas brasileiras precisam revisitar seus valores, conhecimentos e posturas, em prol de uma reeducação para relações étnico-raciais na contemporaneidade, superando como os saberes criados por comunidades afrodescendentes são subalternizados, como esses grupos ainda são estereotipados nos livros didáticos, como negros/as continuam sendo estigmatizados e

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

como permanece o mito da democracia racial no país (SILVA; DIAS, 2018, p. 129).

Foi o que, em 2020, a Escola Clio buscou realizar durante a experiência de vivência do projeto *Diamante Negro - A construção de uma educação antirracista*, conforme o relato da Diretora Pedagógica A:

Eles [alunos] têm já internalizado neles que ser negro é algo ruim, que ser negro é algo que eu preciso esconder e a escola precisa ser esse espaço de trazer à tona que ser negro é simplesmente uma das raças que compõem a formação do nosso povo. Que não é pior e nem é melhor e que tem a sua importância dentro da história e que nós somos cidadãos de direitos iguais. Embora, a gente sabe que, na realidade, é um tanto diferente, mas, que a gente precisa mostrar isso ao nosso aluno. Se a escola não fizer isso a família não vai fazer⁶.

Assim, a motivação para criar e desenvolver o projeto escolar não teve como base apenas a legislação educacional e seus documentos que servem como parâmetro, mas também os problemas e conflitos identitários que os/as alunos negros/as carregam em si, desde o início da sua vida e do impacto que essa problemática causa no processo de escolarização. Ademais, é muito recorrente a pouca intervenção das famílias em ressignificar as representações negativas que permeiam o imaginário e ações associadas aos afrodescendentes. Por isso, a escola exerce um papel fundamental na sociedade, indo muito além do processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos disciplinares, se apresentando enquanto espaço de reconstrução da realidade social e identitária dos estudantes.

⁶ Entrevista realizada pelos autores com a Secretária Escolar A, em 06/06/2022, na Escola Clio.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Nesse sentido, destacamos que docentes e demais membros da comunidade escolar também têm o desafio de refletir criticamente sobre a forma como a sociedade lida com as diferentes identidades e práticas racistas existentes dentro e fora dos espaços educacionais, problematizar o desenvolvimento das aulas e como são formulados os materiais didáticos, planejamentos de ensino e currículos escolares. (LIMA, 2016, p. 106).

O ensino de história e cultura afro-brasileira

Como estudantes negros/as se sentem e se identificam nas aulas de História e nos espaços escolares? Que narrativas são tecidas sobre a história e cultura afrodescendente nos livros didáticos, currículos escolares e universitários e em espaços não educacionais? Foi partindo dessas e de outras problemáticas, que foi aprovada a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Esse marco legal é uma política afirmativa de combate ao racismo curricular, que está associado a um projeto de humanidade alternativo à hegemonia do eurocentrismo, ao questionar esse ideal colonizador e civilizador que estrutura o racismo e perpetua, ainda hoje, no Brasil (DORNELES; MEINERZ, 2021, pp. 407-408).

Essa conquista foi resultante de um histórico de lutas encabeçadas pelos movimentos negros, reivindicações políticas de outros segmentos da sociedade civil, debates entre profissionais da educação e críticas às limitações e superficialidades de documentos educacionais, como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), conforme ressaltou o historiador Anderson Oliva (2012, p. 32). Dessa maneira, a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. [...] Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'⁷.

Ao analisarmos o documento, verificamos que ele alterou a LDB, impactando significativamente no currículo das escolas públicas e privadas, ao incluir os conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira em diversas disciplinas e potencializar uma interlocução entre elas. Os conteúdos programáticos evidenciam e valorizam o protagonismo e as contribuições dos afro-brasileiros para a formação histórica do país,

⁷ BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 16 jul. 2022. (grifo do documento).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

logrando contribuir para a quebra de estereótipos, hierarquizações, preconceitos e atos de violência racista.

Outras ações também foram desenvolvidas em prol do ensino da história e cultura afro-brasileira, como: criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em 2004, aprovação do Estatuto da Igualdade Racial em 2007, publicações, eventos, cursos e pesquisas acerca da temática, logrando um aprimoramento da formação inicial e continuada docente e das transformações sociais para promoção de um mundo antirracista e ético (GUIMARÃES, 2018, pp. 50-54; CONCEIÇÃO, 2010, p. 136). Ao analisar esse histórico de mudanças educacionais, Cecília Silva Guimarães destacou que houve muitos avanços, mas, que há muito o que melhorar também. Especificamente sobre a Lei nº 10.639/2003, a autora problematizou que, mesmo após mais de quinze anos de sua implementação:

[...] continuamos a observar a fragilidade das propostas pedagógicas e a superficialidade de uma série de obras didáticas. Entendemos o quanto é necessária a formação de cidadãos capacitados a agir e interagir numa nova realidade, na qual a História da África e do negro no Brasil precisa ser pensada e trabalhada de forma renovada. O caminho é longo e precisamos revisitar os currículos, as metodologias, os conteúdos e o desenvolvimento de novas percepções e análises, pois qualquer tipo de generalização e simplificação não é capaz de abarcar a sua verdadeira complexidade (GUIMARÃES, 2018, p. 63).

Portanto, os/as professores/as de História e de outras disciplinas se deparam com desafios diários, árduos e complexos dentro de toda

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

uma estrutura de funcionamento educacional do país, apesar de relevantes conquistas no que concerne ao ensino da história e cultura afro-brasileira e à promoção de uma educação antirracista e inclusiva. A lei tem sido um avanço e a sua implementação na prática tem sido ainda um embate político, permeado por relações de poder, rotinas pedagógicas e planejamento e vivências de experiências educativas, em prol da inclusão social e da valorização das diferentes identidades presentes no âmbito escolar (SILVA; DIAS, 2018, p. 129). Diante disso, analisaremos, a seguir, a experiência de educação inclusiva do projeto de intervenção *Diamante negro: a construção de uma educação antirracista*.

Diamante negro

O referido projeto foi criado e desenvolvido em uma escola municipal de tempo integral da cidade de Olinda/PE, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante todo o mês de novembro de 2020, com quase todas as atividades no formato remoto e mediado por recursos tecnológicos de informação e comunicação, em virtude da pandemia da Covid-19. A instituição funciona em tempo integral, atendendo vinte turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, totalizando quinhentos e setenta estudantes, sendo sua maioria formada por crianças negras. Dos vinte e três professores, vinte são pedagogas e três são da área de Artes e Música, que atuavam realizando oficinas e atividades lúdicas ligadas a parte diversificada do currículo das escolas integrais. Uma realidade comum a muitas escolas públicas: predominância de estudantes negros/as e feminização do magistério nesses níveis de ensino, onde elas lecionam diferentes disciplinas da base comum do currículo.

Quanto ao contexto do surgimento do projeto, o Diretor Escolar Administrativo A, relatou o seguinte:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Foi muito do cotidiano da escola, como tem que ser, né?! A gente viu uma demanda, identificou uma necessidade e, a partir dali, as professoras sentaram e elaboramos e executamos o projeto. [...] Desde então continuamos e nesse ano de 2022 será o terceiro e a gente continua tocando esse projeto, que geralmente começa no período do mês da consciência negra⁸.

Como é recorrente na realidade educacional, o projeto foi criado a partir de necessidades e demandas do dia-dia, sendo elaborado de forma coletiva. Como a experiência de 2020 foi exitosa, houve uma continuidade em 2021, sendo prevista a sua realização em 2022, em novembro, conforme assegura a Lei nº 10.639/2003, com a inclusão do dia 20 como o Dia Nacional da Consciência Negra.

O que nos chamou a atenção nas entrevistas com a gestão da escola e na análise documental da instituição, é que as ações antirracistas e as discussões acerca da temática história e cultura afro-brasileira ocorreram ao longo do ano, no curso da própria dinâmica socioeducacional. Isso ocorreu, quando possível, por meio de debates sobre esses conteúdos nas aulas de História e de outras disciplinas, havendo a intervenção da comunidade escolar em situações de racismo.

Especificamente sobre o mês de novembro, diferentemente de algumas instituições, a Escola Clio não se restringiu a um dia específico de atividades pedagógicas afrocentradas, mas ao longo de todo o mês. Vejamos, a seguir, quais foram as ações desenvolvidas em 2020, durante

⁸ Entrevista realizada pelos autores com o Diretor Escolar Administrativo A, em 06/06/2022, na Escola Clio. O depoente é Pedagogo, Especialista em Psicologia da Educação, Mestre em Psicologia Social, tendo iniciado o Doutorado em Educação. Professor da Educação Infantil há dezesseis anos, sendo nove deles como efetivo da rede municipal de Olinda; é docente do ensino superior há quatorze anos e possui vinte anos de experiência como gestor educacional.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

a implementação do projeto de intervenção *Diamante negro: a construção de uma educação antirracista*.

Em 4 de novembro ocorreu a apresentação do projeto aos/as professores/as em reunião não presencial, como proposição para reposição de aula. No dia 6 houve a escolha do título do projeto (sugestão e votação), a apresentação das ações pautadas para o projeto e alinhamento das mesmas. No dia 9 realizou-se a contação de histórias on-line, que utilizou o recurso do Google Meet, com turmas do 1º e 2º Anos, a partir do livro *Menina bonita do laço de fita*, da autora Ana Maria Machado. Em seguida, os/as estudantes produziram vídeos ou realizaram desenhos que retratassem suas reflexões sobre a obra, apresentando-os para a turma, no grupo de WhatsApp, para debate. A abordagem da obra pelas professoras esteve em consonância com as reflexões apontadas por Fátima Sabrina Rosa e Bárbara Jucele Rosa:

[...] o texto em estudo já foi acusado de fomentar o mito da democracia racial por apresentar uma imagem positiva da mestiçagem. Essa positividade não significa incitação ao conformismo, nem tampouco revela uma visão reducionista do que representa a miscigenação no país; pelo contrário, o que parece estar sendo proposto é um reconhecimento de que é preciso problematizar na nossa história as imagens depreciativas e abrir espaços para o resgate da cultura negra (e indígena) não como algo exótico, mas como uma cultura que é partilhada e que anseia pelo reconhecimento (ROSA; ROSA, 2017, p. 80).

No dia 11 houve a musicalização das histórias contadas no livro *Menina bonita do laço de fita*, com a mediação do professor de Música. Dois dias depois, houve mais contação de histórias pelas docentes, quando as turmas do 1º e 2º anos analisaram a obra *Uma princesa diferente*, enquanto

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

as do 3º, 4º e 5º Anos o livro *O cabelo de Lelê*. Nesse mesmo dia, os/as discentes expressaram seus sentimentos e aprendizagens, por meio de desenhos e pinturas, com a participação dos dois professores de Artes.

O uso de atividades lúdicas está em consonância com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a utilização da literatura infanto-juvenil para abordar as representações de personagens negros/as é um relevante instrumento para o processo de ensino-aprendizagem, sendo importante problematizar em sala os objetivos da sua construção, pois:

A Literatura infanto-juvenil apresenta-se como filão de uma linguagem a ser conhecida, pois nela reconhecemos um lugar favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e à construção de conceitos. [...] Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se imaginadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade (LIMA, 2005, p. 101).

No dia 16 ocorreu o lançamento do concurso Pérola Negra, objetivando a valorização da beleza de meninos e meninas afrodescendentes da escola e incentivando a participação de toda a comunidade escolar na organização das ações a serem desenvolvidas durante o mês da Consciência Negra. Nesse mesmo dia, abriram-se as inscrições para o concurso, foram exibidos vídeos sobre a indumentária africana e realizou-se uma oficina on-line com mediação feita por professora externa convidada sobre história e construção de turbantes de matriz afrodescendente. Quanto à experiência da oficina, a Diretora Pedagógica A relatou o seguinte:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Aí a gente começou a pensar em coisas, em atividades que fizessem com que nossos alunos comessem a sentir-se bem, sentir-se valorizados também. Nós fizemos uma oficina com uma professora de uma outra escola sobre turbante, o porquê do turbante, porque lá na África as tribos têm determinados tipos de turbantes. Porque não se usa o turbante simplesmente porque você pertence a um terreiro, você frequenta uma religião de matriz africana. Mas, as tribos na África elas têm o porquê de usar aquele turbante, o turbante tem uma representatividade muito importante [...]. Aí essa professora ensinou a eles usarem vários tipos de turbantes, deu uma aula sobre isso. Tudo isso feito de forma remota. Aí a professora gravou o vídeo e as professoras polivalentes postavam esses vídeos nos grupos de WhatsApp e depois as meninas faziam um vídeo usando o turbante e explicando também o que é que aquele turbante representava⁹.

Dessa forma, verificamos o intuito pedagógico dos responsáveis pelo planejamento e aplicação da atividade, que apresentou aos estudantes a historicidade, diversidade e usos sociais do artefato, para a valorização da cultura afro-brasileira e potencialização da autoestima das crianças negras. Por meio da gravação de vídeos e disponibilização desses materiais no grupo de WhatsApp de cada sala, a oficina também suscitou reflexões, conversas e trocas de saberes, afetos e experiências. Assim, os/as discentes puderam vivenciar um momento alegre e de ensino-aprendizagem, por meio de aula lúdica, participativa e colaborativa, envolvendo conhecimentos teóricos e práticos.

⁹ Entrevista realizada pelos autores com a Secretária Escolar A, em 06/06/2022, na Escola Clio.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Em 18 de novembro ocorreu a exibição de vídeos com músicas e imagens de combate ao racismo, culminando em uma roda de conversa virtual com depoimentos dos/as alunos/as sobre sua opinião acerca do tema trabalhado. No dia 20 houve a apresentação de vídeos com as produções das crianças, exposição de um mural de fotos do concurso Pérola Negra e divulgação do resultado do concurso, quando foi entregue a premiação dos vencedores pela comissão julgadora.

O enfoque que as professoras deram no dia 23 foi a discussão sobre o protagonismo negro. Elas apresentaram biografias nas áreas de música, cinema, teatro, literatura, política e esportes, explicitando as contribuições sociais de pessoas negras, para potencializar a (re)construção de identidades positivas, sob o enfoque da representatividade e da possibilidade de realização pessoal e profissional.

O dia 25 de novembro foi voltado para o estudo das biografias propostas para cada turma de acordo com a faixa etária, para que, no dia 28, elas apresentassem e discutissem essas biografias, por meio de uma expressão artística, cujo formato ficou à escolha dos/as discentes. Na mesma data, presencialmente, na escola, com todos os cuidados sanitários por conta da pandemia, houve apresentação cultural de capoeiristas e cirandeiros, contando com o comparecimento de docentes, equipe gestora, discentes e familiares.

Enquanto no dia 30 foi a culminância do projeto, com apresentação de todo o material construído ao longo de um mês de várias atividades, contando com a presença de membros de toda a comunidade escolar. Segundo a Diretora Pedagógica A, foi um momento muito emblemático, pois foi uma retomada, ainda que com limitações da pandemia, das atividades presenciais na escola. Ademais, ela salientou que, foi um dia muito emocionante, porque identificou alegria e engajamento de muitos participantes. Ao analisar, de maneira geral, os resultados do projeto executado em 2020, ela narrou o seguinte:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Eu senti uma melhora. Não é que o projeto foi mágico, não é isso, não. Mas a semente precisa ser plantada, né?! E se uma mudinha, uma sementinha dessas nascer já foi proveitoso. Então, a gente já sente algumas falas de alguns alunos; algumas meninas, por exemplo, elogiando o seu próprio cabelo; algumas meninas intervindo em algum conflito de racismo. Então, tem uma menina falando mal do cabelo da outra e outra menina intervém, mas é o cabelo dela, você tem que respeitar. Então, quando a gente vê uma criança em meio a quinhentas agindo dessa forma, a gente sabe que valeu à pena. A gente não viu uma só situação, nós presenciamos por dia várias situações. [...] Nós fazemos isso todos os dias, nós lutamos contra isso [o racismo]¹⁰.

Diante disso, constatamos que a experiência do projeto de intervenção *Diamante negro: a construção de uma educação antirracista* foi exitosa para inclusão social, discussão da temática afro-brasileira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e promoção de um ensino de História antirracista. Foi dada continuidade ao projeto nos anos seguintes e o tema é debatido diariamente na escola, apesar da ênfase no mês de novembro, em face do Dia Nacional da Consciência Negra.

Todavia, ainda, imperam no cotidiano escolar pensamentos e práticas preconceituosos e racistas. Mas, já foram identificadas transformações positivas na instituição, com atitudes antirracistas e empoderamento de meninos/as negros/as, devido ao fortalecimento da autoestima, conhecimento da sua história e (re)construção positiva de suas identidades. Resultados que foram para além dos muros da sala de aula, pois reverberaram no dia-dia em outros espaços sociais e envolveram alguns familiares de forma engajada. Nesse sentido,

¹⁰ Entrevista realizada pelos autores com a Secretária Escolar A, em 06/06/2022, na Escola Clio.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

apresentaremos, a seguir, algumas sugestões para abordar as temáticas história e cultura afro-brasileira e educação antirracista na escola.

Sugestões para abordagem das temáticas

Ao levarmos em consideração a atualidade e a relevância de discussão sobre as temáticas educação antirracista e história e cultura afro-brasileira no âmbito escolar, sugerimos algumas atividades e materiais pedagógicos. Eles podem ser abordados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e adaptados a outros níveis de ensino, levando em consideração o contexto de cada instituição e professor/a¹¹:

- Criar situações que incentivem o interesse dos/as estudantes para refletirem sobre as semelhanças e diferenças entre os integrantes da turma;
- Desnaturalizar expressões e termos racistas, que são incorporados no cotidiano, como: a coisa está preta; criado mudo, mulato, denegriu, etc.
- Organizar visitas a museus e outras instituições culturais para conhecimento e debate sobre diversidade cultural e étnico-racial na sociedade;
- Promover a realização de oficinas (pode ser com convidados, caso o/a docente não tenha familiaridade prática) que insiram os estudantes aos legados socioculturais dos afrodescendentes;
- Construir, com a colaboração da turma, uma página em rede social para montar uma exposição virtual com enfoque afrocentrado, a exemplo do *Instagram* e *Facebook*;

¹¹ As sugestões são baseadas nas experiências docentes dos autores desse trabalho e nas seguintes referências: DORNELES; MEINERZ, 2021. LOPES, 2005. SILVA; SANTOS, 2021. GRINBERG; ALMEIDA, 2012.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

- Utilizar bonecas/os negros/as nas brincadeiras durante as aulas, para potencializar a representatividade e identificação discente;
- Contar histórias literárias que narrem o protagonismo de meninos/as negros e valorizem as diferenças sociais;
- Apresentar biografias de personalidades negras, para destacar o seu protagonismo, incentivando que as crianças investiguem a trajetória desses e de outros sujeitos;
- Trazer às aulas imagens de jornais, revistas e propagandas publicitárias, identificando e analisando com a turma quais perfis das pessoas são retratados e quais são ocultados, problematizando o porquê e quais as representações vigentes;
- Problematizar estereótipos e demais narrativas que subjuguem e homogeneizem os afrodescendentes nos livros didáticos e demais materiais pedagógicos;
- Utilizar documentos históricos que abordam a história e cultura afro-brasileira, incentivando e orientando os/as alunos/as a analisarem os temas com uma visão crítica e investigativa. Há vários acervos on-line gratuitos, como os da Hemeroteca da Biblioteca Nacional¹², Fundação Casa de Rui Barbosa¹³, Fundação Joaquim Nabuco¹⁴ e o site *Detetives do Passado*¹⁵, vinculado ao NUMEM/UNIRIO, onde o/a docente pode se basear para realizar oficinas e sequências didáticas;
- Criar situações em que a turma consiga pensar como será o futuro, caso não sejam eliminados o racismo, o preconceito, a

¹² Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 17 jul. 2022.

¹³ Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/interna.php? ID_S=9&ID_M=603. Acesso em 17 jul. 2022.

¹⁴ Disponível em: <http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/>, acessado em 17 jul. 2022.

¹⁵ Disponível em: http://www.numemunirio.org/detetivesdopassado_/main.html. Acesso em 17 jul. 2022.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

discriminação e a falta de conhecimento acerca da história e cultura afro-brasileira;

- Promover eventos na escola com convidados para discussão sobre racismo e história e cultura afro-brasileira;
- Elaborar textos coletivos, enfocando o preconceito e discriminação racial, disponibilizando-os para a comunidade escolar;
- Sugestões de filmes: *Medida Provisória* (2022), *Pantera Negra* (2018) e *Vista Minha Pele* (2011);
- Sugestões de livros de literatura infantil: *Cabelo de mola*, de Alexander Rezende (2012); *Minha mãe é negra sim*, de Patrícia Santana (2008); *Minha família é colorida*, de Georgina Martins (2005); e
- Sugestões de publicações acadêmicas: dossiê Ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira (2012), da *Revista História Hoje*¹⁶; *Revista Afro-Ásia*¹⁷, vinculada ao Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia; livros *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (2017), de Abdias Nascimento e *História da África* (2015), de José Rivair Macedo.

Considerações finais

Diante disso, verificamos que, apesar da permanência dos problemas escolares apresentados ao longo do artigo, foi exitosa a experiência do projeto de intervenção *Diamante negro: a construção de uma educação antirracista*, enquanto proposta de inclusão social, promoção de um ensino de História antirracista e debates sobre a temática afro-brasileira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

¹⁶ Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/issue/view/novaserie>. Acesso em 17 jul. 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia>. Acesso em 17 jul. 2022.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Apesar de terem ocorrido durante a pandemia da COVID-19, com praticamente todas as atividades sendo desenvolvidas de forma remota, com a mediação de recursos tecnológicos de informação e comunicação, essas ações podem ser adaptadas presencialmente e utilizadas de forma contextualizada em outras escolas, que apresentam realidades semelhantes. Destacamos também nesse estudo de caso a importância do envolvimento da comunidade escolar (docentes, equipe gestora, demais funcionários da escola, discentes e familiares), para o desenvolvimento e o engajamento nas atividades, que não se resumiram ao Dia Nacional da Consciência Negra e nem abordaram o tema de forma estereotipada e pontual, daí também a relevância da interlocução da História com outras disciplinas.

Nesse sentido, defendemos a necessidade de um ensino de História relacionado a conhecimentos teóricos e práticos, com enfoque na reescrita do conhecimento escolar, ainda predominantemente eurocêntrico. É relevante a reinvenção do papel da escola, que deve ir muito além do mero ensino-aprendizagem de conteúdos, para contribuir com a formação humana. É fundamental dar maior visibilidade e dizibilidade aos afrodescendentes, que, apesar dos avanços nos últimos anos, ainda são ocultados ou representados negativamente em diversos veículos de comunicação, livros didáticos, currículo escolar e obras historiográficas. Tudo isso pode contribuir para que os/as estudantes possam (re)construir a sua autoimagem e a imagem do “outro” de forma positiva, engajada e empoderada, em prol de um mundo mais inclusivo e cidadão, logrando a promoção de uma cultura de paz.

Referências

AMORIM, Diego Uchoa de. Teorias raciais no Brasil: um pouco de história e historiografia. **Revista Cantareira**, v. 1, n. 19, p. 62-78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27725>. Acesso em 11 mar. 2022.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

BASTOS, Janaína Ribeiro Bueno. **“Da história, das subjetividades, nos negros com quem ando”**: um estudo sobre professores brancos envolvidos com a educação das relações étnico-raciais. 2015, 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) – FE, USP, São Paulo, 2015.

BERNARDO, Teresinha; MACIEL, Regimeire Oliveira. Racismo e educação: um conflito constante. **Contemporânea**, São Carlos, v. 5, n. 1, p. 191-205, 2015. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/artic/e/view/302>. Acesso em 15 jul. 2022.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em 16 jul. 2022.

CONCEIÇÃO, Maria Telvira da Conceição. O trabalho em sala de aula com a história e cultura afro-brasileira no ensino de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, pp. 131-158.

DORNELES, Maurício da Silva; MEINERZ, Carla Beatriz. O tema do negro e a vida do negro: dilemas da educação das relações étnico-raciais no campo da pesquisa em ensino de História. In: ANDRADE, Juliana Alves de; PEREIRA, Nilton Mullet (Orgs.). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. 2ª ed. São Leopoldo: Oikos Editora, 2021, pp. 406-421.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 21, n. 46, p. 275-288, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/408>. Acesso em 23 mar. 2022.

FREITAS, Alexia de Souza; GROSSI, Gabriely Loze; MELO, Emerson Costa de. Educação inclusiva e relações étnico-raciais: uma análise interseccional afrocentrada. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://seer.sis.puc->

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

campinas.edu.br/reeducacao/article/view/5428. Acesso em 31 mai. 2022.

GRINBERG, Keila; ALMEIDA, Anita. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. **Revista História Hoje**, v. 1., n. 1, p. 315-326, 2012. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/8>. Acessado em 15 fev. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: MEC/SECAD. **Educação anti-racista [sic]: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 39-62.

GUIMARÃES, Cecília Silva. **História da África no Ensino Superior: a formação dos professores de História e a prática docente**. 2018, 205f. Tese (Doutorado em História) – CCHS, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, pp. 101-115.

LIMA, Marta Margarida de Andrade. Identidades, diferenças e diversidade: entre discursos e práticas educacionais. In: ANDRADE, Juliana Alves de; SILVA, Tarcísio Augusto Alves da. **O ensino da temática indígena: subsídios didáticos para o estudo das sociodiversidades indígenas**. Recife: Edições Rascunhos, 2016, pp. 99-109.

LOPES, Véra Neusa. Racismo, preconceito e discriminação: procedimentos didático-pedagógicos e conquista de novos comportamentos. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, pp. 185-204.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, PENESB, 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: 2004. p. 1-17. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=263053&pid=S1809-5267202000030001000015&lng=pt. Acesso em 10 abr. 2022.

OLINDA. **Projeto Diamante Negro - A construção de uma educação antirracista**. Olinda: Sem Editora, 2020.

OLIVA, Anderson Ribeiro. Entre máscaras e espelhos: reflexões sobre a identidade e o ensino de História da África nas escolas brasileiras. **Revista História Hoje**. v. 1, n. 1., p. 29-44, 2012. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/4>. Acesso em 17 mar. 2022.

ROSA, Fátima Sabrina; ROSA, Bárbara Jucele. Identidade e diferença em Menina Bonita do Laço de Fita. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 19, n. 24, p. 72-83, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/5056>. Acesso em 10 jun. 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. In: **Psicologia política**, Florianópolis, v. 10, n. 19, p. 41-55. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v10n19/v10n19a05.pdf>. Acesso em 30 mai. 2022.

SILVA, Tarcia Regina da; DIAS, Adelaide Alves. A educação infantil e as práticas pedagógicas descolonizadoras: possibilidades interculturais. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 45, p. 117-136, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/8314>. Acesso em 29 abr. 2022.

SILVA, Tarcia Regina da; SANTOS, Ernani Martins dos Santos. Ser menino negro: uma análise em livros de literatura infantil. **Revista FAEEBA Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 30, n. 62, p. 46-61, 2021. Disponível em:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432021000200046&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 12 mai. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD; Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, pp. 73-102.

**AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE E DE ESTUDO
DISCENTE NO RETORNO PRESENCIAL: O CASO DO CURSO DE
PEDAGOGIA NO CAMPUS UEMA/TIMON**

Magda Núcia Albuquerque Dias¹

Josenildo Sousa da Silva²

Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC, desenvolvido entre 2022 e 2023, na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, no campus de Timon, no período de 2022/2023. O objetivo do estudo foi analisar as condições de trabalho docente e de estudo discente no retorno presencial. Foi um pesquisa de natureza qualitativa, apoiado em dados quantitativos (Minayo, 2016), a qual contou com a participação de 13 professores lotados no departamento de Pedagogia. Destes, dois estão sob regime de trabalho efetivo e onze são contratados. Também participaram desta pesquisa 38 alunos do curso de Pedagogia.

A pergunta norteadora da referida pesquisa foi: como os docentes e discentes do Curso de Pedagogia do campus de Timon têm se adaptado ao retorno às aulas presenciais? Para responder tal questionamento, utilizou-se as seguintes categorias de análise: trabalho docente, tempo de trabalho abstrato, condições de trabalho docente e condições de estudo discente. Os principais referenciais teóricos utilizados neste estudo foram: Tardif (2011), Postone (2014), Thompsom

¹ Professora efetiva de Sociologia, campus de Timon, da Universidade Estadual do Maranhão; Doutora em Serviço Social pela Escola de Serviço Social – ESS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; magdadias@professor.uema.br

² Aluno-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC; licenciando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus TIMON; josenildosilva@aluno.uema.br

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

(2007) e Han (2007), os quais contribuíram na busca pela compreensão acerca das condições de trabalho docente, do funcionamento do tempo na sociedade capitalista contemporânea e das condições de estudo discente.

O referido estudo se alinha a outras pesquisas que têm demonstrado que, numa sociedade que explora duramente os trabalhadores, tanto professores como alunos trabalham e estudam, em tempos difíceis, como os da pandemia, a sua dinâmica interna não para e isto traz consequências diretas sobre todos e todas as trabalhadoras. Com a pandemia da COVID-19, tal panorama se agravou, pois intensificou alguns problemas existentes e provocou o surgimento de outros. Problemas de natureza psicossomática, socioeconômicos, estruturais e de locomoção foram os que mais impactaram diretamente sobre as condições de trabalho dos professores e estudo dos alunos.

O retorno presencial foi necessário, porém, muitos problemas foram identificados, principalmente em relação aos alunos, cuja maioria trabalha e estuda, não tem transporte próprio e não dispõe do mínimo de recursos didáticos para estudar. Isso demonstra a importância de se pesquisar sobre o assunto para que se possa compreender as dificuldades e os dilemas enfrentados pelos alunos e professores no retorno presencial.

A retomada das aulas presenciais no contexto da pandemia da covid-19 no Campus Timon/Uema

A retomada das aulas na modalidade presencial na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) ocorreu no dia 04 de abril de 2022, normatizado conforme a Resolução nº 1508/2022-CEPE/UEMA, que estabeleceu as diretrizes educacionais para o retorno presencial dos cursos de graduação da UEMA. A entrada e permanência de estudantes e funcionários nas dependências dos *campi*/polos só era permitida mediante a comprovação do esquema vacinal, ou seja, as duas doses ou

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

dose única do imunizante contra a COVID-19, além da observância de algumas medidas sanitárias, a saber: uso de máscaras de proteção, higiene frequente das mãos, proibição de aglomerações, dentre outras.

Tais medidas sanitárias foram implementadas considerando determinações de mecanismos legais oriundos do Ministério da Saúde e orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS-ONU) face ao cenário caótico, imprevisível e assustador imposto pela pandemia do novo coronavírus, o qual provocou a morte de milhares de pessoas em todo o mundo.

A impossibilidade de contato, de se reunir em grupos presencialmente, de ver parentes e amigos, de abraçar, o medo da contaminação e, conseqüentemente, a morte, gerou forte impacto na saúde psicológica de uma parte expressiva das pessoas em todo o mundo. Problemas como ansiedade e depressão foram os que mais se sobressaíram, a partir do momento em que houve a confirmação de uma contaminação, em escala global, do vírus e do seu nível de letalidade.

Quando os efeitos da doença começaram a aparecer, como problemas respiratórios graves e um aumento no número de mortes, a educação foi um dos setores da sociedade que paralisou imediatamente. Escolas e universidades tiveram que suspender as atividades presenciais, sem prazo de reinício, o que afetou 90% dos estudantes do mundo, segundo a Organização das Nações Unidas para Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) (Unesco, 2020).

A reação da ciência, no entanto, não demorou muito para acontecer. Em menos de um ano começaram a ser produzidas algumas vacinas contra o vírus. Algumas mais eficazes, outras menos. Foi a partir de então que uma fagulha de esperança começou a brotar no coração da população mundial. A imunização não demorou muito para ser iniciada. À medida que as pessoas eram vacinadas e a eficácia das vacinas era comprovada, alguns setores da sociedade começaram a reagir também, e a educação veio junto.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

No Brasil, a imunização começou com os profissionais da saúde, em seguida os idosos e os que sofrem com algumas comorbidades como adultos, jovens, adolescentes e crianças. Com a imunização em massa e o nível de letalidade do vírus caindo, a curva do número de mortes diminuindo dia após dia, escolas e universidades começaram a retomar as suas atividades paulatinamente.

A transição do ensino remoto para o presencial se deu de modo gradual, e de forma flexível em termos de carga horária, pois o professor poderia utilizar 40% (quarenta por cento) da carga horária total da disciplina em atividades não presenciais, de forma síncrona ou assíncrona, considerando alguns critérios para esse fim contidos na Resolução já mencionada. Dessa forma, aos poucos e com os devidos cuidados sanitários, aconteceu a retomada das aulas presenciais na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, ainda na vigência do período pandêmico.

As consequências da pandemia na educação ainda são pouco desconhecidas, mas alguns especialistas dessa área já presumem que, no Brasil, um país com níveis absurdos de desigualdade socioeconômica, os efeitos serão nefastos, principalmente no que diz respeito aos alunos pobres, que não dispõem do mínimo de recursos, meios e condições adequados de estudo. E um bom desempenho nos estudos depende de vários fatores, tais como: ambientais, estruturais, psicológicos, didáticos, tecnológicos, pedagógicos entre vários outros. Sem assegurar ao aluno condições de estudo adequadas, não há como garantir a ele um bom desempenho escolar/acadêmico.

Se antes da pandemia, os índices educacionais brasileiros já não eram otimistas, quais serão, então, os resultados de uma educação sem um planejamento adequado para que ela fosse realizada? Muitas perdas na formação escolar dos alunos serão inevitáveis, sem dúvidas. Os prejuízos de aprendizagem atingirão todos os estudantes, independentemente da sua classe social, isso é fato. No entanto, os maiores danos acometerão aqueles alunos em condição de

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

vulnerabilidade socioeconômica, reconhecem os especialistas, pois é um público cuja maioria não dispõe de condições de estudo apropriadas para que tenham um bom rendimento nos estudos.

As perdas de aprendizagem dos alunos ainda são pouco conhecidas, pois o número de pesquisas produzidas até o presente momento ainda é bastante tímido, muito por conta das privações impostas pela pandemia. As pesquisas que tentam identificar os impactos da pandemia na educação ainda estão começando a ser realizadas. E esses estudos são necessários, pois, é preciso conhecer os danos para, posteriormente, pensar em estratégias que visem enfrentar as mazelas educacionais causadas e/ou agravadas pela pandemia da COVID-19.

O tempo nas sociedades capitalistas

Na sociedade capitalista, um elemento fundamental para a acumulação do capital e que tem sido objeto de disputa entre trabalhador e empregador ao longo da história é o tempo, ou em outras palavras, o tempo abstrato produtor de valor. Afirmamos ser importante utilizar essa categoria de estudo neste trabalho porque o tempo é uma categoria fundamental nos tempos moderno e pós-moderno, haja vista ser um fator condicionante da vida humana na contemporaneidade, e o seu controle pelos capitalistas é cada vez mais disputado, o qual tem sido facilitado pelo avanço tecnológico, com a chegada dos aparelhos celulares, os aplicativos e plataformas virtuais.

No que diz respeito ao tempo, assim como outras instituições na sociedade capitalista, este é uma construção sócio-histórica. O tempo racionalizado, fragmentado, o tempo do relógio, em sua concepção linear de medida padronizada nem sempre existiu, mas foi criado, segundo Elias (1989), com a finalidade de orientação do homem no mundo e para regulação da convivência humana. O mesmo autor diz ainda que “em um mundo sem homens e sem seres vivos, não haveria

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

tempo e, portanto, tampouco relógios ou calendários” (ELIAS, 1989, p. 22).

A regulação cada vez mais precisa do tempo e das atividades humanas só foi possível mediante a invenção do relógio. E o advento da sociedade industrial é um marco nesse processo, pois surge aí a necessidade de sincronização do trabalho (Postone, 2014). E isso vai favorecer uma maior atenção e controle do trabalho, o que não acontecia no ritmo da manufatura, que se mantinha numa escala doméstica, e o nível de sincronização era muito menor (Thompson, 2005). Com as sociedades industriais as coisas mudam radicalmente. A racionalização do tempo e do trabalho nas indústrias surge com uma forma de otimizar a produção, que se torna fragmentada e padronizada, momento em que cada trabalhador fica responsável apenas por uma parte da produção.

Dessa forma, a sociedade passa a lidar com o tempo da mesma forma como lida com o dinheiro, atribuindo a ele também qualidades objetivas e impessoais (Cardoso, 2007), como por exemplo, a escassez. Como consequência, “o tempo pode ser utilizado, pode ser gasto ou rentabilizado” (Cardoso, 2007, p. 26). O tempo, nesse sentido, passa a ser um produto valiosíssimo, ao ponto de um indivíduo gastá-lo em atividades não produtivas, não recebe consideração social, e daí surge a famosa frase, “tempo é dinheiro!”.

Esta mudança na concepção social do tempo, deveu-se ao fato da chegada da burguesia ao poder. De acordo com Attali (1982 *apud* Faria; Ramos, 2014), ao chegar ao poder, a burguesia organiza a vida dos outros e a própria vida em uma corrente contínua de eventos datados, a saber: tempo para o trabalho, tempo para o repouso e tempo para o lazer. É a partir de então que a ideia de economizar, ter uma renda, acompanhar o progresso, torna-se uma obsessão das pessoas “bem-nascidas”, a partir de 1814.

Controlar o tempo de trabalho dentro das fábricas torna-se uma necessidade nas sociedades industriais. Dessa forma, controle do tempo também significa controle do trabalho. O tempo passa a exercer uma

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

coerção sobre o trabalhador, uma coerção que visa o surgimento da autodisciplina nos indivíduos e objetiva uma forma peculiar de riqueza burguesa: a compra do tempo de trabalho para produzir lucro.

Diante disso, é possível compreender que o tempo do relógio, isto é, o tempo racionalizado e fragmentado, que regula e orienta o homem no mundo, constituído por minutos, horas, dias, meses, anos, décadas etc., não é algo dado e que existe por toda a história, mas uma construção social abstrata, criada para orientar, utilizado pelas empresas e instituições para medir o tempo de trabalho dos funcionários, bem como a sua produção.

Essa investigação do tempo a partir de uma perspectiva sócio-histórica é fundamental para a compreensão das novas configurações das condições de trabalho no mundo contemporâneo, pois evita que se tenham impressões equivocadas do tempo abstrato como algo natural e inevitável. Possibilita também a percepção acerca do desaparecimento gradativo e de maneira sutil e quase imperceptível da fronteira entre tempo de trabalho e o tempo livre. Algo que vem se intensificando com o advento dos dispositivos digitais como o celular, o notebook e o computador, aumentando ainda mais a não necessidade de estar presencialmente na empresa uma vez que ela está com o trabalhador o tempo inteiro e em todo lugar, basta ter em mão um celular ou computador. Dessa forma, a jornada formal de trabalho transcende os limites da legislação e o trabalhador fica disponível 24 horas para a empresa, pois isso é necessário para que haja um acúmulo cada vez maior e com menos custos de mais-valor. E com os professores não é diferente.

O trabalho docente

No caso do trabalho docente, o seu estudo tendo como uma das categorias o tempo abstrato é fundamental, pois o trabalho do professor não fica restrito apenas ao espaço escolar, seja realizando atividades

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

burocráticas ou atuando em sala de aula com os alunos. O professor não é como um trabalhador fabril que quando bate a campainha no final do dia encerra-se o expediente e só é retomado novamente no dia seguinte. O trabalho do professor o acompanha até a sua casa: almoçando, jantando, na cama, no lazer; lá está o professor muitas vezes resolvendo demandas do trabalho docente.

Para além das discussões acerca da amplitude do significado da categoria “trabalho docente”, a referida expressão é definida aqui como uma atividade que envolve várias tarefas: planejar, preparar e ministrar aulas, aplicar e corrigir atividades avaliativas, envolver-se em atividades de pesquisa, elaborar artigos acadêmicos, participar de reuniões, dentre outras.

É realizado em instituições públicas ou privadas, em nível básico ou superior, presencial, à distância ou híbrido, e o ensino remoto também deve ser mencionado, um caso atípico, que foi necessário devido à pandemia da COVID-19. É também uma atividade que exige dispêndio de energia física e psíquica para a sua efetivação, e todo aquele que a exerce vende a sua força de trabalho em troca de salário (Marx, 1983).

O trabalho docente, de forma específica, possui uma carga horária formal, aquela definida pela organização escolar em função das normas oficiais (em decretos, leis, dentre outras.), e a carga horária real, “tal como se realiza no processo concreto de trabalho” (Tardif; Lessard, 2011, p. 111). Essas duas dimensões permitem que se compreenda que nem sempre o que está previsto nos mecanismos legais que tratam do tempo de trabalho dos professores se efetiva de igual modo na prática. Isso porque o trabalho docente é uma tarefa complexa e para que seja efetivado com qualidade é necessário que outros fatores sejam considerados. Às vezes, a carga horária formal do trabalho docente é insuficiente para que os alunos recebam uma educação de qualidade, o que obriga o professor a ir além dela.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Com a chegada das novas tecnologias, o professor está a um clique de distância da gestão e dos alunos, que nunca hesitam em entrar em contato para resolver problemas, o que faz com que o tempo real de trabalho do docente exceda a sua jornada de trabalho formal diária, semanal, mensal ou outras. Corrigir atividades, fazer plano de aula, preparar o material da aula do dia seguinte, responder mensagens de alunos, muitas vezes à noite, por conta de algum problema da aula do dia, todas essas atribuições fazem parte do cotidiano do trabalho do professor.

No caso do docente universitário, como é o cotidiano desse profissional em relação às demandas que envolvem a sua formação profissional e o seu trabalho de professor? Vejamos como é o cotidiano intensificado desses profissionais:

Os professores de educação superior preparam e ministram cursos na graduação e na pós-graduação, orientam estudantes na graduação e na pós-graduação, organizam eventos, elaboram estratégias de busca de financiamento, fazem gestão das relações entre grupos acadêmicos, estabelecem comunicação entre pares, escolhem 'formas' de produzir e ter sucesso na publicação de um número importante de artigos em revistas conceituadas no seu respectivo campo de atuação, concorrem em editais, buscam parceria na iniciativa privada, preenchem pareceres on line de um número crescente de bolsistas, de revistas, de eventos, de pedidos de financiamento de seus pares e ocupam-se cada vez mais com tarefas administrativas, como alimentação de planilhas, elaboração de relatórios, e por aí vai. (Mancebo 2011, p. 35)

Diante disso, pode-se constatar como é o cotidiano do professor universitário e quais são as tarefas que envolvem esse ofício. Essa

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

quantidade de demandas deve nos instigar a pensar se o tempo que o professor dispõe é suficiente para o exercício do seu trabalho ou se o tempo de não trabalho é invadido pelos afazeres do trabalho docente. É com esse intuito que resolvemos fazer essa pesquisa, a fim de analisar essa e outras questões que envolvem as condições de trabalho docente dos professores do Curso de Pedagogia da UEMA campus Timon, no contexto do retorno presencial.

A pandemia escancarou e agravou um problema que tem sido maquiado desde o surgimento do Estado brasileiro, a desigualdade social, que é uma marca da sociedade brasileira. No entanto, o problema da desigualdade socioeconômica, que é um problema endêmico do capitalismo, se mantém. Uma das soluções que tem sido colocadas para dirimir o problema da desigualdade socioeconômica é a educação.

Desigualdade social, condições de estudo discente e a pandemia

A luta de movimentos sociais progressistas em favor de uma educação universal e gratuita ao longo da história, a exemplo do Manifesto dos Pioneiros³, é uma evidência de como a educação é tida como a fórmula que vai sanar todos os problemas sociais e econômicos do Brasil. Tal luta, de um lado, se mostrou eficaz, pois a conquista de uma educação universal e gratuita foi alcançada; por outro lado, cabe ressaltar que, apesar de as classes pobres e marginalizadas terem conseguido colocar os seus filhos na escola, o problema da desigualdade ainda persiste, fazendo com que as condições sociais, econômicas e culturais dessas classes sejam um grande obstáculo para o sucesso escolar desses alunos. Dessa forma, não há como alcançar uma educação

³ Um documento, criado em 1932 por Fernando Azevedo e outros 26 educadores brasileiros, que propunha a implementação de vários princípios educacionais já existentes hoje, como uma escola pública, laica, gratuita, obrigatória e universal para todos os brasileiros, com forte inspiração no pensamento do filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

de qualidade sem a transformação e a melhoria nas condições de vida da população pobre.

Tais condições são um dos grandes obstáculos para o sucesso escolar dos alunos oriundos de famílias pobres. Afirmamos isso porque esses alunos não gozam das mesmas condições culturais, sociais, ambientais e materiais que aqueles alunos oriundos de famílias abastadas, em que os pais garantem os melhores materiais de estudo, ferramentas tecnológicas, professores de reforço, acesso a locais de cultura socialmente valorizada, como museus, teatro, cinemas, intercâmbios, dentre outros. Recursos estes que dificilmente um aluno pobre tem acesso, nas palavras de Pierre Bourdieu, lhes falta capital cultural, em sua conhecida obra “Reprodução cultural e Reprodução social’ de 1973.

Tal cenário traz no seu bojo a ratificação do dualismo educacional, ou seja, uma educação para formar mão de obra, direcionada aos filhos da classe trabalhadora e, outra, para o desenvolvimento intelectual, o que garante a ocupação dos cargos de dirigência da sociedade e de maior prestígio e com os melhores salários, destinada aos alunos de famílias abastadas. Por exemplo, um aluno pobre em que a família mora no campo, ou numa favela, ou em partes da cidade com condições de vida precária, com alto índice de violência e criminalidade, com uma renda ínfima para a subsistência, que não tem acesso a rede de internet móvel ou fixa, computador, celular, um ambiente de estudo adequado para estudar e que possui um capital cultural e familiar que a escola e o sistema de ensino desconsidera; esses fatores colocam o aluno de família pobre sempre em desvantagem nos estudos. E essa é a normalidade cotidiana da vida de muitos filhos da classe trabalhadora. Além dos problemas já mencionados, a pandemia agravou outros problemas que já estavam em alta, mesmo antes do coronavírus: problemas de ordem psicológica.

Um estudo realizado com estudantes universitários portugueses que visava analisar os níveis de ansiedade, depressão e estresse desses

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

alunos constatou uma elevação significativa desses sintomas na pandemia quando comparado com o período antes da pandemia (Maia; Dias, 2020). O referido estudo comparou duas amostras: uma que foi recolhida em 2018 e 2019, ou seja, antes da pandemia; e outra recolhida oito dias entre o período de suspensão das aulas e a imposição de um decreto que instituiu o estado de emergência na nação de Portugal (Maia; Dias, 2020). Os resultados do estudo confirmaram um aumento substancial considerável de perturbação psicológica entre os discentes universitários quando fez-se o comparativo entre o período pré-pandemia da COVID-19 e os dias que se sucederam após a deflagração do período de emergência provocado pelo vírus Sars Cov-2. Apesar de ter sido realizada com estudantes universitários portugueses, essa pesquisa é uma iniciativa que oferece uma grande contribuição para entender os efeitos psicológicos da pandemia em outras nações com um perfil de público igual.

Acredita-se que os efeitos psicológicos da pandemia não são apenas locais, mas globais. Que efeitos semelhantes podem ser encontrados em estudantes universitários de outras nações.

No Brasil, os efeitos da pandemia de 2020 na saúde mental da população começaram a ser revelados por meio de várias pesquisas no âmbito da Psicologia. Uma pesquisa realizada em 2020 que analisou a frequência de tristeza, nervosismo e alterações do sono durante a pandemia da COVID-19 no Brasil, mostrou que:

O sentimento frequente de tristeza/depressão atingiu 40% dos adultos brasileiros, e a frequente sensação de ansiedade e nervosismo foi reportada por mais de 50% deles. Entre os que não tinham problemas de sono, mais de 40% passaram a ter e quase 50% dos que já tinham tiveram o problema agravado (Barros, et. al, 2020, p. 5).

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Tais sintomas se mostraram com maior prevalência, concernente à faixa etária, em jovens adultos; em relação ao gênero, as mulheres foram as mais afetadas; também integram esse público aquelas pessoas que já tinha um quadro de depressão antes da pandemia, o que agravou ainda mais o problema (Barros, et. al., 2020). Consideramos esse dado relevante para esta pesquisa porque o público majoritário dos cursos de pedagogia são mulheres, muito por conta do processo histórico de feminização do magistério, e, no que tange a faixa etária, um público na sua maioria de jovens adultos, ou seja, pessoas com idade entre 18 e 25 anos, que estão saindo do ensino médio e ingressando direto na graduação.

A impossibilidade de contato, de se reunir em grupos presencialmente, de ver parentes e amigos, de abraçar, o medo da contaminação e, conseqüentemente, a morte, são fatores que tiveram forte impacto na saúde psicológica de uma parte expressiva das pessoas em todo o mundo. Problemas como ansiedade e depressão e estresse foram os que mais se sobressaíram, a partir do momento em que houve a confirmação de uma contaminação, em escala global, do vírus e do seu nível de letalidade. A saúde psicológica ou a ausência dela incidem diretamente na qualidade de vida dos indivíduos. Uma pessoa com ansiedade ou depressão dificilmente consegue ter um bom desempenho em qualquer atividade que venha a realizar.

No caso dos estudantes universitários, cuja maioria são pessoas de baixa renda, além das dificuldades diárias como deslocamento, material didático, horário das aulas, metodologia do professor, número de atividades acadêmicas, cansaço físico, pouco tempo para a realização das atividades estudantis, ausência de um local de estudo apropriado, falta de recursos tecnológicos; problemas psicológicos causados pela pandemia dificultam ainda mais a vida acadêmica desses alunos.

Não que tais sintomas psicológicos fossem uma coisa quase inexistente. Problemas dessa ordem tem se tornado algo “normal” nessa sociedade. Não por acaso, o filósofo sulcoreano Byung Chul Han vai

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

utilizar a expressão “sociedade do cansaço” (Han, 2017) a fim de caracterizar uma população em que os níveis de cansaço e exaustão psicológico têm crescido vertiginosamente nos últimos 10 anos e alcançam cada vez mais um número maior de pessoas. São indivíduos que se arrastam no cotidiano produtivo cada vez mais esgotados mentalmente. A pandemia, nesse contexto, agrava ainda mais um quadro já tão desolador.

Vale ressaltar que, retorno presencial das atividades estudantis na UEMA aconteceu em um momento em que a pandemia ainda não havia cessado. Apesar da vacinação em massa estar acontecendo e de forma rápida, o que provocou a redução do nível de eficácia do vírus, outros problemas, os quais já citamos anteriormente, agravados pela pandemia, dificultaram bastante o desempenho das atividades acadêmicas dos alunos.

Para analisar as condições de trabalho docente e de estudo discente no retorno presencial considerou-se os fatores citados, os quais incidem direta e indiretamente no rendimento de ambos, professor e aluno. Fatores como o desemprego, doenças psicológicas, sequelas da COVID-19, traumas e tristezas pela perda de familiares são variáveis que precisam ser consideradas na hora de analisar as condições de trabalho e estudo no retorno às atividades presenciais dos docentes e discentes do Curso de Pedagogia do Campus de Timon.

Resultados e discussão

A coleta de dados foi realizada mediante questionário online com perguntas abertas e fechadas na plataforma digital *Microsoft Forms*.

Foram analisados os questionários respondidos pelos alunos do curso de Pedagogia, e os questionários dos professores lotados no departamento de Pedagogia. Primeiramente discutiu-se os resultados alcançados mediante o questionário respondido pelos professores. Após isso, são discutidos os resultados acerca do questionário dos alunos.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Dados do questionário docente

Dos(as) treze docentes participantes da pesquisa, 85% são do sexo feminino e 15% são do sexo masculino. Destes, 85% são contratados e apenas 15% são efetivos. Tal quadro reflete as condições de precarização do trabalho que avançam paulatinamente sobre a categoria dos professores. Acerca da jornada de trabalho no Campus de Timon, a situação é a seguinte: 77% cumprem um regime de 20 horas, 15% estão sob o regime TIDE-Tempo Integral e Dedicção Exclusiva e 8% encontram-se sob jornada de dois regimes de 20% horas. Acerca da quantidade de disciplinas que os docentes estavam ministrando quando da realização desta pesquisa, as respostas foram: 62% ministram duas disciplinas, 31% ministram uma, e 8% ministram três disciplinas. Questionamos também se os docentes trabalhavam em outra universidade, obtivemos as seguintes respostas: 54% responderam que não, enquanto que 46% responderam que sim, e dos 46%, 23% exercem uma jornada de vinte horas e 23% estão sob regime de quarenta horas em outra universidade. Esse quadro reflete as condições de trabalho precárias em que a maioria dos professores universitários se encontram, pois num regime de contrato substituto, no qual a maioria dos professores do curso de Pedagogia da UEMA de Timon se encontram, os professores têm que vender a sua força de trabalho em mais de uma instituição para ter o mínimo de dinheiro para garantir o básico para a sua subsistência. Além do mais, é um regime contratual que não garante estabilidade nem plano de carreira para aqueles que estão sob esse tipo de contrato.

Abaixo se encontram ilustrados os dados do questionário docente que apontam as principais dificuldades do trabalho docente no retorno presencial.

- ✓ 31% desenvolveram algum transtorno psicológico com o advento da pandemia;

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

- ✓ 23% disseram ter necessitado de atendimento psicológico após a retomada das aulas presenciais;
- ✓ 23% disseram ter sofrido perda familiar em decorrência da COVID-19;
- ✓ 77% afirmam ter tido algum aluno infectado pela COVID-19 da turma em que lecionava;
- ✓ 54% afirmaram ter realizado encontros online após o retorno presencial em decorrência de alguns alunos apresentarem sintomas gripais;
- ✓ 62% disseram que se sentiram inseguros para retornar às aulas presenciais por medo de contrair o vírus?
- ✓ 69% disseram que o uso da máscara dificultava o seu trabalho em sala de aula com os alunos;
- ✓ 100% se manifestaram livremente quando perguntamos se mantinham acessíveis aos alunos em horários fora da sala de aula: tirar dúvidas, dar orientações e fazer acompanhamento foram as respostas dos docentes segundo ordem de prioridade. O whatsapp foi a plataforma mais usada mencionada por todos os professores;
- ✓ 85% dos professores se manifestaram livremente quanto as dificuldades diretamente ligadas aos alunos: adaptação dos alunos quanto ao ritmo das aulas, baixa frequência no início, falta de motivação nos estudos e dispersão dos alunos;
- ✓ 100% dos professores se manifestaram livremente quando perguntados se eles teriam todas as condições na instituição para ter um bom desempenho no trabalho docente: 3 disseram que não; 4 professores disseram que sim; os demais ressaltaram dificuldades em relação à internet, falta de material didático e recursos tecnológicos;
- ✓ 100% dos professores se manifestaram livremente quanto ao seu processo de adaptação ao ensino presencial após um período de ensino remoto segundo ordem de prioridade: tranquilo (5),

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

- regular (3), difícil ou complicado (4), um reaprender a ser professor (1);
- ✓ 85% preferem a modalidade presencial de ensino; 15% preferem híbrido;

A partir dos dados obtidos mediante o questionário respondido pelos docentes, foi possível identificar que as principais dificuldades dos docentes do curso de Pedagogia da UEMA campus Timon no retorno presencial foram, em ordem de prioridade, as seguintes: falta de recursos didáticos e tecnológicos, dificuldade de oralizar durante as aulas por conta da máscara; dificuldade de adaptação, lentidão, baixa assiduidade nas aulas e falta de motivação dos alunos. Além dos citados, os problemas psicológicos foi algo que acometeu 31% dos docentes.

Outro obstáculo, não apenas do retorno presencial, mas que está inserido dentro do conceito de condições de trabalho docente, e que não aparece explicitamente nas respostas dos professores como obstáculo, trata-se do vínculo contratual dos professores, pois a maioria é docente contratado, o que pode não dizer muita coisa, para os que desconhecem sua precarização. No entanto, esse fator constitui-se um dos principais elementos de precarização que envolvem as condições de trabalho do professor, e viola o princípio da valorização profissional da categoria, presente em dois marcos legais brasileiros, a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96.

Dados do questionário discente

Os dados obtidos através do questionário discente permitiram traçar o perfil sociodemográfico dos alunos do curso de Pedagogia da UEMA campus de Timon. No total, trinta e oito alunos responderam o questionário. Destes, 79% são mulheres; 21% são homens. Esse dado revela o processo histórico de feminização do magistério (Nogueira; Schelbauer, 2007). A profissão de professor, principalmente de crianças,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

ainda está muito ligada à figura feminina, muito por conta da questão da maternidade e do cuidado humano ter sido algo, historicamente, de total responsabilidade da mulher.

Acerca do tipo de moradia, 39% têm casa própria, 29% moram na casa dos pais, 26% moram em casa alugada, e 5% moram na casa de amigos. 18% moram com uma pessoa, 24% moram com duas pessoas, e 58% moram com três pessoas ou mais. Acerca do trabalho, 79% dos alunos trabalham; 21% não trabalham. Dos tipos de trabalhos mencionados, 42% são CLT, 24% são estagiários, 5% estão em trabalho intermitente, 8% são autônomos, e os 21% informaram não trabalhar. Dos que têm emprego algum tipo de emprego, 96% saem de casa para o trabalho entre 5:30 e 8 horas da manhã para trabalhar; 4% trabalham no turno da noite a partir das 18 horas. Dos alunos que têm emprego, 55% afirmam ir do trabalho direto para a universidade.

Acerca da quantidade de horas trabalhadas, 39% afirmaram trabalhar 8 horas diárias; 4% trabalham 7 horas; 21% afirmam trabalhar 6 horas diárias; 11% afirmam trabalhar 5 horas diárias; 14% afirmam trabalhar por 4 horas; 11% afirmam trabalhar 9 horas diárias. Quando perguntamos acerca da quantidade de dias da semana em que trabalham, as respostas foram variadas de 5 a 7 dias semanais; essa variação acontece por causa dos diferentes tipos de trabalho dos alunos. Pois quando perguntamos o tipo de cargo que ocupavam, eles disseram: call center, professor auxiliar, professor titular, recursos humanos, rotinas administrativas, estagiário e serviços gerais.

São diferentes ocupações que têm uma carga horária variada, além da flexibilidade de horário, trabalho por metas, banco de horas, dentre outras características decorrentes do contexto da acumulação capitalista flexível (Harvey, 2007). Quando perguntamos se o salário que recebem é suficiente para pagar todas as contas e se manter durante o mês, 15% disseram que sim; 64% disseram que não; 21% não trabalham.

Quando perguntamos se ficaram desempregados após o retorno presencial, as respostas foram: 21% disseram ter ficado desempregados

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

e que isso dificultou a sua situação financeira; 13% disseram que nada mudou; 38% disseram que continuaram empregados, mas com dificuldades financeiras; 28% disseram ter continuado empregados.

Os dados do questionário evidenciaram que as principais dificuldades dos alunos do curso de Pedagogia da UEMA campus Timon no retorno presencial são de ordem psicológica, didático-pedagógica, estrutural, de locomoção e de tempo para a estudar e realizar todas as atividades acadêmicas.

Psicológica por que os alunos retornaram às aulas presenciais em meio a uma pandemia que trouxe consequências não apenas físicas, mas psicológicas também. Tristeza, ansiedade, depressão e cansaço psicológico, desânimo, falta de motivação foram os principais sintomas mencionados pelos alunos. 42% dos alunos, ou seja, quase metade, relataram ter desenvolvido algum transtorno psicológico em decorrência da pandemia da COVID-19. 24% disseram ter necessitado de atendimento psicológico após o retorno presencial. As principais causas mencionadas pelos alunos foram: perdas familiares, medo de ser infectado pelo vírus e receio de ir a óbito.

As dificuldades de ordem didático-pedagógicas mencionadas foram: metodologia do professor, quantidade de disciplinas, número de atividades passadas pelos professores e falta de acompanhamento mais efetivo dos professores nos estágios curriculares obrigatórios, isto devido ao clima de insegurança ainda por medo do coronavírus.

Dificuldades de ordem estrutural: falta de local na instituição para tirar xerox, internet, funcionamento da biblioteca apenas durante o dia, falta de recursos didáticos e tecnológicos. Em termos de dificuldades estruturais dos alunos, a maioria não dispõe de recursos didáticos e tecnológicos como computadores, notebooks, impressora, mesa individual, além de livros físicos e em PDF, ausência de local reservado para estudar, o que dificulta bastante a vida dos alunos, o que pode, severamente, afetar o seu rendimento nos estudos.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Dificuldades de locomoção: 70% dos alunos não têm transporte próprio; o transporte público é inexistente em Timon; tal situação torna ainda mais difícil a vida dos alunos, que precisam “dar um jeito” para chegar à instituição para estudar; são alunos que se arriscam diariamente, principalmente aqueles que estudam à noite mas não têm condições financeiras para arcar com os custos diários de deslocamento e, quando termina a aula, precisam voltar a pé para casa sozinho, em um clima de total insegurança

Através das respostas obtidas das questões abertas, inferiu-se que parte expressiva dos alunos tiveram muitas dificuldades para cumprir suas atividades acadêmicas. Duas principais queixas dos alunos que apareceram com bastante frequência nas perguntas abertas foram acerca da quantidade de tarefas e os prazos de entrega. Devido ao fato de ser uma mudança de rotina na vida dos alunos, o que exigiu deles adaptação para algo que eles já haviam vivenciado, o ensino presencial, mas que mudaram por causa da pandemia, alguns alunos tiveram mais dificuldades do que outros para se adaptarem.

Através das respostas dos alunos no questionário com perguntas abertas, foi possível inferir que a mudança de rotina e exigência de readaptação ao ensino presencial foram os principais fatores que causaram bastante dificuldades ao cumprimento das atividades acadêmicas por parte de alguns alunos, pois foi algo reiteradamente mencionado.

Quanto a questão da conciliação tempo de trabalho e tempo para os estudos, 55% dos alunos disseram estar tendo dificuldades em conciliar trabalho e estudo, 45% disseram ter pouco tempo para os estudos, e 20% responderam quase não ter tempo. Isso demonstra que a maioria dos alunos está tendo muitas dificuldades para administrar o tempo de estudo, pois não são apenas estudantes, mas a maioria são trabalhadores; muitos nem tem tempo de ir para casa após o trabalho e, após o expediente, vão direto para a universidade, muitas vezes cansados e exaustos do cotidiano laboral.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Tal afirmação foi corroborada através dos seguintes dados: 55% dos alunos que trabalham afirmaram ir do trabalho direto para a universidade. Tais estatísticas evidenciam que o trabalho, embora necessário para a reprodução das condições de existência material, é o principal fator que dificulta a questão da administração da vida acadêmica dos estudantes, pois o trabalho na sociedade capitalista contemporânea sujeita e domina os indivíduos através do tempo (Postone, 2014); e provoca cansaço, esgotamento (Han, 2007) e adoecimento (Antunes; Praun, 2015) naqueles que o realizam.

Considerações finais

A partir da análise dos dados à luz das categorias de análise, trabalho docente, tempo abstrato, condições de trabalho docente e condições de estudo discente, foi possível verificar que quanto aos professores do campus de Timon, cuja maioria é professor substituto, portanto faz parte uma categoria precarizada, que ganha uma remuneração insuficiente para arcar com o básico de subsistência, o que faz com que tenham que vender sua força de trabalho em mais de uma instituição.

Além disso, algumas dificuldades mais diretamente relacionadas ao seu trabalho no campus foram identificadas, em ordem de prioridade, a saber: de recursos didáticos, de oralizar por conta do uso da máscara, e também em relação aos alunos, cuja maioria teve bastante dificuldade de adaptação, frequência, de ritmo de aprendizagem e de motivação, o que, sem dúvidas, dificultou o trabalho dos professores, pois foi uma das principais queixas dos professores no questionário quando se tratava de obstáculos que envolviam diretamente os alunos.

Quanto aos alunos, os dados coletados evidenciaram uma grande dificuldade de adaptação às aulas no retorno presencial, decorrente de várias dificuldades relacionadas às condições de estudo desses discentes. Quando traçou-se o perfil sociodemográfico dos alunos,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

verificou-se que quanto ao sexo, a maioria é do sexo feminino (79%), o que indica que é uma profissão ainda bastante atribuída às mulheres; 79% são trabalhadores/as, o que faz com que o tempo e a disposição dos alunos para os estudos sofram uma redução significativa.

Além da questão sociodemográfica, outros fatores, que constituíram grandes obstáculos para a vida acadêmica dos alunos, também foram identificados nos dados do questionário, os quais foram: de ordem psicológica, didático-pedagógica, estrutural, de locomoção e de tempo para a estudar e realizar todas as atividades acadêmicas.

Diante disso, a conclusão a que se chega acerca das condições de trabalho docente e de estudo discente na UEMA, no campus de Timon é que, no caso dos professores houve uma prevalência de obstáculos mais relacionados ao tipo de vínculo empregatício, de ordem estrutural e aqueles mais diretamente ligados aos alunos, principalmente no que tange ao desempenho e a frequência nas aulas. No caso dos alunos, verificou-se que houve uma modificação na dinâmica dos alunos, confirmado inclusive pelos professores no questionário, em decorrência dos vários obstáculos que foram mencionados acima.

Constatou-se, portanto, alguns elementos de precarização nas condições de trabalho do professor, o que não é uma novidade, mas reforça aquilo que já vem sendo revelado em pesquisas acerca das condições de trabalho precárias em que os professores realizam o seu trabalho; e evidencia também aquilo que algumas pesquisas já afirmaram sobre os impactos que a pandemia havia causado na educação (Araújo, 2021), (Bof; Moraes, 2023), ou seja, uma queda de desempenho na aprendizagem dos alunos, a qual é decorrente de outros problemas que a pandemia provocou ou agravou, alguns deles, inclusive, foram apontados pelos alunos como obstáculos nos seus estudos acadêmicos, nesta pesquisa.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Referências

- ANTUNES, Ricardo L. C. PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n.123, p.407-427, jul/set. 2015.
- BARROS, Marilisa Berti de Azevedo; et. al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemol. Serv. Saúde**, Brasília, 29(4): e2020427, 2020.
- CARDOSO, A. C. M. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores**. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.
- BOF, A. M.; Moraes, G. H. Impactos da pandemia no aprendizado dos estudantes brasileiros: desigualdades e desafios. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais: Impactos da Pandemia**. Brasília, v. 07, p. 277-306, 2023.
- ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- FARIA, J. H.; RAMOS, C. L. Tempo dedicado ao trabalho e tempo livre: os processos sócio-históricos de construção do tempo de trabalho. **RAM, Revista de administração Mackenzie**. São Paulo n, 12, p. 47-74, 2014.
- HAN, B.-C. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo, Loyola, 2007.
- MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 37, e200067. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>.
- MANCEBO, D. Intensidade do trabalho docente: um debate necessário. In: CATANI, A. M.; SILVA JÚNIOR, J. R.; MENEGHEL, S. M. (Orgs.). **A cultura da universidade pública brasileira: mercantilização do conhecimento e certificação em massa**. São Paulo: Xamã, 2011. p. 29-40.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**, Vol. I, Tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

NOGUEIRA, J. K.; SCHELBAUER, A. R. Feminização do magistério no Brasil: o que relatam os pareceres do primeiro congresso da instrução do Rio de Janeiro. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, p.78-94, set. 2007.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação**. Trad, Amilton Reis e Paulo C. Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014

TARDIF, M. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

THOMPSON, E. P. **Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial**: costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARAUJO, A. L. **Pandemia acentua déficit educacional e exige ações do poder público**. Agência Senado. Brasília, 16 de agosto de 2021.

Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-poder-publico#:~:text=Neste%20contexto%2C%20o%20n%C3%BAmero%20de%20ensino%20remoto%2C%2014%25>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19**.

Paris: UNESCO, 2020. Disponível

em:<https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 20 fev. 2023.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19**.

Paris: UNESCO, 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. Resolução nº 1508, de 03 de março de 2022. São Luís, UEMA, 2022.

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DO/A
LICENCIANDO/A DE CIÊNCIAS SOCIAIS:DOS SABERES AOS
FAZERES DOCENTES**

Giovanna Morais de Jesus¹
Shirlane Maria Batista da Silva Miranda²

Introdução

Durante a graduação, o/a licenciando/a se apropria de inúmeros conhecimentos essenciais para sua formação acadêmica, esses conhecimentos são válidos e contribuem para o/a futuro/a professor/a compreender sobre sua futura área de atuação profissional. Contudo, é no Estágio Supervisionado que o/a acadêmico/a irá experimentar o campo escolar.

Ademais, o estágio é um campo oportuno para pesquisas científicas voltadas para a construção profissional e saberes construídos na formação, bem como na prática pedagógica,

alinhada à teoria aprendida na academia. Para Milanesi (2012), o estágio faz parte da ação docente e não pode ser encarado com uma experiência rasa. Aponta, que é essencial que o/a estagiário/a conecte às experiências da formação, com as ações vividas no futuro campo profissional.

O ensino de Sociologia apresenta um percurso de descontinuidade no currículo escolar, é a partir desse diálogo entre a universidade e escola que é possível uma aproximação essencial para se

¹ Graduada em Ciências Sociais Licenciatura pela universidade Estadual do Maranhão. giovannadejesus0318@gmail.com

² Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual do Maranhão shir_mari@hotmail.com

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

estabelecer uma cultura em torno da disciplina escolar Sociologia. Quanto ao ensino da disciplina, Giglio (1999), destaca quão fundamental é a inserção da disciplina no currículo do ensino médio, sobretudo as inúmeras tentativas de garantir seu espaço na educação brasileira, bem como as Ciências Sociais.

Este trabalho faz uma abordagem a respeito da Ciências Sociais e da Sociologia e seu processo de ação profissional na educação básica. Além de analisar e entender a importância do estágio na formação docente no curso de Ciências Sociais como forma de contribuir para a consolidação da Sociologia no currículo escolar e sua importância para educação.

Ademais, esta pesquisa busca através das contribuições do estágio na formação em Ciências Sociais, compreender como os futuros profissionais estão trabalhando os conteúdos no campo de estágio, bem como o ensino da Sociologia tem contribuído para aquisição de conhecimento e formação do sujeito crítico.

Compreendendo o Estágio Supervisionado como peça fundamental da formação profissional, consideramos analisá-lo em torno do processo de formação docente em Ciências Sociais, buscando entender suas contribuições para o futuro professor de Sociologia e de que forma à experiência com o futuro campo de atuação profissional implica na construção desse professor. Handfas (2007), afirma que o estágio na escola toma uma dimensão que ultrapassa o ensino de Sociologia, compreendendo que seu desenvolvimento ocorre à medida que estes estejam articulados com as dinâmicas escolares, destacando a importância do diálogo entre a universidade e à escola.

Para o embasamento teórico desta pesquisa, realizamos pesquisa bibliográfica buscando autores que contribuem para o avanço do conhecimento na área que aqui se pretende estudar, como Pimenta e Lima (2002); Tardif (2002); Freire (2002); Buriolla (2011); Leal, S. et al. (2012); Lima (2018), Giglio (1999), entre outros autores que versam sobre a temática investigada.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

1 O Estágio Supervisionado e a formação dos/as licenciandos/as em Ciências Sociais

O Estágio Supervisionado contribui para que o futuro professor experiencie à sala de aula e seu futuro ambiente de trabalho. É um momento de preparação para a realidade profissional, é mais uma etapa da formação do futuro professor/a. Ademais, o estágio possibilita ao aluno-professor visualizar seu futuro no exercício da profissão, oportunizando aquisição de saberes que os prepare para os desafios da docência. Tardif (2002), destaca que é essencial compreender a relação que se estabelece entre professor e seu campo de trabalho, buscando identificar e definir os diferentes saberes docentes. Para Silva (2018, p.53):

[...] o estágio supervisionado oportuniza uma vivência de situações concretas que contribuem para o aprender resolver as diferentes situações problemas que emergem, trazendo à tona a integração de diferentes saberes oriundos das exigências formativas propostas pela sociedade, otimizando a qualidade do ensino.

O estágio é compreendido como a possibilidade de experienciar à sala de aula, os desafios da profissão docente, ao mesmo tempo que oportuniza ao estagiário/a lembrar os saberes aprendidos durante a formação e materializá-los na sala de aula. Pimenta e Lima (2002), apontam o estágio como elemento fundamental para a construção do ser professor, compreendendo a configuração do profissional docente a partir da formação inicial até o chão da sala de aula, sobretudo a continuidade da construção do conhecimento.

Com isso, entendemos que o estágio oportuniza a compreensão do futuro docente quanto a profissão professor/a, onde será possível estabelecer uma conexão entre os conhecimentos adquiridos na

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

formação inicial, integrados ao que foi aprendido na experiência com o Estágio Supervisionado, entendendo como parte do processo que constitui o profissional docente, sobretudo à busca constante por novos conhecimentos.

Tardif (2002), pontua que o estágio é uma experiência unigênita que liga os aspectos profissionais e pessoais, que são expressos no controle das emoções, bem como na descoberta de si no ambiente profissional. Portanto, o estágio enquanto parte da formação profissional, é o momento em que o futuro docente experiencia as emoções e ações da profissão, entendendo que ambas fazem parte do ser professor/a.

De acordo com Buriolla (2011), o estágio é o ambiente ideal para o futuro professor treinar suas habilidades profissionais, servindo de “campo de treinamento”. Ademais, aponta

que dentre as várias oportunidades proporcionadas, o estágio possibilita que o futuro profissional reflita sobre suas ações, compreendendo o estágio para além de uma disciplina curricular obrigatória.

O estágio não é apenas a oportunidade de contato com a sala de aula e alunato, mas a possibilidade de interação com os/as professores/as, conhecer a dinâmica das escolas, além de aproximar o futuro docente do futuro ambiente profissional na íntegra, oportunizando agregar saberes que melhore a ação profissional. Tardif (2002), afirma que às experiências trocadas com professores com uma trajetória concreta, possibilita o enriquecimento dos saberes dos futuros docentes. Pois esse profissional com larga experiência no campo, contribui na formação do estagiário/a, portanto, é fundamental uma boa relação entre ambos para o processo de construção do ser professor/a do/a estagiário/a.

Com base na compreensão do estágio como fundamental para a construção do profissional docente, destacamos a fala do COLABORADOR 01 a respeito. De acordo com ele o Estágio

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Supervisionado proporciona: “[...] reflexões sobre a própria prática docente e o sistema de ensino com a ótica da prática, e não mais apenas teórica sob os muros da universidade. Nesse contexto, pude ver e viver um pouco o sistema de ensino de um outro lugar, dessa vez como docente.”. Compreendemos, a partir dessa colocação do COLABORADOR 01, que Pimenta e Lima (2002), tem razão ao apertar a tecla de indissociabilidade da teoria e prática, ao mesmo tempo que permite perceber quão rica é a experiência para esse aluno-estagiário, quando colocado para viver a realidade escolar como futuro docente.

Nas análises das respostas obtidas, foi possível perceber que há mais para refletir a respeito do estágio e durante a experiência nele, como descreve a COLABORADORA 02: “Entender os problemas presentes nas escolas, na organização, no currículo. Então, o Estágio Supervisionado, para além do contato com a sala de aula, me auxiliou a observar problemas que podem ser resolvidos para que haja uma prática de ensino mais enriquecedora.”. Nota-se que na narrativa da COLABORADORA 02, existe uma reflexão a respeito do que compõe a instituição escolar e que implica diretamente na prática docente.

A narrativa da COLABORADORA 02 conecta-se com o que Silva (2018), destaca quando afirma que o estágio oportuniza a vivência de situações concretas, que contribuem para aprender resolver os inúmeros problemas que emergem da realidade escolar. Assim, compreendemos que durante o estágio, o aluno-estagiário aprende não só no chão da sala de aula, mas com a escola como um todo.

Entendemos a necessidade de que o aluno-professor se aposses do estágio, percebendo-o como campo investigativo, vivenciando e analisando o percurso, sobretudo refletindo sobre sua própria postura profissional de maneira crítica. Freire (2002, p. 39), destaca a necessidade da reflexão crítica do profissional docente quando diz: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.”. Portanto, é essencial que o profissional docente esteja sempre em busca de melhorar o que foi aprendido, aprimorando cada vez mais seus saberes.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Com base nessa perspectiva de construção crítica dos saberes docentes, da experiência do estágio como porta para vivência da profissão professor/a para muitos acadêmicos, que abordamos a experiência do/a futuro/a professor/a de Sociologia, do curso de Ciências Sociais do Centro de Estudos Superiores de Caxias- CESC/UEMA. No curso de licenciatura em Ciências Sociais existem três eixos científicos, Antropologia, Ciência Política e Sociologia, esta última é a disciplina ministrada pelos/as estagiários/as no campo de ação profissional.

Em linhas gerais, o ensino de Sociologia elucidada o funcionamento dinâmico e complexo da sociedade nas suas múltiplas dimensões, seja econômica, política, cultural e social. Contribui para o entendimento do alunato quanto as relações sociais e às instituições, das relações entre os indivíduos e os fenômenos sociais, oportunizando ao estudante compreender que somos seres sociais e políticos imersos em um campo de poder.

Lima (2018), em seus escritos afirma que à Sociologia se mantém viva por reconhecer seu estado de crise perpétua, pois são as crises que possibilita o seu aperfeiçoamento, sendo este seu principal combustível. Assim, entendemos que o ensino de sociologia se torna mais complexo por sua intermitência, sobretudo por se tratar de um estudo com objeto instável e mutável que é a sociedade em seus diversos aspectos, que exige do profissional docente um acervo de conhecimento capaz de auxiliar o indivíduo no reconhecimento do seu lugar no mundo social.

O Estágio Supervisionado em Ciências Sociais, possui uma singularidade por se tratar do ensino de Sociologia, que por sua descontinuidade histórica no currículo, acaba por ser um encontro recente entre a disciplina, futuros profissionais da área e à sala de aula. Aquino atentaremos a experiência do futuro cientista social no campo de estágio. No que tange o estágio em Sociologia, Oliveira (2014b, p. 206) destaca:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

O estágio possibilita que esse professor conheça não apenas a prática docente na Sociologia, como também os momentos que a antecedem: o planejamento, a seleção dos conteúdos, das metodologias, dos materiais utilizados, bem como viabiliza a percepção do hiato que se estabelece entre o planejado e o executado em sala de aula

À vista disso, o/a licenciando/a deve atentar-se para além da observação da prática docente, quais materiais didáticos despertam interesse dos alunos de Sociologia, quais conteúdos, temas e leituras lhe são mais atrativas, sempre atento a relação docente, discente e escola (OLIVEIRA; BARBOSA, 2013). O Estágio Supervisionado tem papel fundamental na formação de licenciandos/as em Ciências Sociais e implica diretamente na construção desses futuros profissionais, que terão a responsabilidade de promover uma aprendizagem comprometida com a transformação e o desenvolvimento social.

Pensando nesse/a professor/a enquanto agente social, busca-se compreender o Estágio Supervisionado e a experiência dos/as licenciandos/as de Ciências Sociais. Destacamos um fragmento da narrativa do COLABORADOR 01: “[...] os alunos estranharam a presença de um estagiário na disciplina de Sociologia, eles estavam acostumados com a presença de outros estagiários em outras disciplinas.”. Esse fragmento corrobora para o que Leal, S. et al. (2012, p. 3), destaca a respeito das Ciências Sociais e Sociologia, ao afirmar que é: “[...] a novidade na formação do alunato do ensino médio[...]”. Concordamos com os autores acima citados, ao refletirmos sobre a experiência docente do/a licenciando/a em Ciências Sociais, pois entendemos esse estranhamento do alunato para com a disciplina, como um fator que distancia o aluno-estagiário do seu futuro campo profissional. Costa, S. L. (2015, p. 195), afirma:

Uma das grandes questões que se apresentam para as licenciaturas em Ciências Sociais é definir quais

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

conteúdos e metodologias devem ser lecionados nas disciplinas pedagógicas, para que, quando forem adotados na educação básica sejam adequados à realidade escolar e façam sentido aos alunos desse nível de ensino.

Quanto a isso a COLABORADORA 02 destaca que: “Preocupada com a forma de levar esse conteúdo aos alunos, por usarmos uma linguagem mais complexa na universidade, eu recorri a videoaulas no Youtube e me atentei a forma que os professores organizavam as aulas e a sua linguagem.”. Entendemos, a partir da análise da COLABORADORA 02, a importância de uma relação próxima entre a escola e a universidade, bem como com o/a professor/a supervisor/a.

Além disso, o estágio oportuniza a troca de experiência entre professor regente e o formando, em que muitas vezes às escolas só dispõe de um professor de Sociologia, provocando de certa forma um isolamento deste profissional. Assim, é possível estabelecer uma relação entre docente e estagiário/a, à medida que este expõe sua experiência profissional na área, os desafios, dificuldades, bem como suas percepções a respeito da prática docente. Oliveira (2014, p. 204):

O que se coloca é como pensar o processo de transposição didática da ciência de referência para a realidade escolar, considerando que não há um automatismo entre a Sociologia enquanto disciplina acadêmica e enquanto disciplina escolar, uma vez que suas características ontológicas se defrontam com os elementos contingenciais em meio aos quais se desenvolve a prática pedagógica.

O Estágio Supervisionado é importante na formação do licenciando/a, pois para muitos é o primeiro momento que o futuro docente articula a teoria e prática, além de experienciar na ação concreta os conhecimentos aprendidos e refletir sobre eles. Nesse

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

sentido, a formação de professores de Sociologia deve estar sempre em busca de diminuir a distância entre o ensino superior e o básico, tornando possível maior inserção de licenciandos/as em seu futuro campo profissional, sobretudo regados de conhecimentos que oportunize a construção de novos, e contribuindo na reunificação entre teoria e prática.

A aproximação do futuro docente com o futuro campo profissional, auxilia no desenvolvimento dos saberes e fazeres do ofício, sobretudo o professor de Sociologia que tem como característica profissional um olhar de emancipação e igualdade da educação escolar. Lima (2018), ao apontar os saberes docentes como aliados destaca que estes dispõem de muitas expectativas sociais que são atribuídas ao papel do professor/a, sobretudo o de sociologia, exigindo um processo complexo e intenso de treino, sensibilidade, além de um ambiente favorável. Leal, S. et al. (2012, p. 3) afirma:

No que tange à disciplina de sociologia, a perspectiva é que esta dialogue com os propósitos atribuídos a ela por lei, tais como: formação para cidadania, estranhamento e desnaturalização (das relações e estruturas sociais, das formas, situações de vida em sociedade).

Portanto, o papel da Sociologia não é apenas com a educação em sala de aula, bem como a lei que regulamenta sua inserção no currículo, ela se estende e ultrapassa os muros da escola, tem compromisso com a sociedade e a formação de cidadãos capazes de produzir

pensamentos autônomos, orientados por um ensino capaz de guiá-los numa compreensão crítica do mundo. Mesquita (2016, p. 63) aponta:

A Sociologia passou por um árduo percurso até se consolidar nos currículos escolares. A disciplina busca contribuir para a formação do educando no que concerne ao entendimento dos fenômenos sociais e os processos que estão permeados nas relações humanas.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Assim, entendemos que a Sociologia é fundamental para a compreensão social do sujeito, bem como ferramenta essencial para uma sociedade equitativa e justa, tendo como base as relações estabelecidas entre os sujeitos em sociedade, sobretudo para a criação de uma consciência coletiva e autônoma. Lima (2018, p. 89), afirma:

[...] a Sociologia expõe os mecanismos de dominação social, e mesmo que indiretamente, torna-se um verdadeiro “esporte combate”, no qual o ataque perpetrado pelo agressor é providencial fonte de esclarecimento sobre o que está em jogo. Isso a torna objeto de grande interesse para o cientista social de ofício.

Compreendemos junto a análise do autor, que a Sociologia adentra um terreno pantanoso onde dispõe de ferramentas essenciais para analisar e refletir criticamente, sobretudo que expõe um sistema historicamente opressor. Portanto, é essencial que o cientista social tenha consciência do seu papel, sobretudo, enquanto professor de Sociologia e sua responsabilidade em contribuir para o conhecimento crítico. Ademais, é necessário que o/a profissional das ciências sociais esteja sempre incomodado com os mecanismos sociais, pois, é isso que mantém essa ciência viva.

2 Dilemas e desafios do estágio supervisionado em Sociologia

O momento do estágio é um dos mais apreensivos dos licenciandos/as, pois se trata de pisar no chão da sala de aula, colocar em exercício os saberes construídos na formação, sobretudo a responsabilidade para com a sua formação profissional. Diante dessa responsabilidade, surgem as inseguranças, medos e tensões, pois para muitos essa é a primeira vez em que estão em campo na condição de professor/a.

Nesse momento, os alunos-estagiários se defrontam com

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

situações novas, que de certo modo lhes causam impactos num primeiro momento ao adentrarem ao campo de estágio. Pimenta e Lima (2002), refletem sobre esses impactos causados aos futuros docentes que são ocasionados pela realidade das escolas e da oposição entre o escrito e o vivido, o que é mencionado nos discursos e o que de fato acontece. Às autoras destacam os desafios que podem causar a dicotomia entre teoria e prática, além da importância de ambas caminharem na mesma direção e alinhadas.

Logo, é fundamental que as instituições de formação docente, bem como os professores tenham o estágio como componente indispensável, tanto quanto às outras disciplinas. Assim, ao longo do curso de formação às teorias estudadas darão subsídios para a atuação profissional, no entanto, é essencial que se compreenda à escola como espaço social composto por indivíduos subjetivos, com diferentes pensamentos, que exige dos/as estagiários/as um saber agir diante das dificuldades.

Ademais, os futuros docentes irão deparar-se com professores descontentes com a profissão, que os alertarão para os desafios da ação profissional. Pimenta e Lima (2002), afirmam que essa insatisfação decorre pelo desgaste da vida profissional, assim como as perdas dos direitos conquistados e as questões socioeconômicas que os afetam.

Além disso, os/as estagiários/as ainda precisam lidar com alguns desencontros entre o calendário, atividades, rotina acadêmica e a própria rotina da escola. Pimenta e Lima (2002,

p. 45) diz: “Isso faz com que a ida à escola ocorra em dias alternados, fragmentando as atividades e as percepções que vinham construindo”. Portanto, é fundamental o/a aluno/a estagiário/a compreender a dinâmica do estágio, assim como sua presença na escola de forma que os desafios sejam superados durante o percurso.

Para os/as licenciandos/as de Ciências Sociais os desafios parecem maiores, por conta da descontinuidade histórica da disciplina de Sociologia e por obter pouco espaço no currículo escolar, considerando a intencionalidade que constitui a intermitência da disciplina de Sociologia, Leal, S. et al. (2012, p. 3) destaca:

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

A novidade na formação do alunato do ensino médio suscita várias controvérsias sobre a pertinência da disciplina na fase instrucional básica dos discentes, mas o fato é que a disciplina vem sendo ministrada nas escolas de ensino médio do país, muitas vezes sem que o professor detenha os saberes fundamentais para conduzir o conteúdo de ciências sociais por não ter formação na área e, em alguns casos, as escolas não priorizam esse conteúdo para o preparo do alunato para o vestibular.

Entendemos, que o ensino de Sociologia não é encarado como essencial para a formação do sujeito, delegando a professores/as de outras disciplinas a função de conduzir os estudantes para uma reflexão crítica e autônoma, no que concerne à sociedade, a realidade que vivencia, sobretudo o incentivo para o acesso ao ensino superior. Ademais, há uma

dificuldade em ministrar os conteúdos de Sociologia, dado o pouco interesse do alunato para com a disciplina.

À COLABORADORA 02, destaca em uma parte de seu relato que se sentiu “desanimada”, quando não conseguiu estabelecer uma troca com o alunato, segundo ela: “É muito mais fácil quando você percebe que está sendo ouvida e vista.”. Entendemos, que esse desânimo é característico de qualquer estagiário, independente de qual disciplina esteja ministrando, mas concordamos com a COLABORADORA 02 quando afirma que: “é importante pensar a respeito das disciplinas de ciências humanas e sociais que ficam, constantemente, em segundo plano.” Ou seja, esse distanciamento acaba refletindo na relação professor-aluno, no que tange o ensino de Sociologia. Zan (2011, p. 456), destaca:

Não podemos nos furtar a repensar a escola, e a formação de professor, no contexto atual. Frente às novas demandas sociais e às mudanças exigidas da escola, urge ampliarmos o debate acerca da formação

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

de professores e, em especial, do professor de Sociologia que, mais recentemente, voltou a atuar na educação básica.

A partir dessa compreensão da autora, entendemos que é essencial pensar a formação de professores alinhada ao contexto escolar, sobretudo do professor/a de Sociologia, tendo em vista sua recente inserção no currículo da educação básica. Ademais, é importante reafirmar a figura deste/a professor/a no ensino básico, reforçando a urgência da Sociologiana formação do aluno-cidadão.

Posto isto, sabe-se que há uma intencionalidade na descontinuidade da Sociologia, ora, não se pode responsabilizar apenas o alunato pelo desinteresse. Bourdieu e Passeron (1992), vão chamar atenção para essa intencionalidade, que tem como intuito a reprodução de determinada cultura sobre outra, em que a formação social em que o sistema de ensino dominante garante a manutenção da violência simbólica legítima.

Contudo, os/as licenciandos/as em Ciências Sociais devem reconhecer que o ofício de professor/a e os problemas cotidianos da profissão são de cunho sociológico, entendendo que o papel profissional e social do professor de Sociologia, é também investigar o seu campo de atuação profissional. Lima (2018, p. 99) afirma:

As salas de aula e escolas são estabelecimentos sociais onde aspectos técnicos, estruturais, políticos e culturais se somam à uma cotidiana dramaturgia na qual pessoas atuam com os recursos de que dispõem e de acordo com o modo pelo qual percebem o mundo e os demais ao seu redor. Todos, nesse cenário, partem de perspectivas construídas socialmente pelas suas experiências e projetam suas ações a partir das expectativas de respostas e ações que esperam dos outros.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Assim, o futuro professor/a de Sociologia tem um campo vasto para análises sociais que fundamentam sua experiência docente, sobretudo em aspectos que constituem as Ciências Sociais e as dinâmicas dos espaços institucionais, suas características políticas, culturais e às estruturas sociais. No entanto, Lima (2018) adverte que mesmo o cientista social conhecendo as problemáticas relacionadas às escolas, isso não os tornam imunes as suas aflições, mas possibilita ao docente de ofício ampliar suas expectativas junto a dinâmica escolar, aumentando sua capacidade de ação. Costa (2015 p. 198) afirma:

É notório que os desafios a serem superados ainda são muitos, para que se possa constituir uma sólida formação docente. Entretanto, as possibilidades que se apresentam para superar essas lacunas são estimulantes, sobretudo, no que concerne ao estágio supervisionado de licenciatura.

Logo, é fundamental encarar os desafios impostos com afinco, tomando a experiência docente como meio investigativo. Para Oliveira (2014), as questões que se mostram limitadoras para o futuro docente de Sociologia no desenvolvimento do estágio, devem ser interpretadas como objeto de investigação, proporcionando ao curso de Ciências Sociais compreender a realidade escolar, os desafios encontrados pelos estagiários/as, bem como pelos professores supervisores, oportunizando uma autoavaliação quanto ao processo formativo, sua intervenção na realidade social por meio da formação universitária.

Todavia, à Sociologia e a discussão a respeito da sua conjuntura macrossocial, curricular e histórica, na qual sua prática de ensino ocorre, tem sua singularidade. Lima (2018), destaca que é fundamental compreender que à disciplina se realiza em escolas vivas e que os cotidianos dessas escolas são repletos de ações e práticas unigênicas e irreproduzíveis.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

3 Saberes e fazeres construídos na formação do/a licenciando/a em Ciências Sociais

Os saberes docentes têm sido pano de fundo para inúmeras análises a respeito da construção do/a professor/a. Tornar-se educador/a está para além do processo formativo constituído pelo processo teórico e prático, consolidados apenas no período de formação. Inúmeros teóricos tem se debruçado a respeito dos saberes docentes. Diante disso, destacamos um quadro com alguns deles e suas concepções a respeito.

Quadro I – Falas a respeito dos saberes docentes de acordo com alguns autores

Tardif (2002)	“O saber docente é um saber plural, formado por diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana.” (p.54)
Gauthier (2013)	“É muito mais pertinente conceber o ensino como mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua situação concreta de ensino.” (p. 28)
Freire (2002)	“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (p.29)
Pimenta e Lima(2002)	“O professor, em sua ação docente, precisará recorrer ao conhecimento pedagógico e ao conhecimento do sentido e significado da educação na formação humana.” (p. 147)

Fonte: Autoria Própria

A partir das concepções desses autores, é possível compreender quão vasto é o campo dos saberes docentes. Posto isto, consideramos uma análise que pudesse fundamentar e evidenciar a pluralidade desses

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

saberes, compreendendo que não existe uma receita a ser seguida e sim uma constante reflexão a respeito dos saberes que constituem a formação docente, voltados para uma formação humana crítica, que é papel da educação, sobretudo do ensino de sociologia. Freire (2002), afirma a necessidade de uma compreensão reflexiva e crítica, sobretudo permanente sobre os saberes docentes.

Shulman (1986), em seus escritos aponta suas concepções a respeito dos saberes constituintes da profissão docente, elencando alguns saberes desenvolvidos na formação e no exercício da profissão, como a cognição e ação docente, bem como o desenvolvimento de projetos, atividades, teorias implícitas e explícitas utilizadas no campo profissional, concepções a respeito da disciplina ensinada, **currículo** etc.

Entendemos que não se trata apenas da formação profissional, os saberes e fazeres são incorporados durante toda a trajetória do/a professor/a, portanto, é necessário o exercício constante para melhor desenvolver e atuar profissionalmente. A partir disso, concordamos com Martin (1992), sobre a pluralidade dos saberes profissionais que fazem parte da construção do ser professor/a, sobretudo ao professor investigador atentar-se para a pluralidade encontrada no campo e os saberes que nascem desse encontro com a prática. Freire (2002, p. 58):

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Portanto, é a partir dessa incorporação de conhecimentos e reflexão sobre a prática destacada pelo patrono da educação, que o profissional se apossa do título de educador/a, compreendendo que ser professor/a não se trata apenas de aquisição de técnicas e conhecimentos, mas sobretudo, do exercício da profissão com autonomia, integridade e

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

responsabilidade, com aquisição de competências, habilidades e ações que se desenvolvem junto ao conhecimento teórico-prático aprendidos durante a formação e consolidados no decorrer do exercício da profissão professor/a, sobretudo considerando uma constante reflexão crítica da ação profissional.

Nóvoa (1995), compreende que os saberes docentes integram o saber fazer, em que o/a professor/a precisa estar construindo e reelaborando seus conhecimentos permanentemente. Assim, compreendemos o exercício da profissão docente como caminho contínuo de conhecimento, onde o profissional está sempre instigado por mais aquisição de saberes e fazeres.

Portanto, os saberes docentes são como um conjunto de conhecimentos adquiridos pelo professor/a em dimensões distintas: cognitiva e social, pois os saberes auxiliam e orientam o professor/a em sua prática profissional de ensino-aprendizagem de forma que possibilite alinhar os conhecimentos acadêmicos com os conhecimentos adquiridos no espaço de ação profissional, oportunizando uma relação no que tange o aspecto social entre professor e aluno.

Para Leal, S. et al. (2012), é fundamental pensar os saberes docentes a partir do que versa o currículo, como este contempla os conhecimentos voltados para o ensino e contribui para a ação profissional, bem como esses docentes manejam esses saberes em contexto de sala de aula. Logo, o saber docente também é curricular e implica no conteúdo ministrado em classe. Deste modo, é imprescindível que os saberes curriculares sejam compreendidos pelo profissional docente de forma a contribuir para sua atuação profissional, alinhando conhecimentos teóricos e práticos ao que é exigido no currículo.

Para Tardif (2002), o saber do professor deve ser compreendido em íntima relação com o trabalho na escola e na sala de aula, buscando identificar e definir os diferentes saberes na prática docente, bem como as relações estabelecidas entre eles e os professores. Com isso,

a experiência do trabalho enquanto fundamento do saber,

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

evidencia o cotidiano como base da prática e da competência profissional, é nesse contexto que ocorre o ensino e o docente desenvolve certas disposições adquiridas na prática real.

Concordamos com o autor a respeito da construção dos saberes a partir do contato com ação profissional, entendendo que o conhecimento é constituído a partir das relações que são estabelecidas entre docente, discente e ensino, sobretudo em como essa relação contribui para uma educação democrática e problematizadora, que instiga o aluno/a à questionar o mundo social, isso é combustível que estimula a ação do professor/a de Sociologia.

Tardif (2002), em seus escritos destaca a valorização da pluralidade e heterogeneidade do saber docente, evidenciando a importância dos saberes da experiência. Apresenta alguns aspectos dos saberes profissionais, conforme a definição epistemológica da prática profissional dos docentes, entendida como o estudo que reúne os saberes que são de fato utilizados pelos docentes em seu cotidiano profissional no desempenho de suas atividades.

O COLABORADOR 1 a respeito dos saberes, narra que: “[...] sejam docentes ou outros, estão em constante (des)construção, a prática docente vivenciadas proporcionou novos parâmetros da sala de aula, uma vez inserido no contexto.”. Assim, entendemos que a experiência no campo de ação profissional constitui-se de conhecimentos capazes de auxiliar na construção do ensino, possibilitando ao profissional exercer o ofício docente a partir da sua subjetividade, levando em consideração a diversidade do saber, bem como a diversidade que compõe o campo de atuação, em especial o alunato.

Leal, S. et al. (2012) destaca que os estudos dos saberes docentes, quando se trata do ensino de Sociologia, evidencia a necessidade de temas inovadores em sala de aula, pois estes estão conectadas com propostas de adequação de forma e conteúdo a situações sociais característicos em que a escola, professor e alunos/as estão inseridos. Com base nessa perspectiva, A COLABORADORA 2 afirma que: “buscava a todo instante alinhar algum conhecimento teórico a algum

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

evento cotidiano, que se aproximasse da realidade dos estudantes como forma de atraí-los para as análises discutidas em sala.”

Posto isto, compreende-se que o ensino de Sociologia deve buscar esse diálogo constante entre o ensino sociológico, alinhado ao cotidiano escolar e do alunato. Assim o professor/a se apossa de novos saberes e integra-os aos saberes já adquiridos, oportunizando um aprendizado mais eficaz, sobretudo que reflita a realidade do mundo social.

Com isso, percebe-se o professor/a como produtor/a do saber e que sua experiênciaprática contribui para tal. Borges (2001), aponta que os saberes são moldados por meio dassituações imprevistas, o que pode beneficiar o docente no desenvolvimento de sua capacidade criativa e inovadora, adequando o conteúdo ministrado com a realidade do ensino.

Assim, compreende-se que o saber do/a professor/a de Sociologia consiste em auxiliar na construção do indivíduo com pensamento crítico, utilizando das ferramentas que têm para conscientizá-lo do seu papel social a partir da compreensão da sua própria realidade, entendendo que existe dentro desse espaço às suas dificuldades. Portanto, aindaque o/a professor/a de Sociologia tenha como característica um educar para emancipar (FREIRE, 2002), o seu cotidiano profissional tem seus conflitos e dificuldades, sobretudoos desafios da realidade escolar.

Embora seja inquestionável os desafios da profissão docente dada realidade escolar,concordamos com Mesquita (2016), a respeito da necessidade de o professor desenvolver aprofissão com dedicação e doação, para que se construa um ambiente escolar onde as relações entre alunato e professor/a seja de solidariedade e atitudes regadas de afetos duranteà convivência. Portanto, conclui-se que os saberes docentes estão conectados com o ambiente que se constrói a partir das relações estabelecidas entre professor/a e educandos/as.

Considerações Finais

A partir das análises feitas, foi possível observar a construção do ser professor/a de Sociologia, bem como à experiência do estágio integra e fortalece essa formação. Ademais, é a oportunidade do/a acadêmico/a alinhar teoria e prática, bem como confrontar-se com a realidade escolar e do cotidiano docente. Sobretudo, possibilita ao futuro professor refletir e analisar a respeito de novas estratégias para a construção de conhecimentos e soluções para superar as adversidades oriundas do campo escolar.

Com relação aos desafios encarados pelos estagiários de Ciências Sociais, evidencia-se um ponto importante, que traz luz as análises e que foi possível constatar em algumas narrativas dos colaboradores, que sinaliza para a oportunidade dos/as acadêmicos/as compreender o espaço ocupado pela Sociologia, bem como experienciar estar nesse lugar enquanto professor/a com formação na área, o que não o isentou dos empecilhos do cotidiano da sala de aula, mas sem dúvidas ampliou o seu olhar emancipatório e crítico.

Com base nos escritos do referencial teórico aqui utilizado, verificamos que os saberes e fazeres docentes são fortalecidos no chão da escola, bem como os saberes necessários para a consolidação do ser professor/a, são construídos ao longo de toda a formação. À vista disso, é fundamental à disciplina de Estágio Supervisionado na formação do/a licenciando/a de Ciências Sociais.

Quanto as Ciências Sociais e o ensino de Sociologia, fica claro o longo caminho a percorrer, ao mesmo tempo que traz luz para o tipo de profissional que a licenciatura em Ciências Sociais está formando, futuros/as professores/as conscientes de que há uma tarefa desafiadora, mas sobretudo, dispostos a encará-la.

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Referências

- BORGES, Cecília. Revista Educação & Sociedade, ANO XXII, n. 74, abril/2001
- BURIOLLA, Marta. A. Feiten. **Estágio Supervisionado**. São Paulo: Cortez, 2011
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002
- GAUTHIER, Clermont. et al. **Por uma teoria da Pedagogia**. Pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí-RS: Editora INIJUI, 2013.
- GIGLIO, Adriano Carneiro, (1999). **A sociologia na escola secundária: uma questão para as ciências sociais no Brasil – anos 40 e 50**. Dissertação de mestrado em Sociologia. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ).
- HANDEFAS, A. TEIXEIRA, R. da C. A Prática de Ensino como Rito de Passagem e o Ensino de Sociologia nas escolas de nível médio. **Revista Mediações**, Londrina, v. 12, n. 1, p.131-142, jan./jun. 2007.
- LEAL, S. et al. **Formação e saberes docentes para o ensino de Sociologia nas escolas: reflexões sobre a licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Brasília-UNB**. In: Anais do 3º Encontro Estadual de Ensino de Sociologia (ENSOC). Rio de Janeiro, 2012.
- LIMA, Alexandre Jeronimo Correia. 2018. **Uma sociologia da experiência de ensino de sociologia: reflexões, práticas e histórias de vida**. Tese (Doutorado). Programa de Pós- Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Paraná.
- MESQUITA, Bruna Karine Nelson. **As Representações Sociais Sobre o Ensino de Sociologia e a Formação Docente: Um Estudo Acerca Do Pibid de Sociologia da UFPI**. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.
- NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: ___. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.
- OLIVEIRA, Amurabi **DESAFIOS E SINGULARIDADES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE**

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

CIÊNCIAS SOCIAIS,

São Paulo: **Educação: teoria e prática**, v. 24, n. 47, dez. 2014. ISSN 1981-8106. OLIVEIRA, A; BARBOSA, V. S. L. Formação dos Professores de Ciências Sociais: desafios e possibilidades a partir do Estágio e do PIBID.

Inter-Legere, n. 13, 2013, p. 140-162.

OLIVEIRA, A.; BRUM, C. K. Ciências Sociais a distância: apontamentos sobre os desafios da formação de professores no Brasil. **O público e o privado**, n. 24, 2014, p. 29-49.

PIMENTA, Selma. G.; LIMA, Maria. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2002_

CURRICULOS

ORGANIZADORES :

Antonia Valtéria Melo Alvarenga

Professora Adjunta dos Cursos de História da UEMA e da UESP. E-mail: valteriaalvarenga@cchl.uespi.br; antoniaalvarenga@professor.uema.br; Professora do Programa de Pós-Graduação em História – PROFHISTORIA da UESPI.

Jakson dos Santos Ribeiro

Doutor em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Maranhão. Professor do Programa de Pós-Graduação em História MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL (PPGHIST), na Universidade Estadual do Maranhão. Professor do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI/UEMA). Coordenador do Grupo de Estudos de Gêneros do Maranhão- GRUGEM/UEMA [.jaksonribeiro@professor.uema.br](mailto:jaksonribeiro@professor.uema.br)

João Batista Vale Júnior

Professor adjunto do Curso de História da Universidade Estadual do Piauí.

AUTORES:

Antonia Valtéria Melo Alvarenga

Professora Adjunta dos Cursos de História da UEMA e da UESP. E-mail: valteriaalvarenga@cchl.uespi.br; antoniaalvarenga@professor.uema.br;

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Carolina Vasconcelos Pitanga

Professora Adjunta II do Departamento de Letras e Pedagogia e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – PROFEI da Universidade Estadual do Maranhão. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Gênero, Mídia e Discurso. E-mail: carolinapitanga@professor.uema.br

Celio Roberto de Sousa Rubim

Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí.

Fernando Bagiotto Botton

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná e Professor adjunto d da Universidade Estadual do Piauí. Professor do Programa de Pós-graduação em História da Uespi.

Flávia de Sousa Lima

Mestre em História Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Substituta do Centro de Estudos Superiores de Caxias (CESC) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: flavia.slima78@gmail.com .

Francisco Barbosa de Oliveira

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Bolsista do Curso de Educação Física EAD do Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão (CAV/UFPE). E-mail: franciscooliveira.ead@gmail.com.

Francisco Marques Cardozo Júnior

Doutor em Ciência Animal - UFPI, Professor Associado I – Universidade Estadual do Piauí - UESPI. E-mail: cardozo@cca.uespi.br

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Jessiane Almeida Pereira

Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí

Jyslaine Pereira da Silva

Graduanda em Zootecnia – Universidade Estadual do Piauí. Email:
Email: jyslainesilva@aluno.uespi.br

Josenildo Sousa da Silva

Aluno-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC; licenciando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus TIMON;
josenildosilva@aluno.uema.br

Magda Núcia Albuquerque Dias

Professora adjunta de Sociologia, Campus de Timon, da Universidade Estadual do Maranhão; Doutora em Serviço Social pela Escola de Serviço Social – ESS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ;
magdadias@professor.uema.br

Maria Juliana Pereira Sousa

Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica nos ciclos 2020/2021/2022. E-mail:
mariajulianaps567@gmail.com

Maria Jéssica Lopes Santos

Aluna concludente do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual do Piauí –UESPI

Mostra de pesquisa científica: explorações e descobertas-Vol. 1

Maria do Socorro Rios Magalhães

Doutora em Letras pela PUCRS. Professora Adjunto da Universidade Estadual do Piauí. Docente do Curso de Letras-Português da UESPI.

Marinalva Aguiar Teixeira Rocha

Professora Adjunta do Departamento de Letras do CESC/UEMA. Doutora em História – UNISINOS/RS; Mestre em Letras – UERJ

Max Mateus Moura da Silva

Acadêmico do Curso de Letras – Português, Inglês e suas Respectivas Literaturas – CESC/UEMA. Bolsista do PIBIC/UEMA. E-mail: max.uemaletras@gmail.com.

Ruan Carlos Moura Costa

Acadêmico do Curso de Letras – Português e Literaturas – CESC/UEMA. Bolsista do PIBIC/UEMA. E-mail: ruanc237@gmail.com.

Thiago Nunes Soares

Doutor em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE) – *Campus* Mata Norte. E-mail: thiago.nsoares@upe.br

Vitor dos Santos Silva

Vitor dos Santos Silva. Curso de Licenciatura em História/ Departamento de História e Geografia. Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: Vithors754@gmail.com

Warley Alves Gomes

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da rede municipal de Juatuba/MG. E-mail: warleyalvesgomes@yahoo.com.br.



História
Licenciatura



Editora
Uema

